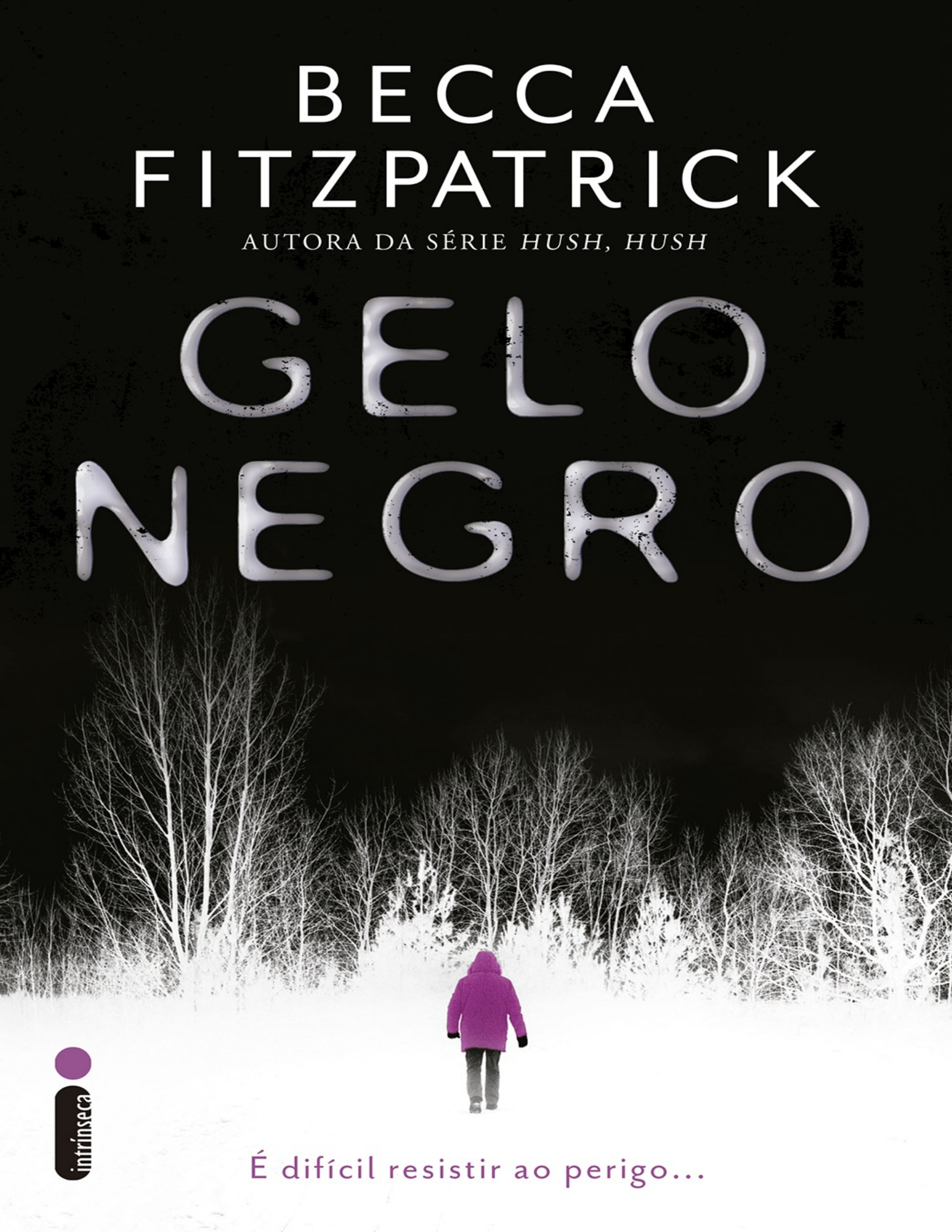
BECCA FITZPATRICK

AUTORA DA SÉRIE *HUSH, HUSH*

GELO NEGRO



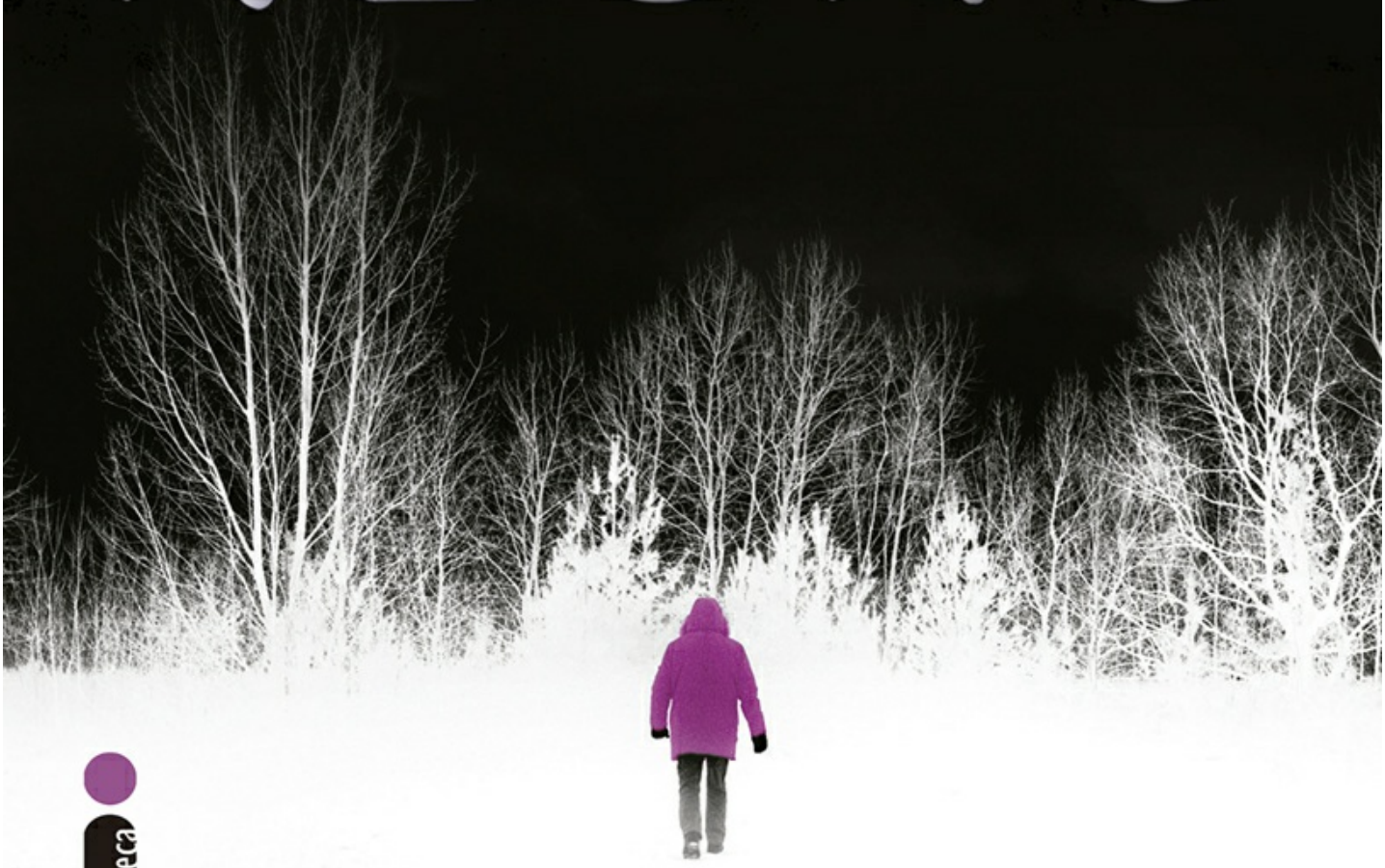
É difícil resistir ao perigo...

intrínseca

BECCA FITZPATRICK

AUTORA DA SÉRIE *HUSH, HUSH*

GELO NEGRO



intrínseca

É difícil resistir ao perigo...

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

BECCA
FITZPATRICK

GELO NEGRO

TRADUÇÃO DE VIVIANE DINIZ



Copyright © 2015 by Becca Fitzpatrick

TÍTULO ORIGINAL
Black Ice

REVISÃO
Rayana Faria
Marcela de Oliveira

ARTE DE CAPA
© www.blacksheep-uk.com

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB
Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-8057-723-5

Edição digital: 2015

1ª EDIÇÃO

TIPOGRAFIAS
Bembo e Courier

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube


intrínseca

Para Riley e Jace,
que me contam histórias.

ABRIL

A picape Chevrolet enferrujada deu um tranco e parou subitamente, e Lauren Huntsman acordou quando bateu com a cabeça na janela.

Piscou algumas vezes, ainda meio grogue. Sua mente parecia estar cheia de lembranças fragmentadas, pedaços estilhaçados que, se reunidos por ela, formariam algo inteiro. Uma janela com vista para o que aconteceu mais cedo naquela noite. Naquele momento, restavam apenas cacos dessa janela em sua cabeça latejante.

Lembrava-se da cacofonia da música country, das gargalhadas roucas e dos melhores momentos da NBA passando nas TVs, que ficavam no alto da parede. Prateleiras exibindo dezenas de garrafas de vidro que emitiam um brilho verde, laranja ou preto.

Preto.

Ela pedira uma dose dessa garrafa, porque a deixava tonta de um jeito bom. Alguém com a mão firme servira a bebida em seu copo um instante antes de ela beber tudo de uma só vez.

— Mais um — pedira, com a voz rouca, batendo com o copo vazio no balcão.

Lembrava-se de balançar o quadril junto ao corpo do caubói, em uma dança lenta. Tinha roubado o chapéu dele; ficava melhor nela. Um chapéu Stetson preto para combinar com seu vestido preto minúsculo, a bebida preta e seu mau humor sombrio — que, felizmente, era difícil de manter em uma espelunca brega como aquela, uma joia rara entre os bares no mundo esnobe e pretensioso de Jackson Hole, Wyoming, onde passava as férias com a família. Tinha escapado furtivamente, e, além do mais, seus pais nunca a encontrariam ali. Aquele pensamento era uma luz brilhando no horizonte. Em pouco tempo estaria tão embriagada que nem lembraria como eles eram. Os olhares de reprovação riscavam suas lembranças, como tinta fresca escorrendo em uma tela.

Pintura. Cor. Arte. Ela tentara escapar para um mundo de calças jeans respingadas de tinta, dedos manchados e autoconhecimento, mas eles foram atrás dela e acabaram com seus sonhos. Não queriam uma artista de espírito livre na família. Queriam uma filha com um diploma de Stanford.

Se eles realmente a amassem… Ela não precisaria usar vestidos baratos e apertados, que deixavam a mãe enfurecida, nem se dedicar com afinco a causas que desafiavam o egoísmo e a moral rígida e aristocrática do pai.

Ela quase desejou que a mãe estivesse ali para vê-la dançando, para vê-la deslizando pela perna do caubói. Roçando o corpo no dele, quadril com quadril. Murmurando no ouvido dele as coisas mais sacanas em que poderia pensar. Só pararam de dançar quando

ele foi até o bar pegar mais uma bebida para ela. Lauren podia jurar que dessa vez o gosto era diferente. Ou talvez estivesse tão bêbada que tenha imaginado aquele amargor.

Ele perguntou se ela queria ir a algum lugar mais reservado.

Lauren só considerou a ideia por um breve momento. Se era algo que sua mãe desaprovaria, então a resposta era óbvia.

* * *

A porta do passageiro se abriu e Lauren conseguiu focar a visão por tempo suficiente para ver o caubói. Pela primeira vez notou que o nariz dele parecia meio torto, provavelmente um troféu de alguma briga de bar. Saber que ele tinha um temperamento forte deveria fazê-la gostar ainda mais dele, porém, estranhamente, Lauren se pegou desejando encontrar um homem que conseguisse controlar os impulsos e que não fosse dado a explosões infantis. Era o tipo de coisa civilizada que sua mãe diria. Reprimindo aquela sensação, Lauren culpou o cansaço por sua atitude irritantemente racional. Ela precisava dormir. Logo.

O caubói pegou o chapéu da cabeça dela e devolveu-o ao cabelo louro curto e bagunçado.

"Achado não é roubado…", ela quis protestar. Mas não conseguia formar as palavras.

Ele a pegou do banco e a colocou sobre o ombro. A parte de trás do vestido estava subindo, mas ela não conseguia fazer com que as mãos lhe obedecessem e puxassem o tecido para baixo. Sua cabeça estava tão pesada e frágil quanto um dos vasos de cristal da mãe. Estranhamente, assim que esse pensamento lhe ocorreu, sua cabeça milagrosamente ficou mais leve e pareceu sair de seu corpo, flutuando para bem longe. Não conseguia lembrar como tinha chegado ali. Tinham ido na picape?

Lauren olhou para os saltos das botas do caubói deixando marcas na neve lamacenta. O corpo dela balançava a cada passo, e o movimento estava deixando seu estômago embrulhado. O ar muito frio, misturado ao cheiro forte dos pinheiros, fazia suas narinas arderem. As correntes de um balanço rangiam na varanda e mensageiros dos ventos tocavam uma música suave na escuridão. O som a fez suspirar. E estremecer.

Lauren ouviu o caubói destrancar uma porta. Tentou manter as pálpebras abertas por tempo suficiente para ter uma ligeira noção do que havia em volta. Teria que ligar para o irmão de manhã e pedir que fosse buscá-la. Supondo que soubesse lhe dizer onde estava, pensou, ironicamente. Seu irmão a levaria de volta para o chalé, repreendendo-a por ser tão imprudente e autodestrutiva, mas apareceria. Ele sempre aparecia.

O caubói a colocou de pé, segurando-a pelos ombros para ajudá-la a se equilibrar. Lauren olhou lentamente ao redor. Uma cabana. Ele a levara para uma cabana de madeira. A sala em que estavam tinha móveis rústicos de pinho, do tipo que pareceria brega em todos os lugares, menos em uma cabana. Uma porta aberta do outro lado da sala levava a uma pequena despensa com prateleiras de plástico nas paredes. O cômodo estava vazio,

exceto por uma desconcertante barra de metal que ia do chão ao teto e uma câmera em um tripé, posicionada de frente para a barra.

Mesmo em meio ao torpor em que Lauren estava, o medo a dominou. Ela tinha que sair dali. Algo ruim iria acontecer.

Mas seus pés não se moviam.

O caubói a apoiou contra a barra. Assim que a soltou, Lauren caiu no chão. Seus sapatos altos saíram do pé quando seus tornozelos deslizaram para o lado. Ela estava bêbada demais para conseguir se levantar. Sua mente girava, e ela piscava desesperadamente, tentando encontrar a porta que levava para fora dali. Quanto mais tentava se concentrar, mais rápido a sala girava. Sentiu vontade de vomitar e virou para o lado para não sujar as roupas.

— Você deixou isso no bar — disse o caubói, colocando o boné de beisebol do Cardinals na cabeça dela.

Tinha sido um presente do irmão quando ela fora aceita em Stanford, algumas semanas antes. Seus pais provavelmente o haviam convencido a fazer isso. De maneira muito suspeita, o presente chegara logo depois que ela anunciara que não iria para Stanford — nem para nenhuma outra faculdade. O pai tinha ficado tão vermelho, tão sem ar, que ela teve certeza de que uma fumacinha sairia dos ouvidos dele, como nos desenhos animados.

O caubói tirou a corrente dourada que Lauren trazia no pescoço, os dedos ásperos roçando o rosto dela.

— É valioso? — perguntou ele, examinando de perto o pingente em forma de coração.

— É *meu* — disse ela, de repente muito na defensiva.

Ele até podia ter pegado o chapéu fedido de volta, mas o pingente era dela. Um presente que seus pais lhe deram na noite de seu primeiro recital de balé, doze anos antes. Foi a primeira e única vez que eles aprovaram algo que ela decidira fazer — era a única coisa que a fazia pensar que, lá no fundo, eles deviam amá-la. Fora do balé, sua infância tinha sido comandada, pressionada e moldada pela vontade deles.

Dois anos antes, aos dezesseis, sua própria vontade falou mais alto. Arte; teatro; bandas indie; dança contemporânea instigante e improvisada; reuniões com ativistas políticos e intelectuais que haviam abandonado a faculdade para buscar uma educação alternativa (o que *não* significa que abandonaram os estudos); e um namorado com uma mente brilhante e atormentada, que fumava maconha e escrevia poesia em muros de igreja, bancos de parque, carros e na ávida alma de Lauren.

Os pais tinham deixado claro o desgosto pelo novo estilo de vida da filha. E responderam com toques de recolher e cada vez mais regras, estreitando as paredes do confinamento, sufocando-a e tirando sua liberdade. Rebelar-se contra eles foi a única maneira que Lauren encontrou de enfrentá-los. Chorou escondido quando largou o balé, mas precisava feri-los de alguma forma. Eles não tinham o direito de escolher o que iriam amar na filha. Ou demonstrava por ela amor incondicional ou a perderiam completamente. Aquelas eram suas condições. Aos dezoito anos, Lauren tinha uma determinação de aço.

— É *meu* — repetiu.

Precisou se concentrar o máximo que pôde para falar. Tinha que conseguir seu pingente de volta, e precisava sair dali. Sabia disso. Mas uma estranha sensação havia se apoderado de seu corpo; era como se estivesse assistindo àquela cena sem, no entanto, sentir qualquer emoção.

O caubói pendurou o cordão com o pingente na maçaneta da porta e, com as mãos livres, amarrou os pulsos dela com uma corda áspera. Lauren estremeceu quando ele deu o nó. Ele não podia fazer isso com ela, pensou, distante. Lauren tinha concordado em ir até ali com ele, mas não em se submeter àquilo.

— Me... *solta* — disse ela com a voz arrastada, uma tentativa fraca e nada convincente de exigir alguma coisa, o que fez seu rosto arder de humilhação.

Ela amava a linguagem, amava cada palavra que havia dentro de si, viva e pulsante, cuidadosamente escolhida, empoderadora; queria sacar essas palavras do bolso agora, mas, quando procurou lá no fundo, encontrou fios soltos, um buraco. As palavras tinham caído de sua cabeça confusa.

Jogou os ombros para a frente inutilmente. Ele a amarrara à barra. Como ela iria recuperar o cordão? A ideia de perdê-lo fez o pânico se instalar em seu peito. Se ao menos seu irmão tivesse retornado a ligação... Ela havia deixado uma mensagem dizendo que ia sair para beber naquela noite, queria testá-lo. Ela o testava constantemente — quase todos os fins de semana —, mas aquela era a primeira vez que ele ignorava sua ligação. Queria saber se ele se preocupava com ela o suficiente para impedi-la de fazer uma bobagem.

Será que tinha finalmente desistido dela?

O caubói estava saindo. Quando chegou à porta, levantou um pouco o chapéu preto, revelando os olhos azuis presunçosos e vorazes. Lauren percebeu então a grandeza de seu erro. Ele nem sequer *gostava* dela. Será que iria chantageá-la com fotos comprometedoras? Era esse o motivo da câmera? Ele devia saber que seus pais pagariam qualquer preço por elas.

— Tenho uma surpresa para você no barracão de ferramentas, lá atrás — disse ele, lentamente. — Não vá a lugar algum, ouviu?

A respiração dela ficou rápida e irregular. Lauren queria dizer o que achava da surpresa dele, mas suas pálpebras se fecharam ainda mais, e a cada tentativa levava mais tempo para abri-las. Começou a chorar.

Já ficara bêbada antes, mas nunca daquele jeito. Ele lhe dera alguma coisa. Devia ter colocado alguma droga em sua bebida. A droga a deixava exausta e ela se sentia pesada. Roçou a corda contra a barra. Ou ao menos tentou. Seu corpo todo estava pesado de sono. Ela precisava lutar contra isso. Algo terrível iria acontecer quando ele voltasse. Tinha que convencê-lo a desistir.

Mais rápido do que ela esperava, a silhueta dele surgiu na entrada da despensa, escurecendo o ambiente. As luzes o iluminavam por trás, projetando no chão uma sombra com o dobro de sua altura. Ele já não estava de chapéu, e parecia maior do que ela se lembrava, mas não era nisso que Lauren estava concentrada. Seus olhos foram direto para as mãos dele. O caubói estava esticando uma segunda corda, verificando se estava boa.

Ele foi em direção a Lauren e, com as mãos trêmulas, colocou a corda em volta do pescoço dela e o puxou para trás, contra a barra. Luzes invadiram os olhos dela. O caubói estava puxando com muita força. Ela soube, instintivamente, que ele estava nervoso e empolgado. Sentia isso no tremor ansioso do corpo dele. Ouvia a respiração ofegante e entrecortada cada vez mais intensa, mas não pelo esforço. Pela adrenalina. Isso fez o estômago dela se revirar de pavor. Ele estava *gostando* daquilo. Um estranho gorgolejo chegou aos seus ouvidos, e Lauren percebeu, com pavor, que era sua própria voz. O som a assustou. Ele xingou e puxou com mais força.

Dentro de sua cabeça, ela gritava sem parar. Gritava enquanto a pressão aumentava, arrastando-a para a morte.

Ele não queria tirar fotos. Queria matá-la.

Ela não iria deixar aquele lugar horrível ser sua última lembrança. Fechou bem os olhos e se deixou levar escuridão adentro.

UM ANO DEPOIS

CAPÍTULO UM

Se eu morresse, não seria de hipotermia.

Concluí isso enquanto enfiava um saco de dormir de penas de ganso na parte de trás do meu jipe e o amarrava, junto com cinco sacolas de equipamentos, cobertores de lã, sacos de dormir de seda, aquecedores para dedos do pés e tapetes para forrar o chão. Certa de que nada sairia voando do carro durante as três horas de viagem até Idlewilde, fechei a porta traseira e limpei as mãos no short jeans.

Meu celular berrou com Rod Stewart cantando "If you want my body", e demorei um pouco a atender só para soltar a voz no trecho "*and you think I'm sexy*" junto com Rod. Do outro lado da rua, a sra. Pritchard fechou a janela da sala com força. Eu não podia desperdiçar um toque de celular como aquele, essa é a verdade.

— Ei, gata — disse Korbie do outro lado da linha, estourando uma bola do chiclete que estava mascando. — Vamos conseguir sair na hora ou não?

— Um pequeno problema. O jipe está lotado — falei, com um suspiro dramático. Korbie e eu somos melhores amigas desde sempre, mas agimos mais como irmãs. Provocações fazem parte da diversão. — Já guardei os sacos de dormir e os equipamentos, mas vamos ter que deixar uma das malas para trás: uma azul-marinho com alças rosa.

— Se abandonar a minha mala aí, pode dar adeus à minha fortuna.

— Eu devia ter imaginado que você ia tentar a cartada da família rica.

— Quem tem dinheiro precisa ostentar. De qualquer forma, você devia culpar toda essa gente se divorciando e contratando a minha mãe. Se as pessoas conseguissem simplesmente dar um beijo e fazer as pazes, ela ficaria sem trabalho.

— E aí você teria que se mudar. No que me diz respeito, acho o divórcio o máximo.

Korbie riu.

— Acabei de ligar para o Urso. Ele ainda não começou a arrumar as malas, mas jurou que vai se encontrar com a gente em Idlewilde antes de escurecer. — A família de Korbie era dona de Idlewilde, uma pitoresca cabana no Parque Nacional Grand Teton, e, pela semana seguinte, isso seria o mais perto da civilização a que iríamos chegar. — Eu disse a ele que se tivesse que tirar morcegos das calhas dos telhados, ele poderia contar com um longo e casto recesso de primavera — acrescentou Korbie.

— Ainda não acredito que seus pais deixaram você viajar com o seu namorado.

— Bem... — começou Korbie, hesitante.

— Eu sabia! Tem mais coisa aí.

— Calvin vai também.

— O quê?

— Ele vem para casa por causa do recesso, e meu pai o forçou a ir com a gente. Ainda não conversei com Calvin, mas ele não deve ter gostado nada da ideia. Ele odeia quando meu pai lhe diz o que fazer. Principalmente agora, que está na faculdade. Ele vai estar o mau humor em pessoa, e sou eu quem vai ter que aguentar.

Sentei-me no para-choque do jipe, os joelhos de repente parecendo feitos de areia. Respirar doía. De uma hora para outra, o fantasma de Calvin parecia estar por toda parte. Eu me lembrei da primeira vez que nos beijamos. Estávamos brincando de esconde-esconde perto do rio atrás de sua casa. Ele passou os dedos pela alça do meu sutiã e enfiou a língua na minha boca, enquanto os mosquitos zumbiam em meus ouvidos.

E eu tinha gastado cinco páginas do meu diário para registrar o evento *ad nauseam*.

— Ele deve chegar à cidade a qualquer minuto — disse Korbie. — Que saco, né? Quer dizer, você já esqueceu meu irmão, certo?

— Com certeza — falei, esperando soar blasé.

— Não quero que role um clima estranho, sabe?

— Nossa, claro que não. Não penso no seu irmão há milênios. — Então disparei: — E se eu ficar de olho em você e no Urso? Diga a seus pais que não precisamos do Calvin.

A verdade é que eu não estava pronta para ver Calvin. Talvez eu pudesse escapar da viagem. Fingir que tinha ficado doente. Mas era a *minha* viagem. Eu tinha dado duro por isso. E não ia deixar Calvin estragar tudo. Ele já tinha estragado coisas demais.

— Eles não vão cair nessa — disse Korbie. — Ele vai se encontrar com a gente em Idlewilde hoje à noite.

— Hoje à noite? E o equipamento? Ele não vai ter tempo de arrumar tudo. Estamos nos preparando há dias.

— Estamos falando do Calvin. Ele é, tipo, praticamente um montanhês. Espera... O Urso está na outra linha. Ligo para você de novo daqui a pouco.

Desliguei e me deitei esparramada na grama. *Inspire, expire*. Bem quando eu tinha conseguido seguir em frente, Calvin voltava à minha vida, me arrastando para o ringue, para o segundo round. Eu poderia rir da ironia daquilo tudo. "Ele sempre tinha que ter a palavra final", pensei, sem acreditar.

É claro que ele não precisava de tempo para se preparar — tinha crescido fazendo trilhas nos arredores de Idlewilde. Seu equipamento devia ficar no armário, pronto para ser usado a qualquer momento.

Rebobinei minha memória vários meses, até chegar ao outono. Calvin era calouro em Stanford fazia cinco semanas quando terminou comigo. Pelo telefone. Em uma noite em que eu realmente precisava dele ao meu lado. Eu não queria nem pensar sobre aquilo agora — doía demais lembrar o que tinha acontecido naquela noite. Como tinha terminado.

Depois, com pena de mim, Korbie tinha, estranhamente, concordado em me deixar planejar nosso recesso de primavera do último ano, tentando me animar. Nossas duas outras melhores amigas, Rachel e Emilie, iam para o Havaí. Korbie e eu conversamos sobre passar essas minifférias com elas nas praias de Oahu, mas devo adorar me castigar, porque disse "*adiós*, Havaí" e decidi que, em vez disso, faríamos trilha pelas montanhas

Tetons. Se Korbie percebeu por que escolhi esse lugar, teve a sensibilidade de não tocar no assunto.

Eu sabia que o recesso de primavera de Calvin iria coincidir com o nosso, assim como sabia que ele adorava fazer trilhas e acampar nas Tetons. Eu esperava que, quando soubesse da nossa viagem, ele se convidasse para ir junto. Desejava desesperadamente passar algum tempo com ele, e fazê-lo me ver de forma diferente e se arrepender de ter sido idiota por ter terminado comigo.

Mas, após meses sem notícias dele, eu finalmente tinha entendido: Calvin não estava interessado na viagem, porque não estava interessado em mim. Ele não queria voltar. Desisti, então, de nutrir qualquer esperança de ficarmos juntos e endureci meu coração. Eu não queria mais nada com Calvin. Agora aquela viagem era só para mim.

Fechei a mente para as lembranças e tentei pensar nos meus próximos passos. Calvin estava voltando para casa. Após oito meses, eu iria vê-lo, e ele iria me ver. O que eu ia dizer? Seria estranho?

É claro que seria estranho.

Senti vergonha por meu pensamento seguinte ter sido tão incrivelmente fútil: me peguei pensando se tinha engordado desde a última vez que ele me vira. Achava que não. No mínimo, as corridas e o levantamento de peso que eu havia feito em preparação para nossa viagem tinham deixado minhas pernas torneadas. Tentei me agarrar à ideia das pernas sexy, mas aquilo não estava fazendo com que eu me sentisse nem um pouco melhor. Parecia que eu ia vomitar. Não podia ver Calvin. Pensei que tivesse seguido em frente, mas toda a dor estava voltando, crescendo em meu peito.

Procurei respirar fundo mais algumas vezes, me recompondo, e ouvi o rádio do jipe ao fundo: não uma canção, mas a previsão do tempo.

— *...fortes tempestades devem chegar à região sudeste de Idaho. Hoje à noite, a probabilidade de chuva subirá para noventa por cento, com trovoadas e possibilidade de ventos fortes.*

Tirei os óculos de sol e os coloquei no alto da cabeça; observei, com olhos semicerrados, o céu azul que se estendia de um lado a outro do horizonte. Nem uma sombra de nuvem. Ainda assim, se estava para chover, eu queria pegar a estrada antes disso. O bom é que estávamos saindo de Idaho e seguindo, antes da tempestade, para Wyoming.

— Pai! — gritei, uma vez que as janelas da casa estavam abertas.

Um instante depois ele apareceu na porta. Coloquei a cabeça para fora do carro e fiz meu melhor biquinho de garotinha do papai.

— Preciso de dinheiro para a gasolina, pai.

— O que aconteceu com a sua mesada?

— Tive que comprar coisas para a viagem — expliquei.

— Ninguém nunca lhe disse que dinheiro não cresce em árvores? — brincou ele, me observando com ar paternal enquanto balançava a cabeça.

Eu me levantei bruscamente e lhe dei um beijo na bochecha.

— Preciso *mesmo* de dinheiro para a gasolina.

— Claro que precisa. — Ele abriu a carteira com o mais suave suspiro resignado. E me deu quatro notas desbotadas e amassadas de vinte. — Não deixe o tanque de gasolina

baixar mais do que um quarto do volume cheio, entendido? É difícil achar um posto lá nas montanhas. Não há nada pior do que ficar presa em algum lugar.

Guardei o dinheiro no bolso e sorri de modo angelical.

— Melhor dormir com o celular e com um cabo de reboque embaixo do travesseiro, por garantia.

— Britt…

— Estou brincando, pai — falei, rindo. — Não vou ficar presa em lugar nenhum.

Endireitei-me no banco do jipe. Eu tinha abaixado a capota, e o sol deixara o carro pegando fogo. Me estiquei para checar meu reflexo no espelho retrovisor. Até o fim do verão, meu cabelo estaria claro como palha, e eu ganharia umas dez novas sardas. Tinha herdado genes alemães do meu pai e suecos da minha mãe. Chances de ficar toda vermelha por causa do sol? Cem por cento. Peguei um chapéu no banco do passageiro e enfiei na cabeça. Droga, eu estava descalça.

Um look perfeito para uma loja de conveniência.

Dez minutos depois, eu estava na loja, enchendo um copo com raspadinha de framboesa. Tomei um pouco e enchi de novo. Willie Hennessey, que estava no caixa, me olhou de cara feia.

— Nossa — reclamou ele. — Não quer pegar mais vezes, não?

— Já que você ofereceu — falei, alegremente, e segurei o canudo com os lábios para encher o copo mais uma vez.

— Tenho que manter a lei e a ordem por aqui.

— Foram só *dois* golinhos, Willie. Ninguém vai à falência por causa de dois goles. Quando você ficou tão ranzinza?

— Desde que você começou a furtar raspadinha *e* fingir que não sabe usar a bomba de gasolina, me obrigando a sair e encher o tanque para você. Toda vez que você para aqui, eu tenho vontade de morrer.

Franzi o nariz.

— Não quero ficar com as mãos cheirando a gasolina. E você é mesmo muito bom com a bomba, Willie — acrescentei, com um sorriso adulador.

— A prática leva à perfeição — murmurou ele.

Eu estava caminhando descalça pelos corredores à procura de balas e salgadinhos, pensando que, se Willie não gostava de colocar gasolina no meu carro, ele deveria procurar outro emprego, quando escutei o sininho da porta. Não cheguei nem a ouvir os passos antes de sentir mãos quentes e calejadas cobrirem meus olhos.

— Adivinha quem é?

Aquele cheiro familiar de sabão me fez congelar. Rezei para ele não sentir meu rosto ficar quente ao seu toque. Durante um bom tempo, não consegui encontrar minha voz, que pareceu se encolher dentro de mim, descendo dolorosamente pela garganta.

— Me dê uma pista — falei, esperando soar entediada. Ou levemente irritada. Qualquer coisa, menos magoada.

— Baixo. Gordo. Os dentes de cima terrivelmente para a frente.

Aquela voz suave e provocante depois de tantos meses. Soava familiar e estranha ao mesmo tempo.

Senti-lo tão perto me deixou desorientada. Tive medo de começar a gritar com ele, bem ali na loja de conveniência. E, se eu o deixasse chegar perto demais, tive medo de *não* gritar com ele. E eu queria gritar — tinha passado oito meses praticando em pensamento o que diria, e estava pronta para colocar para fora.

— Nesse caso, eu chutaria... Calvin Versteeg — falei, em um tom despreocupadamente educado.

O desprezo em minha voz não foi programado. E eu não poderia estar mais aliviada por isso.

Ele parou na minha frente e apoiou o cotovelo na prateleira. Então abriu um sorriso malicioso. Ele desenvolvera esse charme cínico anos antes. Eu caía igual a uma idiota na época, mas estava mais forte agora.

Ignorei sua beleza e o olhei de cima a baixo, com ar entediado. Ao que parecia, ele tinha deixado o travesseiro arrumar seu cabelo naquela manhã. Estava maior do que eu me lembrava. Nos dias mais quentes dos treinos de corrida, com o suor pingando das pontas, seu cabelo ficava escuro como um tronco de árvore. A lembrança provocou uma dor dentro de mim. Coloquei a nostalgia de lado e procurei olhar para Calvin com desinteresse.

— O que você quer? — perguntei.

Sem pedir, ele virou o canudo da minha raspadinha de lado e se serviu. Depois limpou a boca com a mão.

— Me fale sobre essa história de acampar.

Afastei a raspadinha para que ele não pudesse pegar.

— Vamos fazer uma *trilha*. — Achei importante deixar clara a diferença. Qualquer um podia acampar. Fazer trilha exigia habilidade e coragem.

— Já tem tudo de que precisa? — continuou ele.

— E umas coisinhas a mais também. — Dei de ombros. — Ei, uma garota precisa de brilho labial.

— Vamos ser sinceros. Korbie nunca vai deixar você sair da cabana. Ela tem pavor de fazer qualquer coisa ao ar livre. E você não consegue dizer não para ela. — Ele bateu o dedo na cabeça, com ar de sabedoria. — Sei como vocês, garotas, são.

Olhei para ele com ar de indignação.

— Vamos fazer trilha durante uma semana inteira. Nosso percurso tem sessenta e cinco quilômetros.

Ok, talvez eu estivesse exagerando *um pouco*. Na verdade, Korbie havia concordado com não mais do que três quilômetros de caminhada por dia, e tinha insistido para que andássemos em círculos ao redor de Idlewilde, caso precisássemos de acesso rápido a conveniências e TV a cabo. Embora eu nunca tivesse sinceramente esperado fazer trilha a semana inteira, tinha planejado deixar Korbie e o Urso na cabana por um dia e caminhar sozinha. Queria colocar meu treinamento à prova. Obviamente, agora que Calvin iria também, ele logo descobriria nossos verdadeiros planos, mas no momento minha maior

prioridade era impressioná-lo. Eu estava de saco cheio de aturar suas insinuações constantes de que não tinha motivo para me levar a sério. E, mais tarde, eu poderia responder a qualquer crítica que ele fizesse argumentando que eu queria fazer trilha todos os dias e Korbie estava dando para trás; Calvin não acharia absurda aquela desculpa.

— Você sabe que várias trilhas ainda estão cobertas de neve, certo? E as cabanas ainda não abriram para a temporada, então não tem muita gente por aquelas bandas. Até o posto da Guarda Florestal de Jenny Lake está fechado. Cada um é responsável pela própria segurança… eles não garantem o resgate.

Arregalei bem os olhos e o encarei.

— Não me diga! Não estou me metendo nisso completamente às cegas, Calvin — disparei. — Já está tudo certo. Vamos nos sair bem.

Ele esfregou a boca, disfarçando um sorriso e deixando bem claro o que pensava.

— Você realmente acha que eu não consigo fazer isso — falei, tentando não parecer magoada.

— Só acho que vocês duas vão se divertir mais se forem ao Lava Hot Springs. Podem ficar de molho nas piscinas de água mineral e passar um dia fazendo compras em Salt Lake.

— Passei o ano todo treinando para esta viagem — rebati. — Você não sabe como me esforcei, porque não esteve por perto. Você não me vê há oito meses. Não sou mais aquela garota que você deixou para trás. Você não me conhece mais.

— Entendido — disse ele, levantando as palmas das mãos para mostrar que era apenas uma sugestão inocente. — Mas por que Idlewilde? Não tem nada para fazer lá em cima. Você e Korbie vão ficar entediadas na primeira noite.

Eu não compreendia por que Calvin estava tão determinado a me fazer desistir. Ele adorava Idlewilde. E sabia tão bem quanto eu que havia muito o que fazer por lá. Então a ficha finalmente caiu. Aquilo não tinha nada a ver comigo ou com o lugar. Ele não queria ter que ir junto. Não queria desperdiçar seu precioso tempo comigo. Se ele me fizesse desistir da viagem, seu pai não o obrigaria a nos acompanhar, e ele teria seu recesso de primavera de volta.

Procurei assimilar a informação, embora fosse doloroso. Limpei a garganta.

— Quanto seus pais tiveram que desembolsar para fazer você ir com a gente?

Ele me olhou com falso desdém.

— Obviamente não o bastante.

Então era assim que as coisas iam ser. Um flerte insignificante aqui, uma provocação ali. Mentalmente, peguei um marcador preto e fiz um grande X no nome Calvin.

— Só para deixar claro, fui contra você ir com a gente. Você e eu juntos de novo? Não consigo pensar em nada mais desconfortável.

Aquilo tinha soado bem melhor na minha cabeça. Mas, pairando entre nós agora, as palavras passavam ciúme, mesquinharia e maldade — exatamente o que se espera de uma ex-namorada. Eu não queria que ele soubesse que eu ainda estava sofrendo. Não quando ele estava ali, todo cheio de sorrisos e piscadelas.

— Ah, é? Bem, esta dama de companhia aqui acabou de passar o seu toque de recolher para uma hora mais cedo — brincou.

Acenei com a cabeça em direção ao BMW X5 com tração nas quatro rodas estacionado lá fora.

— É seu? — perguntei. — Outro presente dos seus pais, ou você arranjou algo para fazer sem ser correr atrás das garotas em Stanford… como ter um trabalho respeitável, por exemplo?

— Meu trabalho é correr atrás das garotas. — Um meio sorriso odioso. — Mas eu não o chamaria de respeitável.

— Nenhuma namorada séria, então?

Não consegui olhar para ele, mas senti um imenso orgulho do meu tom casual. E disse a mim mesma que não me importaria com sua resposta, independentemente de qual fosse. Na verdade, se ele tivesse seguido em frente, seria mais um sinal verde indicando que eu estava livre para fazer o mesmo.

Ele me cutucou.

— Por quê? Você tem namorado?

— Claro.

— Aham, claro. — Ele bufou. — Korbie teria me contado.

Não dei para trás, arqueando as sobrancelhas com um ar presunçoso.

— Acredite ou não, existem coisas que Korbie não conta para você.

Ele franziu as sobrancelhas.

— E quem é? — perguntou, com cautela, e eu percebi que ele estava analisando se acreditava ou não na minha história.

A melhor maneira de consertar uma mentira é não contar outra. Mas fui em frente mesmo assim:

— Você não o conhece. Ele é novo na cidade.

Calvin balançou a cabeça.

— Muito conveniente. Não acredito em você.

Mas seu tom sugeria que estava quase acreditando.

Senti um desejo incontrolável de provar a ele que eu tinha superado nossa história — com ou sem um fim propriamente dito, e, nesse caso, sem. E não só isso. Queria mostrar a ele que eu tinha arrumado um cara muito, *muito* melhor. Enquanto Calvin estava ocupado sendo um mulherengo na Califórnia, eu não estava — repito, *não* estava — sofrendo pelos cantos, olhando fotos dele.

— É ele ali, está vendo? — falei, sem pensar.

Os olhos de Calvin seguiram meu gesto até o Volkswagen Jetta vermelho estacionado lá fora, junto à bomba de gasolina mais próxima. O cara abastecendo o Jetta devia ser uns dois anos mais velho do que eu. Seu cabelo castanho era bem curto, revelando a simetria impressionante de seu rosto. Com o sol batendo em suas costas, sombras marcavam as depressões sob suas maçãs do rosto. Não consegui ver a cor de seus olhos, mas eu esperava que fossem castanhos, por nenhuma outra razão além do fato de os olhos de Calvin serem

de um tom profundo de verde. O cara tinha ombros esculturais que me fizeram pensar que era nadador, e eu nunca o tinha visto antes.

— Aquele cara? Eu o vi quando entrei. A placa é de Wyoming.

Calvin não parecia convencido.

— Como eu disse, ele é novo na cidade.

— Ele é mais velho do que você — argumentou Calvin.

Lancei para ele um olhar desafiador.

— E daí?

Ouvi o sino da porta, e meu falso namorado entrou. Ele era ainda mais bonito de perto. E seus olhos eram definitivamente castanhos — um tom pálido de castanho. Ele enfiou a mão no bolso de trás para pegar a carteira, e eu agarrei o braço de Calvin e o puxei para trás de uma prateleira cheia de biscoitos doces.

— O que está fazendo? — perguntou ele, me olhando como se eu tivesse duas cabeças.

— Não quero que ele me veja — sussurrei.

— Porque ele não é mesmo seu namorado, né?

— Não é isso. É…

Onde estava a terceira mentira quando eu precisava dela?

Cal sorriu com malícia, e, quando vi, ele havia se soltado da minha mão e estava caminhando devagar em direção ao balcão da loja. Prendi um gemido entre os dentes e observei, espiando entre as duas prateleiras de cima.

— Ei — disse Calvin amigavelmente para o cara, que usava uma camisa xadrez de flanela, jeans e botas de escalada.

O cara não se deu ao trabalho de erguer o olhar, e balançou a cabeça para mostrar que tinha ouvido.

— Ouvi falar que você está namorando a minha ex — disse Calvin, com um tom indiscutivelmente convencido.

Ele estava me fazendo provar um pouco do meu próprio veneno, e sabia disso.

O comentário chamou a atenção do cara, que observou Calvin com curiosidade, e senti minhas bochechas ficarem ainda mais quentes.

— Você sabe, sua *namorada* — provocou Calvin. — Ali, escondida atrás dos biscoitos.

Ele apontou para mim.

Eu me empertiguei, minha cabeça despontando no topo da prateleira. Estiquei a camisa e abri a boca, mas não saiu nada. Nada mesmo.

O cara olhou na minha direção. Nossos olhares se encontraram brevemente, e, sem emitir som algum, balbuciei, completamente envergonhada, um *eu posso explicar…* Mas não podia.

Então, algo inesperado aconteceu. O cara encarou Calvin e disse, com uma voz tranquila e serena:

— Sim. Minha namorada. Britt.

Eu me encolhi, sem ação. *Ele sabia meu nome?*

Calvin parecia igualmente espantado.

— Ah. Ei. Me desculpe, cara. Eu pensei... — Ele estendeu a mão. — Meu nome é Calvin Versteeg — gaguejou, sem jeito. — O ex... da Britt.

— Mason.

Mason olhou para a mão estendida de Calvin, mas não o cumprimentou. Colocou três notas de vinte no balcão para Willie Hennessey. Então, foi até onde eu estava e beijou meu rosto. Foi um beijo sem emoção, mas minha pulsação acelerou mesmo assim. Ele sorriu, e era um sorriso caloroso e sexy.

— Vejo que você ainda não superou seu vício por raspadinhas, Britt.

Lentamente, retribuí o sorriso. Já que ele estava disposto a entrar na brincadeira, resolvi aproveitar minha deixa.

— Vi você parar o carro, e precisava de algo para me acalmar. — Olhei para ele com adoração, me abanando.

Ele franziu o cenho. Eu tinha quase certeza de que estava rindo por dentro.

— Você devia passar na minha casa mais tarde, Mason, porque comprei um novo brilho labial e ele precisa ser testado... — falei.

— Ah. Um jogo do beijo? — disse ele, sem perder o embalo.

Olhei rapidamente para Calvin para ver como ele estava lidando com a situação. Para meu deleite, parecia que ele tinha acabado de chupar um limão.

— Você me conhece... gosto de apimentar as coisas — retruquei, com a voz doce.

Calvin pigarreou e cruzou os braços.

— Não é melhor você ir logo, Britt? Para chegar à cabana antes de anoitecer.

Algo indecifrável enevoou os olhos de Mason.

— Está indo acampar? — perguntou ele.

— Fazer trilha — corrigi. — Em Wyoming... nas montanhas Tetons. Eu ia contar para você, mas...

Droga! Que motivo eu poderia inventar para não ter contado ao meu namorado sobre a viagem? Estava tão perto de conseguir, e agora ia estragar tudo.

— Mas não parecia importante, já que vou estar fora da cidade também e não vamos poder passar a semana juntos de qualquer maneira — completou Mason com tranquilidade.

Nossos olhos se encontraram novamente. Ele não só era bonito como pensava rápido, e estava disposto a qualquer coisa — até mesmo a fingir ser o namorado de uma garota que nunca tinha visto — e, além disso, mentia espantosamente bem. Quem *era* aquele cara?

— Isso, exatamente — murmurei.

Calvin inclinou a cabeça na minha direção.

— Quando estávamos juntos, alguma vez deixei você por uma semana sem dizer nada?

"Você me deixou por oito meses", pensei, sarcasticamente. "E terminou comigo na noite mais importante da minha vida. Jesus disse que devemos perdoar, mas há sempre uma exceção."

— A propósito, meu pai quer que você venha jantar com a gente semana que vem — falei para Mason.

Calvin deixou escapar um ruído sufocado. Certa vez, quando ainda namorávamos, ele me levou para casa cinco minutos depois do toque de recolher. Tínhamos acabado de sair do carro quando vimos meu pai em pé na varanda, batendo a ponta de um taco de golfe na mão. Ele foi até o carro e bateu com o taco no capô do Ford F-150 preto do Calvin, deixando uma bela cratera redonda.

— Da próxima vez que a trouxer tarde para casa, vou mirar nos faróis — dissera meu pai. — Não seja burro o suficiente para deixar que isso acontecer de novo.

Ele não falava sério, não pra valer. Como eu era a caçula da família e a única menina, meu pai era ranzinza quando se tratava dos meninos que eu namorava. Mas, na verdade, ele era um velho urso adorável. Mesmo assim, Calvin nunca mais desrespeitou o toque de recolher.

E nunca foi convidado para jantar.

— Diga ao seu pai que eu adoraria mais algumas dicas de pesca com mosca — disse Mason, mantendo nossa farsa. Milagrosamente, ele também adivinhou o esporte preferido do meu pai. Toda aquela história estava começando a ficar… estranha. — Ah, e mais uma coisa, Britt. — Ele passou a mão pelo meu cabelo, tirando-o do ombro. Fiquei completamente imóvel, seu toque congelando o ar dentro de mim. — Tome cuidado. As montanhas são perigosas nesta época do ano.

Fiquei olhando espantada até ele sair do posto de gasolina com o carro e ir embora.

Ele sabia meu nome. Tinha me tirado de uma enrascada. Ele sabia *meu nome*.

Tudo bem, estava impresso no peito da minha camisa roxa do acampamento de música, mas Calvin não tinha notado isso.

— Pensei que você estivesse mentindo — disse Calvin, pasmo.

Dei a Willie uma nota de cinco para pagar a raspadinha e guardei o troco.

— Por mais gratificante que essa conversa tenha sido, eu provavelmente devia fazer algo mais produtivo — falei. — Como arranhar aquele seu BMW. É bonito demais.

— Assim como eu? — Ele ergueu as sobrancelhas de forma esperançosa.

Enchi minhas bochechas de raspadinha, fingindo que ia cuspir. Ele pulou e, para minha satisfação, finalmente tirou o sorriso arrogante do rosto.

— Vejo você hoje à noite em Idlewilde — gritou Calvin para mim enquanto eu saía da loja.

Levantei o polegar em resposta.

O dedo do meio teria sido muito óbvio.

Quando passei pelo BMW de Calvin no estacionamento, notei que as portas estavam destrancadas. Olhei para trás para ter certeza de que ele não estava me vendo, então tomei uma decisão repentina. Entrei pela porta do passageiro, desalinhei seu espelho retrovisor, derramei raspadinha nos tapetes e roubei sua preciosa coleção de CDs do porta-luvas. Foi um comportamento meio baixo, mas fez com que eu me sentisse um pouco melhor.

Eu devolveria os CDs à noite — depois de ter arranhado alguns dos seus preferidos.

CAPÍTULO DOIS

Algumas horas depois, Korbie e eu estávamos na estrada. Calvin tinha saído antes da gente, e a culpa era toda de Korbie. Quando cheguei a sua casa para buscá-la, ela estava arrumando *outra* bolsa, lentamente pegando blusas no armário e escolhendo os batons que iria levar. Eu me sentei na cama dela e tentei acelerar as coisas enfiando tudo na mala de uma vez.

Queria muito chegar a Idlewilde antes de Calvin. Agora ele ia poder escolher o quarto primeiro, e suas coisas estariam espalhadas pela cabana quando chegássemos. Eu o conhecia muito bem, e tinha quase certeza de que ele trancaria a porta, nos obrigando a bater, como se fôssemos meras convidadas — o que era irritante, uma vez que aquela era a *nossa* viagem, não dele.

Korbie e eu viajamos com a capota abaixada, para desfrutar do calor do vale antes de chegarmos ao ar frio da montanha. Ouvimos música no último volume também. Korbie tinha gravado um CD para a viagem, e estávamos ouvindo aquela música dos anos... setenta? oitenta? que dizia "*Get outta my dreams, get into my car*". O rosto presunçoso de Calvin não saía da minha cabeça, e aquilo me incomodava. Eu acreditava piamente no ditado "Finja até que seja verdade", então estampei um sorriso no rosto enquanto Korbie tentava alcançar as notas mais agudas da música.

Depois de uma rápida parada para comprar mais Red Bull, deixamos para trás pastagens de cavalo e quintas verdejantes, as fileiras de mudas de milho zunindo, se transformando em um borrão, e começamos a subir. A rodovia se estreitou, pinheiros e álamos amontoando-se no acostamento. O ar correndo pelo meu cabelo era frio e puro. Flores silvestres brancas e azuis brotavam do chão, e o mundo agora tinha um cheiro forte e terroso. Desci meus óculos de sol até o nariz e sorri. Minha primeira viagem sem meu pai ou meu irmão mais velho, Ian. Não ia permitir que Calvin estragasse isso. Não ia deixá-lo estragar meu humor e não ia deixá-lo arruinar minhas férias nas montanhas. *Ele que se dane. Ele que se dane, porque eu vou me divertir.* Parecia um bom mantra para a semana.

O céu era de um azul tão ofuscante que fazia a vista doer; o sol refletia no para-brisa quando fazíamos uma curva. Pisquei para conseguir enxergar melhor, e então avistei: os cumes glaciais brancos da Cordilheira Teton projetando-se a distância. Picos verticais e pronunciados se erguiam até o céu como pirâmides com neve no topo. Era fascinante e irresistível, a vastidão de árvores, encostas e céu.

Korbie se inclinou para fora da janela com seu Iphone para tirar uma foto melhor.

— Ontem à noite eu sonhei com a garota que foi morta por andarilhos nas montanhas — contou ela.

— A guia de rafting?

Macie O'Keeffe. Eu me recordava do nome dela aparecendo nos noticiários. Ela era muito inteligente e tinha conseguido uma bolsa integral na Universidade de Georgetown. Havia desaparecido no início de setembro do ano passado.

— Você não tem medo de algo assim acontecer com a gente?

— Não — respondi, assertiva. — Ela desapareceu muito longe do lugar para onde vamos. E não há nenhuma prova de que tenha sido mesmo morta por andarilhos. Isso é só o que as pessoas acham. Talvez ela tenha se perdido. De qualquer forma, ainda é muito cedo para encontrarmos vagabundos acampados perto do rio. E vamos estar lá no alto das montanhas, ainda por cima; ninguém vai até lá.

— Sim, mas é um pouco assustador.

— Isso aconteceu no ano passado. E foi só uma garota.

— É? E quanto a Lauren Huntsman, a socialite que apareceu em todos os jornais no ano passado? — argumentou Korbie.

— *Korbie*. Pare com isso. Sério. Você sabe quantos milhares de pessoas vêm às montanhas e voltam para casa a salvo?

— Lauren desapareceu muito perto de onde vamos ficar — insistiu Korbie.

— Ela estava em Jackson Hole, a quilômetros de distância de onde vamos ficar. E estava bêbada. Acham que ela entrou em um lago e acabou se afogando.

— No noticiário, falaram que algumas pessoas a viram sair de um bar com um caubói de chapéu preto.

— *Uma* pessoa viu. E nunca encontraram o tal caubói. Ele nem deve existir. Se estivéssemos correndo algum perigo, meu pai não me deixaria vir.

— É, acho que sim — disse Korbie, com um ar nada convencido. Felizmente, poucos minutos depois ela parecia ter deixado de lado a apreensão. — Daqui a duas horas estaremos assando marshmallows em Idlewilde! — disse, animada com a cúpula azul do céu.

Os Versteeg eram donos de Idlewilde desde que eu me entendia por gente. Estava mais para uma casa do que para uma cabana. Três chaminés de pedra despontavam de um telhado triangular. Tinha seis quartos — sete, contando com o sofá-cama no porão, ao lado das mesas de totó e sinuca —, uma varanda no segundo andar, janelas impressionantes e cantinhos confortáveis espalhados pela casa. Embora os Versteeg às vezes passassem o Natal em Idlewilde — o sr. Versteeg tinha tirado licença de piloto e comprado um helicóptero monomotor para subir a montanha, uma vez que a maioria das estradas ficava coberta de neve e fechada até a primavera —, eles a usavam quase que exclusivamente como uma casa de veraneio, e tinham coberto o entorno com grama e construído uma banheira de hidromassagem, uma quadra de badminton e um braseiro de pedra entre espreguiçadeiras.

Dois anos antes, eu tinha passado o Natal em Idlewilde com a família de Korbie, mas isso não aconteceu ano passado. Calvin tinha ido passar o feriado na casa de um de seus colegas da faculdade, e Korbie e os pais tinham ido esquiar no Colorado, deixando a casa vazia. Eu nunca havia visitado Idlewilde sem o sr. e a sra. Versteeg. Não conseguia imaginar o lugar sem o olhar atento do sr. Versteeg nos seguindo como uma sombra.

Dessa vez éramos só nós, os jovens. Sem adultos e sem regras. Um ano antes, ficar a sós com Calvin por uma semana teria parecido proibido e perigoso, uma fantasia secreta que se tornava realidade. Agora eu não sabia o que esperar. Não sabia o que dizer a ele quando nos esbarrássemos no corredor. E me perguntava se ele temia isso tanto quanto eu. Pelo menos nosso primeiro e incômodo desentendimento já havia ficado para trás.

— Tem algum chiclete? — perguntou Korbie, e, antes que pudesse detê-la, ela abriu meu porta-luvas, deixando a coleção de CDs de Calvin cair. Ela pegou os CDs e os observou, intrigada. — Isso não é do meu irmão?

Eu tinha sido pega; o melhor era confessar tudo.

— Peguei no carro dele hoje de manhã no posto de gasolina. Ele foi um babaca. Eu tinha todo o direito de fazer isso. Não se preocupe, vou devolver.

— Você tem *certeza* de que está bem com essa coisa toda do Calvin? — perguntou Korbie, claramente achando estranho eu ter roubado os CDs. — Para mim ele é só um mané, mas fico lembrando que vocês, sei lá, ficaram juntos. Ou coisa do tipo. Podemos conversar sobre isso o quanto quiser… só não fale dos beijos. A ideia de alguém trocando saliva com meu irmão, principalmente você, me dá vontade de vomitar. — Ela enfiou o dedo na garganta para dar ênfase.

— Nossa, ele é passado para mim, sem dúvida.

O que era uma grande mentira. Eu não tinha superado Calvin. O falso namorado que me senti compelida a inventar provava isso. Antes daquela manhã, eu realmente acreditava que tinha deixado isso pra trás, mas, quando vi Cal, minhas emoções reprimidas vieram à tona. Eu detestava ainda sentir algo por ele, mesmo que fosse uma emoção tão negativa. Detestava que ele ainda tivesse o poder de me magoar. Eu tinha tantas lembranças ruins ligadas a Calvin. Será que Korbie não se lembrava de que ele havia terminado comigo na noite da festa de volta às aulas? Eu tinha um vestido, reservas para jantar no Ruby Tuesday, e havia pagado a minha parte e a dele do aluguel da limusine. E ainda estava concorrendo à rainha do baile! Tinha sonhado milhares de vezes com isso — eu, no meio do campo de futebol, com a coroa na cabeça e sorrindo, enquanto a multidão aplaudia e gritava. Pensava em como seria depois, dançando nos braços de Calvin.

Tínhamos combinado de nos encontrar na minha casa às oito, e, quando deu oito e meia e nada do Cal aparecer, fiquei preocupada, cogitando que talvez ele pudesse ter sofrido um acidente. Eu sabia que o voo não estava atrasado — tinha acompanhado o trajeto pela internet. O restante do grupo partira para o baile na limusine, e eu estava prestes a cair no choro.

E então o telefone tocou. Calvin não havia nem saído da Califórnia. Tinha esperado até o último minuto para ligar, e não se preocupou em sequer fingir que se sentia culpado. Com uma voz tranquila e despreocupada, me disse que não estava a caminho.

— E você esperou até *agora* para me dizer? — perguntei.

— Eu estava cheio de coisas na cabeça.

— Isso é tão típico. Você não me liga há semanas. Não retorna minhas ligações há dias.

Calvin não era mais o mesmo desde que fora para a faculdade. Era como se tivesse tomado gosto pela liberdade, e tudo houvesse mudado. Eu já não era prioridade para ele.

— Eu deveria saber que você faria algo assim — disparei, segurando as lágrimas. Ele não viria. Eu não tinha um par para o baile.

— Você está monitorando a frequência das minhas ligações? Não sei se gosto disso, Britt.

— *Sério?* Você está querendo inverter as coisas e *me* colocar no papel de vilã da história? Você sabe o quanto está me desapontando agora?

— Você é exatamente como o meu pai, sempre reclamando, dizendo que não sou bom o suficiente — disse ele, na defensiva.

— Você é um idiota!

— Talvez seja melhor a gente não continuar junto — acrescentou ele, duramente.

— Talvez seja melhor mesmo!

A pior parte foi ter ouvido música alta e um programa de esportes qualquer ao fundo. Ele estava em um bar. Eu tinha criado tantas expectativas para aquela noite, e ele estava enchendo a cara. Bati o telefone e comecei a chorar.

Aquelas lembranças estavam começando a me deixar mal-humorada. Eu realmente gostaria de não ter que falar sobre Calvin. Aquilo estava arruinando minha determinação em ser uma pessoa mais positiva. Seria muito mais fácil fingir que estava feliz se eu não tivesse que gastar todas as minhas energias para convencer o mundo inteiro de que eu estava ótima, incrivelmente ótima.

— Não vai ser estranho com ele por perto? — pressionou Korbie.

— Não seja ridícula.

Ela estreitou os olhos, desconfiada.

— Você não vai aproveitar a oportunidade para ficar com ele de novo, né?

— Credo! Por favor, nem ouse me perguntar isso outra vez.

Mas a ideia tinha passado pela minha cabeça. Muitas vezes.

E se Calvin desse em cima de mim? Não era improvável. Korbie e o Urso ficariam se agarrando a todo momento, o que me deixaria sozinha com Calvin. Não me surpreenderia se ele tentasse alguma coisa. Ou seja, eu tinha que decidir logo se iria deixar que algo acontecesse.

Talvez, se visse que ele realmente tinha seguido em frente, eu até deixasse pra lá. Mas o jeito que ele havia olhado para mim na loja de conveniência quando eu estava flertando com Mason... Se aquilo não fosse arrependimento, eu não sabia o que era.

Mas, dessa vez, decidi que iria fazê-lo lutar por mim. Ele havia me humilhado, e teria que se esforçar para me reconquistar. Eu não o aceitaria de volta até ele ter sofrido o suficiente. Até ter rastejado e ido um pouco além. Calvin sabia que eu não era de trair ninguém, o que iria facilitar as coisas para o meu lado. Eu me divertiria um pouco com ele e depois o largaria, alegando que me sentia péssima por trair o meu falso namorado.

Sabe o que dizem sobre vingança? Em breve, Calvin saberia também.

Feliz por finalmente ter um plano, me afundei no banco, me sentindo presunçosamente triunfante e pronta para a longa semana que tinha pela frente.

Korbie abriu o porta-CDs, mas antes que pudesse dar uma olhada no que havia dentro, notou um papel dobrado na parte da frente.

— Uau, dê uma olhada nisso.

Olhei para o lado. Ela estava segurando um mapa topográfico do Parque Nacional Grand Teton — do tipo que se consegue em um posto da Guarda Florestal —, mas aquele tinha anotações por toda parte com a letra de Calvin. Estava dobrado uma vez ao meio, e depois outra, e a coloração estava desbotada, as bordas desgastadas. Calvin claramente tinha usado bastante aquele mapa.

— Calvin marcou as melhores trilhas para caminhadas — disse Korbie. — Olhe só até onde ele já foi... Tem anotações em todos os cantos. Ele deve ter levado anos para fazer isso. Sei que eu sempre impliquei por ele ser todo nerd com essas coisas de vida ao ar livre, mas isso até que é legal.

— Posso ver?

Peguei o mapa, abrindo-o em cima do volante e olhando ao mesmo tempo para o papel e para a estrada.

Calvin tinha marcado mais do que trilhas para caminhadas. O mapa estava coberto de anotações detalhadas sobre trilhas de snowmobile, estradas não asfaltadas, abrigos de emergência, uma central da Guarda Florestal, pontos pitorescos interessantes, áreas de caça, lagos e riachos não poluídos, e passagens de animais selvagens. Idlewilde também estava marcada. Se alguém se perdesse durante uma trilha, o mapa seria uma ferramenta de sobrevivência muito útil.

Ainda estávamos muito longe para encontrar nossa localização no mapa de Calvin, mas eu pensava seriamente em ficar com aquele mapa e abandonar as anotações menos precisas do sr. Versteeg quando chegássemos mais perto.

— Você precisa devolver este mapa para o Calvin — insistiu Korbie.

Dobrei novamente o mapa e o enfiei no bolso de trás do short. Um guia meticulosamente detalhado como aquele devia valer alguma coisa para ele. Eu até iria devolvê-lo. Mas antes ia fazer Calvin penar um pouco.

Trinta minutos depois, o CD que Korbie tinha gravado chegou ao fim com "Every Day Is a Winding Road", da Sheryl Crow. A estrada estava mais íngreme ainda, e subíamos em zigue-zague. Os acostamentos desapareciam do nada, e eu tive que chegar mais para a frente no banco para me concentrar em cada curva fechada que fazíamos. Uma curva equivocada e perderíamos o controle e cairíamos pela ribanceira. Perceber isso era ao mesmo tempo empolgante e apavorante.

— Será que vai chover? — perguntou Korbie, franzindo a testa, enquanto apontava para um aglomerado de nuvens escuras despontando por cima das copas das árvores. — Como isso é possível? Chequei a previsão do tempo antes de sairmos. Era para chover em Idaho, não em Wyoming.

— Vai chover por alguns minutos, mas depois o céu vai ficar limpo.

Se você não gosta do clima em Wyoming, espere uns cinco minutos. Assim dizia o ditado.

— Queria que não chovesse dia nenhum enquanto estivermos aqui — disse Korbie, bufando, indignada.

Será que ela estava pensando em Rachel e Emilie se bronzeando na praia de Waikiki? Eu sabia o quanto Korbie queria ir para algum lugar ensolarado no recesso de primavera.

Acho que o fato de ela estar fazendo aquela viagem comigo dizia muito sobre nossa relação. Tínhamos as nossas brigas, claro, mas nossa amizade era muito forte. Não são muitas as amigas que abririam mão de uma praia paradisíaca para fazer trilha nas montanhas.

— Li em algum guia que a chuva tem algo a ver com o fato de o ar quente e o frio estarem sempre colidindo aqui em cima — murmurei, despreocupadamente, com os olhos grudados na estrada. — Nesta altitude, o vapor d'água pode se transformar em gelo, que tem uma carga positiva. Mas a chuva tem uma carga negativa. Quando as cargas se encontram, dão origem aos relâmpagos e temos uma tempestade.

Korbie baixou os óculos escuros até o nariz e olhou para mim com ar de espanto.

— Você também acende fogo com gravetos e se orienta pelas estrelas?

Soltei o volante rapidamente para dar um cutucão em seu ombro.

— Você devia pelo menos ter dado uma olhada em alguns dos guias que seu pai comprou.

— Você está falando dos guias que me ensinaram que um ser humano pode sobreviver à base de dejetos de coelho em situações extremas? — Ela torceu o nariz. — Essa foi a primeira e última vez que li um guia. De qualquer forma, se eu tivesse lido tudo seria um desperdício de tempo, já que meu irmão vai assumir o controle da viagem e ficar dando ordens à gente.

Calvin não assumiria o controle. Não daquela vez. Eu não tinha treinado por tanto tempo para entregar tudo de mão beijada para ele.

Rapidamente, o céu assumiu um tom cinza-escuro. A primeira gota de chuva caiu como um pedaço de gelo em meu braço. Depois, outra. Então mais três. Em questão de segundos, a chuva apertou, respingando o para-brisa com gotículas de água. Parei o jipe no meio da estrada, já que não havia lugar para encostar.

Korbie dava tapinhas nos pingos de chuva como se fossem mosquitos.

— Me ajude a cobrir o carro — falei, saindo do jipe.

Levantei a capota, fazendo sinal para Korbie prendê-la. Depois abri a porta traseira, desenrolei a janela e prendi as correias. Quando terminei, estava ensopada, os pelos dos meus braços arrepiados de frio. Esfreguei os olhos para enxugá-los e fechei as janelas laterais. Por fim, prendi o velcro e entrei no carro, tremendo muito.

— Aí está a sua carga negativa — brincou Korbie.

Encostei o rosto na janela fria e dei uma olhada no céu. Nuvens cinza terríveis se estendiam em todas as direções. Já não dava para ver nenhum azul, nem mesmo um pedacinho sequer no horizonte. Esfreguei os braços para me aquecer.

— É melhor eu ligar para o Urso e avisá-lo da tempestade — disse Korbie. Um instante depois, ela afundou de volta no banco, frustrada. — Estamos sem sinal.

Andamos por mais alguns quilômetros antes que a chuva desabasse torrencialmente. A água que corria pela estrada parecia um rio e chapinhava nos pneus, me deixando preocupada com a aquaplanagem. Os limpadores de para-brisa não conseguiam remover a água rápido o bastante; a chuva batia tão furiosamente no vidro que eu não conseguia ver aonde estava indo. Eu queria encostar o carro, mas não havia acostamento. Em vez disso,

fui o mais para a direita possível na minha pista, parei e liguei o pisca-alerta. Esperava que, se alguém estivesse vindo atrás da gente, visse as luzes piscando em meio ao aguaceiro.

— Fico pensando em como deve estar o tempo lá no Havaí — disse Korbie, usando a manga da blusa para limpar a janela embaçada.

Tamborilei as unhas no volante, me perguntando o que Calvin faria no meu lugar. Meu humor melhoraria tremendamente se, naquela noite, eu pudesse lhe dizer que tinha passado pela tempestade numa boa.

— Sem pânico — murmurei em voz alta, pensando que parecia um bom primeiro passo em direção ao sucesso.

— O céu está desabando, nossos celulares estão sem sinal e estamos no meio das montanhas. Sem pânico. Claro.

CAPÍTULO TRÊS

A chuva não deu trégua.

Uma hora mais tarde, a água continuava a correr pelo para-brisa, engrossando e se transformando em uma neve semiderretida. Ainda não era exatamente neve. No entanto, alguns graus a menos e isso iria mudar. Ainda estávamos paradas na estrada, e eu deixei o motor ligado praticamente o tempo inteiro. Toda vez que desligava para economizar gasolina, eu e Korbie começávamos a tremer violentamente. Vestimos calças jeans e colocamos as botas e nossos casacos, mas a roupa extra não conseguia deter o frio. Para o bem ou para o mal, ninguém tinha vindo na estrada atrás de nós.

— Está ficando mais frio — falei, mordendo o lábio, nervosa. — Talvez seja melhor voltar.

— A cabana não deve estar a mais de uma hora de distância. Não podemos voltar agora.

— A chuva está tão forte que não consigo ver as placas.

Eu me curvei sobre o volante, estreitando os olhos para enxergar pelo para-brisa a placa em forma de losango amarelo à frente. As inscrições em preto estavam completamente ilegíveis. Tinha escurecido muito rápido. O relógio mostrava que passava das cinco, mas podia muito bem já ter anoitecido.

— Pensei que o seu jipe fosse off-road. Tenho certeza de que ele funciona bem na chuva. Pise fundo no acelerador e a gente sobe a montanha.

— Vamos esperar mais dez minutos, para ver se a chuva para.

Eu não estava acostumada a dirigir em meio a temporais, muito menos um tão forte como aquele, e com rajadas de vento violentas. O anoitecer só piorava as coisas, pois mal conseguíamos ver o que estava do lado de fora. Naquele momento, dirigir, ainda que praticamente me arrastando, parecia perigoso.

— Olhe para o céu. Não vai parar. Precisamos continuar. Você acha que os limpadores de para-brisa vão aguentar por muito mais tempo?

Era uma boa pergunta. A borracha estava se soltando da armação de metal, que raspava o vidro com um ruído suave.

— Seria melhor se você tivesse visto isso antes da viagem — continuou Korbie.

Que maravilha ela me falar isso *agora*.

— Pensando bem, acho que estamos forçando seu carro um pouco demais — insistiu Korbie, com a voz levemente preocupada.

Fiquei calada, com medo de dizer algo de que pudesse me arrepender. As alfinetadas de Korbie eram sempre assim: veladas. Ela dominava a arte de minar as pessoas ingenuamente.

— Os veículos off-road melhoraram muito ao longo dos anos, né? — acrescentou, da mesma forma falsamente educada. — Quer dizer, a diferença entre seu jipe e o meu utilitário é imensa.

Senti o sangue ferver. Ela estava transformando aquilo em uma competição, como sempre. Eu nunca contaria isto a Korbie, mas no verão anterior, quando dormi uma noite na casa dela, dei uma olhada no seu diário. Pensei que encontraria segredos a respeito de Calvin, informações que eu poderia usar para provocá-lo de brincadeira depois. Imagine minha surpresa quando encontrei duas listas, lado a lado, em que Korbie se comparava a mim. Segundo ela, eu tinha pernas mais bonitas e uma cintura mais definida, mas meus lábios eram muito finos e eu tinha muitas sardas, e portanto era apenas *genericamente* bonita. Korbie ganhava no tamanho do sutiã, tinha as sobrancelhas mais certinhas e pesava quatro quilos a menos do que eu — é claro que ela se esqueceu de mencionar que era oito centímetros mais baixa! A lista ocupava duas páginas, e dava para perceber, pelas diferentes cores de caneta, que continuava sendo atualizada. Korbie dera a cada atributo uma pontuação, e havia somado os totais. Na época, ela me ganhava por uns dez pontos. O que era ridículo, já que se dera cinco pontos a mais pelas unhas e fazíamos a mesma coisa no mesmo salão.

Pensei na lista secreta dela agora, e me senti mais determinada do que nunca a defender meu jipe. Eu iria chegar até o alto daquela montanha de qualquer jeito. Tudo para não dar a ela mais uma vitória para incluir em sua lista estúpida (melhor carro? check). Eu sabia que não deveria me importar com esse jogo, pois era tudo uma grande idiotice, e sabia que Korbie nunca me deixaria vencê-la, mas eu queria mostrar para ela que conseguia. Queria muito.

Curiosamente, eu tinha passado pela mesma coisa na minha relação com Calvin, me esforçando excessivamente para convencer todos a minha volta, principalmente Korbie, de que Calvin e eu éramos um casal perfeito. *Para toda a vida.* Eu nunca tinha pensado nisso de forma tão consciente, mas sentia uma necessidade avassaladora de mostrar a Korbie como minha vida era ótima. Talvez por causa da lista. Talvez porque me irritasse pensar que ela mantinha uma contagem de pontos, quando esse deveria ser o tipo de coisa que acontece entre inimigas, e não entre melhores amigas.

— Você colocou pneus de neve neste troço antes de sairmos? — perguntou Korbie.

Neste troço? Era em momentos como aquele que eu tinha que me esforçar para lembrar por que Korbie e eu éramos amigas. Éramos inseparáveis desde pequenas, e, mesmo tendo começado a seguir direções diferentes, principalmente no ano anterior, era difícil desistir de um relacionamento que levara anos para ser construído. Além disso, quando parava para refletir, eu perdia a conta de tudo que Korbie fizera por mim. E isso não só agora, mas desde que éramos crianças, quando ela me comprava coisas que eu não tinha como pagar e choramingava até seus pais me deixarem ir junto nas férias de família. Ela fazia de tudo para que eu nunca fosse deixada de lado. Frutos de sua personalidade forte ou não, os pequenos atos de gentileza de Korbie tinham me conquistado.

E ainda era assim.

Estávamos *definitivamente* mais para irmãs do que amigas: amávamos uma a outra, embora nem sempre gostássemos uma da outra. E estávamos sempre juntas. Rachel e Emilie não haviam desistido de viajar para a praia para fazer trilha nas montanhas, mesmo sabendo que eu precisava disso. Mas Korbie não pensara duas vezes. Bem, quase isso.

— Não era para nevar — retruquei. — Seus pais disseram que as estradas até Idlewilde estariam limpas.

Korbie soltou um longo suspiro, fazendo beicinho, e cruzou as pernas, impaciente.

— Bem, agora que estamos presas aqui, acho que vamos ter que esperar o Urso vir nos resgatar.

— Você está insinuando que é culpa minha estarmos presas aqui? Não posso controlar o tempo.

Ela se virou para mim.

— Tudo o que eu disse é que estamos presas… você é que está exagerando. Mesmo que eu *estivesse* insinuando que este jipe não foi feito para um tempo como esse, estaria dizendo a verdade, certo? Você está toda estressadinha porque eu tenho razão.

Minha respiração acelerou.

— Você quer ver o jipe subir a montanha?

Ela fez um gesto exagerado com as mãos em direção ao para-brisa.

— Só acredito vendo.

— Ok, então.

— Vá em frente. Fique à vontade. Pisa fundo.

Soprei o cabelo para tirá-lo dos meus olhos e agarrei o volante com tanta força que os nós dos meus dedos ficaram brancos. Eu não queria fazer aquilo. Eu não confiava no jipe para nadar rio acima; e isso era praticamente o que eu estaria pedindo que ele fizesse.

— Você está blefando — disse Korbie. — Não vai fazer isso.

Mas eu tinha que fazer. Não me restava alternativa. Engrenei o jipe, tomando coragem, e, hesitante, virei o carro em direção à estrada, ainda tomada por água. Eu estava com tanto medo que senti uma gota de suor escorrer pela coluna. Não tínhamos nem chegado a Idlewilde e já estávamos com problemas. Se eu estragasse tudo, Korbie nunca me perdoaria por arrastá-la até lá. Pior, ela contaria tudo ao irmão, para quem ficaria claro que eu não deveria tentar fazer uma trilha que exigia tanto se não conseguia controlar meu carro em meio a um temporal. Eu *precisava* nos tirar dali.

Os pneus traseiros derraparam, mas finalmente conseguiram avançar, e começamos a subir.

— Está vendo? — falei, com orgulho, mas ainda sentindo um nó no peito.

Meu pé estava congelado no acelerador, e eu temia que, se o movesse um pouquinho que fosse, o jipe pudesse escorregar ou deslizar… ou pior, derrapar da beira da montanha.

— Você pode se vangloriar quando chegarmos lá em cima.

Enormes flocos de neve caíam no para-brisa, então aumentei um pouco a velocidade do limpador, que não servia para quase mais nada. Eu só via alguns metros à frente do jipe. Acendi o farol. Não melhorou muito.

Seguimos nesse ritmo arrastado por mais uma hora. Eu já não conseguia mais ver a estrada — apenas vislumbres passageiros de asfalto preto por baixo do branco ofuscante. A intervalos de poucos metros, os pneus derrapavam e travavam. Pisei mais fundo no acelerador, mas eu sabia que não daria para subir lentamente daquele jeito para sempre. Uma coisa era defender meu orgulho. Outra era nos matar sem necessidade.

O carro morreu. Liguei de novo e pisei no acelerador. *Vamos lá. Ande.* Eu não sabia se estava tentando convencer o carro ou a mim mesma. O motor gemeu e morreu novamente. A subida íngreme, aliada ao fato de a estrada estar coberta de neve, tornava impossível continuar dirigindo.

Eu não conseguia sequer ver onde tinha parado, e isso me assustava. Podíamos estar a centímetros de um desfiladeiro. Liguei o pisca-alerta de novo, mas nevava tão forte que ninguém conseguiria nos ver até que fosse tarde demais.

Peguei, então, o mapa de Calvin e tentei me orientar. Mas era inútil. Não dava para identificar ponto de referência algum em meio à brancura da neve.

Ficamos em silêncio por vários minutos, nossa respiração embaçando as janelas. Fiquei feliz por Korbie, pelo menos uma vez, não falar nada. Não ia aguentar discutir com ela naquele momento. Não parava de pensar nas nossas alternativas. Não tínhamos comida — só na cabana. A sra. Versteeg tinha mandado seu assistente levar a comida para lá no fim de semana anterior, para que não precisássemos levar. Nossos celulares estavam sem serviço. Tínhamos sacos de dormir, mas acampar na estrada à noite era realmente uma opção? E se um caminhão nos atingisse por trás?

— Que droga — resmungou Korbie, limpando o vapor das janelas e olhando pasma para todo aquele branco lá fora.

Eu nunca tinha visto a neve cair tão forte e tão rápido daquele jeito. Tinha coberto a estrada, e já estava se acumulando.

— Talvez devêssemos voltar agora — falei.

Mas isso também não era exatamente uma opção. Descer a montanha coberta de neve e água parecia ainda mais perigoso do que subir. E eu já estava exausta do esforço que fizera para chegamos até ali. Uma dor de cabeça infernal começou a me importunar.

— Não vamos voltar. Vamos ficar aqui — disse Korbie, decidida. — O Urso deve estar a uma ou duas horas da gente. Ele vai nos rebocar com a picape.

— Não podemos ficar no meio da estrada, Korbie. É muito perigoso. Deve haver um acostamento mais à frente. Saia do carro e empurre.

— Como?

— Não podemos ficar paradas aqui — falei. — Estamos no meio da estrada.

Eu não sabia se estávamos no meio da estrada. O chão, as árvores e o céu eram um grande borrão branco. Não havia como saber onde um terminava e o outro começava. E, embora na verdade eu não achasse uma boa ideia mover o carro — não quando não conseguíamos ver nada —, estava cansada das sugestões estúpidas de Korbie. Queria que ela acordasse.

— Saia e empurre.

Os olhos dela se arregalaram, e logo depois se estreitaram.

— Você não pode estar falando sério. Está nevando lá fora.

— Tudo bem. Você dirige. Eu empurro.

— Não sei dirigir carro com marcha.

Eu sabia disso, e fazê-la admitir melhorou meu humor, exatamente como eu esperava. Estávamos presas e eu não tinha a menor ideia de como nos tirar dali. Então, uma sensação estranha tomou conta de mim. De repente fiquei com medo de estarmos com problemas ainda maiores do que imaginávamos. Afastei aquele pensamento assustador e saí do carro.

Na mesma hora, o vento e a neve fustigaram minha pele. Procurei meu gorro de esqui de lã nos bolsos do casaco. Cinco minutos na neve e parecia um pano de prato molhado. Eu tinha um chapéu reserva (um boné de beisebol que Calvin tinha me dado no último verão) enfiado em algum lugar no fundo da minha mochila, mas não era impermeável. A única razão para eu tê-lo trazido nesta viagem era a satisfação de devolvê-lo, mandando uma mensagem clara para Calvin de que o havia superado.

Enrolei meu cachecol vermelho no pescoço, com esperança de que se saísse melhor do que meu gorro.

— Aonde você está indo? — gritou Korbie pela porta aberta.

— Não podemos dormir aqui. Se deixarmos o jipe ligado a noite toda, vamos ficar sem gasolina. Se não ligarmos o aquecedor, vamos congelar.

Eu olhava bem dentro dos olhos dela, para ter certeza de que minha amiga entendia o que eu estava dizendo. Eu mesma mal entendia. A ideia de que podíamos estar em perigo parecia vagar sem rumo no fundo da minha mente. A ficha não queria cair. Eu ficava pensando no meu pai. Será que ele sabia que estava nevando nas montanhas? Ele podia estar em sua picape agora, vindo nos resgatar. Não estávamos correndo perigo de verdade, porque meu pai viria nos salvar… mas como ele iria nos encontrar?

— Mas não era para nevar! — disse Korbie com voz estridente.

Se meu pai tivesse previsto isso, ele não teria me deixado sair. Eu estaria em casa agora, segura. Mas pensar isso era perda de tempo. Eu estava ali, estava nevando, e precisávamos encontrar um abrigo.

— Você está sugerindo que a gente durma aí fora? — Korbie apontou para a floresta, que parecia escura e assombrada em meio ao redemoinho de neve.

Cruzei os braços para manter as mão aquecidas.

— Não devemos ser as únicas pessoas aqui em cima — falei. — Se andarmos por aí, podemos encontrar uma cabana com as luzes acesas.

— E se a gente se perder?

A pergunta me irritou. Como eu ia saber? Eu estava com fome, precisava ir ao banheiro e estava presa em uma montanha. Estava abandonando meu carro em busca de um abrigo melhor, e não sabia se encontraria algum. Meu telefone não funcionava, eu não tinha como falar com o meu pai, e meu coração batia tão rápido que estava me deixando tonta.

Fechei a porta e fingi não ter ouvido a pergunta. Procurei colocar "me perder" no fim da minha lista de preocupações. Se meu pai não conseguisse subir a montanha, se Korbie e eu passássemos a noite no jipe, se não encontrássemos uma cabana, iríamos congelar até a morte. Eu não dissera isto a Korbie, mas não sabia direito onde estávamos. Seu senso de

direção era pior do que o meu, então ela havia me encarregado de ler as instruções do sr. Versteeg e nos levar em segurança até Idlewilde. As placas de sinalização estavam cobertas de gelo, deixando-as ilegíveis, e, embora eu tivesse fingido estar confiante, não tinha certeza se a última curva que fizera estava certa. Havia uma estrada principal que subia a montanha, mas se eu tivesse saído dela muito cedo, ou tarde demais…

O Urso estava indo atrás de nós em sua picape, mas, se tivéssemos feito o caminho errado, ele nunca nos encontraria. Idlewilde podia estar a quilômetros dali.

Korbie saiu do carro e foi falar comigo.

— Talvez eu devesse ficar aqui enquanto você vai procurar um abrigo. Assim uma de nós continua sabendo onde o carro está.

— O jipe não vai nos ajudar em nada se essa tempestade durar a noite toda — ressaltei. A neve, que caía cada vez mais forte, se prendia ao cabelo e ao casaco dela. Eu queria acreditar que a neve começaria a diminuir em breve. Também queria acreditar que o Urso estava logo atrás da gente, mas uma sensação de pânico que apertava meu peito me dizia que eu não podia contar com isso. — É melhor ficarmos juntas — falei.

Parecia uma boa ideia. Parecia o tipo de coisa que Calvin diria.

— Mas e se o Urso não nos achar? — protestou Korbie.

— Vamos caminhar por meia hora. Se não encontrarmos ninguém, voltamos.

— Promete?

— Prometo — falei, tentando manter a voz tranquila.

Não queria que Korbie soubesse o quanto eu estava preocupada. Se ela descobrisse que eu não tinha tudo sob controle, iria surtar.

Argumentar com ela estava fora de questão. Eu a conhecia bem o bastante para saber que iria começar a chorar ou a gritar comigo.

E então eu não conseguiria raciocinar. E era isso que eu precisava fazer. Raciocinar. Raciocinar como alguém que sabia como sobreviver a imprevistos como aquele. Pensar como Calvin.

Peguei uma pequena lanterna que leváramos conosco e comecei a nos guiar em meio à tempestade.

Avançamos lentamente pela neve por trinta minutos. Então quarenta e cinco. Eu seguia a estrada para não me perder, mas tinha escurecido tanto e nevava tão forte que era fácil errar a direção.

Já estávamos andando havia quase uma hora, e eu sabia que estava abusando da sorte — logo, logo Korbie começaria a reclamar dizendo que queria voltar.

— Só mais um pouco — falei, não pela primeira vez. — Vamos ver o que tem ali na frente, depois daquelas árvores.

Korbie não respondeu, e me perguntei se ela estava, finalmente, tão assustada quanto eu.

A neve feria a minha pele como dentes afiados. Cada passo doía, e meu cérebro começou a pensar em outro plano. Havia sacos de dormir e cobertores no jipe. Não conseguiríamos dormir no carro, não enquanto ele estivesse parado na estrada, mas se colocássemos várias camadas de roupa, escavássemos um monte de neve e dormíssemos bem juntas para conservar o calor…

Luz. Lá. Mais à frente.

Não era uma miragem. Era real.

— Luzes! — exclamei, a voz fraca devido ao frio.

Korbie começou a chorar.

Agarrei a mão dela e, juntas, caminhamos com dificuldade em meio às árvores, por um terreno mole e encharcado. A neve se prendia às minhas botas, tornando cada passo mais difícil. Uma cabana. Uma cabana. Ficaria tudo bem.

As janelas projetavam luz suficiente para enxergarmos uma velha picape enferrujada enterrada sob centímetros de neve na entrada da garagem. Havia alguém em casa.

Corremos até a porta e bati. Não esperei resposta, comecei a bater mais forte. Korbie se juntou a mim, esmurrando a porta com os punhos. Nem me permiti pensar no que aconteceria *se* ninguém atendesse, *se* tivessem ido embora e deixado a picape para trás, *se* tivéssemos que invadir o lugar — e eu tinha certeza que iria invadir, se fosse preciso.

Um instante depois, ouvimos passos do outro lado. O alívio tomou conta de mim. Ouvi, então, o som abafado de vozes conversando. Por que estavam demorando tanto? "Depressa, depressa", pensei. "Abram a porta. Deixem-nos entrar."

As luzes da varanda de repente se acenderam, parecendo holofotes apontados em nossa direção. Me encolhi, tentando ajustar a visão. Vínhamos andando na escuridão por tanto tempo que o brilho fez meus olhos arderem.

O ferrolho deslizou e a porta se abriu com um rangido suave. Dois homens apareceram à porta, o mais alto um pouco mais para trás. Eu o reconheci imediatamente. Ele usava a mesma camisa xadrez e botas pesadas com que o vira mais cedo. Nossos olhares se encontraram e, por um instante, não havia nada além da mais completa surpresa em seu rosto. Ele olhou para mim, e, quando me reconheceu, suas feições endureceram.

— *Mason?* — falei.

CAPÍTULO QUATRO

— Duas vezes no mesmo dia — comentei, sorrindo para Mason com dentes que não paravam de bater. — Ou é uma grande coincidência ou o destino está tentando nos dizer alguma coisa.

Mason continuou a me encarar, os lábios comprimidos, os olhos escuros e nada convidativos. A neve entrava rodopiando pela porta aberta, mas ele não nos convidou para entrar.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ele.

Encostado no batente da porta, o homem ao lado de Mason olhou para mim e para ele com ar curioso.

— Você a conhece? — perguntou.

Ele devia ter a mesma idade de Mason, uns vinte e poucos anos. Era mais baixo, e parecia uma tábua, a camiseta justa revelando um peito achatado e magro. O cabelo louro bagunçado caía sobre a testa, e, por trás de um par de óculos de armação preta e aro redondo, seus olhos eram de um tom muito claro de azul. O que mais chamou a minha atenção foi seu nariz torto. Fiquei pensando em como ele tinha quebrado.

— Como vocês se conhecem? — perguntou Korbie, me cutucando, inquieta.

Eu não acreditava que tinha esquecido de contar a Korbie sobre Mason. Se não estivesse com tanto frio, teria rido ao me lembrar da cara de ciúmes de Calvin quando Mason e eu o convencemos de que realmente éramos um casal. Eu teria que contar a história a Korbie antes de chegarmos a Idlewilde, para que ela me ajudasse a manter a farsa na frente do irmão.

— Nós nos conhecemos... — comecei, mas Mason me interrompeu:

— Nós não nos conhecemos. Ela estava atrás de mim na fila quando abasteci o carro hoje de manhã.

Aqueles olhos castanhos quentes e sensuais com que eu tinha me deparado mais cedo pareciam frios e distantes agora. Seu tom era seco e irritado. Era difícil imaginar que aquele era o mesmo cara com quem eu tinha flertado algumas horas antes. Eu não entendia por que ele estava sendo tão pouco caloroso. E por quê, de repente, não estava interessado em manter nossa farsa. O que havia mudado?

Nossos olhos se encontraram novamente, e, se ele notou que eu estava confusa, pareceu não se importar.

— O que você quer? — repetiu mais duramente.

— O que você acha?

Korbie abraçou o próprio corpo para se aquecer, dançando impacientemente na ponta dos pés.

— Nosso carro está preso — gaguejei, desconcertada pela hostilidade dele. — Fomos surpreendidas pela nevasca. Estamos congelando. Será que podemos entrar, por favor?

— Deixe as meninas entrarem — disse o amigo de Mason. — Olhe para elas... estão completamente encharcadas.

Sem hesitar, Korbie entrou, e eu fui atrás dela. Quando o amigo de Mason fechou a porta, o calor encontrou minha pele, e estremeci, aliviada.

— Elas não podem ficar aqui esta noite — disse Mason imediatamente, bloqueando o corredor que levava para o interior da cabana.

— Se não ficarmos aqui esta noite, vamos virar cubos de gelo humanos — disse Korbie. — Você não quer essa responsabilidade nas suas mãos, quer?

— Parece sério — observou o amigo de Mason, com um brilho de deleite nos olhos. — Definitivamente não queremos ser responsabilizados por cubos de gelo humanos. Principalmente aqueles que ficam muito melhores em sua forma com sangue correndo nas veias.

Em resposta ao flerte, Korbie abriu os braços e fez uma reverência, abrindo sem pudor um sorriso.

— Onde está o seu carro? — perguntou Mason. — Onde você estacionou?

— Na estrada principal, descendo da cabana — falei. — Caminhamos uma hora para chegar aqui.

— O carro deve estar soterrado por um monte de neve a essa altura — acrescentou Korbie.

— Inacreditável — murmurou Mason, me encarando, irritado. Como se fosse minha culpa. Bem, me desculpe por não controlar o tempo. Me desculpe por pedir uma pequena ajuda, um pouco de hospitalidade.

— Vocês estão sozinhas? — perguntou o amigo de Mason. — Só vocês duas? A propósito, meu nome é Shaun.

— O meu é Korbie — respondeu ela com a voz aveludada.

Shaun apertou a mão de Korbie, depois tentou fazer o mesmo comigo. Mas eu estava com muito frio para tirar a mão do bolso do casaco. Só o cumprimentei com um gesto de cabeça.

— Britt.

— Sim, só nós duas — disse Korbie, respondendo à pergunta. — Vocês têm que deixar a gente ficar aqui. Vai ser divertido, prometo — acrescentou, com um sorriso alegre e tímido.

Ignorei as insinuações de Korbie e observei Mason atentamente. Não entendia por que ele estava agindo de forma tão estranha. Ele tinha se empenhado tanto em me ajudar mais cedo. Olhei para dentro da cabana, para além dos ombros largos dele, procurando uma pista que explicasse sua súbita frieza. Será que Korbie e eu tínhamos interrompido alguma coisa? Havia algo (ou alguém) que ele não queria que víssemos?

Até onde eu podia ver, Mason e Shaun estavam sozinhos ali, o que ficava evidente pelos dois casacos masculinos pendurados no vestíbulo.

— Vai ser divertido, nós quatro enfurnados aqui juntos — assegurou Korbie. — Podemos ficar bem juntinhos para conservar o calor do corpo — acrescentou ela com uma risadinha.

Transferi minha irritação para Korbie. Que coisa mais idiota de se dizer. Nós nem sequer conhecíamos aqueles caras, não de verdade. E ela parecia ter esquecido completamente que, até poucos minutos antes, estávamos achando que morreríamos congeladas nas montanhas. Eu ainda não tinha me recuperado do susto, e tive vontade de sacudi-la ao vê-la jogando charme para cima de Shaun. Eu ficara apavorada na floresta. Apavorada mesmo. Qual era o problema dela, que podia simplesmente ligar um botão e passar do choro às risadinhas de um segundo para outro?

— Vamos ficar só por esta noite — falei para Mason e Shaun. — Vamos embora assim que amanhecer.

Shaun passou o braço pelos ombros de Mason e disse:

— O que que você acha, camarada? Devemos ajudar essas pobres garotas?

— Não — respondeu Mason, sem pestanejar, afastando o braço de Shaun, com uma expressão carrancuda no rosto. — Vocês não podem ficar aqui.

— Também não podemos ficar lá fora — rebati.

Achei irônico estar implorando por um lugar para ficar. Porque, quanto mais conversávamos, menos eu queria continuar na cabana com Mason. Eu não entendia. Não havia nenhum sinal do cara tranquilo e divertido no homem diante de mim naquele momento. Por que ele havia mudado tanto de atitude?

— Às vezes você tem que ignorar o Ace aqui — explicou Shaun, com um sorriso estranho. — Ele é bom em um monte de coisas, mas simpatia não é uma delas.

— Deu pra notar — comentou Korbie, baixinho.

— Vamos lá, Ace. Podia ser pior — disse Shaun, batendo nas costas de Mason. — Por exemplo… — Ele coçou o rosto, pensativo. — Quer dizer, não consigo pensar em nada melhor do que esperar a tempestade passar na companhia de duas garotas bonitas. Na verdade, elas aparecerem aqui foi a melhor coisa que poderia ter acontecido com a gente.

— Posso falar com você a sós? — perguntou Mason, com uma voz baixa e firme.

— Claro, depois de aquecermos um pouco essas garotas. Olhe para elas… estão congelando. Coitadinhas.

— *Agora.*

— Ah, deixa disso — disse Korbie, exaltada. — Não somos assassinas. Posso até jurar de dedinho — acrescentou, fazendo graça para Shaun.

Shaun sorriu para Mason, socando-o de leve no peito.

— Ouviu isso, amigo? Ela vai jurar de dedinho.

Toda aquela indecisão estava acabando com a minha paciência. Eu estava tão entorpecida de frio que me senti tentada a passar direto por Mason em direção ao fogo ardendo na lareira que projetava sombras nas paredes da sala de estar, no final do corredor. Eu me imaginei sentada ali, perto o suficiente para sentir o calor e, finalmente, me aquecer.

— Uma noite não vai matar ninguém, não é mesmo, Ace? — prosseguiu Shaun. — Que tipo de homens nós seríamos se déssemos as costas para essas meninas?

Mason não repondeu, mas os músculos de seu rosto estavam visivelmente tensos. Ele não poderia ter deixado mais claro. Não queria a gente na cabana. Shaun, por outro lado, estava mais do que feliz em nos deixar ficar o tempo que fosse necessário. Será que os dois tinham discutido antes de Korbie e eu chegarmos? Eu sentia a tensão entre eles crepitando como um fio desencapado.

— Podemos, *por favor*, discutir isso em frente à lareira? — perguntou Korbie.

— Boa ideia — disse Shaun, mostrando o caminho.

Korbie o seguiu pelo corredor em direção à sala de estar, tirando o cachecol.

A sós com Mason, por um segundo vi seu rosto relaxar, derrotado. Aquele olhar desapareceu em um instante, e ele fechou a cara de novo. De raiva? Hostilidade? Então olhou bem nos meus olhos, e pensei que, talvez, ele estivesse tentando me dizer alguma coisa. Havia uma intensidade em seu olhar que parecia ocultar um significado mais profundo.

— Qual é o seu problema? — murmurei, tentando contorná-lo e ir para perto da lareira.

Mason estava bem na minha frente, bloqueando o corredor, e ele precisava sair para eu poder passar. Mas ele não saiu. Me manteve presa junto à porta, seu corpo desconfortavelmente perto do meu.

— Obrigada pela recepção calorosa — falei. — Tão quente que quase derreti.

— Não é uma boa ideia.

— O que não é uma boa ideia? — desafiei-o, esperando que me dissesse por que estava agindo de forma tão estranha.

— Vocês não deviam estar aqui.

— Por que não?

Esperei pela resposta, mas tudo o que ele fez foi continuar me encarando daquele jeito sombrio e furioso.

— Não tivemos escolha — falei, tranquilamente. — Acho que é pedir demais esperar que você me salve duas vezes em um dia.

— Do que você está falando? — perguntou ele, irritado.

— Você me ajudou a não passar vergonha na frente do meu ex, lembra? Mas impedir que eu congele até a morte obviamente é um fardo pesado demais.

— O que vocês estão sussurrando aí? — gritou Shaun da sala de estar. Ele e Korbie estavam sentados no sofá de couro de dois lugares, as pernas dela cruzadas e na direção de Shaun. Quase parecia que o bico da bota dela tocava a perna dele. Korbie claramente tinha cansado de esperar que o Urso aparecesse para resgatá-la. — Venham para cá, está bem mais quente.

Mason baixou a voz, falando com uma calma urgente:

— É tão ruim assim quanto você disse? Seu carro está mesmo preso? Se eu for com você até a estrada mais tarde, acha que conseguimos tirá-lo de lá?

— Nossa, você quer mesmo me tirar daqui a qualquer custo, hein? — provoquei, irritada.

Eu não merecia ser tratada daquela forma. Não depois do que tinha acontecido mais cedo. Eu queria uma explicação. Onde estava o Mason de antes?

— Apenas responda à pergunta — pediu ele, ainda com a voz baixa e apressada.

— Não. A estrada está com muito gelo e a subida é muito íngreme. O carro não vai a lugar algum esta noite.

— Tem certeza? — insistiu ele.

— Você podia parar de ser tão idiota…

Finalmente, e não sem resistência por parte dele, me encaminhei para a sala de estar. Ele não saiu do lugar, e nossos braços se roçaram enquanto eu me espremia entre ele e a parede para passar.

Andei até a metade do corredor e olhei para trás. Mason ainda estava de costas para mim, passando a mão pelo cabelo curto. O que o incomodava? O que quer que fosse, estava me deixando inquieta também.

Mesmo que eu e Korbie estivéssemos a salvo da tempestade, não me sentia completamente segura dentro da cabana. Fora o meu encontro com Mason naquela manhã, eu não o conhecia. Muito menos conhecia Shaun. E, apesar de Korbie e eu já não corrermos mais o risco de morrermos congeladas, íamos passar a noite com dois caras em quem não sabíamos se podíamos confiar. Era assustador. Por ora, eu não tinha escolha a não ser ficar alerta e esperar que parasse logo de nevar.

Encontrei Shaun e Korbie na sala de estar.

— Obrigada novamente por nos deixar ficar — falei. — Esse tempo é uma droga.

— Um brinde a isso — disse Shaun, levantando um copo de plástico com água.

— Tem telefone aqui? — perguntou Korbie. — Nossos celulares estão sem serviço.

— Não tem. Mas tem chili e cerveja. E uma cama extra. Para onde vocês planejavam ir esta noite? Quer dizer, antes da tempestade — perguntou Shaun.

— Para a cabana da minha família — respondeu Korbie. — Idlewilde.

O rosto de Shaun se mostrou indiferente ao nome. O que significava que eu provavelmente tinha pegado uma entrada errada e que não estávamos nem perto de Idlewilde.

— É a cabana bem grande e bonita, com chaminés de pedra — acrescentei, na esperança de fazê-lo se lembrar. Idlewilde era a única casa perto do lago e um ponto de referência.

— A cabana de vocês fica muito longe daqui? — interrompeu Mason, a voz chegando antes dele pelo corredor. Ele parou na entrada da sala de estar. — Posso levá-las a pé até lá.

Shaun lançou um olhar breve e descontente para Mason, fazendo que não com a cabeça de forma firme, mas sutil. Em resposta, a boca de Mason se contraiu. Pelo olhar sombrio que os dois trocaram, senti que o clima ficou pesado.

— Talvez seja melhor verificar as condições da estrada antes de insistir nisso — interrompeu Korbie. — Pense em uma camada de lama com vários centímetros de

profundidade. E então imagine oito centímetros de neve se acumulando. Ninguém vai a lugar algum hoje.

— Você tem razão — disse Shaun, levantando-se do sofá. — Posso oferecer uma bebida? Temos água e mistura para fazer chocolate quente, embora eu não possa garantir que ainda está boa. E duas garrafas de cerveja.

— Água, por favor — falei.

— Certo. Korbie?

— Eu também — disse ela, cruzando as mãos sobre os joelhos, com um sorriso sexy.

— Ace, amigo?

Perto da entrada da sala de estar, Mason andava de um lado para outro, um olhar obscuro e inquieto no rosto. Devia estar concentrado, pensando em alguma coisa, porque só depois de alguns segundos ele disse:

— O quê?

— Bebida?

— Eu mesmo pego.

Quando Shaun desapareceu na cozinha, Mason colocou as mãos nos bolsos e se encostou na parede, sem tirar os olhos da gente. Ergui a sobrancelha para ele de um jeito desafiador. Disse a mim mesma que era melhor ignorá-lo, mas não conseguia evitar. A curiosidade estava me dilacerando por dentro. Por que ele estava bancando o mal-humorado? Onde estava o cara simpático e, ouso dizer, sexy daquela manhã? Porque eu o queria de volta. De uma maneira que não podia explicar, naquele momento eu queria mais aquele cara do que Calvin. O que significava muita coisa.

— Este lugar é tão adoravelmente rústico — disse Korbie, observando as vigas expostas ao longo do teto. — Qual de vocês é o dono?

Mason não respondeu. Eu e Korbie o encaramos.

Com um suspiro exasperado, ela se levantou do sofá, andou até Mason e estalou os dedos em frente ao rosto dele.

— Chamam-se palavras. A gente usa para falar.

Shaun voltou para a sala.

— A cabana é do Ace — respondeu. — Os pais dele faleceram recentemente e deixaram a casa de herança. É a primeira vez que a gente vem aqui depois do funeral.

— Ah. — Engoli em seco. — Deve ser muito difícil... As lembranças, quer dizer — balbucio, medindo as palavras e tentando ser cordial.

Mason pareceu não me escutar, ou preferiu me ignorar. Seus olhos estavam grudados em Shaun, as sobrancelhas erguidas, o olhar inflamado.

— Ace não gosta de falar sobre isso — explicou Shaun tranquilamente, contraindo os lábios, quase achando graça em tudo aquilo. — Ele é ateu. A morte sempre o deixa pensativo. Não acredita em vida após a morte. Certo, amigo?

Ninguém disse nada. Limpei a garganta, achando Shaun um pouco insensível, mesmo que eu já não me preocupasse mais *nem um pouco* com os sentimentos de Mason.

Shaun quebrou a tensão com uma risada desarmante.

— Nossa, vocês acreditam mesmo em tudo. Deviam ver o rosto de vocês agora. A cabana é minha, não do Ace. E, antes que perguntem, os pais dele são aposentados perfeitamente saudáveis e moram em Scottsdale, no Arizona.

— Você é pior do que o meu irmão — disse Korbie, atirando uma almofada do sofá em Shaun.

Shaun abriu um grande sorriso.

— Este é o preço que vocês vão ter que pagar para dormir aqui esta noite… aturar meu senso de humor estranho. — Ele esfregou as mãos. — Então, me digam: o que estão fazendo sozinhas aqui nas montanhas?

— Morrendo de fome — disse Korbie, sem rodeios. — Está na hora do jantar. Podemos comer e depois conversar? Juro que eu perdi uns quatro quilos andando até aqui.

Shaun olhou para mim e para Mason, depois deu de ombros.

— Está certo. Vou fazer para vocês o melhor chili que já comeram na vida, vocês não perdem por esperar.

— Vá fazer sua mágica — encorajou Korbie, balançando a mão em direção a ele. — Mas vai ter que se virar sozinho. Não faço trabalho manual, incluindo cozinhar. E nem perca seu tempo pedindo ajuda à Britt. Ela consegue ser pior que eu — continuou, me olhando como se dissesse: "Não se atreva a ajudá-lo, ele é meu."

Eu sabia por que Korbie não queria que eu ficasse a sós com Shaun, mas fiquei surpresa ao perceber que de repente Mason ficou alerta, como se pronto para intervir caso eu decidisse ir para a cozinha com seu amigo. Ele me encarou de um jeito sério, uma espécie de aviso. Achei a coisa toda bizarramente cômica. Ele não me queria ali. Ou lá. Ou em lugar algum. E, principalmente, não me queria sozinha com Shaun. Bem, problema dele. Se era isso que eu precisava fazer para provocá-lo, não deixaria a oportunidade passar por nada.

— Korbie está certa, sou uma *péssima* cozinheira — confessei a Shaun. — Mas não é só porque sou ruim em alguma coisa que vou me recusar a fazer — acrescentei, alfinetando Korbie de maneira sutil. — Vai ser ótimo ajudar você a preparar o jantar.

E, antes que alguém me impedisse, fui para a cozinha.

CAPÍTULO CINCO

A cozinha era totalmente mobiliada, com uma mesa nodosa de pinho, um tapete navajo e fotos emolduradas da Cordilheira Teton em diversas estações. Panelas e frigideiras de alumínio ficavam penduradas em uma armação acima da ilha. Uma camada de poeira esmaecia o brilho das panelas, e teias de aranha pendiam da estrutura como serpentinas prateadas. Obviamente Shaun não ia muito ali.

O fogo ardia na lareira de duas faces que dividia uma parede com a sala de estar. O lugar cheirava agradavelmente a fumaça e madeira. Eu estava espantada que Shaun pudesse ter uma cabana como aquela. Não era de forma alguma tão boa quanto a dos Versteeg, mas a mãe de Korbie fora por anos uma advogada bem-sucedida especializada em divórcios.

— Em que você trabalha?

Eu precisava saber. Será que já tinha se formado na faculdade? Será que era um investidor implacável, algum tipo de gênio financeiro? Ele abriu um sorriso tranquilo, mas autodepreciativo.

— Sou um esquiador inveterado. Tranquei a faculdade até decidir o que quero fazer da vida. Tecnicamente, este lugar pertence aos meus pais. Mas eles não esquiam mais, então o deixaram para mim. Venho aqui sempre que posso.

"Ele deve pedir comida com frequência", pensei, pois aquelas panelas não eram usadas fazia muito tempo.

— Mas você está muito longe da estação de esqui, não?

— Não me importo de dirigir.

Lavei as mãos na pia, mas, como não vi pano de prato por perto, usei a calça jeans mesmo.

— Por onde devo começar? Sou razoável abrindo latas.

Antes que Shaun pudesse me deter, fui até a despensa e abri a porta. Para minha surpresa, com exceção de duas latas de chili e um pote desbotado de mistura para chocolate quente, as prateleiras estavam completamente vazias.

Shaun parou atrás de mim.

— A gente se esqueceu de ir ao supermercado antes de subir — explicou.

— Vocês não têm comida — falei, atordoada.

— Vai parar de nevar de manhã, aí a gente dá um pulo na loja.

O armazém mais próximo ficava a quilômetros de distância. Tínhamos passado por ele no caminho.

— Vocês não compraram comida nenhuma?

— Estávamos com pressa — disse Shaun quase bruscamente.

Não insisti no assunto, porque seu tom tinha deixado claro que ele não queria falar sobre isso. Mas sua falta de preparo me pareceu alarmante. Shaun disse que sempre ia à cabana para esquiar, mas parecia que ninguém ficava ali fazia um bom tempo. E não era só isso que me incomodava. Havia algo meio estranho em Shaun. Ele era charmoso e simpático, mas não necessariamente caloroso ou sincero.

Ou talvez eu só estivesse sendo paranoica, porque estava presa em uma cabana com dois caras que não conhecia. Meu pai ia pirar se soubesse. A verdade era que Shaun tinha convidado a gente para entrar. E estava preparando um jantar para nós. Eu tinha que relaxar e aceitar a hospitalidade deles.

Abri as latas de chili lentamente, porque de repente achei que o mais prudente seria preservá-las, já que eram a única comida que tínhamos até a tempestade passar. Se o clima piorasse muito, aquelas latas seriam tudo que teríamos para sobreviver por dias. Eu tinha barras de granola no jipe, e lamentei não ter me lembrado de trazê-las. De maneira quase hesitante, passei as latas para Shaun, que tinha acendido o fogo sob uma grande panela no fogão.

Por força do hábito, verifiquei o celular para ver se tinha alguma mensagem. Talvez Calvin tivesse tentado ligar. Ele sabia que deveríamos ter chegado a Idlewilde por volta das seis, e eram quase nove agora.

— Até você descer um pouco a montanha e se afastar das árvores, seu celular não vai passar de um peso morto no seu bolso.

Gemi baixinho. Shaun tinha razão.

— Não consigo ficar cinco minutos sem dar uma olhada, é incrível. Um mau hábito. Me sinto tão perdida sem meu celular!

— E você? — perguntou ele. — Vem muito aqui?

Balancei meu telefone acima da cabeça, mas nenhuma barra de sinal milagrosamente apareceu.

— Claro — respondi, distraidamente.

— Você conhece bem a área?

— Melhor do que a Korbie. — Eu ri. — E, sim, você percebeu mesmo uma ponta de orgulho, já que a família dela é a dona da cabana, e não a minha. Sempre tive um senso de direção melhor. — Tirando o fato de que o meu não tinha sido lá muito confiável na subida até ali, na chuva. Mas essa informação eu preferi guardar para mim mesma.

— E Korbie interpreta melhor a donzela em perigo — deduziu ele.

Não me dei ao trabalho de dizer que em geral eu era melhor nisso também, uma vez que o tom que ele usou para se referir a Korbie não tinha sido muito lisonjeiro.

— Então vocês vieram aqui para o recesso de primavera? — continuou ele. — Deixe-me adivinhar... o fim de semana das garotas na cabana? Muitos filmes do Christian Bale, sorvete e fofoca?

— Troque Christian Bale por James McAvoy e você poderia trabalhar como vidente — brinquei.

— Mas, sério, quero mesmo saber o que você veio fazer aqui. Você já sabe de mim, agora é minha vez de ficar sabendo sobre você.

Pensei em dizer que não sabia quase nada sobre ele, mas eu estava mais do que feliz em falar sobre mim.

— Korbie e eu vamos fazer trilha no topo da Cordilheira Teton. Sessenta e cinco quilômetros. Estamos nos preparando para esta viagem o ano todo.

Ele arqueou as sobrancelhas, admirado.

— Até o topo? Impressionante. Não leve a mal, mas Korbie não me parece ser o tipo de pessoa que gosta de caminhadas ao ar livre.

— Bem, na verdade ela ainda não sabe sobre a parte dos sessenta e cinco quilômetros.

Isso me rendeu uma alta e ressonante gargalhada.

— Queria poder ver a cara dela quando você der a notícia — disse ele.

Dei uma risada.

— Vai ser memorável, tenho certeza — falei.

— Aposto que vocês têm equipamentos ótimos no carro.

— Só os melhores.

Korbie tinha encarregado a mãe de comprar nossos equipamentos, e a sra. Versteeg passara a tarefa para seu assistente, que não teve nenhum problema em gastar o dinheiro da chefe. Tudo tinha chegado pelo correio. Eu não ia reclamar da nossa sorte, mas havia um pequeno problema. Eu sabia que o sr. Versteeg tinha feito Calvin pagar pelo seu equipamento ao longo dos anos. Se ele descobrisse que os pais tinham comprado o nosso, ia ficar furioso. Cal vivia reclamando que eles protegiam Korbie. Ele sempre se ressentiu por os pais nem sequer tentarem ser justos. Eu duvidava muito de que alguma coisa tivesse mudado desde que ele fora para Stanford. E, para manter a paz, teria que lembrar Korbie de não falar nada sobre nosso equipamento para Calvin.

— Aposto que você conhece muito bem esta área — disse Shaun.

Ele fez mais alguns elogios, e eu mergulhei de cabeça.

— Venho aqui sempre fazer trilhas — falei, deixando escapar a mentira antes que pudesse me conter. — Venho fazendo caminhadas mais curtas nos fins de semana para me preparar para esta viagem. — Pelo menos isso era verdade. — Queria estar mais do que pronta para encarar aquele desafio. A maioria das minhas amigas foi para o Havaí, mas eu queria fazer algo realmente desafiador, sabe?

— E são só você e Korbie? Seus pais não vêm?

Hesitei, e quase mencionei Calvin e o Urso, mas mudei de ideia no último instante. A primeira regra para conversar com um garoto: nunca fale sobre seu ex. Isso faz você parecer grudenta. E amarga.

— Minha mãe morreu quando eu era criança, só tenho meu pai agora. — Dei de ombros, com ar despreocupado. — Ele confia em mim. Sabe que sei me virar. Falei que no final da semana já estaria de volta. Se eu tiver algum problema, ele sabe que vou conseguir resolver tudo sozinha.

Agora eu estava exagerando. Meu pai nunca tinha me deixado resolver problema algum sozinha. Isso não era uma possibilidade. Ele é um paizão. Sempre pensei que fosse porque sou garota, e a caçula, e porque tinha perdido minha mãe para o câncer antes de ter idade suficiente para me lembrar dela. Meu pai estava sempre de prontidão, a postos para me

salvar, mesmo dos menores inconvenientes. A verdade era que eu me sentia confortável em depender dele — e de todos os outros homens da minha vida. Sempre tinha funcionado bem para mim… até que acabei tendo meu coração partido.

Shaun sorriu.

— O que foi? — perguntei.

— Nada. Só estou surpreso. De cara pensei que você e a Korbie fossem adolescentes bobinhas. O estereótipo clássico da menina indefesa, que vive dando risadinhas.

Pisquei.

— Não sei o que fazer com tantos elogios.

Nós dois rimos.

— Corrigindo — disse ele, baixando a voz para nossa conversa não ser ouvida fora da cozinha. — Notei logo o tipo da Korbie assim que vocês bateram à porta. Mas você era mais difícil de interpretar. É bonita *e* inteligente, e isso me impressionou. A maioria das meninas bonitas que eu conheço não tem o pacote completo. Elas são loucas por aventura, sim, mas não desse jeito. Não por fazer trilhas no topo das Tetons.

A resposta dele não poderia ter sido mais perfeita. Eu queria que Calvin ouvisse aquelas palavras, todas elas. Eu queria que Cal visse que um garoto mais velho, mais velho até do que Cal, não só estava interessado, como acreditava em mim. Abri um sorriso tímido para Shaun.

— Você está flertando comigo, Shaun?

— Acho que Korbie ganha o prêmio de maior flerte — respondeu ele.

Eu não estava esperando isso, e levei um minuto para pensar em uma resposta igualmente cautelosa.

— Korbie é boa no que faz.

— E quanto a você? — Ele deu um passo mais para perto. — Você costuma flertar, Britt?

Hesitei. Eu mal conhecia Shaun. Além do mais, Korbie tinha deixado claro que o vira primeiro. Mas quem tinha namorado era ela. Na verdade, a preferência devia ser minha.

— No momento certo — falei, com um sorriso esperto. — Com o cara certo.

— E o que me diz deste momento? — Ele estava tão perto agora que seu sussurro rouco saía direto no meu ouvido. — Este momento vai dar em algum lugar, e nós dois sabemos disso.

Queria saber se seu coração estava tão acelerado quanto o meu. Me perguntava se ele olhava furtivamente para minha boca, do jeito que eu descaradamente olhava para a dele.

— E a Korbie? — falei, a voz suave.

— O que tem ela?

— Ela gostou de você.

— E eu gostei de você. — Ele serviu um copo de plástico de água para cada um de nós e depois levantou o dele em direção ao meu em um brinde. — À tempestade de neve. Por prender você aqui comigo.

Bati meu copo no dele, grata por ter encontrado Shaun, porque, por um minuto, eu havia pensado que teria que me virar sozinha para sobreviver. Em vez disso, eu tinha ido

parar sob a proteção de um homem mais velho e sexy.

Duvido que qualquer uma das minhas amigas fosse voltar do recesso com um história melhor.

* * *

Poucos minutos antes de o chili terminar de ferver, Korbie e eu fomos ao banheiro para nos preparar para o jantar.

— Você se divertiu cozinhando com Shaun? — perguntou ela, irritada.

— Foi tudo bem — respondi, tranquila, sem entregar nada.

Uma pequena parte de mim gostava de manter o suspense e deixá-la curiosa. E também dar o troco pelos seus ataques ao meu jipe.

— Você me deixou sozinha com o Frankenstein.

— Frankenstein é o nome do médico. Eu deixei você sozinha com o monstro do Frankenstein. Além do mais, você não precisava ter ficado na sala. Podia ter ido nos ajudar na cozinha.

— Não depois de falar que não cozinho!

Dei de ombros, como se dissesse: "Problema seu."

— Sobre o que você e Shaun conversaram? — interrogou-me Korbie.

— Por que você se importa? Você tem o Urso.

— Shaun está aqui, o Urso, não. E aí? Sobre o que vocês falaram?

Lavei as mãos, mas, como não tinha toalha no banheiro, tive que secá-las na calça novamente.

— Ah, você sabe. O básico. Conversamos principalmente sobre a trilha.

Korbie pareceu aliviada.

— Só isso? Vocês só falaram sobre a trilha? Você não deu mole para ele?

— E se eu tivesse dado? — perguntei, na defensiva.

— Eu disse que o vi primeiro.

— Você tem o Urso.

— O Urso e eu vamos para faculdades diferentes no outono.

— E daí?

— Daí que não vamos ficar juntos para sempre. Qual é o sentido de ser completamente fiel quando sei que nosso namoro não vai para a frente? E não gosto nada dessa sua atitude hipócrita. Você e Calvin não foram nem um pouco o casal mais exemplar de todos.

Eu me virei e me apoiei na bancada para encará-la.

— Do que você está falando?

— Ele beijou Rachel. Na minha festa na piscina no verão passado.

Engoli em seco.

— Rachel *Snavely*?

Korbie ergueu as sobrancelhas com ar de superioridade.

— Ninguém é perfeito, Britt. Supere isso.

Pensar em Calvin beijando Rachel me fez apertar com força a beirada da bancada. Calvin e eu tínhamos começado a namorar em abril, um ano antes. A festa de Korbie havia sido em julho. Eu tinha me dedicado fielmente a Cal até ele terminar comigo, em outubro, mas, obviamente, ele não havia feito o mesmo. Será que Rachel tinha sido seu único deslize? Ou será que ele tinha me traído outras vezes? E quanto a Rachel? O que a tinha levado a fazer aquilo comigo?

— E só agora lhe ocorreu que eu iria querer saber disso?

— Você precisa de alguma coisa para acordar. Temos o resto da vida para sermos sérias e fiéis. Agora é hora de nos divertirmos.

Será que tinha sido isso o que Calvin dissera a si mesmo enquanto beijava Rachel? Que se divertir valia mais do que seu compromisso comigo? E como Rachel justificaria o que fez? Eu mal podia esperar para perguntar. Esqueça meus planos anteriores. Não havia *nenhuma maneira* de eu ficar com Calvin no recesso de primavera.

— O jantar está pronto! — gritou Shaun da cozinha.

Korbie agarrou a manga da minha camisa antes que eu saísse do banheiro.

— Eu o vi primeiro — repetiu, mais decidida dessa vez.

Olhei para onde os dedos dela se enroscavam firmemente no meu braço.

— Você só quer ficar com ele porque eu quero — continuou ela, irracionalmente zangada. — Você sempre quer o que é meu. Isso é cansativo. Pare de me imitar. Pare de tentar ser igual a mim.

Suas palavras doeram, e não só porque eram verdadeiras. Eu odiava quando ela se voltava contra mim daquele jeito. Naqueles momentos, nosso relacionamento parecia tão disfuncional que eu me perguntava por que ainda éramos amigas. Quase falei sobre a lista secreta no diário dela; quase perguntei: se eu estava tanto tentando imitá-la, por que ela registrava tudo o que eu fazia, dizia e tinha, sempre preocupada em ser melhor do que eu? Mas fazer isso significaria admitir que eu havia olhado seu diário, e eu tinha meu orgulho. Além disso, se eu revelasse que sabia de seu segredo, ela cuidaria para que eu nunca mais tivesse a chance de ler suas confissões novamente, e eu não queria perder essa chance.

Abri um sorriso paciente, sabendo que isso iria enfurecê-la. Ela queria me arrastar para uma briga para eu passar a noite aborrecida, e eu não ia perder aquele jogo. Eu ia dar mole descaradamente para Shaun.

— Acho melhor irmos jantar, os rapazes estão esperando — falei, em um tom sereno. E saí do banheiro, deixando-a para trás.

Antes de chegar à cozinha, ouvi Shaun e Mason discutindo, as vozes baixas e tensas.

— No que você estava pensando? Você sequer está pensando? — perguntou Mason.

— Tenho tudo sob controle.

— Sob controle? Você está falando sério? Dê uma olhada em volta, cara.

— Eu vou tirar a gente desta montanha. Está tudo bem. Eu cuido disso.

— Ninguém quer sair desta montanha mais do que eu — sibilou Mason.

Shaun riu.

— Você está preso aqui comigo, amigo. Maldito tempo de merda. O que vai fazer?

Franzi a testa, me perguntando sobre o que exatamente eles estavam discutindo, mas nenhum dos dois falou mais nada sobre o assunto.

Mason não jantou conosco. Ficou na cozinha, um dos ombros apoiado no batente da janela, o olhar frio encarando cada um de nós. Ele parecia quase tão carrancudo quanto a cabeça de cervo empalhada sobre a lareira. De vez em quando, passava a mão pelo cabelo, ou esfregava a nuca, mas, fora isso, mantinha as mãos enfiadas nos bolsos. Estava com olheiras, mas eu não sabia dizer se eram de cansaço ou preocupação, ou se ele apenas precisava dormir um pouco. Eu não sabia por que estava tão perturbado nem por que não gostava que Korbie e eu estivéssemos na cabana, mas estava claro que ele queria que déssemos o fora dali. Se não fosse por Shaun, ele provavelmente teria nos colocado para fora. No meio da tempestade. Naquele momento, Mason me pegou olhando para ele. Balançou sutilmente a cabeça. Eu não sabia o que aquilo significava. Se ele tinha algo para me dizer, por que não falava logo?

— Com fome, Ace? — perguntou Shaun.

Shaun colocou tigelas, colheres e guardanapos na mesa, então começou a abrir as portas e as gavetas dos armários de forma aleatória. Achei estranho ele não saber onde estavam as coisas na própria cozinha. Se bem que meu irmão, Ian, nunca achava nada na nossa cozinha, e morávamos na mesma casa desde sempre. Por fim, Shaun encontrou o que estava procurando: pegou um apoio de panela na gaveta ao lado do fogão e colocou-a no centro da mesa.

Mason observava a escuridão lá fora.

— Não — respondeu.

— Sobra mais para a gente — disse Korbie.

Dava para ver que ela não gostava de Mason. Eu não a culpava. Ele quase não falava nada, e seu rosto (quando ele demonstrava alguma coisa) exibia um ar entre taciturno e ameaçador.

— Ainda nevando? — perguntou Shaun a ele.

— Muito.

— Bem, não pode continuar assim para sempre.

Shaun serviu chili em três tigelas e, quando foi se sentar, Korbie se jogou na cadeira ao lado da dele.

— Então — disse ela para Shaun —, o que vocês, rapazes, estão fazendo aqui em cima? Você não falou.

— Esquiando.

— A semana inteira?

— Esse é o plano.

— Mas vocês não trouxeram comida. Olhei na geladeira. Está vazia. Não tem nem leite.

Shaun enfiou uma colherada de chili na boca e fez uma careta.

— Este é o pior chili que já comi na vida. Tem gosto de ferrugem.

Korbie provou e também fez careta.

— Não, tem gosto de areia. Está granuloso. Você viu se as latas ainda estavam na validade?

Shaun bufou, irritado.

— A cavalo dado não se olham os dentes.

Ela empurrou a tigela.

— Bem, prefiro morrer de fome a comer *isso*.

— Não pode estar tão ruim assim — disse Mason, e todos olhamos para ele.

Os olhos de Mason corriam cautelosamente de Shaun para Korbie, como se previssem que algo ruim estava para acontecer.

— Diz o cara que não experimentou — rebateu Korbie. — Eu daria qualquer coisa por um filé de salmão agora. Minha família sempre come salmão na nossa cabana. Salmão com arroz jasmim e vagem cozida no vapor. No verão, comemos salmão com rúcula e pinhão. Às vezes, minha mãe faz um chutney de manga incrível para acompanhar.

— Pode continuar — disse Shaun, abaixando a colher com mais força do que necessário. — Diga-nos o que vocês bebem e o que comem de sobremesa.

— Você está debochando de mim? — perguntou ela, fazendo beicinho.

— Coma o chili logo — disse Mason do outro lado da sala, e me perguntei por que tinha se envolvido na conversa. Ele tinha deixado bem claro que não queria nada com a gente. Devia haver uma longa lista de coisas que preferia fazer a ficar espreitando a mesa de jantar.

— O risco de botulismo está me parecendo muito alto — disse Korbie, de maneira esnobe. — Eu passo. Isso é o que acontece quando você pede a Britt para ajudar na cozinha. Eu avisei que ela é péssima.

Shaun riu baixinho, de um jeito que parecia um pouco rude. Eu tinha certeza de que havia imaginado isso, até ele dizer, com uma voz firme e misteriosa:

— Não seja ingrata, Korbie.

— Estou entendendo. Você pode debochar do chili, mas eu não? Isso não é meio hipócrita? — provocou Korbie. — Além disso, eu estava culpando a Britt.

— Coma o maldito chili. — A maneira levemente ameaçadora com que Shaun disse isso fez os pelos do meu braço se arrepiarem.

— Você deveria ter trazido comida fresca, isso sim — disse Korbie, torcendo o nariz.

— Menos, Korbie — murmurei para ela, que ainda estava claramente confusa e não havia notado a tensão no ar.

— Se acordarmos com dor de barriga no meio da noite, já sabemos de quem é a culpa — continuou ela, me olhando de cara feia.

Eu não tinha certeza se Korbie havia compreendido que, embora eu fosse seu alvo, ela estava, inadvertidamente, sendo rude e ingrata com Shaun. E, é claro, o irritando. Eu esperava que ela deixasse a implicância comigo de lado e percebesse que estava deixando todos nós desconfortáveis.

Olhei para Shaun. Suas feições formavam ângulos rígidos, os olhos azuis faiscando. Me contorci toda. Meu coração estava acelerado, embora eu estivesse mais insegura do que com medo. Novamente, tive aquela sensação de que algo estava errado. O clima pesado pairava sobre a sala, mas com certeza Shaun não estava chateado com os insultos. Era só o jeito de Korbie. Ela nunca sabia quando calar a boca. E mesmo quando sabia, isso não a

detinha — sua boca funcionava no piloto automático. Korbie precisava ter a palavra final. Será que ele já não tinha percebido isso?

— Me dê o chili — disse Mason, aproximando-se e quebrando a tensão que crepitava em volta da mesa como eletricidade. Ele pegou a tigela de Korbie, mas não sem antes encará-la com ar de repreensão.

Korbie nada fez, atordoada demais para reagir.

Depois de um instante, Shaun inclinou a cadeira para trás e entrelaçou os dedos por trás da cabeça. Abriu um sorriso, como se nada tivesse acontecido.

— Ace, acho que devemos ir direto ao assunto.

— Se estamos falando de lavar a louça, estou fora — disse Korbie. — Voto no Ace para cuidar disso — acrescentou, com um brilho vingativo nos olhos. — Ele parece fascinado pela minha tigela. Viram como está segurando de maneira quase carinhosa? Deixem que ele viva sua fantasia romântica um pouco mais. Você adora quando elas não falam, não é, Ace? Gosta de quando elas são tão educadas e sociáveis quanto você, certo?

Abafei uma risada com a mão. Em parte, por nervosismo, e em parte, para dispersar um pouco as coisas. A tensão no ar era palpável.

— Que equipamentos vocês trouxeram?

Levei um momento para perceber que Mason estava se dirigindo a mim. Ele tinha levado a tigela de Korbie para a pia, e fizera a pergunta sem se preocupar em se virar para falar comigo.

— No seu carro. Que equipamentos vocês colocaram nele? — repetiu ele. — O que vocês trouxeram para as montanhas?

— Por quê? — Eu não entendi onde nosso equipamento entrava na história.

— Sacos de dormir, barracas, alimentos não perecíveis? Alguma coisa útil?

— Útil para quem? Você já tem uma cabana mobiliada.

— Temos sacos de dormir, uma barraca, artigos de primeiros socorros e alguns alimentos — disse Korbie. — Mas está tudo preso no carro. Que está preso na estrada. E é por isso que viemos parar aqui. — Ela falou cada palavra lentamente, dando a entender que já tínhamos explicado isso e que Mason não pegava as coisas muito rápido.

Mason ignorou Korbie e se virou para mim.

— Fósforos?

— Não, um acendedor.

— Bússola e mapa?

— Bússola. — Por alguma razão, não mencionei o mapa de Calvin, que ainda estava no bolso de trás da minha calça.

— Lanternas?

— Sim, e lanternas de cabeça também.

— Machado de gelo?

— Não — Eu tinha pensado em levar um, mas achei que não teria a oportunidade de usá-lo… não com a definição de "fazer trilha" de Korbie.

— E por que isso importa mesmo? — interrompeu Korbie, irritada.

— Ace e eu também estamos presos aqui, esperando a tempestade passar — disse Shaun, levantando-se. — Só que não trouxemos nenhum equipamento, porque não planejávamos ficar por muito tempo. Se queremos sair daqui antes que a neve derreta e as estradas sejam liberadas, precisamos do material de vocês. E é exatamente o que vamos fazer… sair dessa maldita montanha o mais rápido possível.

Levei um minuto para perceber que o objeto que ele tirou do cós da calça era uma arma. Ele a acenava indolentemente na minha direção, e senti uma estranha vontade de rir. A imagem que eu via e a imagem na minha mente não batiam. Uma arma. Apontada para mim. Aquilo era surreal.

— Shaun? — chamei, achando que só podia ser mais uma piada, dado o seu peculiar senso de humor.

Ele me ignorou.

— Vocês duas, na sala de estar — ordenou ele, com uma voz fria e distante. — Podemos fazer isso da maneira mais fácil, ou da maneira em que vocês acabam mortas. E, acreditem em mim, se gritarem, resistirem ou discutirem, eu vou atirar.

Olhei para ele, meu corpo entorpecido. Continuava sentindo aquela estranha vontade de rir coçando a garganta. E então reparei nos olhos de Shaun. Eram frios e cruéis, e eu me perguntava como não tinha notado isso antes.

— Se tem uma coisa que vocês precisam saber sobre mim, é que eu não blefo — disse ele. — Seus corpos só serão encontrados depois de dias, e até lá Ace e eu já teremos descido as montanhas e estaremos muito longe daqui. Não temos nada a perder. E então, meninas? — Ele nos encarou. — O que vai ser?

CAPÍTULO SEIS

Um medo gélido corria em minhas veias, mas fiz exatamente o que ele disse.

Eu me levantei e, desnorteada, deixei que Shaun me conduzisse. Korbie estava bem atrás de mim, e a ouvi fungando. Eu sabia o que ela estava pensando, porque o mesmo pensamento passava pela minha mente. Quanto tempo levaria para Calvin perceber que estávamos em apuros e ir nos procurar?

E, quando fizesse isso, como ele iria nos encontrar, se estava nevando, se a possibilidade de eu ter feito um caminho errado era grande e se tínhamos andado por bastante tempo e nos afastamos muito do carro? Não havia uma maneira lógica de Calvin descobrir onde estávamos.

Shaun caminhou pela sala de estar e abriu uma porta, revelando uma pequena despensa inacabada com prateleiras de plástico vazias nas paredes. Primeiro pensei que fosse um cano de água que ia do chão ao teto, mas, quando ele acendeu a luz, vi que era uma barra sólida de metal. Alguma coisa com relação àquele objeto fazia a sala parecer ainda mais aterrorizante. Havia marcas ao longo da barra, marcas que podiam ter sido feitas pelo atrito de uma corrente. O cheiro rançoso de urina e de cachorro molhado permeava o espaço. Tive que me forçar a não especular mais.

— Mantenha Korbie aqui. Quero falar sozinho com Britt — disse Shaun a Mason.

— Você não pode fazer isso! — gritou Korbie. — Você sabe quem eu sou? Você tem alguma *ideia* de quem eu sou?

A última palavra mal tinha saído da boca de Korbie quando Shaun bateu com a arma no rosto dela. Logo surgiu uma marca vermelha no local.

Engoli em seco. Meu pai nunca tinha encostado um dedo em mim. Nunca tinha levantado a voz. Fora da televisão e do cinema, eu só tinha visto um homem bater em outra pessoa uma vez. Anos antes, Korbie me convidou para dormir na casa dela, e, no meio da noite, saí de fininho da cama para beber alguma coisa. Nas sombras do corredor em frente ao quarto dela, vi o sr. Versteeg bater com força na cabeça de Calvin, derrubando-o de costas no chão. O pai gritou para Calvin se levantar e receber seu castigo como um homem, mas Calvin ficou lá, imóvel. Eu não sabia se ele estava respirando. O sr. Versteeg abriu as pálpebras do filho e sentiu o pulso dele. Depois o carregou para a cama. Corri de volta para o quarto de Korbie, mas não consegui pegar no sono. Eu não sabia se Calvin estava bem. Queria dar uma olhada nele, mas e se o sr. Versteeg voltasse? Nunca contei a Calvin o que vi naquela noite. E passei anos tentando tirar aquela lembrança da mente.

Korbie choramingou, com a mão no rosto.

Assim como na casa de Korbie, senti o corpo quente e fiquei enjoada, com vontade de chorar, ainda que fosse minha amiga quem estivesse sentindo dor, e não eu.

Vislumbrei algo sombrio e um ar de repulsa nos olhos de Mason, mas ele se recompôs e guiou obedientemente Korbie para a despensa enquanto Shaun me conduzia pelo corredor até o banheiro, me cutucando com força com a arma. Ele balançou a cabeça em direção ao vaso sanitário.

— Sente-se.

Shaun deixou a porta entreaberta, e uma fresta de luz se derramou ali dentro. Esperei meus olhos se ajustarem à escuridão. Lentamente, o rosto dele tomou forma, os olhos se transformando em buracos negros que me observavam, julgando, calculando, avaliando.

— A cabana não é sua, é? — perguntei em voz baixa. — Não pertence a você.

Ele não respondeu, mas eu já sabia a resposta.

— Você a invadiu? — continuei. — Você e Mason estão com problemas?

Se a polícia estivesse procurando por eles, eu tinha medo do que isso significava para mim e para Korbie. Poderíamos identificá-los. Tínhamos outras informações sobre eles também, como que carro dirigiam. Eu poderia contar à polícia sobre as câmeras de segurança no posto de gasolina e lhes mostrar exatamente como Mason era. Korbie e eu representávamos um risco. Não havia nada que impedisse Shaun de nos matar.

Ele riu, o som agudo e cruel.

— Você acha mesmo que vou responder suas perguntas, Britt? — Ele apoiou um punho na parede, curvando-se sobre mim. — O equipamento de que nos falou mais cedo. Precisamos dele.

— Está no meu carro.

— Você consegue encontrar o caminho de volta?

Eu estava prestes a responder um não mal-humorado quando senti uma pontada de preocupação.

— Sim, acho que sim — falei, instintivamente.

Ele acenou com a cabeça, relaxando a mão que estava com a arma, e percebi que tinha dado a resposta certa.

— A que distância?

— Na neve, o trajeto leva cerca de uma hora.

— Ótimo. Agora me diga o melhor caminho para sair das montanhas a pé. Nada de estradas ou trilhas. Quero ficar na floresta.

Hesitei.

— Você quer ir a pé? Por entre as árvores?

— Partimos esta noite. Assim que pegarmos os equipamentos e suprimentos.

Shaun definitivamente estava em apuros. Se fazia questão de ir pela floresta, era porque não queria ser visto. Eu não conseguia pensar em nenhuma outra explicação. Andar pela floresta — à noite, no meio de uma tempestade — era perigoso. Eu não precisava da experiência de Calvin para saber disso. No momento, vários centímetros de neve cobriam o chão, o que significava que enfrentaríamos uma caminhada longa e extremamente fria. Se não desse certo, nunca seríamos encontrados.

— Você sabe o caminho ou não? — perguntou Shaun.

O pensamento que vinha me perturbando lá no fundo da mente veio à tona e me fez ver com clareza o que Shaun estava fazendo. Aquilo era um teste. Ele me ouviria primeiro, depois a Korbie. E analisaria nossas respostas. Ele precisava saber se poderíamos guiá-lo para fora da montanha. Caso contrário, seríamos inúteis para ele.

Então me forcei a ser corajosa e o encarei de frente.

— Venho a estas montanhas há anos. Sei andar por aqui. Já fiz trilha em várias partes das montanhas, já caminhei por toda a cordilheira. Posso tirá-lo daqui. Vai ser muito mais difícil no meio de uma tempestade de neve, mas eu consigo.

— Isso vai ser bem útil, Britt. Bom trabalho. Preciso que você nos leve a algum lugar onde eu possa roubar um carro. O que me diz?

Ele inclinou-se para perto, apoiando as mãos nos joelhos. Seu rosto estava na altura do meu, e eu quase podia ver sua mente trabalhando depressa por trás dos olhos. Se eu estragasse isso, estava tudo acabado.

— Vou levá-los até a rodovia. Vai ser uma das primeiras estradas que vão limpar.

Eu não sabia para que lado ficava a rodovia, onde estava em relação à cabana. Nem mesmo sabia onde estávamos. Mas eu tinha o mapa de Calvin. Se Shaun me deixasse sozinha por alguns minutos, eu poderia usá-lo para determinar nossa localização e descobrir em que direção seguir. Eu *queria* levar Shaun até a rodovia. Uma rodovia significava carros. Pessoas. Ajuda.

— A que distância estamos da rodovia?

— Dez quilômetros — chutei. — Mas não vamos fazer um caminho direto. — Talvez onze?

— Essa é a minha garota.

Ele colocou a cabeça para fora da porta e gritou por Mason, e eu fechei os olhos, aliviada.

Eu tinha passado naquela parte do teste. Tinha conseguido nos manter vivas por mais um tempo. Mas, com certeza, a parte mais difícil — convencê-los de que eu sabia o que estava fazendo, quando estivéssemos caminhando pela floresta — ainda estava por vir.

— Vamos trocar agora. Korbie é a próxima.

Korbie e eu não nos falamos quando passamos uma pela outra. Nossos olhos se encontraram brevemente, e vi que os dela estavam vermelhos e apáticos. Seu nariz estava inchado, o lábio inferior, tremendo. Meus dedos começaram a tremer também, e cerrei os punhos para contê-los. Acenei para ela com a cabeça; uma mensagem secreta. *Calvin e o Urso vão nos encontrar.*

Mas a verdade é que eu não acreditava completamente nisso.

* * *

Lá fora, o vento soprava grandes flocos de neve contra as janelas da despensa. Eles rodopiavam, me lembrando dos cardumes de pequenos peixes brancos.

Escolhi um ponto mais afastado da parede, de modo que a barra não ficasse diretamente na minha linha de visão, e me sentei, me inclinando para trás e abraçando os joelhos contra o peito. O frio lá fora ultrapassava as paredes de cimento, e não demorou muito para eu me empertigar toda.

— Estou com frio — falei para Mason, que estava entre mim e a porta, vigiando.

A visão era quase cômica. Será que ele achava que eu ia conseguir passar por ele? E iria para onde… lá para fora, na tempestade?

— Você pode pelo menos trazer meu casaco? — insisti. Eu estava com o cachecol vermelho que tinha usado a noite toda, mas não era suficiente para me manter aquecida. — Acho que deixei na cozinha.

— Boa tentativa.

— O que você acha que estou "tentando" fazer?

Ele não respondeu.

— Seria péssima se eu corresse para a floresta e me perdesse, não seria? — continuei, sentindo raiva de repente. — Então vocês não teriam ninguém para ajudá-los a sair da montanha. Você e Shaun se meteram em problemas? O que vocês fizeram? Estão fugindo da polícia ou algo tipo? É isso, não é?

Mason permaneceu de boca fechada.

— O que aconteceu na loja de conveniência mais cedo? — Minha intenção tinha sido falar de maneira dura e acusadora, mas minha voz falhou na última sílaba, revelando minha mágoa. — Se você é mesmo um criminoso frio e calculista, por que me ajudou?

Ele me encarou com distanciamento. Pelo menos mostrou que ouvira o que eu disse. Já era meio caminho para uma resposta.

— Você embarcou na minha farsa — continuei. — Enganou meu ex-namorado. Você sabia meu nome. Quem era aquele cara?

— Seu nome estava impresso na blusa.

— Eu sei disso — falei, laconicamente. — A questão é que você perdeu tempo lendo o que estava escrito, se importou. Você era uma pessoa diferente. Me ajudou. E agora está me fazendo refém. Quero uma explicação.

O rosto dele voltou a ficar impassível.

— Você e Shaun acham mesmo que isso vai dar certo? A tempestade vai passar, e as pessoas vão encher a montanha novamente. Vocês não vão conseguir manter nós duas como reféns em segredo. As pessoas vão nos ver lá na floresta juntos… pessoas fazendo trilhas, acampando, além dos guardas do parque. Vão querer conversar, porque isso é o que as pessoas fazem nas montanhas. Elas são simpáticas e observadoras. Vão saber que há algo errado.

— Então nos mantenha longe dessas pessoas.

— Quanto mais nos embrenharmos na floresta, maior a chance de nos perdermos.

— Não se perca.

— Sei que você não é como Shaun — falei, recusando-me a desistir. — Você não queria nos deixar entrar na cabana. É porque sabia que isso iria acontecer, não é? Que Shaun nos faria reféns. E você tentou impedir.

— Mesmo se fosse o caso, não deu certo.

— Você acha mesmo que Shaun vai nos matar? Por que não me diz o que está acontecendo?

— Por que eu faria isso? — questionou ele, irritado. — Estou nessa sozinho. Se está preocupada com o que vai acontecer com vocês, concentre-se em nos tirar da montanha. Se fizer isso, deixaremos vocês irem embora.

— Como vou saber se é verdade?

Ele só olhou para mim.

— Você está mentindo — sussurrei, a voz rouca de repente. — Vocês não vão nos deixar ir embora.

Seu rosto se retesou. Temi ter recebido minha resposta.

Uma ideia louca invadiu meu cérebro. Era arriscada, mas eram a minha vida e a de Korbie em jogo, eu tinha que fazer *alguma coisa*. Mason e Shaun não precisavam de nós duas para tirá-los da montanha — só precisavam de mim. Shaun já achava Korbie inútil. Ela não tinha se preparado para aquela viagem como eu, e isso estava claro. Eu já não achava mais que livraria nós duas daquela confusão, mas pelo menos tinha uma chance de salvar Korbie. Eu só tinha que convencer Shaun de uma vez por todas que ela era inútil e que não representava uma ameaça. E que o melhor a fazer era deixá-la para trás.

Engoli em seco. Eu nunca havia me considerado corajosa. Era a filhinha mimada do papai. Se seguisse em frente com meu plano, isso significaria deixar Korbie para trás. Eu não sabia se tinha coragem de caminhar na floresta sozinha com Shaun e Mason.

Mas não vi escolha.

— Korbie tem diabetes tipo um — falei. — Ela precisa tomar insulina. Se não tomar, entra em coma. Se demorar muito, pode ser fatal.

Uma vez, no acampamento de verão, Korbie e eu convencemos nosso monitor de que Korbie tinha diabetes e não estava se sentindo muito bem para ajudar no trabalho voluntário. Enquanto todas as outras meninas recolhiam lixo nas margens do rio, Korbie e eu roubávamos sorvete da cozinha para comer em nossa cabana. Se Shaun ou Mason perguntassem a ela sobre a diabetes, eu tinha quase certeza de que Korbie se lembraria do nosso truque, saberia que eu estava planejando alguma coisa e embarcaria na história.

— Você está mentindo.

— Ela toma Humalog e Lantus todo dia. Tem que manter o nível de açúcar no sangue o mais próximo possível do normal. — Eu sabia essas coisas sobre diabetes tipo 1 porque meu irmão, Ian, tinha. Se Mason me pressionasse por mais informações, eu tinha de sobra. Eu podia ser convincente.

— Onde estão os remédios dela?

— No carro. Devem estar congelados agora, o que significa que têm que ser jogados fora. Ela não vai aguentar muito tempo sem insulina. Isso é sério, Mason. Você tem que deixá-la ir embora. Sei que Shaun não liga se vamos viver ou morrer, mas você não quer ser o responsável pela morte da Korbie, quer?

Mason me observou atentamente.

— Vocês não estão aqui há tanto tempo. Talvez os remédios não estejam congelados. Me diga como chegar ao seu carro. Vou lá pegar a insulina.

— Estamos aqui há duas horas. Aquela insulina já congelou.

Algo indecifrável passou rapidamente pelo rosto dele. Antes que eu entendesse o que era, uma sombra se moveu na entrada, e percebi que Shaun estava lá. Eu não sabia o quanto ele tinha ouvido, mas seus olhos pareciam ávidos e alertas. Ele fechou a cara, aborrecido.

— Insulina? Isso não parece bom — disse ele, por fim.

— Eu vou lá buscar — disse Mason. — E aproveito para pegar o equipamento delas. Vou levar Britt comigo. Ela vai me mostrar o caminho.

Meu coração deu um pulo com a súbita reviravolta. Se eu fosse até o carro com Mason, poderia tentar encontrar Calvin. Ele já devia estar nos procurando àquela altura, esquadrinhando as estradas próximas a Idlewilde. Quantos caminhos errados eu poderia ter tomado? Um? Devíamos estar perto de Idlewilde. Dez quilômetros, no máximo.

— Não — disse Shaun. — Britt fica. Não quero arriscar perder nosso passaporte para fora daqui. Britt, ensine Mason como chegar lá. Nada de truques. Se ele não voltar em duas horas e meia, vou ter que deduzir que você mentiu. — Ele ficou ainda mais sério. — Acredite, é melhor não mentir para mim.

Eu *tinha* que convencer Shaun a me deixar sair.

— Você não vai saber o que está procurando — falei para Mason. — Você já viu insulina ou uma caneta de insulina antes?

— Eu descubro.

— Não lembro exatamente onde a coloquei...

— É um carro — interrompeu Mason. — Não vou demorar muito para olhar tudo. Você dirige um jipe laranja, certo?

Hesitei.

— Como você sabe?

— O posto de gasolina — respondeu ele, bruscamente. Antes que eu pudesse questioná-lo novamente, continuou: — Como chego ao seu carro daqui?

— Seria mais fácil se eu fosse com você.

— Não — repetiu Shaun com firmeza.

O suor cobria minha pele. Minhas chances estavam se esgotando. Se não encontrasse Calvin antes de adentrarmos a floresta, eu provavelmente seria morta lá. Tão preocupante quanto era a possibilidade de Shaun descobrir que eu mentira sobre a insulina. Minha história estava desmoronando completamente.

Eu poderia dar instruções erradas para Mason não achar o jipe, mas, se ele ficasse vagando por horas, Shaun saberia que eu o havia enganado. Eu não tinha opção a não ser dizer onde estava o carro.

E pensar em outra mentira. Quando Mason voltasse sem a insulina, eu diria que provavelmente me esqueci de guardá-la. De repente me lembraria de tê-la deixado no balcão da minha cozinha. Talvez fosse melhor assim. Se eles achassem que não tinham os remédios para salvar Korbie, provavelmente a deixariam para trás. Principalmente se

acreditassem que ela morreria de qualquer jeito. Na verdade, Shaun poderia pensar que não seria acusado pelo assassinato de Korbie se ela morresse de causas naturais.

— Ficando de frente para a cabana, viemos da esquerda — falei. — Corte caminho pelas árvores até chegar à estrada principal. Depois ande por ela até o meu carro.

— Vou conseguir seguir suas pegadas a maior parte do caminho — disse Mason. — A neve está caindo bem, mas vai dar para ver onde foi revirada.

Mason, então, partiu.

— Fique aqui e não faça barulho. Preciso pensar — disse Shaun, levantando o dedo para mim em advertência.

Ele desligou a luz da despensa, mas deixou a porta entreaberta. Fiquei sozinha, tentando com todas as forças não chorar. Eu arfava em respirações curtas e erráticas, e mordi o punho para abafar o som. Uma preocupação distante começava a se insinuar em meus pensamentos. E se eu não conseguisse convencer Shaun a deixar Korbie para trás? Se ele a arrastasse junto, ela nunca sairia dessa. Mesmo que resistisse à caminhada rigorosa e perigosa até a estrada, eu temia que sua personalidade forte acabasse provocando a fúria de Shaun.

Pisquei para afastar as lágrimas, fungando e tentando me recompor. Eu precisava ser esperta. Minha melhor ferramenta agora era meu cérebro. Tinha que aproveitar aquele tempo para avaliar a minha situação.

Procurei me lembrar de tudo o que eu sabia sobre Mason e Shaun. Shaun tinha uma arma. Isso significava que ele era o líder. Ou será que não? Mason não parecia ser do tipo servil. Eu ainda não tinha entendido bem a amizade deles. Podia sentir uma tensão entre os dois, uma relutante disputa de força. Na maioria das vezes, Mason deixava Shaun decidir as coisas. Mas não por medo. Vi o jeito como ele observava Shaun quando este não estava olhando. O brilho frio em seus olhos ia além do desprezo. Menosprezo, talvez. E, eu podia estar imaginando coisas, mas ele parecia calcular cada movimento de Shaun, quase como se estivesse procurando pontos fracos e guardando as informações para usar depois. Mas por quê?

Pela porta, eu via Shaun de relance enquanto ele andava de um lado para outro em frente ao fogo que começava a se apagar. Ele tinha colocado um chapéu de caubói preto, um Stetson, inclinando-o para que cobrisse os olhos. Talvez eu estivesse vendo coisas onde não havia, mas não podia deixar de lembrar que Lauren Huntsman supostamente tinha desaparecido de Jackson Hole com um caubói usando um chapéu Stetson preto. A ideia de que Shaun pudesse ser esse homem me provocou um violento calafrio.

Fiquei vendo Shaun andar para a frente e para trás, mordendo uma pelinha solta do polegar da mão esquerda. Seus ombros estavam curvados, as pernas, retesadas, os músculos do maxilar, cerrados de concentração. Seu corpo parecia todo tensionado.

Como se ele pudesse atacar a qualquer momento.

CAPÍTULO SETE

Eu tinha adormecido.

Caíra lentamente de joelhos, encolhida por causa da dor nos ombros e no quadril. O piso de cimento não oferecia nenhum conforto ou calor. Limpei a baba do canto da boca, e meu corpo todo estremeceu. A porta da despensa tinha sido fechada, me deixando na escuridão. A corrente de ar fria que entrava pela vidraça fina da janela arrepiou minha pele. A neve ainda caía, mas não sob a forma de grandes flocos dançantes como mais cedo; agora, minúsculos grãos batiam na janela como areia ao vento.

Eu não sabia quanto tempo havia se passado, mas o céu estava completamente escuro. Eu não ouvia Shaun andando pela sala de estar. Nem Korbie soluçando baixo no banheiro.

Para manter a mente ocupada e não ficar pensando no medo que me dominava, tentei me lembrar do formato da cabana, pelo menos a parte que eu tinha visto, e avaliei as rotas de fuga. A porta da frente era a única saída que eu conhecia, e ficava no lado oposto. Eu teria que passar depressa pelo corredor e buscar Korbie, depois voltar pela sala de estar e seguir pelo corredor de entrada, tudo isso sem Shaun me ver nem me ouvir. Além disso, não sabia onde ele tinha colocado nossos casacos. Não duraríamos muito tempo sem eles. E, mesmo se conseguíssemos sair, para onde iríamos? Ninguém estaria de carro por ali com aquele tempo — não haveria ninguém para nos ajudar.

Será que Shaun tinha saído para procurar Mason? Ou talvez ele tivesse adormecido. Fiquei me perguntando se deveria arriscar e sair correndo naquele exato momento.

Eu estava prestes a encostar a orelha na porta para tentar identificar onde Shaun estava, quando ela se abriu.

Shaun trazia uma cadeira dobrável de metal em uma das mãos e uma garrafa de cerveja na outra. Ele afundou na cadeira e olhou para mim, com a cara fechada.

— Qual é o problema? — perguntei.

Ele apontou o dedo para mim, os lábios se repuxando de raiva.

— É melhor você nem falar comigo.

Qualquer frio que eu tivesse sentido desapareceu; na mesma hora, o suor começou a brotar da minha pele. A boca de Shaun formava uma linha virada para baixo, e aqueles olhos que mais pareciam fendas… estavam vidrados de ódio. Ele fechou a porta com força, e meu coração começou a bater tão forte que eu tinha certeza de que ele também ouvia.

Shaun tomou um gole de cerveja e continuou a me encarar.

— Mason ainda não voltou.

Hesitei, sem saber ao certo se ele queria que eu dissesse alguma coisa.

— Ele saiu há quanto tempo? — perguntei cautelosamente.

— Há mais de três horas. Já passa de uma da manhã. Você mentiu para mim, Britt? Você mentiu sobre a localização do carro?

— Talvez ele tenha se perdido — argumentei rapidamente. — Talvez o equipamento esteja pesado e por isso ele esteja vindo devagar.

— Ele levou um trenó. O equipamento não é problema.

— Se você tivesse me deixado ir com ele…

Shaun saiu da cadeira tão rápido que nem ao menos percebi que ele estava vindo para cima de mim. Sua mão agarrou meu pescoço e me empurrou para trás, me atirando na parede. Fiquei muito assustada, e demorei um pouco para me dar conta da dor que estava sentindo. Enquanto eu tentava freneticamente me livrar da mão dele, os nós de seus dedos afundaram com força na parte de baixo de minha mandíbula, bloqueando minhas vias aéreas. Minha visão começou a ficar borrada.

— Você *mentiu*.

Ele soltou a mão o suficiente para eu arfar em busca de ar, que desceu pela minha garganta com um chiado. Balancei a cabeça, fazendo que *não, não, não*.

— Se Mason se perdeu, é porque você indicou a direção errada. Ele está lá fora, procurando um carro que está a quilômetros de distância. Não é verdade, Britt? Você achou que assim iria equilibrar o jogo? Tirá-lo daqui para serem então você e Korbie contra mim? Talvez você seja mais burra do que eu pensava, planejando algo assim.

Agarrei as mãos dele, tentando tirá-las do meu pescoço. Eu não conseguia respirar. Não sabia se ele ia me matar. E estava morrendo de medo de que ele fizesse isso.

— Você levou Mason para longe de mim, talvez eu devesse levar Korbie para longe de você também.

Meus olhos se arregalaram de preocupação.

— Se estamos jogando, eu conheço alguns truques. — Seu rosto estava tão perto que eu via com nitidez as pedras azuis que eram seus olhos. A raiva ardia no fundo deles. — É isso mesmo, Britt. Você jogou, agora é a minha vez. Não é assim que funciona?

Ele afrouxou a mão, e consegui finalmente respirar, ainda que com dificuldade. Assim que inspirei, ele apertou meu pescoço contra a parede de novo.

— Você mandou Mason na direção errada? Se fez mesmo isso, eu não vou gostar nem um pouco. Mas se você disser a verdade agora, podemos trabalhar isso. Balance a cabeça se estiver entendendo.

Zonza, balancei.

— Você está pronta para começar a dizer a verdade?

Sim, sim, assenti. A dor tomou conta dos meus pulmões. Parecia que eu tinha um bloco de cimento no peito.

Shaun afrouxou a mão, e eu gritei de alívio.

— Dê mais meia hora para Mason, por favor — implorei. — Com toda essa neve lá fora, ele vai demorar para chegar ao carro e voltar, e ainda está trazendo o equipamento. Ele está bem, só está indo mais devagar do que imaginamos.

Esperei para ver se Shaun teria um ataque de fúria.

A porta da despensa chacoalhou, como se a pressão na cabana tivesse se alterado de repente. Logo depois, uma rajada de vento entrou por debaixo da porta. Shaun e eu nos viramos para olhar. A porta da frente bateu com força, e ouvimos passos pelo piso de madeira da sala de estar.

— Ace? — gritou Shaun. — É você, amigo?

A porta se abriu. Shaun soltou meu pescoço, e eu recuei, pressionando as costas contra a parede e desejando ser engolida por ela e sumir.

Mason tateou até encontrar o interruptor.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ele, nos encarando.

Seu rosto estava vermelho devido ao frio, e flocos de neve derretida brilhavam em seu cabelo e em suas sobrancelhas. Os ombros e as mangas de seu casaco estavam cobertos de neve também.

— Estamos só conversando — disse Shaun, com a voz mais tranquila do mundo. — Não é mesmo, Britt?

Não respondi. Minha respiração vinha em movimentos fortes e entrecortados. O ar parecia raspar minha garganta. Toquei o pescoço com cuidado, examinando os machucados que faziam minha pele arder.

Olhei para Shaun e vi que um sorriso perturbador se abria em seu rosto. Quase vomitei. Ainda sentia a força esmagadora de sua mão sufocando meu pescoço. Fechei os olhos, e os dele, cheios de ódio, brilharam ainda mais vividamente.

— Você pegou o equipamento? — perguntou Shaun a Mason, a voz incrivelmente suave.

De repente, pensamentos desesperados e irracionais bombardearam minha mente. Eu tinha que sair dali. Tinha que correr. Talvez eu não fosse congelar na floresta; talvez tivesse chances de sobreviver. Eu iria correr esse risco, tudo para ficar longe de Shaun. Iria correr sem parar, até estar fora de perigo.

— O equipamento parece bom? Vai funcionar? — perguntou Shaun.

Mason não respondeu de imediato. Senti seu olhar em mim. Eu queria cavar um buraco na parede e correr para a floresta. Eu teria que aproveitar a primeira chance que aparecesse, porque talvez não houvesse uma segunda.

— O que aconteceu com o pescoço dela? — perguntou Mason.

— Eu a peguei amarrando o cachecol em volta dele, fazendo um nó corredio — disse Shaun com uma risada, apontando para o meu cachecol vermelho no chão. Mais cedo, antes de adormecer, eu o havia tirado e o enrolado, aninhando-o junto ao peito, em busca de algo reconfortante para abraçar. — Dá para acreditar? Mais alguns minutos sozinha, e ela teria se matado. Vamos ter que vigiá-la para ela não se matar.

Encolhi o corpo quando sua mão fria bateu em meu rosto.

— Não complique mais as coisas, Britt. Você pode até conhecer melhor estas montanhas, mas sua amiga está me saindo uma hóspede melhor. Talvez eu mude de ideia a seu respeito.

— Posso falar com a Korbie? — Minha voz era um sussurro fraco e rouco.

— Que tipo de pergunta é essa? — retrucou Shaun, irritado. — O que acha que eu vou dizer?

— Quero ter certeza de que ela está bem.

— Ela está bem.

— Posso, por favor, vê-la? Não vou tentar nada, prometo.

Eu tinha que dizer a ela que sairíamos correndo dali. Na primeira chance que tivéssemos. Não havia como prever o que Shaun seria capaz de fazer com o passar das horas.

— Isso eu não sei — disse Shaun. — Você já tentou se matar. A única coisa que sei é que não posso confiar em você.

Mason não falava havia um bom tempo e, quando olhei para ele, vi que estava com meu cachecol nas mãos, os olhos castanhos vidrados no tecido. Talvez eu estivesse imaginando coisas, mas sua mandíbula pareceu trincar, e seu corpo, se retesar. Será que ele acreditara mesmo na história que Shaun havia contado? Eu não tinha tanta certeza. Se a tensão entre ele e Shaun aumentasse, isso poderia ser útil para mim e para Korbie. Talvez conseguíssemos que Mason passasse para o nosso lado. Talvez ele nos ajudasse a escapar.

Mais uma vez, tentei desvendar o misterioso relacionamento entre Shaun e Mason. Shaun havia mentido para Mason. Mais uma pista. Mais uma prova de que Shaun não detinha todo o poder. Será que ele tinha medo do que Mason poderia fazer se ele me machucasse? Eu não sabia nada sobre Mason, definitivamente não o suficiente para confiar nele, mas sabia que tinha menos medo dele do que de Shaun. O que quer que acontecesse, eu tinha que ficar perto de Mason. Se eu estivesse certa, ele não deixaria Shaun me machucar de novo.

— Acho melhor fazermos um inventário do equipamento — disse Mason, finalmente. — Descobrir do que precisamos e o que podemos deixar para trás.

— Você não deveria ter trazido nada de que não precisamos — criticou Shaun.

— Eu estava congelando e peguei tudo com pressa — disparou Mason. — Você já olhou pela janela? A neve está muito forte. Levei o dobro do tempo para chegar lá e voltar por causa disso. Podemos examinar os equipamentos agora.

Shaun resmungou, concordando.

— Está bem. Temos tempo de sobra. Não vamos sair da cabana até a neve parar.

Seguindo Shaun para fora da despensa, Mason olhou por cima do ombro, como se tivesse se lembrado de uma coisa. Seus olhos castanhos encontraram brevemente os meus.

— A propósito, achei a insulina da Korbie. Não estava congelada. Parece que cheguei na hora certa.

CAPÍTULO OITO

Sozinha na despensa, fiquei paralisada, meu coração batendo descontroladamente. Apoiei as costas na parede e escorreguei até o chão. Dessa vez, não liguei para o frio que passava pelo concreto. Minha mente girava. Não havia insulina alguma no carro. Porque Korbie não era diabética. Era para Mason ter descoberto isso. Ele havia encontrado o equipamento, então provavelmente revirara o jipe. Ele mentira sobre a insulina, e eu não conseguia entender por quê.

Pensei no que ele estava tentando me dizer.

Procurei me lembrar exatamente de suas palavras, do tom de sua voz, de sua linguagem corporal. Com uma das mãos apoiada na maçaneta da porta, ele tocara na questão da insulina casualmente, mas de propósito. Como se precisasse me tranquilizar. *Seu segredo está seguro comigo. Por enquanto.*

Senti a necessidade súbita de ficar a sós com Mason. Eu tinha que descobrir por que ele estava me acobertando, o que ele queria em troca. Esfreguei a testa com a palma da mão. Eu também tinha que me preparar.

Quando a neve parasse, nós partiríamos. Prenderíamos o equipamento nas costas e eu nos guiaria montanha abaixo por um caminho que não conhecia. Peguei o mapa de Calvin, tomando cuidado para não rasgá-lo nas dobras gastas. Me agachei junto à fresta de luz embaixo da porta. Estudei as marcações no mapa com atenção. Rotas de caminhadas fora das trilhas, cavernas, rios, cabanas abandonadas que um dia tinham sido usadas por caçadores — todos os lugares que Calvin tinha explorado e cuidadosamente registrado.

Localizei rapidamente Idlewilde e a rodovia — Calvin havia sinalizado as duas. Quanto mais examinava o mapa, mais certeza eu tinha da nossa posição atual. Calvin tinha marcado uma cabana ao sul de um dos lagos maiores, longe da estrada principal, e escrito "vazia/mobiliada/eletricidade". Se aquela era mesmo a cabana em que estávamos, eu tinha ido longe demais com o jipe. E passado uns oito quilômetros de Idlewilde.

Então parei. E se, em vez de guiar Shaun e Mason até a estrada, eu os enganasse e os levasse para Idlewilde? Se bem que Idlewilde ficava em um ponto mais alto, e eles desconfiariam imediatamente se eu os conduzisse montanha acima. Por ora, eu teria que descer em direção à rodovia. Para longe de Idlewilde e de Calvin.

Olhei pela janela e disse a mim mesma que quando a neve parasse de cair e o céu ficasse mais limpo, as estrelas brotariam e a escuridão não pareceria tão imensa e desesperadora.

Passei o dedo sobre o vidro coberto de gelo. S-O-C-O-R-R-O. As letras rapidamente condensaram e sumiram. Onde será que Calvin estava? Queria acreditar que ele tinha encontrado o jipe e estava juntando as peças do quebra-cabeça, deduzindo nossos

próximos passos. Eu tinha que *acreditar* que aquilo era possível. Será que ele nos encontraria antes de partirmos? Fechei os olhos e fiz uma oração desesperada: *Guie os passos dele, e rápido.*

Calvin conhecia as montanhas melhor do que ninguém. E era engenhoso. Poderia facilmente deixar Mason e Shaun para trás — se nos encontrasse. Na escola, ele tirava notas medianas, mas só porque não se esforçava. Principalmente para provocar o pai, eu tinha certeza. Calvin tinha levado o ensino médio na flauta, fazendo o mínimo necessário, e quanto mais o sr. Versteeg tentava puni-lo, mais negligente ele ficava em relação aos estudos. Uma vez, depois de receber um boletim com notas péssimas, o pai botou Calvin para fora de casa. Ele ficou em um hotel por três dias, até Korbie convencer o sr. Versteeg a deixar o irmão voltar.

Quando Calvin tirou notas impressionantes nas provas de admissão para a faculdade, o sr. Versteeg, em vez de ficar orgulhoso ou aliviado, ficou furioso porque o filho provara que ele estava errado — que tinha capacidade para entrar em uma universidade de primeira linha como Stanford, do seu jeito.

No ano anterior, havia circulado pela escola o boato de que o sr. Versteeg tinha doado uma quantia substancial a Stanford e comprado, assim, a aprovação de Calvin, mas Korbie jurava que isso não era verdade.

— Meu pai nunca ajudaria Calvin, ainda mais depois da maneira como ele lidou com essa história de entrar para Stanford — disse-me ela em particular.

Andei de um lado para outro na despensa, tentando combater o frio que se manifestava através de centenas de arrepios nos braços. Estava prestes a me virar e andar até o canto oposto quando meus olhos pousaram em uma caixa de ferramentas grande e antiga na prateleira de plástico mais baixa. Eu estava tão distraída e assustada que não tinha notado aquilo antes. Talvez houvesse uma arma ali dentro.

Com cuidado para não fazer barulho, arrastei a caixa, manchada de ferrugem, para o piso de concreto. Abri as travas e levantei a tampa.

A familiaridade me envolveu como uma nuvem fria e úmida.

Minha mente tentava entender as formas dentro da caixa. Longas hastes pálidas e uma esfera, com dois grandes buracos abaixo da curva da testa, e um terceiro buraco, um nariz, centralizado abaixo deles. Os membros estavam dobrados nas articulações para caberem na caixa. Uma pele dura e coriácea e tecido conjuntivo mantinham o corpo já bem decomposto unido.

Paralisada, em estado de estupor, arfei sem forças. Logicamente, eu sabia que aquela coisa, *ela*, a julgar pelo vestido preto curto e sujo, não podia me machucar. O corpo era o resto de uma vida que se fora. Saber que alguém tinha morrido naquela despensa era o que mais me apavorava. Alguém como eu, presa ali. Era como se uma janela aparecesse em meu cérebro e eu visse através dela o que me aguardava.

Fechei os olhos. Quando voltei a abri-los, o cadáver ainda estava lá. O sorriso cheio de dentes da caveira parecia zombar de mim. *Você é a próxima.*

Fechei a caixa. Recuei. Um grito preso na garganta.

Eu não podia contar a Mason ou Shaun o que tinha visto. Eles provavelmente sabiam sobre o corpo. Provavelmente o haviam colocado ali. Eu não teria que guardar nenhum

outro segredo deles. Minha vida já corria perigo suficiente assim.

Procurei, então, afastar a imagem do corpo, mordi meu lábio trêmulo e tentei não pensar em morte.

CAPÍTULO NOVE

Ouvi dizer que, quando as pessoas estão perto da morte, as lembranças passam diante de seus olhos, como se fosse um filme. Enquanto eu aguardava para ver que destino Shaun e Mason reservavam para mim, pensei na hora em Calvin, que eu desesperadamente esperava que estivesse a nossa procura.

Na primeira vez em que fui acampar com os Versteeg, eu tinha onze anos, e Calvin, treze. Estávamos em julho, e as montanhas eram um alívio refrescante para o calor da cidade. Korbie e eu finalmente tínhamos idade o bastante para dormirmos do lado de fora sozinhas, e o sr. Versteeg nos ajudou a armar uma barraca no gramado atrás de Idlewilde. Ele prometeu deixar a porta da cozinha destrancada, para o caso de precisarmos usar o banheiro no meio da noite.

Korbie e eu espalhamos batons e embalagens coloridas de blush e sombra no chão da barraca, e cada hora uma maquiava a outra, tentando ficar iguais a Katy Perry. Quando terminássemos, íamos filmar nosso próprio vídeo da música "Hot N' Cold". Korbie tinha esse sonho de ser famosa, e mal podia esperar para começar.

Korbie estava passando um batom vermelho vivo na minha boca quando ouvimos barulhos que imitavam um fantasma vindos do lado de fora. Um feixe de luz dançava erraticamente pelo tecido da barraca.

— Deixe a gente em paz, Calvin! — gritou Korbie.

— Calma — disse ele, abrindo a barraca e entrando agachado. — Vim trazer a lanterna. Mamãe disse que vocês esqueceram.

— Está bem — respondeu Korbie, arrancando a lanterna das mãos dele. — Agora saia. Vá brincar com o Rohan Larsen — acrescentou, em um tom de deboche.

Calvin mostrou os dentes para ela como um cão.

— O que que tem o Rohan? — perguntei.

Korbie tinha me chamado para viajar com ela, e Calvin chamara Rohan. Eu achava que Calvin e Rohan fossem amigos.

— Meu pai fez Calvin trazer Rohan — disse Korbie com um ar presunçoso de superioridade —, mas Calvin não o suporta.

— Meu pai gosta do Rohan porque ele manda bem no tênis e é inteligente, e seus pais são ricos — explicou-me Calvin. — Ele acha que assim vou ficar igual a Rohan. Ele não me deixa nem escolher meus próprios amigos. Já sou bem grandinho, e ele continua mandando nas minhas amizades. É tão idiota. *Ele* é um idiota.

Olhei preocupada para Korbie.

— Ele fez você me convidar? — Eu não podia suportar a ideia de Calvin e Korbie rindo de mim pelas costas.

— Ele só faz essa coisas com o Calvin — assegurou-me Korbie.

— Porque você é a *princesa* dele — disse Calvin, com um um tom sombrio de aversão. — Ele não liga para o que você faz.

— Saia *agora* — retrucou Korbie, curvando-se para a frente e ficando cara a cara com o irmão.

— Vou sair, pode deixar. Mas, antes, vocês sabem que noite é essa, não sabem? — perguntou Calvin.

— Sexta-feira — respondi.

Seus olhos brilharam.

— Treze.

— Sexta-feira treze é uma superstição idiota — disse Korbie. — Saia antes que eu comece a gritar. Vou falar para a mamãe que você estava tentando ver a calcinha da Britt. Ela vai deixar você de castigo, sem videogame o fim de semana *todo*.

Calvin olhou para mim e eu corei. Eu estava usando minha velha calcinha branca com buracos no elástico. Se ele realmente a visse, eu morreria de vergonha.

— Você não iria me dedurar, não é, Britt? — perguntou-me ele.

— Vou ficar fora disso — murmurei.

— Se sexta-feira treze é apenas superstição, por que os hotéis não têm o décimo terceiro andar? — perguntou à irmã.

— Os hotéis não têm décimo terceiro andar? — perguntamos Korbie e eu ao mesmo tempo.

— Não. Dá azar. É onde os incêndios, suicídios, homicídios e sequestros acontecem. Finalmente as pessoas se ligaram e cortaram o décimo terceiro andar.

— Cortaram? — questionou Korbie, com os olhos arregalados.

— Não com uma serra, sua estúpida. Eles renomearam. Todos passaram a se chamar 12A. De qualquer forma, vocês têm um motivo para terem medo da sexta-feira treze. É quando os fantasmas se levantam dos túmulos para mandarem recados para os vivos.

— Que tipo de recado? — perguntei, sentindo os pelos na nuca arrepiarem de empolgação.

— Mesmo se acreditássemos nisso, o que não é o caso, por que você está contando isso para a gente? — perguntou Korbie.

Calvin estendeu a mão pela porta da barraca e pegou uma sacola azul. Eu podia dizer pela forma como o tecido se esticava que havia algo com quinas pontudas lá dentro.

— Acho que deveríamos ver se os fantasmas têm algum recado para a gente.

— Vou falar para a mamãe que você está tentando nos assustar de propósito — disse Korbie, olhando cautelosamente para a sacola antes de ficar de pé.

Calvin agarrou a manga do pijama dela e a puxou para baixo.

— Se vocês ficarem caladas por cinco segundos, vou mostrar uma coisa muito legal. Legal mesmo. Querem ver?

— Eu quero — respondi.

Olhei para Korbie e vi que tinha dito a coisa errada, mas não liguei. Eu queria que Calvin ficasse na barraca o máximo possível. A pele dele estava bronzeada, resultado dos

dias que passou no lago Jackson, e ele estava quase da altura do pai. Korbie havia me contado que ele tinha começado a fazer flexões e abdominais durante o verão, e dava para perceber. Ele era muito mais bonito do que qualquer um dos garotos do quinto ano. Parecia um homem.

Calvin puxou uma placa de madeira da sacola. Na frente da placa, um alfabeto gravado em uma fonte toda desenhada. Os números de um a dez apareciam logo abaixo do alfabeto. Soube logo que era um tabuleiro Ouija. Meu pai não deixava Ian e eu brincarmos com aquilo. No catecismo, meu professor me dissera que o tabuleiro Ouija tinha o poder do diabo. Senti um arrepio subir pela coluna.

Calvin tirou da sacola um pequeno apetrecho triangular com um buraco no meio e o colocou no tabuleiro.

— O que é isso? — perguntou Korbie.

— Um tabuleiro Ouija — respondi. Olhei para Calvin, e ele assentiu.

— O que isso faz?

— Usa médiuns... *espíritos*... para responder às suas perguntas — disse Calvin.

— Não temos que dar as mãos para usar? — perguntei, esperando que os boatos que eu ouvira fossem verdadeiros, e que eu parecesse inteligente na frente de Calvin.

— Mais ou menos — disse ele. — Duas pessoas colocam o dedo no ponteiro. Acho que existe uma chance de as pontas dos dedos se tocarem.

Cheguei mais perto dele.

— Não vou tocar na sua mão suada e nojenta — disse Korbie a ele. — Vou ficar cheirando ao protetor que você usa para fazer esportes. Já vi você com a mão dentro do short quando acha que não tem ninguém olhando.

Korbie e eu cobrimos a boca em um ataque de risos.

— Vocês são tão imaturas — disse Calvin. — Mal posso esperar para ter uma conversa de verdade com vocês.

"Eu também", pensei, sonhadora.

— Prontas? — perguntou Calvin, olhando para a gente com um ar sério. — Há apenas uma regra: nada de empurrar o ponteiro. Você tem que deixá-lo se mover sozinho. Tem que deixar os espíritos o guiarem, porque só eles podem ver o futuro.

— Você acha que tem um fantasma aqui? — perguntou Korbie, fingindo que estava sussurrando enquanto abafava mais risos.

Calvin ligou a lanterna para iluminar a barraca. Ela não era muito grande, mas ele queria que víssemos que estávamos completamente sozinhos. Se o ponteiro se movesse, seria apenas por meios sobrenaturais.

— Perguntem qualquer coisa — disse ele. — Perguntem sobre o seu futuro.

"Vou me casar com Calvin Versteeg?", perguntei em pensamento.

— Se isso funcionar mesmo, vou fazer xixi nas calças — disse Korbie.

Eu estava com medo do tabuleiro Ouija, e com medo de que meu pai descobrisse o que eu estava fazendo, então fiquei aliviada quando Calvin se voluntariou:

— Eu vou primeiro.

Com uma voz calma e cerimoniosa, ele perguntou ao tabuleiro Ouija:

— Qual de nós três vai morrer primeiro?

Engoli em seco, olhando com nervosismo para o ponteiro. Meu coração estava apertado, e percebi que tinha parado de respirar. Korbie brincara sobre molhar as calças, mas achei que seria eu a fazer isso.

A princípio, o ponteiro não se mexeu. Olhei para Korbie, e ela deu de ombros. Mas então, lentamente, o apetrecho triangular começou a deslizar em direção às letras pretas.

C.

— Não estou empurrando, juro — disse Korbie, olhando nervosa para Calvin.

— Quieta — repreendeu Calvin. — Eu não disse que estava.

A.

— Ah, meu Deus — disse Korbie. — Ah, meu Deus. Ah, meu Deus!

L.

— Estou com medo — falei, cobrindo os olhos. Mas eu não suportava todo aquele suspense, e afastei os dedos, espiando por entre eles.

— Como é que Calvin vai morrer? — sussurrou Korbie para o tabuleiro.

C-O-R.

— Cor? — questionei, sem saber se aquilo era mesmo uma resposta. — Será que quer dizer "corda"?

Calvin energicamente fez um sinal para que eu ficasse quieta.

— Quem vai me matar? — perguntou ele, franzindo a testa.

P-A-I.

Então, algo aconteceu. Um músculo no maxilar de Calvin saltou, como se ele estivesse trincando os dentes com força. Ainda agachado, ele ergueu as sobrancelhas enquanto olhava quase com ódio para o tabuleiro.

— Papai nunca faria isso com você — insistiu Korbie, em voz baixa. — É só um jogo, Calvin.

— Não tenha tanta certeza — murmurou ele, por fim. — Ele escolhe meus amigos e decide quais esportes posso praticar. Ele avalia cada dever de casa e me obriga a refazer a maioria. Provavelmente vai determinar para que faculdade vou e com quem devo me casar. Britt estava certa... o tabuleiro Ouija queria dizer "corda". E meu pai já está fazendo um belo trabalho me estrangulando.

Aquela não era uma lembrança agradável, mas eu não conseguia me concentrar em nenhuma coisa boa enquanto estava presa naquela despensa com um corpo. Essa recordação de anos antes me fez pensar que deveria pegar mais leve com Cal. Sua infância e adolescência não foram fáceis. Ele podia ter me traído e me magoado quando terminou o namoro, mas não era uma má pessoa.

E, se ele nos salvasse, prometi a mim mesma que o perdoaria por tudo.

CAPÍTULO DEZ

O corpo na caixa de ferramentas ainda assombrava meus pensamentos quando a neve parou de cair. Eu estava encolhida no chão, tentando pegar no sono para esquecer o frio. Shaun abriu a porta da despensa. A escuridão era tanta que o raio de luz que adentrou o lugar feriu meus olhos.

— Levante-se. Estamos saindo.

Eu estava naquele estado meio grogue entre o sono e o despertar. Ele pressionou minhas costelas com a bota, e eu me levantei depressa.

— Cadê o Mason? — perguntei na mesma hora.

— Foi buscar a Korbie. Eles vão nos encontrar lá fora. — E jogou meu casaco e um grande embrulho aos meus pés. — Prenda isto.

Tentei não demonstrar meu desespero. Korbie iria com a gente. Eu tinha corrido um risco enorme mentindo sobre a insulina, mas não tinha sido o suficiente para convencer Shaun a deixar Korbie para trás. Eu precisava aceitar o fato de que ela não sairia em busca de ajuda. Ninguém nos encontraria agora. Senti o pesadelo tomar conta de mim.

Depois de vestir o casaco, coloquei a mochila nos ombros, e o peso me desequilibrou um pouco. Valeu a pena ter me forçado a aumentar gradualmente o peso ao longo das minhas caminhadas. Mas eu teria que encontrar uma maneira de passar alguns dos suprimentos de Korbie para minha mochila. Caso contrário, certamente ela não iria aguentar. Ela não havia se preparado como eu, já que contava com o Urso para levar o equipamento pesado.

— Você está com dois sacos de dormir, tapetes, papel higiênico e algumas mudas de roupa que Ace pegou da mala em seu carro — disse Shaun. — Ace e eu estamos com as barras de granola do seu carro, água, o acendedor, lanternas comuns e de cabeça, cantis, cobertores e bússolas… a sua, e uma que Ace já tinha. — Ele olhou bem fundo nos meus olhos, de forma ameaçadora. — Tente correr, e você não vai durar muito.

— Que horas são?

— Três.

Três da manhã. Eu tinha dormido um pouco, então. Com sorte, Korbie também. Precisaríamos de energia para caminhar pelo terreno acidentado.

— Preciso usar o banheiro.

— Seja rápida.

No banheiro, dei mais uma olhada no mapa de Calvin. Fechei os olhos, tentando gravar os pontos principais. Dobrei o mapa e o guardei na minha camisa, junto ao meu peito, onde podia senti-lo. Eu tinha enrolado meu cachecol vermelho na cabeça, improvisando uma espécie de máscara de esqui. Quando o tecido macio tocou meu rosto, pensei em

meu pai, que me dera o cachecol de presente. Tentei lembrar se tinha dado um abraço apertado e demorado nele ao me despedir.

Shaun e eu adentramos a escuridão. A neve cobria minhas botas, e as árvores ao redor pareciam ter sido pintadas com gelo. Tinha parado de ventar e dava para ver a lua cheia, projetando uma estranha luz azul enfumaçada na neve brilhante. Eu ouvia o triturar da neve a cada passo; a camada superior estava congelada, mas minhas botas afundavam facilmente.

Minha respiração fez uma nuvem de fumaça quando falei.

— Cadê o Mason e a Korbie?

— Saíram antes. Vamos alcançá-los.

— Eles sabem o caminho para a rodovia? — perguntei, intrigada. Pensei que fosse por isso que Mason e Shaun precisavam de mim.

— Estamos testando as bússolas. Apenas me siga.

Shaun tinha uma bússola na palma da mão, mas algo não estava certo. Testando bússolas? Longe um do outro?

— Devíamos ter ficado todos juntos — falei, franzindo a testa.

— Você — disse ele, girando abruptamente e aproximando o rosto do meu — não dá as ordens.

Eu me encolhi, assustada. Ele continuou a me encarar, quebrando o silêncio ameaçador com uma risada estranha. Eu não queria viajar sozinha com Shaun, mas não tinha escolha. Por ora, minha melhor opção era ficar fora do seu caminho. Nós nos encontraríamos com Mason e Korbie em breve. Com Mason por perto, não acho que Shaun iria me machucar. Eu não havia decidido confiar em Mason. Mas ele tinha mentido sobre a insulina para me acobertar, e isso devia significar alguma coisa.

Continuamos nossa caminhada lenta e regular pela encosta da montanha. O olhar de Shaun corria da bússola para o túnel de escuridão à frente. Se a neve não voltasse a cair, deixaríamos um rastro a partir da cabana. E eu rezava para que Calvin o encontrasse.

Minutos depois, um vulto emergiu das árvores. No começo pensei que estivesse vendo coisas, mas a forma de um homem tornava-se mais distinta à medida que ele se aproximava. Meu coração disparou com a súbita reviravolta. Uma pessoa, alguém que poderia me ajudar. Shaun devia ter visto o homem também, porque se virou com a lanterna de cabeça naquela direção, banhando o homem com um cone de luz.

— Você nos achou — disse Shaun, bem-humorado.

Senti o desânimo se abater sobre mim quando Mason protegeu os olhos do brilho da lanterna.

— Diminua a luz.

Shaun aproximou sua bússola da de Mason, comparando-as.

— Parece que as duas estão funcionando bem agora. Crise evitada.

Mason olhou para mim.

— O gerador da cabana estava fazendo sua bússola andar para trás, mas parece que está funcionando agora — explicou ele.

— Cadê a Korbie? — perguntei, procurando entre as árvores atrás de Mason, e esperando que ela surgisse da escuridão.

Mason e Shaun se encararam, mas nenhum dos dois respondeu.

— Onde ela está? — repeti, sentindo a primeira pontada de esperança... e pânico. Mason desviou os olhos, evitando os meus. O que eles não estavam me dizendo?

— Ficou na cabana — disse Shaun, finalmente.

Pisquei, confusa.

— O quê?

— Temos poucos suprimentos — disse ele asperamente. — Só trouxemos o necessário. E ela não é necessária. Principalmente se estiver doente.

As palavras dele mexeram comigo, me deixando animada mas cautelosa. Não queria criar muitas expectativas tão cedo.

— Mas você disse que ficaríamos todos juntos.

— Sei o que eu disse, mas os planos mudaram. Korbie vai ficar na cabana. Ela não conhece as montanhas como você e representa um risco.

Parei. Meu corpo inteiro vibrava de esperança e alívio. Eles tinham deixado Korbie para trás. Se ela conseguisse resistir um dia sem comida, até a neve derreter, conseguiria escapar sem dificuldades. Ela podia sair para procurar ajuda. Ou, ainda melhor, Calvin veria as luzes da cabana e a encontraria. Ela contaria tudo o que aconteceu, e ele viria atrás de mim. Eu só tinha que ser corajosa por um pouco mais de tempo.

E reagir àquela mudança nos planos da maneira que Shaun esperaria. Não podia deixá-lo perceber que aquela decisão me agradara, que eu tinha um plano secreto.

— Nós temos que voltar! — falei. — Vou tirá-los da montanha, mas primeiro temos que buscar a Korbie. Comemos tudo o que tinha na casa. Se os canos congelarem, ela vai ficar sem água. Pode levar dias para alguém encontrá-la. Nós temos que voltar.

Pelo canto do olho, vi Shaun sacar a arma do bolso de seu casaco. A expressão em seu rosto era fria.

— Quanto mais rápido você nos tirar das montanhas, mais tempo vai ter para voltar e salvar sua amiga.

Encarei-o de frente, ainda que ele me assustasse. Meu estômago se embrulhou quando lembrei que quis beijá-lo horas antes. Eu nunca tinha me enganado tanto sobre uma pessoa em toda a minha vida. Senti um gosto amargo e quente subir pela garganta. Eu estava tão desesperada por atenção, para provar algo para Korbie, que tinha caído completamente na armadilha daquele monstro.

Agora eu estava começando a ver a situação com clareza. Shaun acreditava que tinha deixado Korbie para trás para morrer. E não sentia nenhum remorso. Assim que eu ajudasse Mason e ele a saírem da montanha, não haveria nada que o impedisse de dar a mim o mesmo destino. Eu tinha conseguido salvar Korbie, mas não tinha nenhuma garantia quanto a minha própria vida.

Curvei-me para o lado e esvaziei o estômago.

— Deixe-a em paz — ordenou Mason. — Você só está piorando as coisas. Precisamos que ela se concentre.

Mason chutou um pouco de neve para cobrir a sujeira que fiz e me entregou um rolinho de papel higiênico que trazia no bolso do casaco. Não consegui limpar tudo e ele gentilmente secou minha boca.

Quando ele falou, eu esperava que sua voz soasse rude, mas, em vez disso, suas palavras pareciam marcadas pelo cansaço.

— Faça uma pausa, Britt, para se recuperar. E depois nos leve até a rodovia.

CAPÍTULO ONZE

Calvin Versteeg foi minha primeira paixão. Meu amor por ele foi crescendo ao longo dos anos e foi selado em seu décimo aniversário. Eu me lembrava daquela sensação mágica e inebriante de ter certeza de que ele era *o cara*.

Mesmo Calvin sendo dois anos mais velho do que eu, ele só estava um ano acima no colégio. Fazia aniversário em agosto, próximo ao início do semestre, e seus pais preferiram colocá-lo no jardim de infância no ano seguinte, para que ele crescesse um pouco mais e aumentasse suas chances de se dar bem nos esportes. Foi uma boa jogada. No segundo ano, Calvin tinha conquistado um lugar no time de basquete da escola. No terceiro ano, seu nome estava na lista de jogadores fixos.

Uma vez, fomos de carro até o lago Jackson com os Versteeg. Calvin e mais dois amigos pediram para ir na última fileira de bancos. Korbie e eu ficamos presas na fileira do meio, mais perto dos pais dela. Toda vez que nos virávamos para espiar Calvin e companhia, ele batia nossas cabeças uma na outra.

— Mãe! — gritou Korbie. — Calvin está machucando a gente!

A sra. Versteeg olhou por cima do ombro.

— Deixe seu irmão em paz. Converse com a Britt, ou brinque com seus bichinhos do My Little Pony. Estão na mala embaixo do seu banco.

— É. — Calvin riu baixinho. — Brinque com seus pôneis. Aposto que eles têm uma surpresinha para você.

Korbie colocou a mala no colo e a abriu.

— *Mãaaae!* — Ela gritou tão alto que meus tímpanos vibraram. — O Calvin cortou o cabelo dos meus pôneis! — Ela se virou para trás, o rosto ficando vermelho. — Vou matar você!

— Qual é o problema? — perguntou Calvin, com um sorriso diabólico. — A mamãe compra outros para você.

Lembro-me de ter pensado que Calvin era o irmão mais malvado do mundo. Pior do que meu irmão, Ian, que se escondeu no meu armário e, quando apaguei a luz, pulou e gritou "Buu!". Levar um susto era muito melhor do que ter pôneis carecas.

É claro que Calvin deu um jeito de mudar minha opinião sobre ele ao longo do dia. Depois de passar a tarde fazendo esqui aquático, ele e os amigos pegaram rãs no lago, e Calvin me deixou dar um nome para a sua rã. Embora eu tivesse escolhido um nome idiota — Fofinho —, Calvin aceitou e não trocou.

Mais tarde naquela noite, quando estávamos na fila para usar o banheiro antes da longa viagem para casa, sussurrei no ouvido dele:

— Até que você não é tão chato assim.

Ele beliscou meu nariz.

— Não vá se esquecer disso.

Na volta, ninguém fez questão de escolher onde ia se sentar no carro. Estávamos muito cansados. De alguma forma, acabei ao lado de Calvin. E adormeci com a cabeça em seu ombro. E ele deixou.

CAPÍTULO DOZE

— Você tem certeza de que estamos no caminho certo?

Com cuidado para que não percebessem, dobrei o mapa de Calvin nas marcas já gastas e o enfiei, pela gola da blusa, no sutiã. Fechei os olhos brevemente, bloqueando a distração da voz de Shaun que vinha das árvores um pouco mais atrás enquanto tentava memorizar as anotações e a topografia. Quanto mais caminhávamos e passávamos pelos pontos de referência, mais certeza eu tinha de que sabia onde estávamos.

Fechei a calça e saí de trás do pinheiro que fazia as vezes de biombo.

— Me digam vocês — respondi, estoicamente. — Não sou eu quem está com as bússolas. Estamos indo para o sul?

— A paisagem não muda — reclamou Shaun, abrindo a bússola para confirmar se havia nos guiado pelo caminho certo. — Não estamos chegando a lugar algum.

Ele estava certo. Estávamos viajando há horas, mas tudo era uma questão de perspectiva. Segundo o mapa de Calvin, tínhamos avançado poucos milímetros.

— Pensei que a rodovia ficasse a sudeste da cabana — disse Mason, franzindo ligeiramente o cenho.

Senti um calafrio de medo, mas procurei demonstrar tranquilidade.

— É. Mas temos que dar a volta em um pequeno lago antes. Vamos virar a leste assim que o contornarmos. Pensei que você não conhecesse a área.

— Não conheço — respondeu Mason, lentamente. — Mas dei uma olhada em um mapa no posto de gasolina ontem. — Ele franziu ainda mais o cenho, o rosto anuviado pelo olhar de concentração de quem está se esforçando para se lembrar de alguma coisa. — Posso estar fazendo confusão.

— Bem, qual é o caminho? — disparou Shaun. — Um de vocês está certo.

— Sou eu — falei, confiante.

— Ace? — indagou Shaun.

Mason esfregou o queixo, pensativo, mas não disse nada. Só consegui respirar mais tranquila um minuto depois. Porque Mason estava certo. O caminho mais rápido para chegar à rodovia *era* seguindo a sudeste. Mas agora que eu sabia onde estávamos, não estava levando os dois até lá. De acordo com o mapa de Calvin, se mudássemos o caminho para o sul, passaríamos por uma cabana da Guarda Florestal.

De acordo com meus cálculos, chegaríamos lá antes de o sol nascer.

* * *

A lua estampara o céu a maior parte da noite, mas, pouco antes de amanhecer, foi encoberta pelas nuvens, deixando-nos outra vez sob aquela indescritível sombra de imensidão negra. O vento também voltara, chicoteando as árvores e queimando nosso rosto.

Recorremos às lanternas de cabeça, ainda que Mason tivesse deixado claro que precisávamos economizar pilhas. As instruções da embalagem diziam que cada lanterna só tinha vida útil de três horas.

Minhas costas doíam com o peso da mochila. Minhas pernas, rígidas de frio, moviam-se pela neve com passos curtos e lentos. Fora um pequeno cochilo na cabana, eu não dormia havia quase vinte e quatro horas. Minha visão entrava e saía de foco, enquanto eu tentava me concentrar no tapete monótono branco cristalino que se estendia em todas as direções. Eu fantasiava como seria deitar na neve, fechar os olhos e sonhar que estava em outro lugar, em qualquer outro lugar.

— Tenho que fazer xixi de novo — falei, parando para recuperar o fôlego.

Não estávamos indo rápido, mas o peso da mochila e o impacto da descida íngreme e acidentada estavam cobrando seu preço.

— Você está dando muita água a ela — queixou-se Shaun com Mason. — Toda hora ela precisa parar. — Ele se virou para mim. — Vá rápido.

Mason me ajudou a tirar a mochila e apoiou-a em uma árvore antes de tirar a sua. Ele girou o ombro algumas vezes para relaxar, e percebi que o peso começava a incomodá-lo também.

— Não ligue para ele — disse Mason e, embora não houvesse gentileza em sua voz, também não havia desprezo. Seu tom foi mais trivial, sem emoção. Ele me entregou sua lanterna de cabeça. — Pode levar uns cinco minutos.

Andei uma curta distância e fui para trás de um pinheiro. Desliguei a lanterna e me virei para olhar por entre os galhos, observando-os. Shaun estava se aliviando ali mesmo, sem procurar um lugar mais reservado nem nada, e Mason tinha apoiado o braço em uma árvore, descansando o rosto na curva do cotovelo. "Se alguém pudesse dormir em pé, seria assim", pensei. De nós três, Mason era o mais forte, então fiquei surpresa em ver que ele era quem mais estava se cansando com a caminhada. Ele tirou uma das luvas e esfregou os olhos, com um ar cada vez mais exausto.

Me perguntei, então, se um dos dois notaria que eu não havia voltado caso os cinco minutos se transformassem em dez. Eu podia correr. Era uma opção que piscava como uma lâmpada com mau contato em minha mente. Tinha prometido a mim mesma que aproveitaria a primeira chance que tivesse. Eu podia voltar para buscar Korbie e nós duas juntas poderíamos procurar ajuda. Mas, se o mapa de Calvin estivesse certo, nós veríamos a cabana da Guarda Florestal quando chegássemos ao próximo declive. Eu podia correr agora, e enfrentar aquela imensidão sozinha, ou podia ficar, e rezar para que houvesse um guarda na cabana.

Pensei um pouco mais para a frente. Quando víssemos a cabana, Mason e Shaun seriam pegos de surpresa e eu também teria que fingir espanto. Precisaria fazer os dois acreditarem que não tinha planejado encontrá-la, e teria que convencê-los a bater à porta.

Então, comunicaria disfarçadamente ao guarda que eu estava em apuros — nós dois estávamos. Porque se eu levasse Mason e Shaun até a cabana da Guarda Florestal, arrastaria o guarda do parque para o meio dessa história. Querendo ou não. A diferença, procurei me convencer, era de que o guarda do parque era treinado para lidar com o pior.

Depois de ter certeza de que Mason e Shaun não tinham vindo checar o que eu estava fazendo, peguei o mapa de Calvin e o examinei atentamente sob a luz da lanterna. Um pouco depois da cabana da Guarda Florestal havia um lago estreito e pequeno. Calvin anotara: "Fonte de água limpa." Guardei essa informação antes de voltar para onde estavam Mason e Shaun.

— Quanto tempo até descansarmos? — perguntei a eles. — Não podemos continuar andando toda vida sem dormir.

— Vamos descansar depois que o sol nascer — disse Mason. — Temos que chegar à rodovia quando eles limparem as estradas.

"Assim você vai poder roubar um carro antes que a polícia o encontre", pensei.

— Sei que há um lago não contaminado por perto, mas isso vai nos tirar do caminho por cerca de uma hora — falei. — É a nossa última oportunidade de conseguir água limpa.

Mason assentiu.

— Então vamos reabastecer no lago, armar um abrigo temporário e tirar um cochilo rápido. — Ele estendeu a mochila na minha direção, e provavelmente percebeu a cara de desgosto que fiz, porque sorriu de leve, como que se desculpando. Então baixou a voz, para que as palavras seguintes ficassem apenas entre nós dois. — Sei que a mochila está pesada, mas estamos quase lá. Só mais algumas horas.

Peguei a mochila com ar desconfiado, sem saber direito como interpretar aquele pequeno gesto de gentileza. Ele estava me fazendo refém. Como esperava que eu reagisse? Retribuindo o sorriso? Então me lembrei do corpo na cabana, e tentei conciliar aquela versão atenciosa de Mason com a de um possível assassino. Sua gentileza era sincera? Será que ele me mataria se precisasse?

— Mais algumas horas — repeti.

Não disse isso a ele, mas, se as coisas saíssem como eu esperava, iríamos parar bem antes.

Menos de trinta minutos depois, quando nos aproximamos da subida da encosta, caminhando em diagonal por entre as árvores para pegar a parte menos acidentada da montanha, vi pela primeira vez a cabana da Guarda Florestal. Era pequena, dois ou três cômodos, no máximo, com um telhado baixo e uma pequena varanda.

Até aquele momento, eu mantivera minha esperança sob controle, com medo de não encontrar a cabana, mas de repente meu coração se encheu, ardendo em meu peito. A sensação de alívio me atingiu com mais força do que o vento frio. A cabana estava logo à frente. Com um guarda lá dentro, eu tinha certeza. Depois de tudo que tinha dado errado, eu finalmente teria um pouco de sorte. O pesadelo chegaria ao fim.

Ao meu lado, Mason parou. Agarrou meu braço e me puxou para trás de uma árvore. Shaun pulou para o outro lado, escondendo-se atrás de outra árvore a poucos metros de distância. Dava para ouvir a respiração acelerada e entrecortada de Mason.

— O abrigo lá em baixo. Você sabia disso? — perguntou, sussurrando em um tom áspero.

Fiz que não com a cabeça. Falar poderia me denunciar. Uma estranha e deliciosa esperança retumbou em meu peito, e eu tinha medo de que Mason pudesse identificá-la em minha voz.

— Então é uma coincidência? — questionou ele, incrédulo.

— Eu não sabia! — falei, com os olhos arregalados. — Pense, o abrigo é minúsculo em comparação com a imensidão da floresta. Seria mais fácil não encontrá-lo. Eu teria que ter um mapa para achá-lo no escuro. É uma coincidência, só azar.

Shaun apontou um dedo ameaçador para mim.

— Se você sabia disso, se nos trouxe aqui de propósito…

— Eu não sabia, juro. Vocês têm que acreditar em mim. — Eu estava tão perto. A distância até a cabana da Guarda Florestal lá embaixo era pequena. Eu não podia estragar tudo. — Você escolheu o caminho e me disse aonde queria ir. Você teve mais controle sobre a direção que seguimos do que eu.

Mason cobriu a boca com as mãos, pensando.

— Ninguém pode nos ver de lá com essa escuridão. Não fomos vistos. Nada mudou — disse ele.

— Então vamos dar a volta pelo caminho mais longo — disse Shaun. — Andamos uns dois quilômetros em outra direção, se for preciso.

— E se a cabana estiver vazia? — sugeri. — Se os canos não tiverem congelado, deve ter água corrente. Provavelmente comida e outros suprimentos também. Se nos reabastecermos aqui, não vamos ter que sair da nossa rota para encontrar o lago de que falei. Isso vai nos poupar muito tempo.

Mason me observou.

— Você está sugerindo que a gente invada o abrigo? — perguntou ele.

— Não vamos conseguir chegar à rodovia com o que temos. Precisamos reabastecer. Precisamos principalmente de mais água.

— Olhe em volta — disse Shaun, chutando neve em cima de mim. — Temos um inesgotável suprimento de água.

— A temperatura está negativa — disse Mason secamente. — Como vamos derreter a neve? Britt está certa. O abrigo deve ter água corrente.

— Não estou gostando nada disso — murmurou Shaun, cruzando os braços, irritado. — Nós concordamos: *nada de pessoas*. Descer até lá é muito arriscado.

— Eu desço primeiro — sugeri. — E olho pela janela. Não vou fugir… já tive muitas chances de fazer isso. Afinal, aonde eu iria?

— Se alguém vai, sou eu — disse Shaun. — Estou com a arma.

Ao ser lembrada disso, inspirei silenciosamente. Será que o guarda também tinha uma arma? Não sabia. Esperava que eu soubesse o que estava fazendo. Esperava que, quando tudo acabasse, eu ainda achasse que nos levar até ali tinha sido uma boa ideia.

Mason assentiu para o amigo.

— Veja o que você consegue pegar.

Com a arma em punho, Shaun correu agachado colina abaixo, em direção à cabana escura e tranquila, que parecia ainda menor em razão dos inúmeros pinheiros, cujas pontas pareciam tocar o céu.

— Ele vai voltar logo — disse Mason, como se isso fosse me confortar.

— Quando é que você vai me contar de quem está fugindo e por quê? — perguntei, assim que ficamos sozinhos.

Ele olhou para mim e não disse nada. Não dava para saber se a razão de seu silêncio era arrogância ou precaução. Ele parecia o tipo de cara que calculava cada palavra, cada movimento. Precaução, concluí. Porque ele tinha muito a esconder.

— Você está fugindo da polícia, eu sei que é isso, então pode parar de fingir que não sabe do que estou falando. Você fez algo ilegal. E agora só está piorando as coisas me sequestrando.

— Acha que seu pai já sabe que você não chegou à cabana? — perguntou ele, evitando o assunto. — Você ficou de ligar para ele quando chegasse?

— Eu disse que ligaria — admiti, tentando entender aonde Mason queria chegar.

— Seu pai não vai conseguir chegar aqui com esse tempo e, mesmo que conseguisse, não saberia onde procurá-la, mas você acha que ele entrou em contato com o parque florestal e disse que você não chegou à cabana? Ou você estava falando a verdade quando disse que seu pai acha que você sabe se virar sozinha?

Observei-o com cautela.

— Eu disse ao Shaun que meu pai sabe que posso cuidar de mim mesma, mas não falei nada disso com você. Quando Shaun e eu estávamos cozinhando, você estava escutando?

— É claro que estava — disse ele, disfarçando qualquer possível constrangimento com um tom de irritação.

— Por quê?

— Eu tinha que saber o que você contou ao Shaun.

— Por quê?

Ele me encarou por um bom tempo, pensativo, mas não respondeu.

— Quem você estava espionando… Shaun ou eu? Você e ele são mesmo amigos?

De repente me senti impelida a fazer essa pergunta a Mason, por causa da estranha tensão que sentia entre os dois. Talvez eu estivesse errada o tempo todo. Talvez eles *não fossem* amigos. Mas, então, por que estavam juntos? De uma coisa eu tinha certeza: Shaun me dava muito mais medo. Eu nunca perguntaria essas coisas a ele, nem mesmo usaria esse tom.

— O que faz você pensar que não somos? — perguntou Mason do mesmo jeito breve e irritado.

— Ele mentiu para você. Disse que tentei me matar, mas foi ele que fez as marcas no meu pescoço.

Dava para ver pela placidez em seu rosto que ele sabia que tinha sido Shaun que me machucara.

— Ele estava com medo do que você faria com ele se soubesse o que aconteceu? Ele sabe que você não quer que me machuquem? Foi por isso que ele mentiu? — perguntei.

— Acha mesmo que eu iria me intrometer e impedi-lo de machucar você? — perguntou secamente. — Por que eu faria isso?

Recuei ao ver o desprezo estampado em seus olhos.

— Vocês, garotas, são todas iguais — murmurou ele, com nojo.

— O que isso quer dizer?

— Você acha que vou salvá-la — disse, amargo, em tom de acusação. Os olhos dele encontraram os meus, e, mesmo sob a fraca e fria luz da aurora, vi a dor profunda que transmitiam.

Senti um nó na garganta. Toda partícula remanescente de esperança dentro de mim desapareceu. Ele não iria me ajudar. Eu tinha me enganado a seu respeito; ele não iria amolecer. Era tão inútil para mim quanto Shaun.

Queria virar as costas, indignada, para mostrar que ele não podia me tratar daquele jeito, mas eu não podia me dar o luxo de desperdiçar o tempo que tínhamos sozinhos. Procurei conter o desespero e me concentrei nas perguntas que precisava fazer.

— Por que você mentiu sobre a insulina da Korbie?

— Para acobertar você. Shaun saberia de cara que foi enganado. Como você acha que ele teria reagido a isso? Pense um pouco, Britt. Preciso de você para me tirar desta montanha. Você não me serve se estiver morta.

— Então você estava pensando em si mesmo quando mentiu.

— Eu vi o jeito como você me olha, Britt. Você acha que vou protegê-la; que, caso se trate de uma obrigação moral, vou fazer a coisa certa. Não sou como Shaun, mas também não sou um cara bom.

Ele não estava mais olhando para mim, e sim para o horizonte. Carregava a expressão atormentada e imprevisível de alguém assombrado por velhos fantasmas. Senti um estranho calafrio por dentro. Começava a achar que ele talvez fosse mais perigoso do que Shaun. Que ele estava esperando o momento certo, entrando no jogo de Shaun, até estar pronto para atacar...

O barulho da neve sendo pisada nos alertou para a volta de Shaun. Virei-me em direção ao som, meus olhos correndo imediatamente para a arma em sua mão. Ele não a havia usado — eu teria ouvido o tiro. Mesmo assim, a forma como ele a segurava, como uma extensão natural e experiente de sua mão, fez minha coluna enrijecer.

Ele sorriu.

— Tudo limpo. Parece um posto avançado da Guarda Florestal. Ninguém vai lá há dias.

A esperança a que eu vinha me agarrando pareceu se esvair. Vazio? Há dias? Eu estava tão arrasada que queria me ajoelhar na neve e chorar.

— E, ainda melhor, tem várias coisas para saquearmos: comida enlatada, roupas de cama e lenha seca embaixo de uma lona nos fundos — continuou Shaun, com um brilho ávido nos olhos.

Ao meu lado, Mason relaxou.

— Vamos pegar suprimentos e ficar aqui por algumas horas, então.

Descemos até a cabana. Na porta, Shaun nos mostrou como tinha entrado, balançando a chave com um ar de poder.

— Encontrei embaixo do capacho — explicou. — Que gente idiota e ingênua.

Mason segurou a porta para que eu passasse. Entrei sem observar a cabana por completo, mas à procura de sinais específicos que Shaun talvez tivesse deixado passar, indicando que um guarda estivera ali recentemente e que poderia voltar a qualquer momento.

O ar viciado estava cheio de poeira. Não havia pratos nos balcões da cozinha, nem qualquer cheiro remanescente de café. Nenhuma pegada úmida ou enlameada no piso de linóleo. Um balcão separava a cozinha da sala de estar. Havia um sofá de veludo cotelê, um tapete com motivos indígenas e um tronco velho que servia como mesinha de centro. Também não havia pratos por lá, nem jornais. No canto ao lado da lareira, havia uma antiga cadeira de balanço coberta por uma fina camada de poeira. Uma porta no fim da sala de estar dava em um pequeno quarto com um telhado inclinado.

Mason foi buscar lenha e, logo depois, voltou com os braços cheios. Despejou tudo perto da lareira e começou a acender o fogo. Shaun tirou as botas, enfiou a arma na parte de trás da calça e caminhou lentamente até o quarto, onde desabou de bruços no colchão.

— Fique de olho nela, Ace — disse ele do quarto. — Estou exausto. Fico com o próximo turno.

Comecei, então, a abrir casualmente as gavetas e os armários da cozinha. Shaun estava certo: iríamos comer bem naquele dia. Milho enlatado, ervilha, molhos, leite em pó, arroz, feijão e óleo vegetal. Açúcar, farinha de trigo, farinha de milho, vinagre. Eu me agachei em frente à pia e dei uma olhada no armário. Achei um saco plástico transparente lotado de material de primeiros socorros… *e um canivete.*

— O fogo está aceso — disse Mason do alto, e na mesma hora fechei o armário e me levantei. O balcão da cozinha nos separava, e escondi as mãos nos bolsos para Mason não perceber que elas estavam tremendo.

— Isso é bom — respondi automaticamente.

Seus olhos turvos logo ficaram em estado de alerta, desconfiados.

— O que você está fazendo?

— Procurando algo para cozinhar. Estou morrendo de fome.

Ele continuou a me encarar, examinando cada detalhe com atenção. Deu a volta no balcão e abriu lentamente as portas dos armários. Seu olhar corria de cada armário para o meu rosto, como se minha reação pudesse lhe fornecer uma pista do que eu estava tramando. Havia um porta-facas com facas de carne no balcão, e ele imediatamente o pegou, me observando com receio.

Terminou de verificar os armários em cima do fogão e andou em direção ao balcão na minha frente. Em questão de segundos, ele abriria a porta embaixo da pia.

— Você vai ter que me mostrar como funciona o fogão — falei, mexendo nos botões. — Posso cozinhar alguma coisa para a gente quando o fogão estiver ligado. Temos um a gás em casa, então não sei usar o elétrico — acrescentei, tentando manter a voz neutra.

Depois de olhar ressabiado para mim uma última vez, Mason voltou sua atenção para o fogão. Ele girou um dos botões velhos e gordurosos. Imediatamente, um agradável cheiro de fogo tomou a cozinha, e, quando estendi a mão acima das bocas, senti o calor cada vez maior.

— Um bom sinal — falei.

Ele balançou a cabeça, concordando.

— A energia está funcionando… Por enquanto.

— Dormir ou comer primeiro? — perguntei.

— Você decide — disse ele, fazendo parecer que a decisão cabia a mim e que para ele tanto fazia.

Mas, em um raro momento de descuido, ele cometeu o erro de olhar por uma fração de segundo cheio de expectativa para o sofá. Perceber isso, para mim, foi uma espécie de vitória. Significava que Mason não era perfeito, afinal de contas — podia cometer deslizes e revelar alguns segredos. E isso me deu esperança.

— Vamos cochilar um pouco primeiro — decidi, desligando o fogão. — Estamos exaustos.

Depois que ele caísse no sono, eu pegaria o canivete.

Afundei na cadeira de balanço perto da lareira e Mason se esticou no sofá. O calor do fogo fazia minha pele formigar, e puxei um cobertor de lã até o queixo. O vapor quente preencheu o ar da cabana, deixando meus pensamentos letárgicos. Suspirei, já sentindo os músculos mais rígidos por causa da longa caminhada até ali. Queria nunca mais ter que me mexer.

Muito tempo depois de fechar os olhos, senti Mason me observando. Eu sabia que ele não iria dormir até ter certeza de que eu tinha adormecido primeiro. Para manter a mente alerta, contei o tempo. Estava esgotada, mas seria mais forte do que ele. Precisava ser, se quisesse realmente pegar aquele canivete.

O fogo queimava, ardendo em silêncio na lareira. Finalmente, ouvi Mason se mexer, virando-se para o outro lado. Sua respiração desacelerou, e, ao olhar de relance para ele, vi que suas longas pernas estavam relaxadas, porque ele havia adormecido.

CAPÍTULO TREZE

Era uma tarde fria e chuvosa de março do terceiro ano, e meu jipe estava na oficina por causa de uma junta do cabeçote queimada. Meu irmão, Ian, tinha prometido ficar na escola depois da aula — eu tinha reunião no Clube de Liderança — para me dar uma carona até em casa. Após dez minutos esperando por ele, deixei uma mensagem aflita na caixa postal. Depois de meia hora, minhas mensagens passaram a ser hostis. Quando passou uma hora, o zelador me colocou para fora e trancou a escola.

Em poucos segundos meu cabelo estava lambido e grudado à orelha de tão molhado, e meu vestido, colado ao corpo. Gotas de chuva pingavam dos meus cílios. Meus lábios estavam rígidos de frio, e, para não congelarem, murmurei cada palavrão em que consegui pensar, em todas as combinações possíveis. Eu ia socar Ian. No minuto em que chegasse em casa, ia enfiar um soco no nariz dele, e não me importava se isso me deixaria de castigo e me impediria de ir à festa de Korbie no fim de semana seguinte.

No meio do caminho para casa, tirei minhas sapatilhas de seda com estampa de bolinhas e atirei-as furiosamente no chão. Arruinadas. Eu esperava que Ian tivesse oitenta dólares para me dar, porque isso era quanto elas iriam lhe custar.

Distraída, estava prestes a atravessar a rua quando uma caminhonete preta buzinou e me fez pular de volta no meio-fio. Calvin Versteeg abriu a janela do passageiro e gritou:

— Entra!

Joguei meus livros no banco de trás e tomei impulso para subir. Pequenos rios escorriam pelas minhas coxas e formavam uma poça no banco de couro. Quando olhei para baixo, percebi que dava para ver minha pele através do tecido cor de lavanda do vestido. Eu não me lembrava de que cor era a calcinha que havia colocado naquela manhã. Um pensamento terrível me ocorreu: será que minha calcinha estava aparecendo por baixo do vestido durante toda a caminhada para casa? Juntei as mãos sobre as pernas, envergonhada.

Se Calvin notou, teve a decência de não comentar. Ele sorriu.

— Já contei para você a história da garota que tentou tomar banho na rua?

Soquei o ombro dele.

— Cala a boca.

Ele estendeu a mão até o banco de trás, tateando às cegas.

— Aposto que tem um sabonete na minha sacola de ginástica…

Eu ri.

— Você é o garoto mais idiota do mundo, Calvin Versteeg.

— Idiota, mas um verdadeiro cavalheiro. Para onde vamos?

— Para casa, para eu poder estrangular Ian com minhas próprias mãos.

— Levou um bolo? — adivinhou Calvin.

— Aham, e agora vou acabar com ele.

Calvin aumentou o aquecedor.

— Você devia ter ligado para mim.

Olhei para ele, perplexa. Calvin era o irmão mais velho da minha melhor amiga, mas, fora isso, não tínhamos intimidade. Eu havia desejado por anos que ele me visse de um jeito diferente, mas a verdade era que ligar para Calvin pedindo uma carona teria sido o mesmo que ligar para qualquer outro garoto da escola.

— Acho que não pensei nisso — falei, espantada com a oferta.

Ele ligou o rádio. Não em um volume alto e estridente; uma melodia calma para afugentar o silêncio. Não me lembro sobre o que conversamos durante o restante da viagem. Olhei pela janela, pensando: estou na picape de Calvin Versteeg. Sem Korbie. Só nós dois. E ele está dando em cima de mim. Mal podia esperar para contar para alguém. E então me dei conta: pela primeira vez eu não podia correr direto para Korbie. Ela não ia querer que eu flertasse com seu irmão. Não me levaria a sério e diria que ele só estava sendo gentil. Mas não estava. Estava dando em cima de mim, e isso era a coisa mais incrível que já tinha me acontecido.

Calvin parou na entrada da minha garagem.

— Deveríamos fazer isso mais vezes — sugeriu ele, enquanto eu descia do carro.

Sorri de volta, insegura.

— É, seria ótimo.

Eu já estava fechando a porta quando ele falou:

— Ei, você esqueceu isto. — E me entregou um pedaço de papel dobrado.

Só abri quando ele já tinha dado partida. Se eu já me perguntara como era a letra dele, agora sabia.

Me liga.

CAPÍTULO QUATORZE

Uma batida forte na porta me deixou totalmente alerta.

Mason se ajoelhou ao meu lado no mesmo instante, tapando minha boca e abafando meu grito de surpresa. Ele levou o dedo aos lábios, indicando que eu não deveria fazer barulho.

Shaun entrou rapidamente na sala, arma em punho, apontando-a para a silhueta escura que se via através da cortina no vidro da porta.

Outra batida, ainda mais forte.

— Alguém em casa? — chamou uma voz de homem.

Eu queria gritar: *Socorro! Estou aqui! Por favor, me ajude!* As palavras estavam bem ali, explodindo dentro de mim.

— Responda — ordenou Shaun em um sussurro rude. — Diga a ele que você está bem, que está esperando a tempestade passar. Faça o cara sair daqui. Um movimento em falso, Britt, e você está morta, vocês dois estão. — Ele soltou a trava de segurança da arma para reforçar que não estava brincando, o som ecoando nos meus ouvidos tão alto quanto o badalar de um sino.

Caminhei até a porta, cada passo duro e pesado. Esfreguei as mãos nas coxas, o rosto banhado em suor. Shaun se arrastou pela parede de fora da cozinha, mantendo a arma apontada para mim. Quando o olhei de esguelha, ele acenou com a cabeça, mas não era um sinal de encorajamento. Era um lembrete de que falava muito sério.

Abri a porta apenas o suficiente para ver lá fora.

— Olá?

O homem usava um casaco marrom e chapéu de caubói, e pareceu surpreso ao me ver. Então se recompôs e disse:

— Meu nome é Jay Philliber, sou guarda-florestal. O que você está fazendo aqui, menina?

— Esperando a tempestade passar.

— Esta é uma cabana da Guarda Florestal. Você não tem permissão para estar aqui. Como entrou?

— Eu… a porta estava destrancada.

— Destrancada? — Ele parecia desconfiado e tentou espiar por trás de mim. — Tudo bem aí?

— Sim — falei, com a voz frágil e rouca.

Ele se mexeu para observar à minha volta.

— Preciso que você abra totalmente a porta.

Na minha cabeça, podia me ouvir dizendo: *Eles têm uma arma, eles vão me matar.*

— Menina?

Um estranho zumbido preencheu meus ouvidos. Eu estava zonza; a voz dele chegava até mim na forma de resmungos indistintos; eu não conseguia entender o que ele estava dizendo. Estreitei os olhos, tentando fazer leitura labial.

— …chegou aqui?

Passei a língua pelos lábios.

— Estou esperando a tempestade passar.

Eu já tinha dito isso? Pelo canto do olho, vi Shaun balançar a arma, impaciente. O que me deixou ainda mais nervosa. Eu não conseguia lembrar o que devia dizer em seguida.

— …transporte? — perguntou o guarda-florestal.

Senti um desejo incontrolável de correr. Me imaginei passando pela porta, seguindo em direção à floresta. Eu estava tão desorientada que, por um momento, pensei que tivesse feito mesmo isso.

— Como você chegou aqui? — perguntou ele de novo, os olhos me observando atentamente.

— Andando.

— Sozinha?

Então me ocorreu um pensamento absurdo: será que Calvin estava pensando em mim? Será que tinha conseguido dormir na noite passada? Será que tinha encontrado meu carro e saído pela floresta, procurando por mim e por Korbie? Estaria ele preocupado comigo? É claro que sim.

— Sim, sozinha.

Então o guarda-florestal mostrou uma fotografia em preto e branco ampliada e granulada. Tinha sido feita a partir de um vídeo de segurança e mostrava o interior de um Subway. Havia dois homens na imagem. O caixa estava atrás do balcão, as mãos levantadas na altura do ombro. O homem de frente para ele, o que apontava a arma, era Shaun.

— Você já viu este homem? — perguntou o guarda, batendo o dedo no rosto embaçado e bidimensional de Shaun.

— Eu… — Luzes vermelhas se acenderam por trás dos meus olhos. — Não, não me lembro de ter visto.

— Senhorita, você não está bem. Só de olhar dá para perceber.

Ele estava tirando o chapéu. Ia entrar. O zumbido nos meus ouvidos tornou-se ensurdecedor.

— Eu estou bem — respondi, depressa. Olhei em volta, desesperada. Os olhos de Shaun encontraram os meus, fervendo de raiva.

— Por favor, fique aí fora — falei, entrando em pânico. Levei a mão à testa. Tinha dito a coisa errada.

O guarda-florestal passou por mim. Ao mesmo tempo, percebi um movimento no canto da sala e Shaun saiu depressa, a arma em punho.

O rosto do guarda ficou branco de medo.

— De joelhos! — vociferou Shaun. — Mãos na cabeça.

O guarda obedeceu, murmurando que Shaun deveria pensar melhor, que ele era um representante da lei, os dois poderiam resolver aquilo, e que era melhor Shaun entregar a arma.

— Cale a boca — disparou Shaun. — Se quiser viver, vai fazer exatamente o que eu digo. Como nos encontrou?

O homem inclinou a cabeça, encarando Shaun com um olhar demorado e desafiador. Por fim, disse:

— Não estou sozinho aqui, filho. Temos todo o Serviço Florestal Americano à procura de vocês. Claro, a tempestade nos atrasou um pouco, mas atrasou vocês também. Há outros de nós aqui. Vocês não vão escapar. Se quer sair desta montanha vivo, vai ter que baixar a arma agora.

— Me dê a arma, Shaun. Pegue a Britt e comece a arrumar nossas coisas. — A voz fria e calma de Mason cortou a tensão como um chicote. Ele se aproximou de Shaun e estendeu a mão, esperando.

— Fique fora disso — rosnou Shaun, segurando a arma com mais força. — Se quer realmente ser útil, vá até a janela e descubra como ele chegou aqui. Não ouvi nenhum carro se aproximando.

— Entregue a arma — repetiu Mason, tão baixo que mal dava para ouvir. Apesar do tom calmo, sua voz era marcada pela autoridade.

Para minar qualquer chance de os dois tramarem alguma coisa secretamente, o guarda-florestal disse:

— Vocês roubaram um Subway e atiraram em um policial na fuga. Uma adolescente foi parar no hospital depois que vocês a atropelaram e fugiram. Vocês têm sorte de ela estar viva. E têm sorte de o policial em que atiraram também estar vivo, mas ninguém no sistema criminal vai deixar isso barato. As coisas não estão nada boas para vocês, mas vão piorar muito se você não abaixar a arma imediatamente.

— Eu disse para *calar a boca* — berrou Shaun.

— Quem é você? — perguntou-me o guarda. — Como conheceu esses dois?

— Meu nome é Britt Pfeiffer — respondi, depressa, antes que Shaun me impedisse. — Eles estão me mantendo refém e me obrigando a levá-los até a rodovia.

Finalmente! Os policiais saberiam que eu estava em apuros. Eles enviariam uma equipe de busca. Alguém diria ao meu pai o que tinha acontecido comigo. Eu estava tão aliviada que quase chorei. Então senti um aperto no coração. Isso só seria possível se o guarda-florestal escapasse com vida. Se Shaun não atirasse nele.

Shaun me fuzilou com os frios olhos azuis.

— Você não devia ter feito isso.

— Se nós o amarrarmos, ele só será encontrado daqui a um ou dois dias — argumentou Mason. — Vai sobreviver, mas assim teremos tempo para sair da montanha.

— E se ele escapar? — replicou Shaun, passando a mão pelo cabelo. Os olhos estavam arregalados e furiosos, a parte branca em torno dos círculos azuis, injetada.

Shaun fechou os olhos com força, depois abriu de novo, piscando, como se estivesse tentando focá-los.

— Matá-lo não vai ajudar em nada — repetiu Mason naquele mesmo tom frio e autoritário.

Shaun apertou a ponte do nariz e passou o braço na testa úmida.

— Você tem que parar de me dar ordens, Ace. Eu estou no comando. Eu tomo as decisões. Trouxe você para fazer um trabalho; concentre-se nisso.

— Estamos trabalhando juntos há quase um ano — disse Mason. — Pense em tudo que fiz por você. Quero o que é melhor para você… para *nós*. Agora abaixe a arma. Tem uma corda no baú na varanda dos fundos. Se nós o amarrarmos, ganharemos um dia de vantagem, pelo menos.

— Nós já atiramos em um policial. Não tem como voltar atrás. Precisamos seguir em frente, fazer o que for preciso.

Havia algo de irracional e frenético no modo como os olhos de Shaun corriam de um lado para outro, sem foco. Depois de falar, ele engoliu em seco e assentiu, como se estivesse tentando se convencer de que aquela era a melhor opção que tinha.

Mason argumentou novamente, com mais firmeza:

— Vamos deixá-lo aqui e continuar descendo a montanha.

— Pare de gritar comigo, eu não estou conseguindo pensar! — rugiu Shaun, virando para Mason e apontando a arma por um instante para ele antes de voltar a mirar no guarda-florestal. Mais gotas de suor brotaram na testa de Shaun.

— Ninguém está gritando — disse Mason calmamente. — Abaixe a arma.

— Isso sou eu quem decide — rosnou Shaun. — Eu é que dou as ordens. E eu digo que não devemos deixar nenhum rastro.

Um misto de medo e compreensão se acendeu nos olhos de Mason. Com um movimento frenético, ele se lançou em direção à arma. Shaun não pareceu notar; seus olhos estavam fixos na figura ajoelhada do guarda. Antes de Mason conseguir deter Shaun, um som muito alto explodiu em meus ouvidos. E o corpo do guarda-florestal caiu no chão.

Eu gritei. Ouvi o som rachando minha cabeça e enchendo a sala.

— O que você fez? — berrei.

Havia sangue por toda parte. Nunca vira tanto antes. Afastei-me, zonza, com medo de desmaiar se olhasse por mais tempo. Meu corpo inteiro tremia de choque. Shaun havia acertado o guarda. *Matado*. Eu tinha que sair dali. Não podia deixar a tempestade me deter — tinha que correr.

— Por que você fez isso? — esbravejou Mason, furioso. Parecia chocado e enojado, e imediatamente se agachou sobre o corpo do guarda, tentando sentir a pulsação no pescoço do homem. — Ele está morto.

— O que eu deveria ter feito? — gritou Shaun. — Britt não conseguiu convencê-lo, e ele sabia da gente. Nós fizemos o que precisávamos fazer. Tínhamos que matá-lo.

— Nós? — repetiu Mason. — Você ouviu o que disse? Nós não o matamos. Você o matou.

Os olhos dele ardiam de fúria e pareciam refletir seus pensamentos: *Não topei fazer nada disso*. Mason encarou Shaun com um ar cauteloso de repulsa, e, a partir daquele único

olhar abrasador, percebi uma coisa. Em algum momento, eles tinham sido dois criminosos passando pela mesma situação difícil e com um objetivo em comum. Mas agora tudo havia mudado. Com Shaun cada vez mais instável e imprevisível, notei que Mason se afastava do companheiro. Seu desejo de romper com Shaun estava claramente estampado em seu rosto.

Shaun pegou a foto dele no Subway e rasgou-a em pedacinhos, atirando-os na parede. Então vasculhou os bolsos do guarda, pegando uma pequena chave de aparência curiosa e guardando-a no bolso do casaco.

— Eles sabem sobre nós. Temos que seguir em frente — disse Shaun de forma muito mais racional, como se atirar no guarda tivesse liberado a tensão dentro dele. — Eles vão se espalhar por toda a montanha em breve. Ele deve ter chegado aqui de snowmobile. O vento está tão forte, que, de alguma forma, não ouvimos o motor. Ele quase nos pegou. Mas agora temos o snowmobile, e o bom é que isso vai nos ajudar a sair dessa maldita neve mais rápido. Pegue um dos braços dele, Ace. Precisamos esconder o corpo.

— Me dê a arma. — Mason estendeu a mão, o tom inflexível.

Shaun balançou a cabeça.

— Pegue um braço. Ande logo. Temos que sair daqui.

— Você não está mais pensando claramente. Me entregue a arma — repetiu Mason energicamente.

— Acabei de tirar o seu da reta. Estou com a cabeça no lugar, você é que está deixando o calor do momento afetar suas decisões. Temos que fazer o que for preciso. Nunca deveríamos ter vindo para cá. Deveríamos ter feito o que falei e continuado andando em direção à estrada. De agora em diante, sou eu quem decide. Pegue um braço.

Mason o encarou com raiva, mas pegou um dos braços frouxos do guarda. Eles o arrastaram para fora pela porta da frente, e, antes de me dar conta do que estava fazendo, fui até a cozinha, peguei meu casaco das costas da cadeira e o vesti. Depois, abri o armário embaixo da pia. Minha mente estava confusa, mas o resto do meu corpo agia com serena deliberação, como se um interruptor tivesse sido ligado e meu corpo tivesse assumido o controle. Rasguei o saco plástico e enfiei o canivete no bolso do casaco.

Eu tinha que estar pronta para fugir. Minha oportunidade estava se aproximando, eu sabia. Encontraria Calvin na floresta. Mesmo se não desse certo, eu preferia congelar lá fora a ficar ali com Shaun.

Quando me levantei, Mason e Shaun tinham dobrado a quina da cabana e passavam em frente à janela. Mason olhou para mim, prestando atenção na mão em meu bolso. Ele me observou por vários segundos, os olhos castanhos atentos me avaliando.

Mason falou algo com Shaun, e eles colocaram o corpo no chão. Na mesma hora, percebi que Mason viria até onde eu estava. Andei até a ponta da cozinha, fora da vista da janela, e tirei o canivete do bolso, enfiando no único lugar seguro em que podia pensar — dentro da calça.

Mason cruzou a soleira da porta.

— Tire o casaco.

— O quê?

Ele puxou o zíper e arrancou meu casaco. Depois procurou nos bolsos, de dentro e de fora.

— O que você guardou no bolso?

— Você está maluco — gaguejei.

— Vi você esconder alguma coisa no bolso.

— Estou com frio. Minhas mãos estão geladas. — Se ele as sentisse, veria que era verdade. Meu corpo inteiro estava congelado de medo.

Ele tateou meus braços, minhas costas, minhas pernas e procurou por dentro do elástico das minhas meias.

— O que você está escondendo, Britt?

— Nada.

Ele me encarou, seus olhos correndo por um instante, de maneira desconfiada, para meu peito. Meu sutiã era um dos dois únicos lugares que ele não tinha verificado. Nitidamente desconfortável por sequer ter pensado nisso, ele desviou o olhar.

— Para o banheiro — ordenou. — Tire a roupa e se enrole em uma toalha. Você tem um minuto. Vou entrar para revistar suas roupas. Nem se dê ao trabalho de tentar esconder alguma coisa no armário, no vaso ou no ralo. Vou revistar esses lugares também. Vou revistar o banheiro inteiro.

CAPÍTULO QUINZE

— Não estou escondendo nada.

Minha garganta estava seca de pavor. Se ele me revistasse, não só encontraria o canivete, mas também o mapa de Calvin. Se eles tivessem o mapa, não precisariam mais de mim. E me matariam.

— Tempo de merda! — Shaun xingou alto, sua voz vindo pela porta aberta da cabana. — Está nevando de novo. Venha logo aqui, Ace, e me ajude a acabar com isso!

Mais neve? Olhei para a janela para ter certeza. Grandes flocos úmidos caíam depressa. Como eu iria escapar se o tempo piorasse?

— Não acredito que vocês vão jogar o corpo dele na floresta — falei para Mason, na esperança de fazer sua consciência pesar, mas também para desviar sua atenção de mim e da revista que ele estava prestes a fazer. — Pense na família do guarda. Ele merece mais do que isso. O que Shaun fez foi horrível.

Se Mason planejava se defender, não teve chance. Uma ventania gélida invadiu a cabana, batendo a porta da frente na parede e interrompendo nossa conversa.

Com um olhar derradeiro dividido entre mim e os flocos de neve adentrando a cabana, Mason fez sua escolha. Saiu pisando forte e bateu a porta.

Fui até a janela observá-los. Shaun apontou para o corpo do guarda-florestal, depois para os montes de neve perto das árvores. Eles iam cobrir o corpo de neve e torcer para que ninguém o encontrasse até que tivessem saído das montanhas.

Fechei os olhos, acalmando a tontura que tomava o meu cérebro. Eu tinha o canivete e o mapa. E iria fugir. Naquela noite, enquanto estivessem dormindo. Se eu ficasse com eles até chegarmos à rodovia, Shaun iria me matar. Isso era óbvio. Tanto quanto a neve ser fria e o fogo, quente.

Eu teria uma chance. Se eles me pegassem tentando fugir, Shaun me mataria na hora, ou me deixaria viver por tempo suficiente para desejar que ele tivesse me matado.

Sentei-me no sofá, me balançando para a frente e para trás, em parte para me manter aquecida, e em parte para acalmar os nervos. Por mais frio e insensível que fosse, eu precisava afastar a morte do guarda dos meus pensamentos e planejar racionalmente meu próximo passo. Ele estava morto, eu estava viva. Havia esperança para mim, mas eu não podia fazer nada para mudar o destino dele.

Tentei me concentrar, mas a imagem do corpo do guarda caindo no chão eclipsou tudo. Pela primeira vez, olhei para minhas mãos, espalmadas nas coxas. Estavam respingadas com o sangue dele. Senti, então, como se estivesse em um sonho. Era como estar de pé no mar, enquanto as ondas iam e vinham; aquela estranha sensação de impotência diante de uma força muito mais poderosa.

A porta da cabana bateu. Mason e Shaun tiraram os casacos molhados, colocando-os nas costas das cadeiras da cozinha para que secassem. Os dedos de suas luvas estavam cobertos de gelo de tanto escavarem a neve.

— O que você está olhando? — perguntou Shaun, me encarando com desprezo a caminho da lareira. Ele jogou uma lenha nas chamas, fazendo algumas fagulhas voarem. — Talvez a neve não seja tão ruim assim — disse a Mason. — Vai cobrir nossos rastros. Além de obstruir novamente as principais estradas, que vão levar um tempo para serem liberadas. Se não podemos prosseguir, eles também não vão poder. Isso nos dá um pouco de tempo. Por ora, a gente fica aqui e espera a neve parar.

* * *

À noite, Mason aqueceu três latas de milho no fogão. Ele e Shaun comeram à mesa da cozinha e eu me sentei junto à lareira, absorvendo calor antes de enfrentar a floresta sozinha naquela noite. Comia, mas mal sentia o gosto. Mastigava cada vez mais lentamente, tentando não ouvir as vozes ao fundo e me entregar a outra lembrança de Calvin, uma nova, que eu já não tivesse revisto repetidas vezes em minha mente, para não enlouquecer ali naquele lugar horrível.

Calvin tinha me magoado, e eu não esqueci que ele tinha beijado Rachel pelas minhas costas, mas, durante o trauma das últimas vinte e quatro horas, eu curiosamente o havia perdoado. Não podia me concentrar em coisas negativas naquele momento. Tinha que me manter otimista e esperançosa, mesmo que isso significasse me apegar às boas lembranças e bloquear todo o resto. Precisava de um farol, algo capaz de me manter centrada, imperturbável. E, por ora, aquele farol era Calvin. Ele era tudo o que eu tinha.

Quando Mason veio pegar minha tigela, vi uma sombra de solidariedade em seus olhos. Desviei o olhar, rejeitando de propósito sua compaixão. Eu não iria aliviar sua consciência. Não iria deixar que ele pensasse que alguma coisa estava bem. Me senti melhor ao tratá-lo com hostilidade e frieza. Eu queria feri-lo mais do que queria ferir Shaun. Apesar de seus protestos, ele era o melhor dos dois, e isso me fazia esperar mais dele.

* * *

A neve caiu com força ao longo da noite. E, embora a fogueira tivesse aquecido os três pequenos cômodos, continuei com meu casaco, minhas botas, minhas luvas e meu cachecol. Isso me pouparia tempo mais tarde, quando eu tivesse que correr de uma hora para outra. Eu também trazia o canivete no bolso. E esperava saber o momento certo de usá-lo.

Deduzi que, quando Mason e Shaun descobrissem que eu tinha fugido, esperariam que eu fosse direto até Korbie, o que deixava fora de questão voltar lá. Não era uma decisão fácil de tomar, mas, se eu quisesse nos manter vivas, tinha que procurar ajuda externa. Eu

gostaria que houvesse alguma maneira de avisar a ela que eu voltaria, que ela só precisava ser paciente. Imaginava como Korbie devia estar se sentindo sozinha e apavorada.

No banheiro, estudei o mapa. Eu não poderia contar com bússolas nem nada do tipo, a não ser que Shaun ou Mason deixasse alguma onde eu pudesse pegar facilmente. A sorte era que o mapa de Calvin havia detalhado cada marco o suficiente para que eu pudesse ligar os pontos até o posto central da Guarda Florestal, a cerca de uns dez quilômetros de distância. Eu podia fazer isso. Eu *tinha* que fazer isso.

Ensaiei meus planos, parada, em silêncio, junto à janela. Era uma calma superficial. No fundo, eu ficava cada vez mais assustada. Quanto tempo eu aguentaria na floresta congelada sem água, comida e abrigo?

Shaun bocejou alto e se trancou no quarto, me deixando sozinha na sala com Mason.

— Encontrei um par de meias de lã no quarto — disse Mason, estendendo um par de meias pretas de esqui. — Talvez você queira trocar as que está usando para seus pés ficarem secos.

— Você encontrou, pode ficar com elas — falei, tratando-o com frieza.

— Achei melhor oferecê-las a você.

— E por que você faria isso?

— Porque sei como é desconfortável ficar com os pés molhados.

— Não quero as meias. — Mas meus pés *estavam* úmidos e frios, e eu teria dado quase qualquer coisa por meias limpas... quase. Menos meu amor-próprio, aceitando um presente do homem que me mantinha presa.

— Como quiser — disse ele, dando de ombros.

— Se as coisas fossem como *eu* quisesse, não estaria aqui com você.

— Fique com o sofá esta noite — ofereceu Mason, ignorando meu tom mordaz.

Ele jogou seu cobertor na cadeira de balanço, tomando-a para si, e tirou o casaco de lã, ficando apenas com a camisa cinza justa que usava por baixo. Depois tirou o cinto, provavelmente para não se machucar enquanto dormia. Ele agiu de forma despreocupada e inocente, mas, de alguma forma, ele tirar a roupa deixou o ar da sala mais denso.

Mason girou os braços em círculos amplos, para relaxar a tensão dos ombros. Eu não queria olhar para ele, para não passar uma impressão errada, mas, como ele não pareceu me notar, continuei a observá-lo com olhares rápidos e furtivos. Ele era mais alto do que Calvin e mais musculoso. Não do tipo corpulento, como um rato de academia, mas era óbvio que ele era atlético. Sua camisa apertada revelava braços torneados e um peito largo que se estreitava em direção a uma barriga seca e firme. Era difícil recordar a primeira impressão que tive dele no posto de gasolina, no dia anterior. Antes de eu saber quem ele realmente era. Aquele primeiro encontro parecia ter acontecido havia tanto tempo. E eu estava tão errada sobre ele.

Finalmente, uma lembrança mais recente de Cal surgiu de repente em minha cabeça, quando eu já havia desistido de pensar nele. E não era assim que sempre acontecia? Era uma boa lembrança. Nossa primeira viagem ao lago Jackson como um casal. Eu estava deitada em uma toalha na praia, lendo a revista *People*. Calvin e seu amigos se revezavam

para andar nos jet skis. Eu havia acabado de ler a primeira matéria quando senti a água gelada do lago pingar nas minhas costas.

Eu me virei, assustada, enquanto Calvin se atirava de brincadeira na minha toalha e me puxava para perto, tentando me abraçar. Ele estava completamente molhado. Gritei, tentando me soltar, sem resistir muito. A verdade era que adorei o fato de ele ter deixado os amigos de lado para passar um tempo comigo.

— Você não andou muito de jet ski — observei.

— Andei o suficiente para deixar os caras felizes. Agora quero fazer *você* feliz.

Eu o beijei, lenta e deliberadamente.

— E como você planeja fazer isso?

Ele limpou uma mancha de areia molhada do meu rosto com o polegar. Estávamos apoiados em nossos cotovelos, olhando nos olhos um do outro com uma intensidade que fazia meu sangue ferver. Um pouco antes de ele se inclinar para retribuir meu beijo, o momento pareceu ter congelado, e me lembro de pensar em como tudo aquilo era perfeito. Em como éramos perfeitos juntos.

Eu poderia ter vivido para sempre naquele instante.

— Pode usar o banheiro primeiro — disse Mason, me transportando de volta para o pesadelo.

Tentei deixá-lo de fora dos meus pensamentos. Minha mente procurava desesperadamente se agarrar à lembrança. Eu queria repetir aquele momento perfeito eternamente.

Mason estava colocando uma fronha limpa no travesseiro, e por um momento parou, me olhando de um jeito engraçado; percebi que eu não tinha apagado o ar nostálgico e sonhador do meu rosto rápido o suficiente. Ele não demonstrava emoções, e eu queria ter o mesmo autocontrole. Mas dessa vez tinha cometido um deslize.

— Está pensando nele? O cara da loja de conveniência? — perguntou gentilmente.

Senti uma onda de raiva — não porque ele tinha sido perspicaz o suficiente para adivinhar a verdade, mas porque ele tinha falado de Calvin. Eu estava presa naquele lugar horrível, e a única coisa que me impedia de enlouquecer era Calvin, minhas lembranças com ele e, sim, até mesmo as esperanças, porque, por mais imperfeito que tivesse sido o nosso relacionamento, eu ainda tinha esperanças sobre nosso futuro. As coisas seriam diferentes dessa vez. Conhecíamos melhor um ao outro. Conhecíamos melhor *a nós mesmos*. Tínhamos crescido no último ano, e nossa maturidade se manifestaria. Até eu estar longe daquele lugar, e de novo junto a Calvin, ele era meu colete salva-vidas secreto, meu refúgio, a única coisa que Mason e Shaun não podiam tirar de mim. Se eu perdesse Calvin, perderia tudo. O pesadelo me engoliria por completo.

— Não preciso usar o banheiro — falei, seca, rejeitando novamente sua gentileza.

Eu precisava fazer xixi, mas pensar em minha bexiga me manteria acordada durante a noite. O pior que poderia acontecer agora seria adormecer e perder a minha oportunidade.

— E eu fico com a cadeira de balanço — comuniquei, friamente. — Dormi muito bem nela antes.

Mason pareceu duvidar.

— Ela não parece nada confortável. Sério, você pode ficar com o sofá. Vou me sentir melhor se você aceitar. — Ele então abriu um breve sorriso depreciativo. — Esta é a sua chance de me fazer suportar minha carga de dor.

— Por que de repente meu conforto importa para você? — ataquei. — Você está me prendendo aqui contra a minha vontade. Você está me forçando a caminhar na neve em condições extremas, perigosas e desgastantes. E eu devo acreditar que você está subitamente preocupado com como me sinto? Porque é assim que me sinto: *odeio* isso aqui. E odeio você. Mais do que já odiei qualquer outra pessoa!

Uma centelha de emoção atravessou seu rosto antes de assumir o ar impassível de novo.

— Estou mantendo você aqui porque há uma nevasca lá fora. Você não sobreviveria sozinha. Está mais segura aqui comigo, mesmo que não acredite.

Fui tomada, então, pela raiva.

— Não acredito nisso. É exatamente o tipo de mentira em que você quer que eu acredite para me manter passiva e obediente. Está me mantendo aqui porque precisa de mim para sair desta montanha, fim de papo. Odeio você, e vou matá-lo, se tiver a oportunidade. Adoraria fazer isso, na verdade!

Eram palavras fortes, e percebi que provavelmente nunca cumpriria a ameaça. Mesmo se eu tivesse oportunidade, não acho que seria capaz de matar um ser humano, mas queria me fazer perfeitamente clara. Nada daquilo estava bom para mim.

Eu estava com raiva e frustrada, mas a verdade era que, quanto mais tempo eu passava com Mason, mais difícil era acreditar que *ele* fosse capaz de matar um ser humano. Eu tinha visto o choque e o horror em seu rosto quando Shaun atirou brutalmente no guarda-florestal. E mesmo que a princípio eu tivesse desconfiado de que Mason pudesse estar envolvido no assassinato da garota cujo corpo eu havia encontrado na cabana, eu estava começando a achar que ele não tinha nada a ver com aquilo. Talvez nem soubesse do corpo.

— Fique com o sofá, por favor — disse Mason uma última vez, em uma voz irritantemente calma.

— *Nunca* — sussurrei, furiosa.

Então, fuzilando-o com o olhar, joguei seu cobertor no chão e me sentei na cadeira de balanço com toda a pompa possível, como se ela fosse um trono. O espaldar curvo machucava minhas costas e o assento duro, de madeira, não tinha almofada. Eu não ia conseguir dormir nem vinte minutos ali. Toda vez que me mexesse, acabaria acordando. Enquanto isso, Mason, que devia estar esgotado, dormiria profundamente no sofá.

— Boa noite, Britt — disse Mason, hesitante, apagando a luz.

Não respondi. Não queria que ele achasse que eu estava amolecendo, ou que estava abrindo uma brecha para ele. Eu não iria ceder. Enquanto ele me mantivesse ali, eu o odiaria.

Acordei encharcada de suor. Por vários segundos desorientados, não conseguia lembrar onde estava. Sombras tremeluziam nas paredes, e me virei para descobrir de onde vinham — a lareira, que estava mais fraca, mas ainda exalava calor. Quando estiquei as pernas, a

cadeira de balanço rangeu, e foi então que lembrei como era vital não fazer barulho algum.

Mason se mexeu com o ruído, mas, depois de uma pausa, voltou a ressonar suavemente em meio à escuridão. Ele estava esparramado no sofá, o rosto pressionado à almofada, a boca ligeiramente aberta, os braços e pernas muito longos caídos para fora. Ele parecia diferente com a luz do fogo dançando em seu rosto e um travesseiro abraçado junto ao peito. Parecia mais jovem, mais menino. Inocente, até.

Seu cobertor tinha caído no chão durante a noite, e, passando silenciosamente por Mason, pulei o pano, ouvindo o tranquilo subir e descer da respiração dele. O ar parecia quase sólido enquanto eu me encaminhava à porta da frente. Tentando não diminuir o passo, peguei avidamente uma lanterna de cabeça e um cantil, que, para minha grande sorte, havia sido deixado por um deles no balcão da cozinha. O cantil estava cheio. Um golpe de sorte ainda maior.

Pé ante pé, os olhos fixos na maçaneta da porta, que parecia ficar mais longe a cada passo.

Um segundo depois, estava com a mão nela. Meu estômago deu uma cambalhota, em parte de alegria, em parte de medo — não havia como voltar atrás. Girei a maçaneta bem devagar e, quando parou de rodar, tudo o que eu tinha a fazer era puxá-la. A pressão na cabana mudaria ligeiramente quando eu abrisse a porta, mas Mason não notaria. Estava em um sono profundo. E o fogo afastaria a corrente fria que deixei entrar.

De repente, eu estava na varanda, avançando lentamente, a porta fechada atrás de mim. Eu meio que esperava ouvir Mason se levantar de um pulo e tentar me alcançar, gritando para que Shaun acordasse. Mas o único som vinha do vento extremamente frio atirando neve, fina como areia, no meu rosto.

A floresta era terrivelmente escura; eu só dera uns cem passos depois que saí da cabana e, ao olhar para trás, já não a via mais. A noite a envolvera em uma escuridão aveludada.

O vento me açoitava através das roupas, fustigando qualquer pedaço de pele que eu não tivesse coberto, mas eu estava quase grata por isso. O frio me mantinha bem acordada. E se Mason e Shaun estivessem me procurando, seria impossível ouvirem meus movimentos, abafados pelo barulho do vento que assobiava pelas encostas. Encorajada por esse pensamento, fechei mais o casaco, protegi os olhos da precipitação que soprava e tomei bastante cuidado na subida íngreme repleta de fragmentos de rocha e tocos de árvore escondidos embaixo da neve. As rochas eram tão acidentadas que, se eu caísse de mau jeito, poderia quebrar um osso.

Uma coruja piou no alto. O som se propagou pela floresta lúgubre, juntando-se ao uivo do vento agitando os galhos, que batiam uns nos outros, criando um efeito assustador. Tentei acelerar o passo, mas a neve era muito densa, e toda hora eu caía de joelhos, quase derrubando o cantil e a lanterna que eu levava nos braços. Por mais tentada que estivesse a ligá-la, eu não podia correr o risco. Até estar a uma distância segura da cabana, evitaria usá-la, para que não servisse de farol para Mason e Shaun.

Quando cheguei ao topo, meu ritmo de escalada diminuíra e minha respiração estava ofegante. Minhas pernas tremiam de exaustão, e nós de tensão se formavam na base das

minhas costas. A ansiedade das últimas vinte e quatro horas estava cobrando seu preço: eu nunca me sentira tão sem energia, tão pequena e impotente à sombra das montanhas traiçoeiras.

De acordo com o mapa de Calvin, eu precisava passar por aquele desfiladeiro e descer até a bacia, seguindo até o posto central da Guarda Florestal. Mas era quase impossível saber ao certo que caminho fazer e, enquanto eu me esforçava para atravessar a neve, minhas botas afundavam cada vez mais, tornando cada passo sempre mais pesado.

Senti um calor e uma coceira ao longo das costuras internas das roupas e embaixo dos braços. Eu tinha começado a suar, o que era um problema. Mais tarde, quando eu parasse para descansar, o suor iria resfriar e congelar contra a minha pele, baixando rapidamente a temperatura do meu corpo. E, quando isso acontecesse, seria preocupante. O posto central estava a quilômetros de distância. Eu tinha que continuar andando. Mas, por segurança, diminuí ainda mais o ritmo.

Peguei um pouco de neve, fiz uma bola meio pastosa e coloquei-a na boca, deixando a mistura gelada derreter ao descer pela garganta. Era dolorosamente frio, mas revigorante. Se eu estava suando, precisava beber alguma coisa. Parecia impossível que eu pudesse desidratar em um tempo frio como aquele, mas eu confiava nos guias de viagem e no meu treinamento.

Um feixe de luz nebuloso balançava de maneira instável em meio à mata à frente. Instintivamente, me escondi atrás de uma árvore. Colei minhas costas a ela, tentando raciocinar rápido. A luz vinha de trás de mim, não muito distante. Apurei os ouvidos para escutar melhor. Uma voz de homem, gritando. O vento distorcia as palavras, mas ele estava chamando meu nome.

— Britt!

Não sabia dizer se era Shaun ou Mason, mas quase rezei para que fosse Shaun. Eu tinha alguma chance de escapar dele. A floresta era um vasto labirinto; ele nunca conseguiria me achar.

— Britt! Não… machucar você. Pare… correr!

Eu não chegava a estar acima da linha das árvores, mas a mata densa que cobria a parte inferior da montanha havia diminuído. Eu não tinha a proteção de que precisava, e embora de fato estivesse indescritivelmente escuro, ele tinha uma lanterna. No minuto em que eu saísse a campo aberto, ele me veria. Eu estava encurralada.

A luz seguiu em outra direção. Depois de pensar um pouco, decidi correr. Saindo do meu esconderijo, disparei rumo ao próximo grupo de árvores, usando o braço livre para me impulsionar e ir mais rápido. Ainda longe da minha meta, tropecei, estendendo as mãos enquanto caía estatelada na neve um segundo antes de a lanterna voltar, iluminando a escuridão acima de minha cabeça. Rastejei como um soldado mais alguns metros, arrastando meus suprimentos comigo e me escondendo atrás de um afloramento de rocha que se projetava como um iceberg do mar de neve.

Vi o feixe de luz da lanterna projetar-se de forma intermitente pelos galhos à frente.

Ele estava cada vez mais perto, subindo a montanha muito mais rápido do que eu havia conseguido. Segurei firme contra o peito o cantil e a lanterna, fiquei de pé e corri até

outro grupo de árvores.

— ...podemos nos ajudar!

"Podemos nos ajudar"? Senti uma vontade avassaladora de rir. Ele achou mesmo que eu ia cair nessa? Ele queria sair da montanha. Assim que eu o ajudasse, ele me mataria. Eu tinha mais chances de sobreviver enfrentando a floresta sozinha.

Coloquei minhas provisões na neve ao meu lado. Apoiei nas coxas as mãos protegidas por luvas e me inclinei para a frente, dando ao corpo um momento de descanso. Minha respiração estava tão ofegante que eu tinha certeza de que ele ouviria. O ar feria minha garganta a cada vez que eu inspirava. Eu estava tão zonza que temia desmaiar de uma hora para outra.

— Britt? É o Mason.

"Droga, droga, droga."

Ele me chamava com uma voz tranquilizadora, mas eu não me deixaria enganar.

— Sei que pode me ouvir — continuou. — Você não está muito longe. Há outra tempestade chegando; é por isso que o vento aumentou. Você não pode ficar aqui fora. Vai congelar até a morte.

Fechei bem os olhos para protegê-los das rajadas de neve. "Ele está mentindo, ele está mentindo." Eu repetia aquelas palavras para mim mesma, pois sentia minha determinação enfraquecer. Eu estava assustada, desesperada e com frio e, para minha surpresa, realmente queria confiar nele. Queria acreditar que ele me ajudaria. Isso era o que mais me assustava. Porque, lá no fundo, eu sabia que estaria morta no momento em que saísse de trás da árvore.

Do meu esconderijo, eu o vi se ajoelhar e observar onde minhas pegadas haviam remexido a neve. Mesmo se eu tentasse correr, seria inevitável. Ele me pegaria agora ou em cinco minutos.

— Pense nisso, Britt — gritou Mason. — Você não quer morrer aqui fora. Se está me ouvindo, grite o meu nome.

"Nunca", pensei.

Eu o vi encontrar meu rastro e começar a correr em direção a onde eu estava escondida. Eu sabia o que estava por vir, mas conhecer meu destino não diminuía a necessidade intrínseca de sobreviver. Fiquei de pé e corri o máximo que pude.

— Britt, pare! — gritou ele.

— Não! — falei, virando-me para encará-lo. — *Nunca* — disparei.

Eu não ia voltar. Eu *lutaria*. Preferia morrer lutando a deixar que ele me arrastasse de volta.

Ele começou a me iluminar com a lanterna, pensou melhor, e, em vez de apontá-la para meu rosto e me cegar, perguntou:

— Você está bem?

— Não.

— Está ferida?

Havia uma preocupação evidente em sua voz.

— Só porque não estou ferida não significa que estou bem.

Ele subiu até onde eu estava, se aproximando com cautela. Andou ao meu redor, me examinando em busca de ferimentos. Então, seus olhos correram para o chão, para as provisões roubadas.

— Você pegou um cantil e uma lanterna — disse ele, soando quase impressionado, o que me fez sentir uma estranha mistura de orgulho e irritação. É claro que peguei o que pude. Eu não era idiota.

E então sua voz ficou séria e reprovadora.

— Três horas. Esse é o tempo que você teria sobrevivido sozinha aqui fora, Britt. Menos, se essa tempestade piorar.

— Eu não vou voltar.

Sentei-me na neve, deixando clara minha posição.

— Prefere morrer aqui fora?

— Vocês vão me matar de qualquer maneira.

— Não vou deixar Shaun matar você.

Levantei a cabeça.

— E por que eu deveria acreditar em você? Você é um criminoso. Devia estar preso. Espero que a polícia o pegue e tranque você lá para o resto da vida. Você não impediu Shaun de matar o guarda nem de atirar no policial. Nem de matar aquela garota da cabana — continuei, antes que pudesse me deter. Eu não pretendia dizer a Mason que sabia sobre o corpo, mas agora era tarde demais para guardar segredos.

Mason arqueou as sobrancelhas.

— Que garota?

Ele parecia verdadeiramente confuso, mas mentir bem era um de seus talentos. E eu não iria deixá-lo me enganar novamente, não mesmo.

— A que estava na despensa da cabana, a despensa em que vocês me forçaram a ficar. Encontrei um cadáver lá, dentro de uma caixa grande de ferramentas. Você realmente espera que eu acredite que não sabe nada sobre isso?

Uma pausa tensa.

— Você contou ao Shaun sobre o corpo? — perguntou Mason, a voz estranhamente tranquila e calma. Seu corpo estava rígido, retesado como um nó.

— Por quê? Foi você quem a matou?

Um frio de pavor correu pelas minhas veias.

— Você não contou ao Shaun.

— E não sei por que não contei! — disparei, nervosa e atormentada. Será que Mason havia matado a garota? Eu pensei ter enxergado uma pessoa melhor nele, mas talvez estivesse errada. Talvez eu tivesse deixado que um ou outro gesto de bondade ofuscasse sua verdadeira natureza. — Vocês nunca me deixariam viver, esse era o plano desde o início.

— Não vou matar você. E nem Shaun… Eu não vou deixar.

— Sério — desabafei, furiosa. — Você percebe o quanto essa promessa é estúpida e vazia? Shaun está com a arma. Ele está no controle. Você… não passa de um lacaio patético!

Em vez de ficar ofendido, Mason me observou atentamente, como se estivesse tentando descobrir o que realmente se passava em minha cabeça.

— Levante-se — disse ele, por fim. — Suas roupas estão ficando molhadas e a temperatura do seu corpo vai cair.

— E daí? Me deixe morrer. Não vou ajudar vocês a sair da montanha. Estou cansada disso tudo. Você não pode me forçar a fazer isso. Sou inútil para você. Só me deixe ir embora.

Mason me colocou de pé, tirando a neve das minhas roupas.

— Onde está a garota durona de antes? A garota que queria fazer trilha na Cordilheira Teton, aconteça o que acontecer, sem se preocupar com as dificuldades?

— Não sou mais aquela garota. Quero ir para casa — falei, os olhos ficando embaçados de lágrimas. Sentia falta do meu pai e de Ian. Eles deviam estar morrendo de preocupação.

— Controle-se — disse Mason. — Você já foi testada fisicamente… Agora precisa ser mentalmente forte. Vamos voltar para a cabana e fingir que nada disso aconteceu. Não vamos contar nada ao Shaun. De manhã, você vai nos tirar desta montanha, e então vamos deixar você ir embora.

Fiz que não com a cabeça.

— Vou carregar você se for preciso, mas não vou deixá-la morrer aqui fora — disse Mason.

— Não toque em mim.

Ele levantou as mãos.

— Então comece a andar.

— Você não vai mesmo me deixar ir embora, não é?

— Ir para onde? Para a floresta, com uma nevasca, para morrer congelada? Não.

— Odeio você — falei, infeliz.

— Sim, você já disse isso. Vamos.

CAPÍTULO DEZESSEIS

A descida deveria ser bem mais fácil do que a subida, mas cada passo parecia mais pesado do que o anterior. Eu tinha falhado. Mason prometeu guardar meu segredo, mas que garantia eu tinha de que Shaun não estaria andando de um lado para outro com a arma na mão quando voltássemos? Eu podia estar indo em direção à minha própria morte.

Eu tinha visto Mason tentar impedir Shaun de atirar no guarda-florestal — tinha certeza de que foi essa a sua intenção quando se jogou em cima do companheiro —, e talvez ele fosse uma pessoa melhor do que eu pensava. Mas não importava onde Mason traçava sua linha entre o certo e o errado. Shaun era quem estava com a arma.

E havia o corpo da garota. Eu não sabia quem a havia matado, mas a forma como Mason havia reagido quando eu lhe contara sobre o cadáver tinha sido estranha. Ele estava escondendo alguma coisa de mim; e de Shaun também, ao que parecia.

Por fim, a cabana da Guarda Florestal surgiu em meio à escuridão. Eu estava quase chegando à varanda quando senti meu corpo voar para trás: era Mason me puxando. Sua mão enluvada cobriu minha boca e, por um instante desesperador, pensei que ele estivesse tentando me sufocar. Sua respiração ofegante estava bem próxima ao meu ouvido, e seu corpo era uma parede rígida junto às minhas costas.

A porta da cabana estava aberta, e a voz de Calvin vinha lá de dentro.

Meu coração acelerou. Calvin. *Ali*. Ele tinha me encontrado!

— Onde elas estão? — exigiu Calvin, fora do meu campo de visão.

— Não tenho a menor ideia do que você está falando — respondeu Shaun, melindrado.

Mason me levantou, apesar de eu me debater e desferir chutes no ar, e me arrastou silenciosamente até o último degrau da varanda. Vimos os dois homens pela janela da cozinha. Calvin provavelmente surpreendera Shaun enquanto ele dormia, porque estava apontando uma arma para o comparsa de Mason. Não reconheci a arma. Calvin provavelmente a trouxera de Idlewilde. Eu sabia que os Versteeg tinham armas na cabana. A de Shaun não estava à vista. Para minha tristeza, uma luz havia sido ligada na sala de estar, tornando impossível para Calvin me ver do outro lado da janela da cozinha — estava muito escuro ali fora. Se ele olhasse naquela direção, veria apenas o interior da cabana refletido na vidraça.

Tentei gritar seu nome, mas a luva de Mason apertava minha boca impiedosamente. Tentei chutar suas canelas e meu calcanhar acertou um osso antes de ele me empurrar contra a parede de fora com um vigor impressionante. Eu tinha subestimado muito sua força, e me vi derrotada. Com a mão livre, ele prendeu meus pulsos, e forçou o joelho na parte de trás da minha perna, até eu não aguentar mais a dor e ficar inerte. Ele aproveitou este momento em que baixei a guarda para pressionar o corpo violentamente contra o

meu, me prendendo entre ele e a cabana. Meu rosto foi empurrado contra a veneziana gelada, e tive que me esforçar para ver Calvin pela janela.

— Há três tigelas na pia, três copos no balcão! — rosnou Calvin. — Sei que Korbie e Britt estavam aqui com você. — Ele foi até a pia e passou o dedo nas tigelas, dando uma olhada rápida. — A comida está úmida. Elas estiveram aqui recentemente. Onde estão agora?

— Talvez eu tenha usado as três tigelas — respondeu Shaun, irritado.

Calvin atirou um copo na direção de Shaun, que se abaixou, e o copo quebrou na parede atrás dele. Quando encarou Calvin novamente, estava um pouco pálido.

— Você as matou? — Calvin não diminuiu os passos enquanto andava em direção a Shaun, apontando a arma à queima-roupa. Sua voz tremia de raiva, mas a mão que segurava a arma permaneceu firme. — Matou?

Shaun não parava de mexer as mãos, inquieto.

— Não sou um assassino — respondeu, em um tom ingênuo demais para ser verdade.

— Não? — retrucou Calvin em uma voz implacavelmente suave. — Eu conheço você. Já o vi por aí. No bar Silver Dollar Cowboy. Você gosta de embebedar as garotas e tirar fotos delas. É um pervertido dos infernos.

Observei a expressão no rosto de Shaun. O ar inocente foi embora, dando lugar ao medo.

— Não sei o que você viu, mas não era eu, não tiro fotos de garotas. Nem sequer tenho uma câmera. E nunca subo as montanhas…

— Que tipo de coisas pervertidas você faz com as fotos? — perguntou Calvin. — Vi você com aquela garota, a socialite que desapareceu. Talvez eu deva contar à polícia.

— Você… você pegou o cara errado — gaguejou Shaun.

— Onde está minha irmã? Onde está Britt? Comece a falar ou eu *vou* contar aos policiais! — Calvin estava gritando agora. — Você tirou fotos delas? Achou que poderia chantagear minha família? Ou postar as fotos na internet para perturbar minha irmã? Ou vendê-las?

Shaun engoliu em seco.

— Não.

— Não vou perguntar de novo… onde estão as garotas?

— Você tem que acreditar em mim, nunca quisemos fazer mal nenhum a elas. Nós a acolhemos porque o carro delas estava preso e não podíamos deixá-las congelando na tempestade.

— Nós?

— Eu e meu amigo, Ace. Ele estava aqui quando fui dormir. Deve ter fugido com ela. É ele que você quer…

— "Ela"? Quem é "ela"?

— Britt. Ele levou Britt. Ela estava aqui com a gente. Acho que ele estava interessado nela. Mas eu nunca toquei nela, posso jurar sobre o túmulo da minha mãe. Dê uma olhada na floresta. Talvez ele a tenha levado lá para fora, querendo um pouco de privacidade. É melhor você dar uma olhada.

— E quanto a Korbie? Onde ela está?

— Ace me fez deixá-la na cabana, antes de caminharmos até aqui. Ele disse que não tínhamos suprimentos suficientes para as duas garotas. Deixei comida e água para ela, mesmo Ace me dizendo para não fazer isso. Cuidei para que ela ficasse segura.

— Você deixou minha irmã sozinha em uma cabana? Que cabana?

— Fica a alguns quilômetros daqui, longe da estrada. Tem cortinas azuis nas janelas. O gramado está cheio de ervas daninhas. Ninguém aparece por lá há anos.

— Eu sei qual é. O snowmobile lá na frente… onde está a chave?

Shaun não respondeu de imediato, claramente relutante em abrir mão do que tinha acabado de cair do céu em suas mãos.

— Não sei. Estava estacionado lá na frente quando chegamos. Não é nosso — disse ele. — O motorista deve ter ficado sem combustível e o deixou aqui. Duvido que valha o trabalho de tentar uma ligação direta.

Calvin apontou a arma para ele.

— Não minta para mim. Me dê a chave. *Agora.*

— Você não vai atirar em mim. Descobririam que foi você. Não tem ninguém aqui nas montanhas. Só você, eu, Ace e as garotas.

— Não se preocupe, não vou deixar nada para eles encontrarem.

Calvin atirou.

As explosões em *staccato* feriram meus ouvidos e me assustaram. Atrás de mim, o corpo de Mason estremeceu violentamente — ele também estava chocado. Eu tinha visto Shaun matar o guarda-florestal, tinha visto pedaços de tecido humano salpicarem as paredes, mas nada disso havia me preparado para ver Calvin matar alguém a sangue-frio.

Aquilo não podia estar acontecendo. Minha mente tentava de todas as formas, em meio à loucura, encontrar algo que justificasse a violência de Calvin. Por que ele não havia amarrado Shaun e o entregado às autoridades? Era inimaginável a ideia de que ele pudesse matar Shaun sem qualquer evidência concreta de que ele ferira uma de nós duas. Será que sua preocupação era tanta que ele não estava raciocinando direito?

Eu tinha que falar com ele. Precisava mostrar que estava viva e acalmá-lo. Juntos poderíamos ir embora daquele lugar horrível.

Então me debati com ainda mais força para me livrar de Mason. Ele cravou os dedos em minha pele, mas eu mal registrava a dor. O único pensamento martelando em minha mente era alcançar Calvin. "Estou aqui!", eu gritava freneticamente para ele na minha cabeça. "Estou bem aqui fora!"

Lá dentro, Calvin chutou o corpo sem vida de Shaun, para ter certeza de que ele estava morto. Então revistou seus bolsos. Pegou calmamente o dinheiro da carteira dele e a chave do snowmobile. Em seguida foi até o quarto onde Shaun havia dormido, reaparecendo um pouco depois com a arma dele, que enfiou no cinto. Após dar uma rápida olhada nas gavetas da cozinha, encontrou um isqueiro.

Não entendi logo de cara por que ele colocara fogo nas cortinas da sala. Mas depois a ficha caiu. Shaun tinha razão. A polícia suspeitaria de Calvin. Podiam até concluir que ele era o responsável pelo assassinato do guarda-florestal. Ele *tinha* que destruir as provas.

Uma fumaça negra e densa saía do sofá, que Calvin incendiou logo após as cortinas, e chamas brilhantes subiam pelas paredes. Eu mal podia acreditar em como o fogo tinha se alastrado tão rápido, correndo de um móvel para outro, e uma fumaça ainda mais espessa subiu e tomou conta da sala.

Quando Calvin foi em direção à porta da frente, Mason me arrastou para um canto escuro da varanda. Do nosso esconderijo, ouvi o barulho das botas de Calvin nos degraus da varanda enquanto descia, trotando.

Ele estava indo embora.

Sem mim.

Eu tentava desesperadamente me soltar, mas os braços de Mason pareciam feitos de aço. Eu não podia correr. Não podia gritar. Meus gritos abafados eram muito baixos para serem ouvidos diante do vento e do crepitar do fogo. Calvin estava indo embora. Eu precisava detê-lo. Não aguentaria ficar nem mais um minuto com Mason.

Ouvi o barulho do snowmobile sendo ligado. Em uma questão de segundos, o zumbido do motor desapareceu.

Mason me soltou. Desabei contra a balaustrada da varanda. Sentia meu coração se partindo, estilhaçando-se em fragmentos irreparáveis. Pressionei o rosto nos braços cruzados e deixei escapar um som profundo de agonia. As lágrimas corriam pelo meu rosto. O pesadelo estava me arrastando de volta, para uma profundidade que eu não sabia que existia.

— Fique aqui — disse Mason, com urgência na voz. — Vou entrar para pegar nosso equipamento.

Puxando o casaco para proteger a cabeça, ele disparou pela porta aberta. Eu podia ter fugido. Naquele momento, eu podia ter corrido em direção às árvores a adentrado a escuridão. Mas eu sabia que Mason iria me encontrar. E ele estava com os equipamentos. Ele tinha razão: eu não duraria muito tempo sozinha.

Desci lentamente os degraus da varanda, ainda muito chocada por Calvin ter ido embora sem mim para prestar atenção ao fogo. Atordoada, observei as chamas brilhantes lamberem o chão e fagulhas caírem do teto. Os estalos e o silvo do fogo haviam se transformado em um rugido. Através da fumaça, eu tinha vislumbres de Mason jogando tudo o que podia em nossas mochilas. Mesmo a distância, o calor ardia intensamente pela porta, encharcando meu rosto de suor. Para Mason, devia estar sufocante.

Por fim, ele cambaleou porta afora, tossindo violentamente, com duas mochilas nos ombros. Seu rosto estava coberto de fuligem e, quando ele piscou, o branco de seus olhos parecia se destacar. Minha reação diante daquela visão monstruosa deve ter transparecido em meu rosto. Ele passou a manga do casaco pelo rosto, tirando a maior parte da fuligem.

A neve rodopiava com força entre nós, salpicando o rosto sujo dele.

— A tempestade está caindo com força total — disse ele. — Precisamos encontrar um abrigo antes que seja tarde demais.

CAPÍTULO DEZESSETE

Mason estava certo. Uma forte nevasca caía na montanha. Como o chão já estava coberto por causa das tempestades anteriores, a neve se acumulava rapidamente. Subia pelos troncos das árvores e pesava sobre os galhos. Ninguém subiria a montanha por ora. Nem a polícia, nem o meu pai. Estávamos a nossa própria sorte. E nada me parecia mais assustador.

Precisávamos encontrar um abrigo onde pudéssemos ficar protegidos do frio e da neve. Eu não sabia de nenhuma cabana por perto, o que significava que nossa única opção era encontrar uma árvore caída ou uma caverna. Enquanto avançávamos penosamente, Mason tirou o gorro de lã e me deu. Eu estava desconfiada e ressentida quanto àqueles pequenos gestos de bondade das últimas horas, mas dessa vez aceitei o gorro, agradecida. Minhas meias estavam encharcadas depois da fuga no meio da noite, e meus dentes começavam a bater. Eu estava disposta a arriscar meu orgulho por qualquer forma de me aquecer.

— Obrigada — falei.

Ele acenou com a cabeça, os lábios em um tom pálido de azul. Seu cabelo curto brilhava por causa da neve. Eu sabia que o certo seria devolver o gorro, mas eu também estava congelando. Então simplesmente desviei o olhar e fingi que não estava vendo.

A única coisa inteligente a fazer seria consultar o mapa de Calvin, que mostraria o abrigo mais próximo. Mas eu não sabia como olhar o mapa sem que Mason o visse também. Se ele soubesse do mapa, não precisaria mais de mim. Ele o pegaria, e então seria cada um por si. Além disso, se o mapa se molhasse, por exemplo, a tinta provavelmente iria manchar. Pior ainda, o papel podia rasgar ou se desfazer.

Caminhamos por muito tempo, cada passo lento e cauteloso, tomando o cuidado de verificar se não havia nenhum detrito escondido sob a neve antes de jogarmos o peso do corpo. As nuvens encobriam a lua, tornando a noite mais escura do que nunca, mesmo com as lanternas. Meus dedos dos pés estavam dormentes devido ao frio. Mesmo quando fechava bem a boca, não conseguia parar de bater os dentes. Eu estreitava os olhos para protegê-los das rajadas árticas de vento, focando as botas de Mason à frente. Toda vez que ele dava um passo, eu me forçava a fazer o mesmo. Como ele era alto e tinha ombros largos, bloqueava a maior parte do vento, mas ainda assim o ar frio me atingia, atravessando meu casaco e congelando minha pele. Logo meu cérebro desligou e procurei concentrar minha energia em simplesmente seguir em frente.

Então meus pensamentos correram para onde sempre iam. Para Calvin.

CAPÍTULO DEZOITO

— Estou saindo — anunciou Korbie de dentro do provador. Ouvi o farfalhar da seda quando ela abriu o ferrolho da porta. — Não minta, porque vou saber de cara se não estiver falando a verdade.

Sentei-me no banco do outro provador, bem em frente ao de Korbie, a porta aberta. Corri para terminar minha mensagem, apertei enviar e deixei meu telefone cair disfarçadamente na bolsa. Senti uma pontada de culpa ao fazer isso. Eu não gostava de esconder coisas de Korbie.

— Estou chateada por você achar que eu mentiria — falei, mas não sem um peso na consciência.

Korbie estava usando um vestido espartilhado violeta que esvoaçava na altura dos tornozelos enquanto ela rodopiava como uma princesa da Disney.

— E aí? O que você achou? — perguntou ela.

— É roxo.

— E?

— Você me disse que o Urso odeia roxo — falei.

Ela fez um gesto exasperado.

— E é por isso que vou usar este. Para ajudá-lo a mudar de ideia. Se ele vir como fico linda de roxo, vai perceber que adora.

— Você vai fazê-lo usar uma gravata-borboleta roxa, para combinar?

— Hum, *sim* — disse Korbie, revirando os olhos diante da estupidez da pergunta. — É o baile da escola. Temos que estar combinando. Nossa foto pode ir parar no anuário.

— As fotos do anuário são em preto e branco.

— Você não está tornando as coisas muito divertidas. Experimente pelo menos *um* vestido — implorou Korbie, puxando minhas mãos em um esforço para me fazer levantar do banco. — No ano passado fomos comprar o vestido do baile juntas e *nós duas* participamos. Quero que seja como no ano passado. O que há de errado com os garotos da nossa escola? Não dá para acreditar que nenhum deles tenha convidado você ainda.

Eu não contara a Korbie que Brett Fischer havia me convidado para o baile e eu tinha recusado. Não estava disponível, estava namorando alguém *não* oficialmente. Não sabia por mais quanto tempo teria que guardar esse segredo, porque era isto: um segredo que eu tinha jurado manter antes de perceber que esse segredo abriria um buraco em meu peito.

Meu celular tocou na bolsa.

— Quem está mandando mensagem para você? — perguntou Korbie.

— Provavelmente meu pai — falei, fingindo tédio, mexendo no rabo de cavalo.

Um sorriso escandalizado se abriu no rosto de Korbie.

— Você tem um namorado secreto, Britt, querida? — provocou ela.

— Sim — brinquei, mas abaixei a cabeça para ela não me ver corar.

— Bem, espero que você arrume um par logo — disse ela, com a voz séria —, porque não vou me divertir nem um pouco no baile se souber que você está em casa vendo um filme, comendo sorvete e engordando. Ah, já sei! Que tal aquele cara que sempre fala com você quando estamos saindo da aula de matemática?

— Hum, o sr. Bagshawe?

Korbie estalou os dedos, balançando o braço de quadril a quadril como uma dançarina em um clipe de música.

— Esse. Um amor mais velho e proibido. Essa é a minha Britt.

— Próximo vestido, por favor — falei.

Quando ela desapareceu atrás da porta do provador, peguei meu celular. A mensagem de Calvin estava à minha espera.

Posso ver você hoje à noite?

O que você tem em mente?, escrevi em resposta.

Escapar lá pelas onze. Traga seu biquíni. Serei o cara na banheira de hidromassagem com as bebidas.

Os Versteeg tinham uma banheira de hidromassagem e uma piscina no quintal. Por mais que eu quisesse estar com Calvin naquela noite, estava cansada do trabalho que davam aqueles encontros secretos tarde da noite.

Calvin tinha me dito que Korbie não podia saber sobre nós dois ainda — ninguém podia. Ele tinha me convencido de que manter nosso relacionamento em segredo tornava as coisas excitantes. Eu queria dizer a ele que já tinha dezessete anos agora e que, portanto, não tinha mais idade para joguinhos e segredos. Mas tinha medo de que ele entendesse errado. Afinal, ele já tinha quase dezenove. Quem era eu para lhe dar conselhos sobre relacionamentos?

— Estou ouvindo você digitando — cantarolou Korbie pela porta do provador. Ouvi um zíper agarrar enquanto ela experimentava outro vestido. — Você devia estar me dando atenção exclusiva. Droga! Por que não temos uma loja de departamentos de verdade? É incrível como temos dez McDonald's por pessoa, mas nenhuma Macy's. Vou ter que comprar um vestido on-line.

Era difícil pensar no baile quando eu sabia que não ia. Eu *queria* ir, mas Calvin não estava pronto para tornar nosso namoro público.

Em vez de me concentrar no fato deprimente de que eu não ia ao baile e de que não participaria de todos aqueles rituais femininos divertidos que acompanham a ocasião, me forcei a pensar positivamente. Eu estava namorando Calvin Versteeg. O amor da minha vida. Vendo por uma perspectiva geral das coisas, o que era um baile bobo de escola?

Só fazia algumas horas que Calvin tinha se despedido de mim com um beijo depois da escola e que havíamos entrado em uma sala vazia para namorar até ouvirmos o zelador empurrar seu carrinho pelo corredor. Mordi o lábio para conter um sorriso. Calvin e eu nos conhecíamos desde crianças. Dificilmente passava um dia sem que eu o visse. Ele antes puxava meu rabo de cavalo e me chamava de pirralha. Agora passava o dedo

carinhosamente pelo meu rosto enquanto conversávamos e me beijava em momentos roubados e encontros proibidos.

Eu tinha que admitir, *era* meio excitante.

Às vezes.

Mas havia as outras vezes.

Como na semana anterior, quando o melhor amigo de Calvin, Dex Vega, nos flagrou atrás do campo de beisebol, bem depois do fim do treino. Minhas costas estavam apoiadas na porta da picape de Calvin, e ele estava grudado em mim, sem deixar nenhum espaço entre nossos corpos.

Dex falou o de sempre:

— Arranjem um quarto.

Ele não era muito criativo. Era da equipe de atletismo, assim como Calvin, e era ótimo nas provas com barreiras. Mas não era tão bom assim em todo o resto.

— Já fiz isso — disse Calvin, piscando para mim em busca de cumplicidade.

Eu sabia que Cal não iria gostar que eu o desmentisse na frente do seu melhor amigo, mas não tínhamos dormido juntos ainda.

Os olhos de Dex correram pelo meu corpo de cima a baixo. A maneira como ele sorriu para mim fez com que me sentisse uma vadia.

— Pensei que você não tivesse namorada, Versteeg.

Na verdade, *ele tem*, eu quis dizer. Eu sabia que tinha concordado em manter nosso relacionamento em segredo, mas aquela não era a oportunidade perfeita para finalmente abrir o jogo? Por que Calvin sentia a necessidade de mentir para o melhor amigo? Por que estava me pedindo para mentir para a *minha* melhor amiga? Calvin era conhecido como um galinha que não se envolvia com ninguém, nunca havia tido uma namorada séria, mas aquilo era diferente. Eu era diferente. Ele se preocupava comigo.

Eu tinha certeza disso. Só não queria que parecesse que eu estava tentando me convencer disso.

— Não tenho — disse Cal.

Eles riram, socaram um ao outro de brincadeira e depois trocaram um cumprimento elaborado.

— Cara, seu cabelo está todo em pé — disse Dex.

Dex estava certo. Eu tinha bagunçado o cabelo castanho volumoso de Calvin, e as pontas estavam todas viradas para o alto.

Achei que Calvin não fosse ligar, mas ele se curvou para se olhar no espelho retrovisor e disse:

— Que droga, Britt, eu vou jantar com meus pais depois — protestou, tentando inutilmente abaixar o cabelo.

— E daí? Você vai tomar banho antes, não vai? — falei, cansada de ficar quieta enquanto Calvin e Dex faziam com que eu me sentisse invisível.

— Você parece meu pai, sempre me dizendo o que eu devo ou não fazer — reclamou. — Limite-se a me beijar, ok? É nisso que você é boa.

Dex bufou, achando graça, e saiu tranquilamente.

Quando Calvin e eu ficamos sozinhos de novo, falei, em tom de acusação:

— Por que você deixou Dex pensar que já transamos?

— Porque, meu anjo, qualquer dia desses vamos transar mesmo — disse ele, passando o braço por cima do meu ombro.

— Ah, é? Engraçado, porque eu prefiro esperar. Então, quando exatamente você ia me contar sua decisão?

Ele riu da minha pergunta, mas eu não estava brincando. Queria mesmo ouvir a resposta dele.

Korbie riu, me trazendo de volta à realidade e ao presente.

— Diga ao sr. Bagshawe para pegar leve comigo no próximo teste, se ele não quer eu saia por aí espalhando o caso secreto de vocês.

Quando não respondi, ela acrescentou:

— Você não está chateada, né? Sabe que estou só brincando. Sei que você não está saindo com o sr. Bagshawe. Você nunca sairia com um cara sem me contar.

Aquilo me fez tomar uma decisão. *Nada de hidro hoje à noite*, escrevi para Calvin, torcendo para que ele não concluísse que eu estava menstruada. Estávamos juntos fazia algumas semanas, e eu o conhecia como nunca havia conhecido outro garoto, mas não tínhamos chegado ao ponto em que ele podia me levar ibuprofeno e uma bolsa térmica para cólica ou algo do tipo.

Quando vou ver você de biquíni?, ele mandou outra mensagem. *Um com lacinhos que eu possa soltar…*

Quando você abrir o jogo sobre nós dois, digitei. Meu polegar pairou sobre o botão de enviar.

Por fim, deletei a mensagem. Não ia manipular meu namorado. Eu tinha dezessete anos agora e já havia deixado de lado esses joguinhos.

CAPÍTULO DEZENOVE

Eu não sabia quanto tempo Mason tinha caminhado com um dos braços ao redor do meu corpo, me apoiando, me encorajando a seguir em frente. Enquanto descíamos com dificuldade, à procura de qualquer abrigo, eu me esforçava para me manter acordada, porque tinha consciência de que pegava no sono toda hora. Sob outras circunstâncias, eu teria me afastado de Mason, e a ideia de tocá-lo seria repulsiva, mas eu estava cansada demais para me importar.

Ele falou algo no meu ouvido. Notei, pelo tom de sua voz, que estava animado. Levantei as pálpebras, observando a infinita paisagem branca rodopiante. Ele apontou para algo mais à frente. Quando finalmente vi o que era, meu coração disparou de alegria.

Fomos quase nos arrastando até uma árvore caída, sua complexa rede de raízes agora expostas. Pedaços de lama congelada preenchiam as lacunas, criando uma espécie de caverna, um refúgio secreto para nos abrigarmos. Mason me ajudou a entrar agachada sob a copa de raízes retorcidas e depois entrou também. Protegida da neve e do vento, senti o peso do desespero em meu peito. A árvore cheirava a sujeira e decomposição, mas o lugar estava seco. E, em comparação com o vento forte lá fora, era quase agradável.

Mason tirou as luvas e soprou nas mãos fechadas, friccionando firmemente uma na outra.

— Como estão seus pés?

— Molhados. — Era a resposta mais longa que eu conseguia dar. Meus dentes doíam de tanto baterem, e meus lábios estavam enrijecidos, parecendo duas tiras doloridas de gelo.

Ele franziu a testa.

— Estou com medo de você ter tido lesões por causa do frio. Você devia... — Ele parou no meio da frase, mas eu sabia o que ele queria dizer. Eu deveria ter aceitado as meias secas de lã que ele tinha oferecido.

Meus pés tinham perdido a sensibilidade. Até mesmo o formigamento desconfortável tinha ido embora. Era difícil me preocupar com lesões causadas pelo frio intenso quando eu nem conseguia sentir a dor... e quando estava tão cansada que meu cérebro não era capaz de formular um único pensamento.

— Aqui, beba um pouco de água antes de dormir — instruiu Mason, me passando um cantil.

Tomei alguns goles, mas minhas pálpebras já estavam se fechando. Naquele momento semiconsciente, senti meu pai e Ian rezando por mim. Eles sabiam que eu estava com problemas, e estavam de joelhos, pedindo a Deus para me dar forças. Uma sensação serena de calor tomou conta de mim, e expirei suavemente.

"Não desistam de mim", eu disse a eles em pensamento através da vasta distância que nos separava.

Foi meu último pensamento grogue antes de adormecer.

Quando acordei, uma luz clara atravessava a malha retorcida de raízes acima da minha cabeça. Luz solar da manhã. Eu tinha dormido por horas. Senti Mason se mexer ao meu lado e percebi com um susto que adormecera aconchegada em seu corpo. Me afastei, mas imediatamente me arrependi, o ar frio preenchendo o espaço vazio onde nossos corpos antes se tocavam.

— Está acordada? — perguntou ele, a voz rouca de sono.

Me sentei, a cabeça roçando nas raízes. Foi então que notei que Mason havia colocado tapetes à prova d'água embaixo da gente e nos envolvido com cobertores e sacos de dormir. Também fiquei surpresa ao ver as botas de Mason nos meus pés. Elas eram grandes para mim, mas ele tinha apertado bem os cadarços, e meus dedos estavam quentes e confortáveis. Os pés dele estavam cobertos por um grosso par de meias de lã para trilha, mas eu duvidava que bloqueassem a entrada de ar frio.

— Suas meias estavam encharcadas — disse ele.

— Você não precisava me dar suas botas — falei, me sentindo muito grata por ele ter feito isso.

— Pendurei suas botas e meias para secar. — Ele apontou para uma das raízes mais baixas, que tinha transformado em um varal improvisado. — Mas, até fazermos uma fogueira, acho que vão ficar só penduradas mesmo, sem secar.

— Fogueira — falei, devagar, saboreando a palavra. Uma ânsia deliciosa tomou conta de mim quando pensei em calor de verdade.

— Não está nevando agora. É uma boa hora para encontrar lenha — sugeriu ele.

Ele estendeu as mãos e começou a desamarrar as botas para tirá-la dos meus pés. É claro que ele precisaria das botas para buscar lenha, mas seu toque tranquilo e familiar me pegou de surpresa. O único garoto que tinha me tocado assim tão intimamente fora Calvin.

Mason pegou as botas e as calçou. Um pouco sem graça, devolvi seu gorro de lã.

— Quanto de neve? — perguntei.

— Vários centímetros. Qualquer estrada subindo a montanha que estivesse aberta com certeza está fechada agora. Estamos por nossa conta por mais alguns dias, até eles conseguirem tirar a neve. Não se preocupe — disse ele, olhando para mim como se percebesse que essa notícia poderia ter me assustado. — Enquanto mantivermos a cabeça no lugar, ficaremos bem. Já sobrevivi a coisas piores.

Por incrível que pareça, a companhia dele me tranquilizava. Mas eu não deixava de me perguntar se Mason só passava toda essa segurança porque sabia que as estradas estavam obstruídas e que a polícia não podia vir atrás dele. Ele teria tempo de planejar seu próximo passo. Isso pareceu animá-lo, mas me deixava ainda mais deprimida. Ninguém estava vindo me resgatar. Eu sabia que Calvin não pararia de procurar por mim — encontraria Korbie e voltaria para me buscar assim que pudesse —, mas eu não podia contar com ele. Não podia contar com o meu pai. Não podia contar com a polícia. Parecia que pedras estavam desmoronando em meu peito, uma de cada vez.

— Você não vai para muito longe, não é? — perguntei a Mason enquanto ele engatinhava para fora do nosso refúgio.

Ele me observou com curiosidade por um momento; em seguida seus olhos brilharam como se estivesse achando graça do que tinha acabado de ouvir.

— Está com medo de que eu não volte?

— Não, é só…

Sim, isso resumia tudo.

Estranhamente, apenas algumas horas antes, eu tentara fugir dele. Eu não confiava nele então, e não tinha certeza se podia confiar agora. Ele ainda precisava de mim para sair da montanha, e provavelmente era só por isso que eu ainda estava viva. Ou não? Eu achava mesmo que Mason podia — ia — me matar? Se ele tivesse matado a garota que encontrei morta na cabana, seria capaz de matar de novo. Mas eu não sabia direito quem a havia matado. E não ia perguntar isso a Mason novamente — não era meu interesse provocá-lo.

— Vou procurar galhos secos em volta das árvores — explicou Mason. — Devo voltar em meia hora.

— Veja se consegue achar resina de pinheiro também — falei.

— Resina de pinheiro?

— Seiva. É pegajosa, mas é fácil de extrair, e queima como gasolina quando inflamada. — Calvin havia me ensinado esse truque anos antes.

Um pequeno sorriso de aprovação brilhou nos olhos de Mason. E, por um breve instante, sua expressão séria e fechada de sempre ficou mais suave.

— Resina de pinheiro, então.

Dormi até Mason voltar. Ouvi quando ele rastejou por baixo da cobertura de raízes, e, mesmo estando com o corpo rígido de frio, fui depressa vê-lo acender o fogo. Não queria ser chata ou exibida, mas talvez pudesse lhe dar algumas outras sugestões. Eu não esperava colocar o meu treinamento em prática em circunstâncias tão terríveis, mas de repente estava imensamente agradecida por ter aprendido pelo menos algumas técnicas básicas de sobrevivência.

Mason colocou quatro pedaços pequenos de madeira lado a lado, formando uma plataforma. Depois retirou a resina pegajosa de pinheiro e despejou no amontoado, piscando para mim. Então usou alguns galhos para construir uma espécie de tenda ventilada. Isso levou tempo, assim como os galhos também demoraram a pegar fogo depois que ele usou o acendedor. Finalmente, uma pequena fagulha se acendeu e os galhos começaram a fazer fumaça, queimando logo depois.

— Já, já estaremos aquecidos — prometeu ele.

Aquecida. Eu tinha quase me esquecido de como era a sensação.

— Por que você está me ajudando, Mason? — perguntei.

Ele se remexeu, inquieto, depois ficou em silêncio e pensativo. Por fim, disse:

— Sei que você não acredita em mim, mas nunca quis machucá-la. Quero ajudá-la. Quis ajudá-la desde o início, mas as coisas… saíram do controle — disse ele, com um ar distante.

— Você estava com medo do Shaun? Medo de contrariá-lo?

Eu deduzira que Shaun tinha medo de Mason, mas talvez tivesse entendido errado.

Mason não respondeu.

— Não lamento que ele esteja morto, mas sinto muito que você o tenha perdido. Sinto muito por você tê-lo visto morrer.

Mason deu uma risada amarga, balançando a cabeça entre os joelhos.

— Eu também — disse ele, taciturno. — Você não faz ideia.

— Não achei que ele fosse morrer… daquele jeito — acrescentei em voz baixa, ainda confusa pela atitude impulsiva que Calvin tomara ao matar Shaun.

— Deixe Shaun pra lá — disse Mason, os olhos momentaneamente se turvando de pesar. Ele piscou, aparentemente procurando apagar qualquer relutância em aceitar que Shaun realmente se fora. — Somos só você e eu a partir de agora. Uma equipe, certo? — Ele estendeu a mão.

Olhei para sua mão, mas não a apertei.

— Por que eu deveria confiar em você?

— Parece uma entrevista de emprego. *Por que eu deveria contratar você? Por que você é a melhor pessoa para o trabalho?*

— Estou falando sério.

Ele deu de ombros.

— Você só tem a mim.

— Isso não é um bom motivo para eu confiar em você. Se eu estivesse presa nesta árvore-caverna com Shaun, não confiaria nele, mesmo se ele fosse o único ser humano em milhares de quilômetros.

— Está mais para uma toca, na verdade.

Resisti à vontade de bufar.

— Por que você precisa de mim? Você sabe como fazer uma fogueira. Claramente já passou algum tempo na floresta antes… você é bom em rastreamento. Por que não me deixa aqui e se vira sozinho?

— É isso o que você quer?

— Claro que não — falei rapidamente, estremecendo só de pensar em enfrentar a imensa e inóspita extensão das montanhas sozinha. — Quer dizer, temos mais chances de sobreviver se ficarmos juntos.

— É exatamente o que eu penso.

— Então você está me usando.

— Não mais do que você está me usando.

Fiquei em silêncio. Havia certo alívio em finalmente poder fazer algumas perguntas a Mason, mas nossa conversa não foi tão satisfatória quanto devia. Eu tinha a nítida impressão de que suas respostas não eram francas. Ele me dava apenas o suficiente, uma mordidinha na isca, nada mais.

— Você quer uma razão para confiar em mim? — propôs Mason, finalmente, notando minha frustração. — Meu nome não é Mason. É Jude.

Tive um sobressalto.

— O quê?

Ele pegou a carteira no bolso de trás da calça. Sua carteira de motorista estava guardada em um compartimento plástico transparente. Ele a pegou e me deu.

Olhei para a carteira de motorista de Wyoming em nome de Mason K. Goertzen.

— Parece real, não? — disse Mason. — Mas não é.

Ele então me passou uma segunda carteira de motorista, que estava cuidadosamente escondida atrás da primeira. Só que, dessa vez, usou o polegar para esconder o sobrenome e o endereço.

A segunda carteira de motorista tinha a mesma foto que a primeira, mas havia sido emitida na Califórnia.

— Não entendo — falei.

— Eu não queria que Shaun soubesse meu verdadeiro nome.

— Por que não?

— Eu não queria que ele soubesse nada sobre mim caso tivéssemos algum desentendimento. Eu não confiava nele. E, embora não tenha certeza de que posso confiar em você também, estou me arriscando aqui. Espero que você agora dê o próximo passo. Se eu me abri com você, talvez eu possa convencê-la a compartilhar seus segredos.

— Eu não tenho uma identidade secreta. E não tenho nenhum segredo — rebati, me perguntando que tipo de truque era aquele, que informação ele queria de mim.

— Isso não é verdade. Você me disse que veio sozinha para as montanhas com Korbie.

Fechei a cara.

— Nós viemos.

— Então o que o seu ex está fazendo aqui? Calvin, é esse o nome dele, certo? As estradas estão fechadas. Ele deve ter subido antes de a primeira tempestade cair, há dois dias. Você sabia que ele estaria aqui em cima?

— E se eu soubesse? — perguntei, na defensiva.

— Por que você não falou dele? Lá na cabana, antes de saber que Shaun era perigoso, por que não nos contou a verdade?

Porque eu estava interessada em Shaun e não queria estragar minhas chances falando do meu ex. Era uma verdade muito vergonhosa para admitir, então lhe dei uma resposta que me permitiria ficar em paz comigo mesma:

— Talvez eu não tenha confiado totalmente em Shaun ou em você, e queria ter uma carta na manga, caso fosse necessário. E, pelo que vi, fui inteligente… Calvin pegou Shaun totalmente desprevenido!

Então me dei conta de que se não tivesse tentado fugir da cabana da Guarda Florestal, Calvin teria pegado *todos nós* de surpresa, e eu estaria com ele agora. Perceber isso me deixou sem ar, como se eu tivesse levado um soco no estômago.

— Você acha que Calvin está em Idlewilde? — perguntou Mason.

— Não sei.

Mas eu *achava* que Calvin estava lá. Se ele tivesse encontrado Korbie, com certeza a levaria para Idlewilde.

— Você sabe chegar a Idlewilde daqui?

Encarei Mason, tentando descobrir o que ele estava planejando. Eu estava com o mapa de Calvin e podia chegar até Idlewilde. Mas por que Mason iria querer me ajudar a ir até lá?

— Acho que sim — respondi finalmente, sem saber direito se deveria abrir o jogo assim sem antes entender o que ele queria com aquilo.

— Idlewilde fica mais perto do que o posto central da Guarda Florestal?

— Cerca de um quilômetro mais perto.

— Então acho que deveríamos ir para lá. Que tipo de cara é esse Calvin?

— Precisa mesmo perguntar? — debochei. — É do tipo que não deixa ninguém mexer com ele. Você deve ter percebido isso na cabana. Quando nos fizeram reféns, vocês não tinham ideia de onde estavam se metendo. Calvin não vai desistir até me encontrar. Ele saiu para procurar Korbie, mas vai voltar. Você tem toda a razão de ter medo, Mason — alertei-o.

— Jude — corrigiu.

— Você quer mesmo que eu o chame assim agora? — perguntei, um pouco exasperada. — Venho chamando você de Mason esse tempo todo. Não sei se consigo vê-lo como outra pessoa.

Seus olhos encontraram os meus, e um ar estranho e impenetrável passou pelo rosto dele.

— Experimente.

— *Jude* — falei, ainda mais irritada. — Jude — repeti, de maneira mais suave dessa vez, me acostumando com o som. Na verdade, eu achava que preferia chamá-lo assim, embora nunca fosse confessar isso a ele. — É tão curto; sempre preferi nomes de garotos com vogais mais abertas. E me faz lembrar aquela música dos Beatles. Ou do Jude Law, com quem você não é nada parecido — acrescentei rapidamente.

Ele passou a mão no queixo, fingindo refletir.

— É verdade, ele não teve a sorte de se parecer comigo.

Sem querer, ri alto. E imediatamente me arrependi, porque Mason — *Jude* — sorriu também, claramente satisfeito com a piada. O sorriso pareceu abrir todo o seu rosto, suavizando os ângulos rígidos e tornando seus olhos distantes mais calorosos. Por um momento, achei aquela imagem muito sedutora, e na mesma hora me repreendi por ter me sentido atraída por ele. Não era real. Se a Síndrome de Estocolmo existia, eu tinha certeza de que minha atração era um sintoma incial.

Ainda assim, talvez eu passasse a chamá-lo de Jude mesmo. Se iríamos trabalhar juntos para continuarmos vivos, seria útil pensar nele como alguém diferente. Não como o cara que tinha me sequestrado, mas como alguém com um passado obscuro. Alguém que não tinha enfrentado Shaun, mas que gostaria de tê-lo feito. Alguém que iria me ajudar, se eu o ajudasse.

— Meu nome é uma homenagem a São Judas Tadeu, o apóstolo, também conhecido como Judas, padroeiro das causas perdidas.

Olhei para ele, desconfiada.

— Padroeiro das causas perdidas? E isso lá é verdade?

— É claro que é verdade. Estou aqui com você, não estou?

Projetei o queixo para a frente.

— Está insinuando que sou uma causa perdida? — perguntei.

— Na verdade — disse ele, sério —, penso o oposto. Acho que você é capaz de mais coisas do que as pessoas pensam. Às vezes imagino que tipo de garota você era antes dessa viagem.

Ele imaginava coisas sobre mim? Que outras coisas ele pensava a meu respeito?

Ele me olhou de um jeito que fez eu me sentir cada vez mais transparente — e desconfortável — e continuou:

— Vi como você e Korbie interagiam, e isso me fez pensar se, onde mora, na frente de seus amigos e familiares, você mostra uma versão ligeiramente diferente da verdadeira Britt. Uma versão menos capaz. Você não é essa garota aqui nas montanhas. Gosto de ver que enfrenta seus medos. E, embora não seja algo que as pessoas considerem normalmente uma virtude, você tem muito talento para mentir. Quantas vezes você persuadiu Shaun com uma mentira convincente?

Não gostei do jeito demorado e tranquilo com que seus olhos castanhos me encararam.

— Se essa coisa de sequestro não der certo — me apressei em dizer —, você poderia tentar a sorte no ramo de leitura de mentes!

Ele esfregou o polegar e o dedo indicador, como se pedindo dinheiro.

— O mínimo que você pode fazer é me dar minha primeira gorjeta.

— Bem, aqui vai uma dica: da próxima vez, tente se concentrar em uma história que não seja tão excêntrica e infundada; sua vítima poderia acabar acreditando — brinquei.

Então foi a minha vez de me sentir convencida ao ver que seus olhos brilharam, achando graça. Eu podia estar presa naquela imensidão de neve, mas, ei, pelo menos não tinha perdido meu senso de humor.

— Você acha estranho Calvin ter atirado em um homem desarmado? — perguntou Jude, voltando ao assunto anterior.

Hesitei. Eu queria defender Calvin. Tinha pensado muito em todas as formas possíveis de justificar suas ações. Ele estava transtornado de preocupação. Achava que Shaun tinha machucado Korbie e a mim. Tinha feito a melhor jogada sob as circunstâncias que se apresentaram diante dele. Eu tinha tentado me convencer, mas a verdade é que estava profundamente perturbada com o que Calvin tinha feito.

— Não, não acho — falei, com uma longa inspiração. — Ele sabia que Shaun estava mentindo. Calvin não é idiota. Ele sabia que Korbie e eu estávamos... estamos... em perigo, e sabia que Shaun era pelo menos parcialmente responsável. E Shaun estava longe de ser inocente. Quantas vezes ele apontou uma arma para mim e para Korbie? Estávamos desarmadas. Você não pareceu se importar quando isso aconteceu. Só está com raiva porque Shaun era seu amigo. Se os papéis tivessem sido invertidos, Shaun teria atirado em Calvin sem pensar duas vezes. Você não pode me dizer sinceramente que Shaun sentiu remorso quando atirou no guarda-florestal. E não se esqueça do policial que ele acertou antes de vocês fugirem para as montanhas, ou da garota que ele mandou para o hospital. Shaun não tinha respeito algum pela vida. Não lamento que Calvin tenha atirado nele.

Jude assentiu. Não de uma forma que me levasse a crer que ele concordava comigo. Era como se agora ele entendesse o que se passava pela minha cabeça.

— Acho mesmo que deveríamos ir a Idlewilde. Se Calvin conseguir encontrar Korbie, vai levá-la para lá. O que significa que levar você a Idlewilde, e a seus amigos, deve ser nossa prioridade.

Olhei para ele com curiosidade.

— Por que você está me ajudando? — perguntei, pela segunda vez.

Ele se encostou nas raízes, entrelaçando os dedos atrás da cabeça e cruzando os tornozelos, parecendo um lenhador despreocupado.

— Talvez eu esteja nessa por mim. É do meu interesse me explicar ao Calvin. Não quero que ele atire em mim também — sugeriu, com um tom despreocupado, mas (e talvez eu tenha imaginado isso) com um toque sombrio de seriedade.

CAPÍTULO VINTE

Jude e eu estávamos sentados em tapetes e em um saco de dormir sob a árvore, aconchegados em volta do fogo, absorvendo toda onda de calor possível. Jude me fez mais algumas perguntas sobre Calvin, o que me fez pensar que *estava* com medo dele, mas na maior parte do tempo conversamos de um jeito descontraído.

Enquanto Jude falava, me peguei pensando nele. Em por que ele tinha deixado a Califórnia. Em como ele havia se envolvido em uma amizade — talvez "parceria" fosse uma palavra melhor — com Shaun. Eu queria perguntar todas essas coisas, mas tinha medo de que ele visse isso como um truque para fazê-lo revelar detalhes que eu poderia usar mais tarde para ajudar a polícia a identificá-lo. O que, em parte, *era* a minha intenção. Eu tinha a obrigação moral de ajudar a polícia a capturar Jude. Mas, em um nível mais pessoal, eu estava ficando cada vez mais curiosa sobre ele. Por razões que não queria analisar.

Eu estava começando a cochilar ao som baixo e agradável da voz de Jude, quando, de repente, ele disse:

— Quando chegarmos a Idlewilde, Calvin vai querer me entregar às autoridades. Foi de Shaun a ideia de sequestrar vocês, mas eu fui cúmplice. — Ele franziu a testa. — Talvez Calvin venha pra cima de mim com tudo.

Com medo de que Jude pudesse mudar de ideia sobre ir até Idlewilde, eu não titubeei em dizer:

— Podemos dizer ao Calvin que você se voltou contra Shaun e me ajudou a fugir.

— Sua história não vai bater com a de Korbie.

— Vamos dizer ao Calvin que você se voltou contra Shaun depois que me sequestraram. Que você estava com medo de enfrentar Shaun no início, porque ele era o líder e tinha uma arma, mas, quando viu a maneira horrível como ele me tratou, você decidiu resolver as coisas por conta própria.

Jude balançou a cabeça, não totalmente convencido.

— Isso não apaga o fato de que sequestrei você. Calvin não me parece ser muito piedoso. Para ele, não existe essa coisa de erro. Ele vai querer vingança.

Não existe essa coisa de erro? "Parece algo que o pai de Calvin diria", pensei.

— Vou falar com ele — sugeri. — Ele vai me ouvir.

— Sério, Britt — disse ele em um tom incongruentemente equilibrado. — Não tive a impressão de que Calvin é do tipo que ouve as pessoas. Ele não ligou para o que Shaun tinha a dizer.

A conversa, de repente, saiu do controle. Eu tinha que convencer Jude de que Calvin não iria feri-lo, mas a verdade era que eu não tinha certeza de como Calvin reagiria

quando chegássemos a Idlewilde. Principalmente porque ele matara Shaun. Eu não queria acreditar que ele seria capaz de atirar em Jude a sangue-frio também, mas não podia descartar a possibilidade.

— Mesmo no caso improvável de você conseguir fazer Calvin desistir, e quanto à polícia? — continuou ele. — Você vai ter que relatar o que aconteceu. Tudo vai vir à tona, inclusive meu papel no seu sequestro.

— Não. — Balancei a cabeça com firmeza. — Não vou contar a eles sobre você.

— Não de propósito, talvez. Mas vai ter que contar a eles sobre mim. Eles vão fazer uma enxurrada de perguntas, e a verdade vai aparecer. Você foi arrastada para essa confusão por acidente. Não tem nada a esconder. Não tem nenhuma razão para me acobertar, e nós dois sabemos disso.

— Isso não é verdade. Ouça, foi ideia do Shaun nos fazer reféns. Se você prometer me ajudar, eu minto por você. Eu... falo qualquer coisa que você quiser! — concluí, desesperada.

Ele se virou para mim, os olhos castanhos e envolventes me encarando.

— Você acha que só estou ajudando você porque quero algo em troca?

Eu não sabia por que ele estava me ajudando. Mas fazia sentido que esperasse algum tipo de retribuição. Até aquele momento, eu evitara qualquer especulação séria sobre o que teria que fazer para sobreviver naquele lugar, mas eu *ia* conseguir sair. Não morreria nas montanhas, não mesmo. Faria o que fosse preciso. Se tivesse que transportar minha mente para outro lugar no processo, que assim fosse.

Jude se moveu na minha direção de repente, e eu recuei, arfando, assustada. Só fui perceber que ele só estava mudando de posição e deslocando o peso do corpo quando já era tarde demais.

Ele bufou de raiva.

— Pensou o quê? Que eu fosse bater em você? Entre outras coisas? Você está apavorada imaginando todas as coisas sórdidas que eu poderia fazer com você só porque vou ajudá-la a chegar a Idlewilde. Não precisa negar, a repulsa está estampada no seu rosto. Bem, pode parar com o pânico. Não vou forçá-la a nada. E vou tentar esquecer que você achou que eu seria capaz de fazer algo assim. Fiz você refém porque não vi outra opção. Sinto muito por você ter sido arrastada para essa confusão, mas devo lembrá-la que tentei impedir que tudo isso acontecesse. E já que estamos falando do meu caráter, deixe-me tranquilizar sua consciência. Nunca estive com nenhuma mulher que não quisesse estar comigo — concluiu ele, com um ressentimento discreto e velado.

— Eu não conheço você — gaguejei, abalada não só pela perspicácia dele, mas também pelo tema da conversa. Eu não queria falar sobre sexo com Jude. Só queria sair dali viva. — Então me desculpe se duvido das suas intenções.

Jude tinha um comentário mordaz na ponta da língua — vi isso em seus olhos, que ardiam de raiva —, mas no último instante a tensão se esvaiu de seu rosto, e ele se acalmou, adquirindo um ar soturno.

Coloquei a cabeça entre os joelhos. Queria que as minhas meias secassem logo. Eu não conseguia esticar completamente as pernas em nossa pequena fortaleza sem encostar em

Jude. Ele estava sentado tão perto que eu podia ouvir sua respiração, e cada expiração soava agitada.

— Por que você terminou com seu ex? — perguntou Jude de repente.

Ele não olhava para mim, mas notei que estava fazendo o máximo para soar amigável. Talvez não amigável. Só não ofendido. Como eu, ele provavelmente percebeu que estávamos presos ali juntos, e era do nosso interesse manter as coisas no nível mais civilizado possível. — Você disse o nome dele algumas vezes enquanto dormia.

Em vez de me sentir constrangida, fiquei chateada por não me lembrar do sonho. Na maioria das vezes eu sonhava que Calvin e eu não tínhamos terminado. Que ele ainda morava a três quarteirões de distância, que eu podia ligar para ele ou passar na sua casa sempre que quisesse. Sonhava que ainda íamos juntos para a escola, e que ele guardava os livros e os óculos escuros no meu armário. Eu nunca sonhava com o lado ruim do nosso relacionamento, as vezes em que Calvin ficava mal-humorado depois de brigar com o pai e se recusava a falar comigo, punindo seu pai indiretamente através de mim. Durante esses momentos, Calvin parecia mesmo acreditar que era ele contra o mundo. Eu tentava me esquecer dessas coisas, principalmente agora, que precisava me apegar a algo otimista, que me desse esperança.

— Ele terminou comigo.

— Que cara burro — disse Jude, abaixando a cabeça para me olhar. Ele sorriu. Eu sabia que ele só estava falando isso para que eu me sentisse melhor.

— Ele não é burro, é muito inteligente, isso sim. E é excelente em fazer trilhas. Conhece estas montanhas muito bem — acrescentei, deixando a ameaça no ar. *Se não formos para Idlewilde, ele vai me encontrar.*

— Ele vem muito aqui?

— Vinha. Antes de ir para a faculdade.

— Ele é calouro?

— Aham, em Stanford.

Jude fez uma pausa, absorvendo a informação em silêncio. Depois de um instante, deixou escapar um assobio.

— Você está certa. Ele é inteligente.

— Inteligente o bastante para nos encontrar na cabana da Guarda Florestal — retruquei. — Inteligente o bastante para não ser enganado por Shaun.

— Que ele matou. Por mentir e sequestrar. Ele deve ter um temperamento difícil.

— Calvin não tem um temperamento difícil. Ele só… — Como justificar aquilo? — Ele tem um grande senso de justiça.

— Que se traduz em atirar em homens desarmados?

— Shaun atirou no guarda-florestal, que estava desarmado, então isso é um caso do sujo falando do mal lavado.

— Você, por acaso, se lembra de quantos pontos Calvin fez na prova para a faculdade?

Bufei.

— Por que você quer saber isso?

— Só estou curioso para saber se ele me superou… se é mais inteligente do que eu.

— Ele fez dois mil e cem — anunciei, com orgulho. *Supere isso.*

Jude bateu palmas, claramente impressionado.

— Bem, isso com certeza faz você entrar em Stanford.

— Calvin tirava notas horríveis para se vingar do pai, que sempre deu muita importância a boletins e à classificação dos alunos, e depois arrasou nas provas para a faculdade. Isso é *a cara* do Calvin — acrescentei. — Ele tem que fazer as coisas do seu jeito. Principalmente quando se trata do pai. Eles não se dão muito bem.

— Você visitou Calvin em Stanford? Alguma vez já foi naquele restaurante no centro da cidade, o Kirk, com as paredes verdes? Eles fazem a melhor batata frita que existe.

— Não, nós terminamos algumas semanas depois de ele ir para a faculdade. Como você sabe essas coisas sobre Palo Alto? Já esteve lá?

— Eu cresci naquela área, nos arredores de São Francisco.

— Você está mesmo longe de casa.

Ele balançou a mão, como se quisesse dizer que não era nada de mais.

— Eu estava cansado do clima perfeito. Todo mundo precisa de uma nevasca de vez em quando, uma aventura de vida e morte, você sabe.

— Hilário.

Revirei minha mochila, na esperança de que, ao pegar as roupas no jipe, Jude tivesse por acaso pegado também… Sim. Estava ali. O boné de beisebol de Stanford que Calvin tinha comprado quando ele e o pai visitaram a faculdade no ano anterior, enquanto Calvin ainda se decidia entre Stanford e Cornell. Alguns dias antes de Calvin ir para lá, perguntei se eu poderia ficar com o boné enquanto ele estivesse fora. Eu queria algo especial dele, e mesmo agora não tinha a menor intenção de devolver. No fim das contas, não chegou nem a ser uma troca justa; eu tinha dado a ele meu coração inteiro.

— Calvin me deu este boné antes de ir para a faculdade. É o mais perto de Stanford que já estive.

— Calvin deu isso para você?

Estendi o boné para ele, mas Jude não o pegou de imediato. Sentou-se todo empertigado, como se não quisesse nada ligado a Calvin e ao meu passado. Por fim, hesitante, pegou o boné da minha mão. Então o virou de um lado e depois do outro, examinando-o sem dizer uma palavra.

— Parece que você usou o boné enquanto pintava uma parede — comentou ele, esfregando o polegar em uma mancha amarela.

— Provavelmente caiu mostarda nele em algum jogo de beisebol. — Passei a unha do polegar sobre a mancha, soltando uns farelos. — Calvin adora beisebol. Seu pai nunca o deixou jogar, porque coincidia com as temporadas de tênis e corrida, mas ele sempre ia aos jogos. Seu melhor amigo, Dex, era o lançador da nossa escola. Quando Calvin era garoto, ele dizia a todo mundo que ia ser jogador profissional. Uma vez, ele me levou para ver os Bees jogarem em Salt Lake.

Inesperadamente, minha voz falhou com a lembrança. Cada vez que os Bees marcavam, Calvin se inclinava e me beijava. Ficávamos em nossos lugares, escondidos por um mar de

fãs que se levantavam para comemorar, e compartilhávamos esse momento íntimo no meio da multidão.

Cobri o rosto com as mãos. Mais do que nunca, eu sentia falta de Calvin. Se ele estivesse ali, me tiraria da montanha. Eu não precisaria mais me esforçar para ler o mapa, porque ele me guiaria. Esfreguei os olhos para não chorar, mas era o que eu queria fazer. Entregar os pontos e chorar bastante.

— Você sente falta dele.

Sim, eu sentia. Principalmente naquela situação.

— Você encontrou o Calvin depois que ele foi para a faculdade? — perguntou Jude. — Antes do posto de gasolina, quer dizer. Alguma vez você teve a chance de conversar com ele para pôr os pingos nos is?

— Não. Calvin nunca voltou para casa. Até dois dias atrás, eu não o via fazia oito meses.

— Nem mesmo no Natal? — perguntou ele, erguendo as sobrancelhas.

— Não. Não quero mais falar sobre Calvin, e também não quero falar sobre mim.

Eu não queria falar sobre Jude também, mas isso me parecia mais seguro do que entrar no jogo perigoso de desejar que Calvin estivesse ali.

Jude me passou o cantil de novo, mas eu não estava com vontade de beber água velha. Queria uma Coca e cereais e purê de batata com molho e torradas com manteiga de verdade, não margarina. De repente, me toquei de que não comia nada desde a noite anterior. Meu estômago se contraiu dolorosamente, e me perguntei como Jude e eu iríamos sobreviver à longa caminhada até Idlewilde com nada além de água.

Jude, sempre atento, leu meus pensamentos.

— Temos três cantis de água e duas barras de granola, mas acho melhor economizarmos a comida até realmente precisarmos.

— O que aconteceu com o quarto cantil? Ouvi Shaun dizendo que tínhamos quatro na cabana.

— Deixei um para Korbie. — Ele levou o dedo aos lábios. — Não conte para Shaun; é o nosso segredinho.

Olhei para ele. Não achei graça no humor mórbido, mas seu ato de generosidade me fez ficar com um nó na garganta de emoção. Eu queria apertar sua mão e chorar ao mesmo tempo.

— Você fez mesmo isso? — consegui perguntar finalmente.

— Deixei um cantil e duas barras de granola. É o suficiente para ela sobreviver à tempestade. Em mais um dia ou dois, ela vai conseguir ir até a estrada. Vai ficar bem. Sei que você está preocupada com ela, mas, dadas as duas opções, ficar no calor da cabana, por mais solitário que seja, ou vir com a gente e se arriscar a este clima, à exaustão e à fome, ela levou a melhor. Quando mentiu sobre ela ter diabetes, você provavelmente salvou a vida de sua amiga. Sei que eu disse que só acobertei sua história pensando em mim mesmo, mas eu estava frustrado quando falei isso, e, no calor do momento, perdi a paciência. A verdade é que eu vi o que você estava fazendo, e fiquei impressionado com a sua esperteza e a sua coragem. Eu devia ter dito isso a você na hora. Então estou falando agora. Você devia ter orgulho do que fez.

Mal prestei atenção ao elogio. Estava concentrada demais na primeira coisa que ele disse.

— Mas… por que você faria isso por Korbie? — perguntei, perplexa.

— Está surpresa em ver que não sou tão mau assim? — perguntou ele, com um ar cansado.

Aquele era o seu maior ato de bondade até então, e eu não sabia o que dizer. Por mais tentadora que minha reação inicial fosse — encará-lo com indiferença e frieza —, eu não tinha mais energia para nada. Estava cansada de construir barreiras. Pisquei para me livrar das lágrimas e soltei o ar, trêmula.

— Obrigada, Jude. Nem sei como agradecer — falei.

Ele aceitou minha gratidão com um aceno de cabeça. O gesto escondia uma discreta careta, que, eu tinha quase certeza, representava seu desconforto em ser considerado um herói. Para poupá-lo do constrangimento, decidi mudar de assunto:

— Será que minhas botas e meias já secaram? Preciso ir ao banheiro.

Eu queria olhar o mapa de Calvin de novo, principalmente se fôssemos partir em pouco tempo, mas também precisava mesmo ir ao banheiro.

Depois de amarrar as botas, saí do abrigo. Não andei o bastante para perder de vista nosso acampamento temporário, apenas o suficiente para ter um pouco de privacidade. Fui para trás de uma árvore e peguei o mapa de Calvin. Ele havia marcado uma cabana de caça velha e abandonada a menos de quatrocentos metros. A descrição dizia: "Telhado aceitável, boa proteção contra o vento." Pena eu não ter conseguido achar o lugar na noite anterior, no meio da tempestade.

Calvin fizera um ponto verde ao lado da cabana de caça. Havia dois outros pontos verdes idênticos no mapa: um marcava a cabana onde eu tinha encontrado Jude e Shaun. O terceiro ponto verde também parecia marcar um abrigo. Ao lado desse ponto, as anotações de Calvin só diziam: "Janelas quebradas." O lugar provavelmente estava abandonado, mas ficava entre nossa posição atual e Idlewilde; com sorte, Jude e eu poderíamos descansar lá.

Na esperança de encontrar algo útil na cabana do caçador, como barras de granola deixadas para trás por pessoas fazendo trilhas, e porque eu já estava por perto, decidi ir até lá dar uma olhada. Jude não sentiria minha falta se eu demorasse mais alguns minutos.

Usei o mapa para me orientar por entre as árvores. Galhos se prendiam às minhas roupas, me fazendo pensar em dedos magros e com garras. Estremeci e procurei afastar aquela imagem amedrontadora da minha mente, desejando de repente ter levado Jude comigo.

Por fim, as árvores ficaram mais esparsas, revelando uma construção de madeira sombria e austera, sem janelas, que parecia ter bem mais de cem anos. A porta era tão pequena e estreita que eu teria que me curvar para passar por ela.

O tamanho da porta não foi um erro grosseiro de cálculo por parte dos montanheses que tinham construído a cabana. Quando os primeiros caçadores chegaram à área, Wyoming e Idaho eram densamente povoados por ursos-pardos. Eles ainda habitam a área, mas em quantidades bem menores. Os caçadores construíam entradas bem pequenas em suas cabanas, de modo que fosse impossível para um urso-pardo passar, preservando

assim as peles de castor e as vidas dos caçadores. Eu devia esse conhecimento de curiosidades históricas a Calvin, que, junto com Dex, tinha esperado uma tempestade passar no que devia ser uma cabana de caça parecida com aquela, na primavera anterior.

Quando me aproximei, um pedaço de fita amarela preso em uma artemísia chamou minha atenção. Uma fita, dessas usadas pela polícia para isolar uma área. Um arrepio de familiaridade percorreu minha espinha, como se aquela pista devesse significar algo para mim.

A porta da cabana rangeu com o vento.

Comecei a recuar, subitamente tomada por um mau pressentimento. Senti meu cabelo arrepiar. Meu olhar estava fixo na porta, com medo de que algo terrível saísse dali se eu me virasse de costas.

E foi então que tive um estalo. Eu conhecia aquela cabana. O lugar tinha aparecido no noticiário em outubro do ano anterior, quando uma garota da região, Kimani Yowell, fora encontrada morta lá dentro.

CAPÍTULO VINTE E UM

Kimani Yowell. Miss Shoshone-Bannock. A jovem vencedora do concurso de beleza que tinha sido assassinada em outubro do ano anterior. A morte de Kimani não havia recebido tanto destaque na mídia quanto a de Lauren Huntsman, porque ela não era de uma família rica. Kimani tinha brigado com o namorado em uma festa em Fort Hall, Idaho, na noite em que morreu. Ela saiu sozinha e ele foi atrás. O rapaz a levou para as montanhas, a estrangulou e escondeu o corpo naquela cabana de caça. Se algumas pessoas fazendo trilha não tivessem encontrado o cadáver por acaso, o namorado poderia ter ficado impune.

Kimani frequentava a Pocatello High, uma escola rival da minha, então sua história fora especialmente traumática na época. Agora parecia apavorante. Ela tinha morrido bem ali. Na mesma floresta em que eu lutava pela minha vida.

A porta da cabana rangeu de novo e algo escuro e vivo se moveu pesadamente para fora, as patas grandes e com garras esmagando a neve. Coberto por uma pelagem marrom grossa e brilhante, o animal era maior do que um cão. Ele parou, balançando o focinho para cima, assustado com a minha presença. Seus pequenos olhos negros brilharam avidamente por baixo de uma máscara prateada. Urros e grunhidos roncavam baixo em sua garganta.

Eu já tinha ouvido histórias sobre carcajus. Eram tão ferozes que conseguiam enfrentar uma presa com três vezes o seu tamanho.

O carcaju caminhou em minha direção, o gingado surpreendentemente parecido com o de um urso. Então me virei e corri.

Ouvi o carcaju trotando pela neve atrás de mim. Em pânico, tentei olhar para trás e escorreguei. Com a roupa encharcada, enfiei os dedos na neve, procurando apoio para me levantar. Agarrei o primeiro objeto que achei e o observei em estado de estupor. O osso longo que encontrei estava seco e cheio de marcas de dentes. Com um grito, joguei-o longe.

Eu me levantei depressa e corri em direção ao borrão de árvores à frente. O nome de Jude era o único pensamento claro martelando em minha cabeça.

— *Jude!* — gritei, rezando para ele me ouvir.

Galhos açoitavam meu rosto e a neve profunda engolia minhas pernas. Arrisquei olhar novamente para trás. O carcaju estava cada vez mais perto, os olhos escuros com uma determinação selvagem.

Eu me esquivava às cegas por entre as árvores, tentando freneticamente me localizar. Em que direção estava Jude? Corri os olhos pelo chão congelado. Por que eu não conseguia achar minhas pegadas de antes? Será que eu estava me afastando ainda mais de Jude?

Gritei o nome dele de novo. Minha voz serpenteou pelas árvores em direção ao vasto céu. Pássaro algum levantou voo. Ele não podia me ouvir. Ninguém podia. Eu estava sozinha.

Minhas mãos estavam manchadas de sangue por causa das pontas afiadas dos abetos, mas eu estava alheia a essa dor. Tinha certeza de que sentira os dentes de navalha do carcaju e suas fortes garras em forma de gancho agarrarem minhas pernas.

O animal me pegou por trás de repente. Eu me sacudi e chutei, lutando desesperadamente para me libertar e continuar de pé. Se eu caísse, estava tudo acabado. Nunca mais me levantaria.

— Calma, Britt, não vou machucar você.

Os nós em meu peito se desfizeram ao som da voz baixa e reconfortante de Jude. A pressão dentro de mim se esvaiu, e desabei em cima dele, chorando de alívio.

Jude foi me soltando aos poucos, certificando-se de que eu conseguiria ficar de pé.

— Não vou machucar você — repetiu, e me virou de frente para ele. Seus olhos, curiosos e preocupados, procuraram meu rosto. — O que aconteceu?

Olhei para minhas mãos, arranhadas e ensanguentadas. Eu não conseguia encontrar minha voz.

— Ouvi você gritando. Pensei que um urso… — Ele inspirou fundo.

Sem pensar, pressionei meu rosto contra o peito dele. Sentia um soluço preso na garganta. Eu só queria ser abraçada. Mesmo que fosse por Jude.

Ele ficou tenso e assustado com minha atitude. Quando viu que não me afastei, suas mãos se moveram hesitantemente e me envolveram. A princípio, ele acariciou meus braços de maneira relutante, mas depois ficou mais tranquilo e se soltou. Fiquei feliz por ele não ter me tocado como se achasse que eu fosse quebrar a qualquer momento. Eu precisava saber que ele era sólido e real. Quando ele aninhou minha cabeça em seu peito e falou ao pé de meu ouvido de forma calma e serena, não contive as lágrimas. Enterrei meu rosto em seu casaco, chorando copiosamente.

— Estou bem aqui — disse ele suavemente. — Não vou embora. Você não está sozinha.

Ele apoiou o queixo no alto da minha cabeça, e me vi instintivamente me aconchegando mais para perto. Eu estava com tanto frio. Como se o calor tivesse sido drenado do meu corpo, gelada até os ossos. Foi bom deixá-lo me abraçar.

Bem ali, em meio ao ar gélido, Jude tirou o casaco e colocou-o sobre meus ombros.

— Me conte o que aconteceu.

Eu não queria relembrar o que houve. Ele ia me achar ridícula. Um carcaju, embora feroz, não era motivo para fazer alguém chorar. Podia ter sido pior. Podia ter sido um urso-pardo. Eu estava respirando rápido demais, e aquilo estava me deixando zonza e enjoada.

— Tome isto. — Jude tirou uma pequena garrafa do bolso do casaco e me deu.

Eu estava tão abalada que quase não senti o líquido descer queimando pela garganta. Parecia água, só que mais amargo. Virei a garrafa para beber mais, me engasgando e

tossindo logo em seguida. De repente senti um calor começar a se espalhar pelo meu corpo, e minha respiração relaxou.

— No começo pensei que fosse um urso. — Fechei bem os olhos, sentindo minha respiração começar a acelerar de novo. Eu ainda via o animal rosnando. — Era um carcaju, e ele me atacou. Pensei que fosse me matar.

— Ele deve ter me ouvido chegar, percebeu que estava em desvantagem e fugiu. Já tinha ido embora quando encontrei você — disse ele, me abraçando com mais força.

Depois que me recompus, tomei um grande gole da garrafa e continuei:

— Estava escondido em uma cabana de caça velha, acho que na mesma que uma menina foi encontrada morta em outubro do ano passado. Eu me lembro de ter visto um cabana muito parecida no noticiário quando o corpo dela foi encontrado, e vi um pequeno pedaço de fita amarela, daquelas que os policiais usam para isolar a cena de um crime, presa em uma artemísia em frente à cabana. Acho que é a mesma. Encontrei um osso do lado de fora da cabana. Não pode ser dela, né? Os peritos teriam removido todos os restos mortais, certo? Por favor, me diga que você não acha que era dela!

Lembrei como o osso parecia vazio e oco em minha mão. Uma concha de morte. Isso me fez pensar no corpo decomposto e coriáceo na despensa da primeira cabana. Naquele momento, tive certeza de que a morte estava à espreita em todos os cantos daquelas montanhas. O que tinha dado em mim para querer ir para um lugar tão horrível?

Jude me pegou pelos ombros, examinando meu rosto atentamente. Sua expressão se anuviou e ele comprimiu os lábios, concentrado.

— Que menina?

— Kimani Yowell. Você se lembra de ouvir sobre ela nos jornais? Ela estava no último ano da Pocatello High e já era uma pianista profissional. Foi convidada para fazer uma turnê por todo o país. Todo mundo dizia que ela iria para a Juilliard, de tão boa que era. Então seu namorado a matou. Ele a estrangulou e arrastou o corpo dela até aqui para escondê-lo.

— Eu me lembro dela — disse Jude, de maneira distante, o olhar perdido ao longe.

— Que tipo de cara mata a própria namorada?

Jude não respondeu. Mas notei algo sombrio e desagradável surgir em suas feições.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Na volta para o acampamento, Jude caminhou um pouco mais perto de mim do que o usual. Era difícil acreditar que apenas dois dias antes eu tinha flertado descaradamente com ele na loja de conveniência, vendo-o como uma espécie de dádiva de Deus para me salvar da humilhação. Em dois dias, eu tinha passado pela adoração, pelo ódio, pelo…

Naquele momento, eu não sabia o que sentir. Não sabia o que pensar.

Nossas mangas acidentalmente se tocaram. Jude não se afastou ou pediu desculpas. Na verdade, ele agiu com tanta naturalidade que me perguntei se tinha notado. Eu notei. Sua proximidade despertou um calor estranho e fugidio em mim. Olhei de relance para ele. Mesmo sem se barbear ou dormir ele conseguia ser sexy. Uma mistura de modelo e lenhador. Ele devia passar bastante tempo ao ar livre — sua cor e as pontas do cabelo clareadas pelo sol mostravam isso. Algumas linhas de expressão tênues saíam de seus olhos, do tipo que se formam de tanto estreitar os olhos em um dia ensolarado. E ele tinha uma discreta marca mais clara em volta dos olhos, provavelmente dos óculos de sol. Em vez de brega, era quase sexy.

Apesar da exaustão, ele andava com os ombros aprumados — decidido. Por baixo das sobrancelhas escuras, seus olhos observavam o mundo de forma tranquila e demorada. Em parte analisando, em parte tentando entender, concluí. Mas, sob a superfície, eu detectava uma ponta de inquietação. Me perguntava do que ele tinha medo, o que o assustava mais. Quaisquer que fossem seus medos, ele os mantinha bem escondido.

Jude me pegou olhando para ele. Imediatamente, desviei o olhar. Não acreditava que deixara isso acontecer. Mais do que nunca, eu me ressentia de qualquer atração que pudesse estar sentindo por ele. Ele era meu sequestrador. Tinha me mantido presa contra a minha vontade. A gentileza dos últimos dias não mudava isso. Eu tinha que me lembrar de quem ele realmente era.

Mas quem ele realmente era? Nunca fez muito sentido que ele e Shaun fossem parceiros. Jude — Mason — nunca tinha sido cruel. E ele tinha tentado nos alertar quando entramos na cabana. Suspirei, confusa. Nada a respeito dele fazia sentido.

— Primeira coisa a fazer: aquecer você — disse ele. — Depois, encontrar comida. Ainda é muito cedo para acharmos frutas silvestres, então vamos ter que caçar.

Nos últimos dois dias eu andava vendo com cautela, e até mesmo desconfiança, a aparente preocupação de Jude com meu bem-estar. Dessa vez, fiquei extremamente curiosa sobre seus motivos. Quando Calvin havia começado a mostrar interesse por mim, ele me enchia de elogios, me provocava carinhosamente e inventava pequenas desculpas para me ver. Tudo isso era ótimo, mas a maior pista de que ele gostava de mim foi seu repentino interesse em cuidar de mim. Quando geava, ele raspava as janelas do meu carro.

No cinema, ele me arrumava um lugar no meio da fileira. Quando meu jipe estava na oficina, ele insistia em me levar de carro para todos os lugares. Talvez eu estivesse vendo coisas demais nos gestos de Jude, mas me perguntava se a sua preocupação comigo era mais do que simples cavalheirismo.

Será que ele sentia algo por mim?

Então voltei para a realidade e me lembrei de que isso não importava. Porque eu não ia retribuir seus sentimentos, reais ou imaginários.

— Como você sabia que eu dirijo um jipe laranja e que meu pai adora pesca com mosca? — perguntei a ele subitamente, passando por cima de uma árvore caída quase totalmente coberta de neve.

— Havia dois carros no estacionamento da loja de conveniência. Um jipe modelo antigo laranja e um BMW X5. Quando entrei na loja, imediatamente associei o BMW ao seu ex, e o jipe, a você — explicou. — Vi que o jipe tinha dois adesivos desbotados e descascando no para-choque: "Meu outro veículo é um barco" e "Eu paro quando vejo corredeiras". Deduzi que o jipe tinha pertencido a seu pai.

O carro não havia sido de meu pai, mas Jude deu sorte. Na verdade, os adesivos tinham sido um dos motivos que levara meu pai a comprar o jipe. Ele sentia uma conexão com os pescadores, e por alguma razão confiava mais neles do que nos outros homens.

— Por que você teve tanta certeza de que o BMW não era meu? — insisti, sem saber se devia me sentir ofendida ou orgulhosa.

— Seus óculos de sol eram da Target. Seu ex tinha um Fendi. A maioria das pessoas que gosta de aparecer é assim com tudo.

Tentei pensar na última vez que eu tinha sido tão observadora sobre qualquer coisa.

— Você sempre associa pessoas a carros em postos de gasolina? — brinquei.

Ele deu de ombros.

— Era um enigma. Gosto de resolver problemas.

— Interessante. Você é um enigma para mim — falei, calmamente.

Os olhos de Jude encontraram os meus, depois desviaram depressa.

Para quebrar a sensação estranha zumbindo no ar entre nós, inclinei a cabeça, confusa.

— Então você é tipo aqueles gênios?

Seu semblante automaticamente se fechou, como se fizesse parte do treinamento não revelar nada diante de um interrogatório. Depois de um instante, sua expressão se suavizou, e ele abriu um sorriso discreto.

— Você ficaria impressionada se soubesse que minha professora da terceira série fez um teste para verificar se eu tinha memória fotográfica?

Fiz um aceno com o braço, demonstrando indiferença.

— Não, não mesmo.

Ele coçou a cabeça, abrindo mais o sorriso.

— Eu não tinha. Mas cheguei perto o suficiente para ser avaliado.

Contei seus pontos fortes nos dedos.

— Então você praticamente tem memória fotográfica. E é muito bom em técnicas de sobrevivência. Algo mais que eu deva saber? Como, talvez, onde você estuda… você está

na faculdade, não está?

— Larguei ano passado.

Por essa eu não esperava. Jude me parecia uma pessoa séria e estudiosa, não alguém que abandona os estudos.

— Por quê?

— Tive que cuidar de uma coisa — disse ele, enfiando as mãos nos bolsos e dando de ombros, desconfortável.

— Puxa, isso é bem esclarecedor.

Sua boca se enrijeceu nos cantos, levando-me a acreditar que eu tinha atingido um ponto sensível.

— Todo mundo precisa de segredos. Eles nos mantêm vulneráveis — disse ele.

— Por que alguém iria querer ser vulnerável?

— Para manter a guarda levantada e, assim, não ficar descuidado.

— Não entendo — retruquei.

— Se você tem uma fraqueza, precisa se esforçar muito para defendê-la. Não pode tratar como se fosse algo insignificante.

— Qual é a sua fraqueza?

Ele riu, mas não de uma forma divertida.

— Você acha mesmo que vou dizer?

— Não custa tentar.

— Minha irmã. Eu a amo mais do que qualquer coisa.

Sua resposta me pegou completamente de surpresa. De alguma forma, com aquela única resposta, era como se uma camada tivesse sido removida e eu pudesse ver um lado mais sensível de Jude. Por fora, ele era um homem embrutecido e habilidoso, uma força a ser valorizada. Mas dentro dele parecia haver algo frágil e bondoso.

— Eu não esperava por isso — falei depois de um tempo. — Dá para ver que ela é muito importante para você.

— Meu pai morreu quando eu era bebê, e minha mãe se casou novamente. Minha irmã nasceu poucos meses antes do meu aniversário de três anos, e me lembro de ter pensado que ela era a pior coisa que poderia acontecer comigo. — Ele sorriu. — Logo deixei isso de lado e percebi como estava errado.

— Ela está na Califórnia?

— Não a vejo desde que saí de casa.

— Você deve sentir falta dela.

Jude riu de novo e, dessa vez, cheio de emoção.

— Levei a sério meu papel como irmão e protetor. Jurei que nada de ruim aconteceria a ela.

Soltei o ar lentamente. Certa tristeza e saudade se agitaram dentro mim. Jude não tinha como saber, mas eu achava que entendia como a irmã dele se sentia. Meu pai e Ian sempre me protegeram. Eu contava com eles para tudo. Sentia que era o centro do mundo deles, e não me envergonhava disso. Eles não estavam ali agora, mas Jude estava.

E, de uma forma estranha e inexplicável, senti ciúme da irmã dele. Ciúme por ele estar pensando nela, quando eu queria que estivesse pensando em mim.

— E quanto a você? — perguntou Jude. — Quais são seus segredos?

— Eu não tenho segredos.

Mas eu tinha. Estava guardando um segredo enorme de Jude, e nem me permitia pensar nisso, porque era errado. Muito errado. De repente, eu não conseguia olhar nos olhos dele, com medo de ruborizar.

— Como você e Shaun se tornaram amigos? — perguntei.

— Amigos não — corrigiu Jude. — Você estava certa. Só trabalhávamos juntos, é isso.

— Então você não gostava dele… nunca gostou? — insisti.

— Não tínhamos nada em comum.

— Onde você trabalhava?

— Eu fazia uns bicos aqui e ali — respondeu vagamente.

— Que tipo de bico?

— Nada de que particularmente me orgulhasse — disse ele, de um jeito que deixava claro que não queria mais falar sobre o assunto. — Shaun tinha coisas de que eu precisava. E vice-versa.

— O que aconteceu no Subway? Era um trabalho… um trabalho que deu errado?

Jude bufou.

— Foi um assalto. Pura e simplesmente. Depois que saí da loja de conveniência em que nos vimos pela primeira vez, me encontrei com Shaun — respondeu Jude, me surpreendendo por ter respondido a minha pergunta. Eu não esperava que ele fosse ser tão receptivo. Talvez também estivesse cansado de construir barreiras. — Tínhamos que tratar de alguns negócios em Blackfoot, e usamos a picape dele para ir até lá. No caminho, Shaun quis parar para fazer um lanche… ou pelo menos foi o que me disse. Ele entrou no Subway, apontou a arma para o caixa, mas entrou em pânico quando um policial apareceu.

— Onde você estava quando isso aconteceu?

— Na picape — disse Jude, com um rancor velado. — Ouvi um tiro e saí do carro para verificar. Eu não sabia o que estava acontecendo. Shaun veio correndo e gritou para eu voltar para a picape. Se eu não tivesse voltado para o carro, Shaun teria fugido sem mim, e eu teria sido preso. Além disso, a arma que Shaun usou para atirar no policial era minha. Então entrei no carro e nós fugimos. Subimos as montanhas, na esperança de escapar da polícia, mas então a nevasca começou. Fomos obrigados a esperar a tempestade passar, e foi quando vocês apareceram.

— Por que Shaun estava com a sua arma?

Jude gargalhou de raiva.

— Na semana passada, antes de virmos para as montanhas, Shaun me fez ir com ele cobrar um homem que lhe devia dinheiro. Era meu trabalho intimidar o cara. Nós não lhe dissemos que iríamos aparecer, mas ele deve ter recebido algum aviso. Estávamos lá fazia poucos minutos quando ouvimos sirenes. Corremos para o beco e os policiais correram atrás da gente. Tive que me livrar da arma, mas Shaun me viu jogá-la em uma

lata de lixo antes de nos separarmos. Conseguimos despistar os policiais, mas, quando voltei para pegar a arma, ela não estava mais lá. Shaun a pegou primeiro, e não me devolveu. Tive algumas ideias para recuperá-la, mas todas tomariam muito tempo. Se soubesse que, alguns dias depois, ele ia atirar em um policial, eu teria agido mais rápido.

— Então você se sente mal com o que aconteceu?

— É claro que sim.

— E espera que eu acredite que você é uma pessoa boa?

Jude jogou a cabeça para trás em uma risada repentina.

— Uma pessoa boa? É isso o que você acha?

Eu não queria dizer a Jude o que pensava dele. Ele me fazia sentir um calor e um formigamento por dentro. Ele me dissera — com todas as letras — que era perigoso. E, embora seus olhos escuros escondessem muitos segredos, eu vira além deles. E sabia que, sob aquela superfície, havia doçura, bondade. E isso era cativante e sedutor. Eu me lembrei do corpo definido de Jude quando o vi tirar a roupa na cabana da Guarda Florestal. Ele fazia Calvin parecer um menino. Olhei disfarçadamente para Jude, meus olhos correndo automaticamente para sua boca suave e misteriosa, imaginando como seria…

Engasguei só de pensar.

Jude me olhou de um jeito peculiar.

— O que foi?

Toquei o pescoço e disse:

— Devo estar ficando gripada.

— Seu rosto está muito vermelho. Quer um pouco de água?

Por que não? Eu claramente precisava de alguma coisa para me acalmar.

Jude estava prestes a pegar o cantil, mas parou de repente. Sua mão instintivamente agarrou meu braço, para que eu não me mexesse. Ele olhou para a floresta, um brilho de pânico se acendendo nos olhos castanhos.

— O que foi? — perguntei em um sussurro, sentindo um aperto no estômago de ansiedade.

O corpo de Jude continuou tenso por vários segundos, até que ele finalmente relaxou a mão em meu braço.

— Lobos-cinzentos. Três deles.

Segui sua linha de visão, estreitando os olhos para tentar identificar as sombras que adquiriam formas estranhas na neve brilhante, mas não vi movimento algum.

— Eles já foram embora — disse Jude. — Vieram dar uma olhada na gente.

— Pensei que os lobos evitassem humanos. — Calvin havia me contado das vezes em que vira lobos em suas trilhas. Era o tempo de pegar a câmera e eles fugirem.

— Eles evitam, sim. Não atacam a menos que estejam doentes ou sejam provocados. — Então Jude olhou para mim com apreensão nos olhos. — O que me preocupa são os ursos-pardos. Eles costumam seguir os lobos; atacam depois que a alcateia caçou algo. Eles são aproveitadores. Principalmente na primavera, depois que hibernaram e estão com fome.

— Em outras palavras, onde há um lobo, há um urso-pardo. — Estremeci, mas dessa vez não de frio.

* * *

Meu estômago estava doendo de fome.

Eu não conseguia me imaginar matando um animal, mas também estava delirando de fome. O buraco na minha barriga acabou me vencendo, e concordei em me juntar a Jude na caça pelo café da manhã. Meu corpo já tinha consumido havia muito o milho em conserva que eu tinha jantado na noite anterior, e eu não podia continuar caminhando sem antes me alimentar. A fome perturbava incessantemente meus pensamentos, até se tornar a única coisa na qual eu conseguia pensar. Eu queria chegar a Idlewilde o mais rápido possível, mas não havia como resistirmos à caminhada difícil e extenuante se não parássemos para comer.

Jude me ensinou noções básicas de caça, incluindo como encontrar pequenos animais e como preparar uma armadilha mortal usando gravetos e uma pedra grande.

— Vamos ter que sair da parte mais densa da floresta — disse ele. — Os animais procuram água, comida e abrigo. O sol não consegue chegar direito aqui, e, como tem pouca luz, tem pouca comida.

— Posso encontrar um rio — falei, querendo ajudar. Jude me olhou com um ar cético, e acrescentei: — Da mesma forma que soube guiar você e Shaun até a cabana da Guarda Florestal.

Seus olhos misteriosos me examinaram atentamente.

— Aquilo foi planejado?

— Sim — respondi, orgulhosa por me provar útil mais uma vez.

Abri o casaco e peguei o mapa de Calvin. Não tinha certeza se estava fazendo a coisa certa ao mostrar o mapa a Jude, mas era um risco que decidi correr. Ele ainda achava que eu conhecia bem a área — e precisava de mim tanto quanto do mapa, que era um emaranhado confuso de anotações feitas por Calvin. Além disso, se Jude quisesse mesmo me abandonar, ele já poderia ter feito isso em diversas oportunidades. O melhor plano agora era combinar nossas habilidades e chegar a Idlewilde o mais rápido possível.

Entreguei o mapa a ele, que o examinou em silêncio por um bom tempo. Por fim, ele disse:

— Onde você conseguiu isso?

— É do Calvin. Está vendo os milhões de anotações? Impressionante, não é? Eu disse que ele é um especialista nessa área.

— Calvin fez isso?

— Peguei no carro dele antes de vir para cá. Sem ele, eu provavelmente estaria morta agora.

Jude ficou calado, observando o mapa atentamente.

— Esta área é aproximadamente nossa posição atual — falei, apontando para perto de um dos muitos lagos glaciais menores que havia pelas Tetons. — Aqui está a cabana da Guarda Florestal. Fica a menos de um quilômetro e meio de distância. Dá para acreditar que, depois de todo aquele tempo, nos arrastando em meio à tempestade, não andamos nem isso? E aqui está Idlewilde. Do jeito que estamos indo devagar, vamos levar quase um dia para chegar lá.

— O que são os pontos verdes? Não têm legenda.

— Este ponto verde mostra a cabana de caça. E este mais para o norte marca a cabana em que Shaun me fez refém.

— E este?

— Acho que também é um abrigo, provavelmente abandonado. Vamos passar por ele no caminho para Idlewilde. Espero que possamos descansar lá, nos aquecer um pouco e quem sabe encontrar água corrente.

Jude continuou examinando o mapa, muito concentrado. Suas mãos seguravam o papel com força, quase com avidez, e por um instante tive medo de que ele rasgasse o mapa.

— Acreditei quando você disse que encontramos a cabana da Guarda Florestal por acaso. Você me manipulou.

Fingi um ar de superioridade.

— Como uma marionete.

— Este mapa pode salvar nossas vidas. Posso ficar com ele? — perguntou Jude. — Para evitar que seja danificado.

Mordi o lábio, incapaz de esconder meu temor. Esperava não ter cometido um erro em lhe mostrar o mapa.

— Não vou fugir com ele — disse Jude tranquilamente. — Quero estudá-lo e ver se consigo achar algum atalho para Idlewilde.

— Pode ficar um pouco — concordei, hesitante. — Quero estudá-lo também — acrescentei, esperando que ele não pensasse que eu estava desconfiando dele.

Porque eu não estava. Pelo menos, não achava que estava. É que o mapa era minha garantia. Era minha segurança e um símbolo físico de Calvin, em quem eu podia confiar completamente.

— Fechado.

Jude enfiou o mapa no casaco com um brilho estranho e intenso nos olhos.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

A tarde já estava no fim quando paramos para comer. Caçar com ferramentas improvisadas era um processo penoso e frustrante que me fez admirar os fazendeiros e desbravadores que se estabeleceram em Wyoming e Idaho, e as longas horas que deviam levar para satisfazer suas necessidades básicas. Se eu voltasse para casa, nunca mais encararia as facilidades modernas como uma coisa banal.

Jude e eu pegamos cinco coelhos, tiramos suas peles e os assamos na fogueira. Normalmente sou meio chata com comida, e achei que teria nojo de comer um animal que tinha visto vivo menos de uma hora antes, mas minha fome foi mais forte, e devorei a carne até estar tão cheia a ponto de ficar com dor de estômago.

Na floresta, a noite caía cedo, por isso Jude e eu decidimos adiar nossa partida, deixando para iniciar a caminhada assim que amanhecesse, em vez de navegar por entre as árvores depois que o sol já tivesse se posto. Não tínhamos como saber quanto tempo mais as pilhas das nossas lanternas durariam, e parecia tolice nos arriscarmos em uma longa caminhada quando provavelmente acabaríamos andando na mais completa escuridão.

Jude vasculhou o lugar em busca de galhos de pinheiros e colocou-os sob os tapetes e sacos de dormir para criar uma cama mais confortável. Uma cama que iríamos compartilhar.

Meu lado prático sabia que dormirmos juntos era o mais inteligente a fazer — assim conservaríamos o calor do corpo —, mas, à medida que a noite avançava, eu me perguntava se Jude estava tão nervoso quanto eu. Quando o peguei me olhando disfarçadamente por trás dos cílios longos e escuros, tentei adivinhar seus pensamentos, mas seu rosto nunca demonstrava nada, sempre com aquela máscara amigável e serena.

— Como você aprendeu a caçar? — perguntei, deitando esticada de costas.

O luar azul fantasmagórico era filtrado pelo emaranhado de raízes no alto. Embrulhada em meu casaco e minhas luvas, o céu noturno não parecia tão glacial ou inóspito.

Jude esfregou o nariz, sorrindo misteriosamente para mim.

— Está com a garrafa de uísque que dei para você mais cedo?

Claro, ele me dera bebida alcoólica. Eu nunca tinha tomado algo como aquilo antes, por isso havia estranhado o gosto. Eu devia ter adivinhado o que era pelo ardor que deixava na garganta. Meu pai tinha estabelecido duas regras em nossa casa. Em primeiro lugar, nada de sexo. E, em segundo, nada de bebidas. Aquelas regras, que regeram estritamente meus planos para os fins de semana durante o ensino médio, de repente pareceram inúteis, ali na imensidão desolada e sem lei.

Entreguei-lhe a garrafa e observei enquanto ele dava um gole de respeito.

Ele fechou os olhos, deixando o álcool assentar, e, depois de um instante, disse:

— No verão antes do meu último ano do ensino médio, fui para um acampamento selvagem.

Sua confissão me pegou desprevenida. Joguei a cabeça para trás, rindo.

— Então você já era um desordeiro e uma ameaça à sociedade há muito tempo! — provoquei. — O namorado da Korbie, o Urso, também teve que ir para um desses acampamentos.

— Urso? Esse é o nome dele?

Balancei a cabeça, soltando uma risada.

— Urso é apelido. O nome verdadeiro dele é Kautai. Ele se mudou de Tonga para Idaho quando estávamos no fim do ensino fundamental. Não falava uma palavra da nossa língua, mas era tão grande e mal-humorado que ninguém o provocava. Então entrou para o time de futebol americano. Graças a ele o time da escola foi para o Campeonato Nacional de Futebol da Juventude, em Las Vegas. Foi assim que conseguiu o apelido: não só ele se parecia com um urso, como também era um animal em campo. Enfim, os pais do Urso o mandaram para um desses acampamentos quando ele se envolveu em um pequeno acidente de carro. Sua mãe, que é super-rigorosa, estava convencida de que ele andava bebendo, e decidiu que algumas semanas no acampamento o ajudariam a largar a bebida. Então, qual é a sua história? O que você fez de tão terrível para ser mandado para o acampamento dos indisciplinados?

Ele riu.

— Não foi assim. Frequentei uma escola na área rica de São Francisco. Os alunos de lá eram filhos de parlamentares, de advogados famosos e diplomatas estrangeiros. Para a maioria deles, férias de verão significavam se divertir em Ibiza ou Saint Barts. Minha mãe queria que eu passasse o verão viajando pela Europa com ela e com minha irmã. Cresci achando que pular de um hotel cinco estrelas para outro fosse normal. Mas, aos dezessete anos, aquela extravagância toda me revoltou. Falei para a minha mãe que não ia com ela para a Europa… eu havia me inscrito em um acampamento selvagem. Acho que queria provar para mim mesmo que, apesar de eu não poder deixar de ser rico, não era um filhinho de mamãe rebelde, mimado e preguiçoso. O acampamento foi uma cruzada pessoal para me separar do estilo de vida da minha família.

Peguei a garrafa de Jude e tomei vários goles, ainda que engasgando. Eu sabia que a bebida não estava realmente me aquecendo, mas fazia um bom trabalho me ajudando a esquecer como eu estava com frio. E também me relaxava. Eu já nem tinha mais certeza de que queria que Calvin me resgatasse. Estava gostando de passar algum tempo com Jude, de conhecê-lo melhor. Ele era um mistério que eu queria decifrar. Pelo menos, foi o que eu disse a mim mesma. Mas uma voz de preocupação no fundo de minha mente me alertava para a Síndrome de Estocolmo. Será que era isso… uma falsa atração? Nascida da necessidade e do desejo de sobreviver?

— O que sua mãe disse? — perguntei.

Jude riu, aceitando a garrafa da minha mão estendida.

— Você devia ter visto a cara dela quando eu falei que não ia para um desses acampamentos conhecidos, mas para o Impetus.

— O que é Impetus?

— Era um programa de sobrevivência na floresta, tipo uma seita, para adolescentes problemáticos. Eles faziam uso de punições severas, maus-tratos e lavagem cerebral para corrigir comportamentos. Já não existe mais. Ex-participantes estão processando o programa. Eles provavelmente vão ter que pagar em torno de vinte milhões em indenizações. Aos dezessete anos, isso me parecia o retrocesso cultural perfeito. — Jude riu nostalgicamente. — Meus pais ficaram furiosos. No início meu pai me proibiu de ir. Ele ameaçou tirar o meu Land Rover e disse que não pagaria minha faculdade. Meus pais não achavam que eu fosse sobreviver. Uma preocupação justa, já que dois jovens do meu grupo morreram.

Cobri a boca com a mão.

— Morreram?

— Um, por exposição ao tempo, o outro, de fome. Tínhamos que construir o próprio abrigo e caçar nossa própria comida. Não havia qualquer espécie de segurança. Se você não conseguisse pegar um coelho ou se abrigar da chuva, tinha que se virar.

— Que coisa horrível. Sério, não acredito que isso estava dentro da lei.

— Tivemos que assinar um termo de autorização bem detalhado.

— Não acredito que um riquinho rebelde que nem você conseguiu sobreviver.

— Você é tão má quanto os meus pais — disse ele, bagunçando meu cabelo de brincadeira.

Eu congelei. Tinha jurado rejeitar qualquer atração por Jude, mas, quando ele me tocou, o muro que eu tinha construído entre nós de repente começou a desmoronar. Se Jude notou minha tensão, não demonstrou.

— Escapei por pouco algumas vezes, mas, depois de uma primeira semana difícil, peguei o jeito da coisa — continuou ele. — Segui os melhores caçadores do grupo e observei como construíam suas armadilhas. Até o fim do verão, eu não tinha mais medo de nada. Havia aprendido a caçar, fazer talas para ossos quebrados, que insetos e plantas eu podia comer, e a construir uma fogueira com quase nenhum recurso. Eu tinha lidado com hipotermia, infecções e aproveitadores; essa era a parte mais difícil, ter que lutar contra meus colegas de acampamento para proteger o que eu tinha caçado ou construído. Caminhar durante dias com o estômago vazio não me intimidou. Quando paro para lembrar, vejo que foi uma transformação impressionante em curtos três meses.

Ele tomou outro grande gole da garrafa, depois se esticou todo, apoiando a cabeça na mão, o corpo ainda mais próximo ao meu. Senti um arrepio inesperado com aquela intimidade proibida. Sua barba por fazer lhe conferia um ar malicioso e atraente. Um sorriso discreto curvava seus lábios, e eu estava enlouquecendo tentando adivinhar seus pensamentos. A fogueira tinha aquecido nosso pequeno refúgio, e eu começava a me sentir zonza e sonolenta. E ousada. Muito sutilmente, estendi meus braços sobre a cabeça, e depois rolei para mais perto de Jude.

— Há quanto tempo foi isso?

— Há quatro anos. Tenho vinte e um agora. — Ele sorriu. — E não tenho mais nem metade daquela arrogância ou da força de vontade.

— Hum, imagino. Como você passou de um adolescente riquinho de São Francisco para um fora da lei de Wyoming?

Ele deu uma gargalhada descontraída.

— Talvez eu seja um estereótipo. O garoto rico cujos pais nunca estão presentes, e que acaba se revoltando.

— Duvido.

Seu rosto ficou mais sombrio.

— Briguei com meus pais. E disse coisas de que agora me arrependo. Eu os culpava por um monte de problemas que minha família enfrentava, principalmente nos últimos tempos. Toda família tem problemas, mas a forma como meus pais lidavam com os nossos — Ele parou de falar. Aquele olhar demorado e tranquilo vacilou por um instante, revelando vulnerabilidade. — Eles sempre esperavam o melhor de mim e da minha irmã. Éramos muito pressionados. Pensei que, se eu saísse de casa por um tempo, eu conseguiria me acalmar e encontrar uma maneira de consertar as coisas.

— Tem certeza de que não está fugindo dos seus problemas?

— Parece isso, não parece? Tenho certeza de que meus pais pensam que estou. E você? De onde surgiu o interesse por fazer trilha em uma região selvagem?

Percebi que Jude não queria mais falar sobre si mesmo e decidi respeitar sua privacidade.

— Calvin foi a primeira pessoa que eu conheci que fez a trilha no topo da Teton — falei, cautelosamente. Era uma história longa e confusa, e eu não sabia o quanto dela queria contar a Jude. — Sempre o admirei. Mesmo quando eu era mais nova, e vinha para as montanhas com os Versteeg, eu o observava e gostava quando ele me ensinava seus truques, como usar resina de pinheiro em vez de fluido de isqueiro. E meu pai, ele me trazia para as montanhas quando ia pescar com mosca, então estar aqui em cima é um pouco como passar um tempo em uma extensão do meu quintal. Para me preparar para esta viagem, li uma prateleira de biblioteca inteira de guias, fiz várias trilhas mais curtas com meu irmão, Ian, levantei pesos, esse tipo de coisa. Além disso, como eu disse antes, não consigo nem contar nos dedos quantas vezes já fiz trilhas por esta montanha, então tenho bastante experiência — acrescentei rapidamente, mentindo.

Jude soltou um murmúrio casual, concordando. Peguei a garrafa e me esforcei para tomar vários goles ardentes da bebida.

Jude pegou a garrafa, viu que a bebida estava quase acabando e a guardou.

— Ei, eu ainda não tinha terminado — argumentei.

Ele ignorou meu protesto e me observou atentamente, tentando me decifrar.

— Por que você disse ao Shaun que tinha experiência em fazer trilhas? Por que você mentiu?

Meu rosto ficou quente e senti o nervosismo se espalhar em meu peito.

— Do que você está falando? — perguntei.

— Você já fez alguma trilha? Acho que não.

— Só porque não sei tanto quanto você não significa que eu seja incompetente — falei, na defensiva.

Ele me cutucou de leve.

— Não precisa mentir para mim, Britt. Não estou julgando você. Só estou procurando respostas.

Eu não sabia se aquilo era um truque ou um teste. De qualquer maneira, se eu contasse a Jude que nunca tinha feito trilha pelas Tetons antes, ele se daria conta do quanto eu era inútil. E não precisaria mais de mim. Ele poderia pegar o mapa e seguir sozinho.

— Não está me julgando? Engraçado, é exatamente o que parece... você reafirmando sua posição e se colocando acima de mim.

— Não fique chateada — disse ele, calmamente. — Você pode me falar qualquer coisa. Somos uma equipe agora.

— Se somos uma equipe, por que você sempre foge das minhas perguntas? Por que não me contou como acabou virando cúmplice do Shaun? Você não tem nada a ver com ele. O que ele poderia lhe oferecer?

Ele sorriu de maneira autodepreciativa, tentando melhorar o clima.

— Lá vai você de novo, achando que só uno forças com pessoas que podem me dar algo em troca.

— Eu quero uma resposta direta!

O sorriso desapareceu do seu rosto.

— Vim para cá à procura de alguém. Eu me preocupava com eles, e fiz uma promessa a eles. Estou tentando honrar essa promessa. Pensei que Shaun pudesse me ajudar.

— Quem você está procurando?

— Não é da sua conta, Britt — disse ele, com inesperada rispidez.

Fiquei tão surpresa com aquela reação que nem consegui discutir. Em vez de procurar meus olhos, ele ficou encarando o nada, distante.

Sua repentina agressividade feriu meus sentimentos, e, de joelhos, me arrastei para fora da árvore caída o mais rápido que pude. Sem querer rocei a luva nas cinzas da fogueira, chamuscando o tecido. Dava para ver meu dedo. Xinguei baixinho e saí na escuridão gelada.

Atrás de mim, ouvi Jude soltar um gemido.

— Britt! Espere! Não foi por mal. Sinto muito. Posso me explicar?

Caminhei em direção às árvores, o cérebro borbulhando com pensamentos. Como eu consertaria aquilo? Como o convenceria a ficar e não me abandonar?

— Britt!

Eu me virei, cruzando os braços firmemente.

— Você me chamou de mentirosa!

— Me escute por um seg...

— E daí se eu menti para Shaun? Foi necessário! Se ele não precisasse de mim, teria me matado. Olha o que ele fez com Korbie... ele a deixou lá para morrer! É isso que você vai fazer também? Agora que percebeu que não sou uma especialista na área e que estou confiando cegamente no mapa? Vai fugir e deixar que eu me vire sozinha?

Jude estendeu a mão para mim, mas a afastei. Eu estava respirando com dificuldade, o coração acelerado. Se ele me deixasse agora, eu não sobreviveria. Eu morreria naquele lugar.

— Você foi inteligente o bastante para enganar Shaun. Você foi inteligente o bastante para pegar suprimentos quando fugiu da cabana da Guarda Florestal. E conseguiu decifrar o mapa do Calvin, que é um emaranhado confuso de anotações e alguns pontos desenhados à mão. Muitos não teriam tido o mesmo sucesso. — Ele apoiou as mãos na cintura, apontando para a neve entre nossos pés com a cabeça. — Gosto… — disse ele, então se conteve. Respirando fundo, recomeçou: — Gosto de ter você por perto, Britt. Essa é a verdade. Não vou abandonar você. Mesmo se fosse uma chata, eu não a abandonaria. É a coisa certa a fazer. Mas acho você uma pessoa agradável e interessante e, embora eu não esteja feliz por você ter que passar por tudo isso, estou feliz por termos um ao outro.

Olhei para ele, sem reação. Fui pega desprevenida, não esperava por isso. Ele gostava de me ter por perto? Mesmo eu não tendo nada para lhe dar em troca?

Ele estendeu a mão para mim uma segunda vez, apoiando-a timidamente em meu ombro. E pareceu aliviado quando não a afastei.

— Trégua?

Observei seu rosto, que me pareceu sincero. Fiz que sim com a cabeça, feliz por nossa briga não ter terminado mal. Eu ainda tinha Jude. Não estava sozinha.

Ele respirou fundo e seu rosto relaxou.

— Hora de dormir um pouco. Temos um longo dia de caminhada pela frente, logo cedo.

Engoli em seco.

— Decidi fazer essa viagem por causa de Calvin. Eu queria impressioná-lo. Em certo momento, achei mesmo que voltaríamos a ficar juntos. Pensei que se eu viesse, ele se convidaria para vir também. Treinei muito, mas sempre achei que poderia contar com ele. Porque é isso que eu faço… espero que os homens da minha vida me resgatem. — Lágrimas arderam em meus olhos. — Meu pai, Ian, Calvin. Sempre fui dependente deles, e isso nunca me incomodou. Era tão… fácil deixar que eles cuidassem de mim. Mas agora… — Senti um nó na garganta. — Meu pai deve achar que morri. Ele nunca imaginaria que sua filhinha conseguiria sobreviver em uma região selvagem. — Meus lábios tremiam descontroladamente. Franzi o rosto. Lágrimas quentes pingavam do meu queixo. — Está aí. Essa é a verdade. Essa é a verdade patética.

Jude dissera que precisávamos de segredos para nos mantermos vulneráveis, mas ele estava errado. Eu tinha revelado meus segredos, tinha me aberto com ele. Se aquilo não fosse vulnerabilidade, eu não sabia o que era.

— Britt — disse Jude, gentilmente. — Olhe ao seu redor. Você está viva. Você está se saindo muito bem nesse desafio de sobreviver, e até salvou nossas vidas algumas vezes. Você vai ver seu pai e seu irmão de novo. Eu lhe diria que vou fazer de tudo para que isso aconteça, mas não é necessário. Você vai cuidar disso sozinha. Porque é o que vem fazendo a cada passo do caminho.

Esfreguei os olhos para secá-los.

— Se soubesse que as coisas acabariam assim, eu teria treinado mais. Eu teria aprendido a cuidar de mim mesma. Mas acho que essa é a questão, não é mesmo? Você nunca sabe o

que terá que enfrentar, então é melhor estar preparado.

Jude parecia prestes a concordar, quando seus olhos desviaram do meu rosto.

E então ele xingou baixinho.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Ouvi o urso antes de vê-lo.

Ele caminhava, roncando e bufando, a apenas algumas dezenas de metros de distância. Sob o luar, sua pelagem espessa brilhava, formando riscos prateados. O urso-cinzento se ergueu sobre as curtas e incrivelmente fortes patas traseiras, farejou o ar e inclinou a cabeça enorme para olhar melhor para nós dois.

Deu então um grunhido gutural e caiu sobre as quatro patas. Com as orelhas para trás, nos avisou que tínhamos chegado perto demais. Depois balançou a cabeça de um lado para outro, batendo os dentes de forma agressiva.

Em minha mente, procurei todos os guias que tinha lido. Cada parágrafo, frase, legenda, item de lista e resumo de capítulo sobre ataques de ursos.

— Corra para o acampamento — disse Jude em voz baixa e suave. — Deixe a fogueira entre você e o urso e faça uma tocha, se puder. Vou gritar e fazer barulho para atraí-lo para longe de você.

Agarrei a mão de Jude, apertando seus dedos para mantê-lo a meu lado.

— Não — falei, a voz igualmente baixa, mas trêmula.

"Correr faz um urso-pardo atacar. Gritar faz um urso-pardo atacar." Eu sabia que Jude estava apenas tentando me proteger, mas seu plano podia fazer com que saíssemos feridos ou mortos dali.

— Britt… — advertiu Jude.

— Vamos fazer o que devemos. — "Fique parado. Não faça contato visual." Passei a língua por meus lábios secos. — Afaste-se lentamente. Fale com uma voz baixa e não amea…

O urso avançou. Correu em nossa direção, urrando e bufando, os músculos ondulando sob o pelo acetinado. Senti um aperto no estômago, e minha garganta ficou seca. Era difícil avaliar o tamanho do urso no escuro, mas com certeza era muito maior do que o carcaju, que agora, em comparação, parecia um animal inofensivo.

— Corra — insistiu severamente Jude, me empurrando.

Apertei seus dedos com mais força, me aproximando mais dele. Meu coração batia com tanta força que eu podia sentir o sangue subindo pelas pernas. O urso corria furiosamente em nossa direção, as enormes patas levantando neve.

Com um rugido alto, passou direto por nós, mas não sem antes roçar a manga do meu casaco. Senti meu couro cabeludo formigar à medida que os pelos passavam pelo tecido. Fechei os olhos, tentando apagar da memória a imagem dos olhos negros insondáveis do urso.

— Vire-se e fique de frente para ele — falei para Jude, em uma altura que mal podia ser ouvida. "Nunca vire as costas para um urso."

No momento que nos viramos, ele avançou de novo, bufando e rosnando, os olhos fixos em nós. Dessa vez, parou abruptamente em frente a Jude. Mexeu o focinho em torno do rosto dele, sentindo seu cheiro. Percebi que o corpo de Jude se retesou a meu lado. Sua respiração estava ofegante, e seu rosto ficou pálido.

O urso derrubou Jude com a pata. Mordi o lábio para não gritar. Muito lentamente, me abaixei a seu lado, de bruços, e juntei as mãos na nuca. Eu mal sentia a neve que entrava pela gola e pelos punhos das luvas. O frio era uma preocupação remota. Minha mente pulsava com apenas um incisivo pensamento: "Não entre em pânico, não entre em pânico, não entre em pânico."

O urso emitiu outro rugido. Sem conseguir evitar olhar para cima, vi dentes brilharem ao luar. O lustroso pelo marrom do urso ondulava enquanto ele batia as patas no chão impacientemente.

"Proteja a cabeça", falei em pensamento para Jude, apontando o queixo para baixo e esperando que ele fizesse o mesmo.

O focinho do urso cutucou e inspecionou meus braços e pernas ligeiramente abertos. Com um único e poderoso golpe de sua enorme pata, o urso me fez rolar.

— Se eu chutá-lo e correr na direção oposta para atraí-lo para longe, você corre de volta para o acampamento? — perguntou Jude, baixinho.

— Por favor, faça o que eu peço — respondi, com a voz trêmula. — Eu tenho um plano.

O urso rugiu a centímetros do meu rosto. Fiquei imóvel enquanto aquela rajada de vento úmida me atingia. Ele andava de um lado para outro, levantando a cabeça algumas vezes, claramente agitado.

— Seu plano não está funcionando — sussurrou Jude.

— Meu Deus, só me diga o que fazer — murmurei, tão baixo que nem mesmo Jude me ouviu.

"Um urso pode fingir atacar várias vezes antes de ir embora. Mantenha a posição."

O urso virou o corpo volumoso em direção a Jude, batendo repetidamente as patas dianteiras na neve, como se o desafiando a lutar. Jude permaneceu imóvel. O urso bateu em Jude com a pata, ainda tentando fazê-lo reagir. Então pegou a perna de Jude com a boca e o sacudiu, mas não deve ter mordido com força, porque Jude continuou imóvel e não emitiu som algum.

Milagrosamente, porque ficou entediado ou porque viu que não éramos uma ameaça, o urso saiu gingando o corpo pesado e sumiu por entre as árvores.

Ergui a cabeça cautelosamente, olhando para a escuridão onde ele havia se embrenhado. Meu corpo todo tremia de medo. Passei a mão no rosto, me dando conta apenas naquele momento de que estava molhado com baba de urso.

Jude me colocou de joelhos e me abraçou. Aninhou minha cabeça em seu peito, e dava para ouvir o pulsar de seus batimentos acelerados.

— Eu estava com tanto medo de que ele atacasse você — disse ele em meu ouvido, a voz abafada de emoção.

Desmoronei junto ao corpo dele, repentinamente exausta.

— Sei que você queria que eu corresse para me manter segura, mas se você morresse, Jude, se algo acontecesse a você e eu ficasse aqui sozinha… — Então me engasguei, incapaz de terminar a frase. O peso daquela possibilidade sombria me sufocando, me esmagando. O isolamento e a desesperança, as minhas chances quase nulas de sobreviver…

— Não, você estava certa — disse Jude com a voz rouca, me apertando com mais força. — Você salvou minha vida. Somos uma equipe. Estamos nisso juntos. — Ele riu, um som curto e doloroso de alívio. — Somos você e eu, Britt.

* * *

De volta ao acampamento, à luz da fogueira, Jude levantou a bainha da calça até o joelho, e vimos que havia sangue em sua perna.

— Você está sangrando! — exclamei. — Precisa cuidar disso. Temos algum kit de primeiros socorros?

Ele fez uma careta, pegando a mochila.

— Temos bebida e gaze. Vou ficar bem.

— E se infeccionar?

Ele me encarou.

— Então não vou ficar bem.

— Você precisa de um médico. — Assim que falei, percebi como meu comentário era inútil. Onde iríamos encontrar um hospital ou um médico?

— Dado o estrago que o urso poderia ter causado, acho que escapei relativamente bem.

Ele derramou o restante da bebida sobre o ferimento, fazendo o sangue escorrer pela perna. Depois enrolou a gaze. Dois alfinetes prendiam o curativo no lugar.

— Eu queria poder ajudar — falei, inutilmente. — Queria poder fazer alguma coisa.

Jude atirou um pedaço de lenha no fogo.

— Me distraia. Jogue alguma coisa comigo.

— Está tentando me fazer jogar "verdade ou consequência" com você, Jude? — perguntei, tentando fazer graça para tirar sua atenção da dor que estava sentindo. Para dar ênfase, ergui a sobrancelha de maneira sugestiva.

Ele riu.

— Me fale sobre o lugar mais quente em que já esteve — propôs ele. — O lugar mais quente em que consegue pensar.

— Psicologia reversa? — sugeri.

— Não custa nada tentar.

Bati o dedo no queixo, pensativa.

— O Parque Nacional dos Arcos, em Utah. Minha família passou uma semana lá no verão passado. Imagine: um sol do qual não se pode escapar torrando a terra seca e

rachada com um calor violento. O céu mais azul que você já viu no alto de um deserto de pedras vermelhas que foram erodidas em forma de arcos, pináculos e aletas do arenito. São uns monumentos estranhos que se erguem da terra, é como uma cena de um livro de ficção científica. Quem diz que o deserto não é bonito nunca esteve em Moab. Ok, sua vez.

— Quando éramos crianças, minha irmã e eu gostávamos de mergulhar para encontrar abalones na praia do Van Damme State Park, na Califórnia. Não é quente como o deserto, mas, depois de mergulhar, sempre deitávamos na areia cinza com o rosto virado para o sol. Ficávamos lá até o sol drenar toda a nossa energia. Sempre jurávamos que não iríamos esperar passar mal com o calor para arrumar as coisas e ir embora. E nunca cumpríamos o prometido. Delirantes, cambaleávamos até o estacionamento procurando meu carro. Então íamos até um bar próximo para comprar sorvetes de casquinha. Sentávamos perto do ar-condicionado, tremendo de frio e zonzos de insolação. — Ele riu.

Tentei imaginar Jude com a irmã, com seus familiares, com um passado. Eu nunca o havia imaginado como uma pessoa de verdade. Eu só o via como ele era agora, o homem que tinha me aprisionado. Sua história abriu uma nova porta, por onde eu queria espiar. Eu queria conhecer as outras versões dele.

— Você se sente mais quente agora? — provoquei.

Pensei em forçar a barra para que ele contasse mais histórias de sua vida, mas não queria parecer interessada demais. Eu não tinha certeza se estava pronta para mostrar que minha opinião a respeito dele mudava lentamente.

— Um pouco.

— O que são abalones?

— Moluscos marinhos comestíveis.

Fiz uma careta. Eu não era chegada a frutos do mar, muito menos a frutos do mar gosmentos.

— Ah, pare — disse Jude, vendo minha cara e balançando a cabeça de maneira repreendedora. — Você não pode rejeitar uma comida assim até ter experimentado. Se sairmos desta montanha, a primeira coisa que vou fazer vai ser obrigá-la a comer abalone. Vou prepará-los em uma fogueira na praia, para você provar o abalone do jeito certo.

Ele falou de maneira espontânea, mas suas palavras me fizeram engolir em seco. Se conseguíssemos sair da montanha, eu não iria passar um tempo com Jude. Ele devia saber disso. Ele era procurado pela polícia. Enquanto eu…

Eu queria minha vida de volta.

— Eles são bem difíceis de pegar — continuou Jude. — O melhor lugar para procurar é nas rochas profundas distantes da costa. Você até pode tentar pegar abalones na praia, mas preferimos fazer mergulho em apneia, que é exatamente o que parece: mergulhar e prender a respiração o máximo que puder.

— É perigoso?

— Mesmo que você saiba o que está fazendo, ficar preso na maré do oceano pode ser desorientador. O constante ir e vir das ondas torna um desafio apoiar o pé no fundo ou

manter sua posição. Você está em constante movimento, e vários mergulhadores acham difícil relaxar. A maioria das pessoas não se submete voluntariamente a uma força muito mais poderosa do que elas. Várias pessoas que praticam mergulho livre sentem vertigem. É aí que o mergulho fica perigoso. Se você não sabe para que lado fica a costa, ou pior, qual direção vai para cima, vai ter problemas logo, logo. Para complicar as coisas, há algas por toda parte, e na água escura os talos flutuantes se parecem de maneira assustadora com cabelo. Nem sei dizer quantas vezes pensei que havia uma pessoa flutuando ao meu lado e, quando me virei, descobri que era uma alga se mexendo por causa do movimento da corrente.

— Só entrei no mar uma vez, acredita? E é por isso que eu realmente deveria ter ido para o Havaí no recesso de primavera em vez de resolver fazer trilha nas montanhas — acrescentei, com um sorriso triste.

— No próximo ano — disse ele de maneira otimista, o sorriso iluminando o rosto.

Observei o homem na minha frente, alegre e radiante, e tentei comparar essa versão dele, o mergulhador despreocupado, com o Jude que eu achava que conhecia. Apesar do modo como tínhamos nos conhecido, apesar das circunstâncias que nos mantinham juntos, ao longo dos últimos três dias ele havia me protegido e me respeitado. Minha opinião sobre ele estava mudando. Eu queria saber mais sobre ele. E queria compartilhar coisas com ele.

Sem pensar, dei um tapa na sua coxa e disse:

— Que saber? Eu me sinto mais quente.

Imediatamente, tirei a mão e passei no cabelo, como se aquilo fosse completamente normal. Como se nossos limites não tivessem se expandido.

* * *

Acordei repentinamente, assustada, ofegante, observando as raízes emaranhadas e nodosas acima. Um pesadelo. Minha testa estava úmida, e todos aqueles cobertores e camadas de roupa tinham me deixado com calor. Sentei-me e tirei o casaco, usando-o para enxugar o rosto. Respirei fundo várias vezes, tentando recuperar o ar.

Mexi a cabeça em direção aos ombros, tentando voltar à realidade e banir, por mais difícil que fosse, qualquer lembrança do sonho em que Jude estendera o corpo grande e musculoso sobre mim e colara a boca úmida a minha.

Era um sonho, eu sabia disso. O que não me impediu de ficar trêmula e sentir uma dor no peito.

Depois de alguns minutos, me deitei de novo, com um suspiro, mas não fechei os olhos. Estava com medo de dormir. E se eu voltasse a sonhar a mesma coisa? De forma inexplicável, me via atraída pelo sonho, com um desejo latente que fazia com que me sentisse tanto impetuosamente viva quanto assustada.

Com um gemido suave de frustração, rolei de lado.

Os olhos de Jude estavam abertos, me observando.

Com a voz rouca de sono, ele murmurou:

— O que houve?

— Um pesadelo.

Nossos rostos estavam a poucos centímetros de distância, e, quando dobrei o joelho para buscar uma posição mais confortável, acidentalmente rocei em sua perna. A eletricidade pareceu queimar minha pele.

Ele se apoiou no cotovelo e tocou meu braço.

— Você está tremendo.

— O sonho era muito real — sussurrei.

Na escuridão, nossos olhos se encontraram. Ficamos observando um ao outro em silêncio. Minha pulsação vibrava, firme e forte.

— Me conte — pediu ele em voz baixa.

Cheguei mais perto, até invadir sua metade da cama improvisada, protegida sob seu corpo ligeiramente levantado. Foi uma coisa ousada de se fazer, talvez até um pouco tola. De algum lugar distante, eu podia ouvir a voz da razão insistindo para eu pensar melhor. Não havia nada me impedindo dessa vez, mas sabia que minha mente havia perdido a batalha e meu corpo tinha assumido o controle. Eu me lembrei do beijo úmido e sensual de Jude no sonho, e precisava saber se ele provocaria a mesma reação em mim quando acordada.

— Começava assim — sussurrei. *Comigo. Embaixo de você.*

Ele tirou um fio de cabelo do meu rosto. E ficou com a mão ali por um instante, refletindo. Um brilho insondável passou por seus olhos castanhos, e eu não fazia ideia do que ele estava pensando, ou o que faria em seguida. Pensei em correr as mãos pelos braços musculosos dele, mas eu mal respirava, repensando a ousadia do que eu estava prestes a fazer. Perdi a coragem e decidi rolar de volta para minha metade da cama, quando a voz dele cortou o silêncio:

— Britt.

O rosto dele procurou o meu, como se ele precisasse saber que era isso mesmo o que eu queria.

E era. Eu já queria fazia algum tempo. Mesmo que fosse errado, era a verdade.

Fazer aquilo com Jude era loucura. Eu sabia disso. Mas algo na experiência de quase morte tinha me deixado desesperada para me sentir viva — e o toque de Jude era a única coisa que me fazia sentir viva no momento.

Jude segurou meu rosto, o polegar acariciando delicadamente a linha da minha sobrancelha.

— Foi um pesadelo?

Engoli em seco.

— Um pesadelo assustador.

— Está com medo agora?

Deslizei a mão até sua nuca, correndo os dedos por seu cabelo curto e escuro. Então puxei sua cabeça para baixo até sua boca quase tocar a minha. Dava para sentir o subir e

descer de seu peito. Eu mal ousava respirar, sentindo meu coração bater em um ritmo hipnótico. O momento pareceu onírico, irreal.

Sua voz saiu rouca.

— Britt…

Pressionei seus lábios com o dedo.

— Não.

A instrução era mais para mim do que para ele, porque, se falássemos, eu começaria a pensar. E se eu pensasse melhor sobre aquilo, perceberia que estava cometendo um erro. Eu gostava da sensação estranha e ligeiramente embriagante de estar com a cabeça suspensa, cheia de nuvens. Com meus pensamentos silenciados, eu me sentia impulsiva e perigosa, capaz de tudo.

Os lábios de Jude roçaram os meus, e meu corpo pareceu se desmanchar, ardente e incontrolável. Jude me beijou com mais força, passando o braço por baixo de mim e me levantando para junto dele. Passei as mãos pelo seu peito, sentindo seus músculos se retesarem quando um forte arrepio percorreu seu corpo. Deslizei os dedos para agarrar seus ombros e segurei firme, me perdendo na mais pura sensação do seu beijo.

Ele beijou minha orelha. Depois, com mais avidez, meu pescoço. E eu fiquei ali, com os olhos fechados, sentindo o chão rodar. Ele me provocava com os dentes, mordiscando e chupando, empurrando o joelho entre as minhas pernas para separá-las. De onde eu estava, podia sentir o calor da fogueira, que era insignificante comparado ao fogo que as mãos de Jude espalhavam pelo meu corpo, enquanto me acariciava com a mesma impulsividade voraz que sentia enquanto cravava as unhas nele, trazendo-o para mais perto.

Ficamos de joelhos e olhamos um para o outro na escuridão enfumaçada, juntando nossas bocas, despudorada e imprudentemente, até sentir a minha inchada e dolorida. Subi em seus quadris, me arqueando e envolta por suas mãos fortes. Ele manteve uma delas espalmada nas minhas costas, enquanto a outra traçava uma linha delicada e tentadora que ia até um pouco acima dos meus seios, onde ele terminou seu traçado invisível com um beijo, e eu estremeci de prazer.

Ele tirou o casaco depressa, atirando-o para o lado. Passei os dedos por seu abdômen firme e senti o botão de metal frio de sua calça, mas então, do nada, pensei em Calvin. Em tocar seu corpo. O fantasma dele invadiu meus pensamentos, e era como se ele estivesse bem ali com a gente.

A boca de Jude estava colada na minha, mas eu me afastei, em busca de ar. Eu não podia fazer aquilo. Não podia beijar Jude pensando em Calvin.

O corpo de Jude ficou tenso. Imediatamente, pensei que ele tivesse notado a razão da minha relutância e fiquei procurando uma maneira de me explicar. Cal tinha sido o primeiro. O único. Não era fácil esquecer.

Ouvi Jude arfar, o corpo inteiro rígido enquanto ele virava a cabeça em direção à saída do nosso refúgio, tentando escutar algo lá fora. E foi então que me dei conta de que ele não tinha percebido o que acabara de acontecer.

— O que foi? — sussurrei, agarrando-o, com medo.

Sua boca roçou minha orelha enquanto ele falava.

— Vou dar uma olhada lá fora. Fique aqui.

— Jude... E se...? — Não concluí o pensamento. O medo parecia uma pedra presa em minha garganta.

— Não vou demorar — garantiu ele, estendendo a mão para pegar a lanterna de cabeça.

Fiquei encolhida em nosso refúgio enquanto os minutos passavam. Senti frio, mas não me atrevia a chegar mais perto do fogo. A fogueira estava logo ali fora... lá, onde alguma coisa na escuridão havia assustado Jude.

Depois do que pareceu muito tempo, ouvi o barulho de sua botas na neve. Ele se abaixou para entrar, e logo percebi que havia algo errado.

— Rastros de urso — disse ele, sério. — O fogo deve tê-lo intimidado, mas acho que ele não desistiu da gente.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

— Temos que mudar o acampamento de lugar — falei, tateando cegamente os cantos escuros do nosso refúgio em busca da minha mochila.

Jude pegou meu pulso, me forçando gentilmente a parar.

— Ei. Está tudo bem, Britt. Não entre em pânico — disse ele com uma voz tranquilizadora. — Precisamos manter a fogueira acesa. Ele não vai passar pelo fogo para chegar até nós, por mais curioso ou faminto que esteja. Peguei mais lenha hoje de manhã; deve ser suficiente para manter o fogo aceso durante a noite. Amanhã cedo vou seguir o rastro dele, descobrir sua posição e fazer um desvio significativo para chegar a Idlewilde.

— Estou com medo — sussurrei.

Eu me sentia zonza desde que bebera, mas nem mesmo isso era capaz de mascarar a preocupação que me invadia como uma corrente de água gelada. Um urso-pardo. Se a fogueira apagasse, se ele viesse atrás da gente, se tivéssemos que correr... seríamos fatalmente derrotados.

Jude me pegou nos braços, e eu fiquei sentada com as costas apoiadas em seu peito, as pernas compridas dele dobradas, uma de cada lado do meu corpo. Então, de forma protetora, ele me aninhou em seu corpo.

— Melhor? — murmurou em meu ouvido.

Apoiei a cabeça em seu ombro.

— Fico feliz que esteja aqui, Jude. Fico feliz por termos um ao outro — falei.

Sua respiração bagunçou meu cabelo.

— Eu também.

— Pode soar estranho, mas eu quase me sinto... mais capaz com você por perto. Realmente sinto como se estivéssemos nisso juntos, se faz algum sentido.

— Faz todo o sentido — concordou ele.

Se fosse Calvin ali comigo, eu não poderia dizer o mesmo. Eu sempre havia deixado Calvin cuidar de mim. Quando saíamos, mesmo quando íamos com meu carro, Calvin dirigia. Calvin pagava o jantar. Se estava chovendo e eu tinha esquecido o casaco, eu o importunava até ele me dar o seu. Eu queria que ele me adorasse, me protegesse e se esforçasse ao máximo por mim. Quando ele não fazia isso, eu bancava a indefesa para forçá-lo a me dar atenção. Com Jude, eu confiava na minha capacidade de cuidar de mim mesma. Sentia segurança, não desespero. Eu acreditava que nossas forças se complementavam.

Ele tirou meu cabelo do ombro e beijou minha nuca.

— Me diga o que está pensando.

Estiquei o pescoço, convidando-o a me beijar. Fechei os olhos, sentindo a pele formigar sob a pressão suave de sua boca.

— Como sabe que não estou seduzindo você para me ajudar a chegar a Idlewilde? — provoquei.

De algum lugar fora do meu corpo, eu percebia como estava atrevida. Mas estava relaxada por causa da bebida e não me importava com nada.

Ele roçou o nariz no meu pescoço.

— Quando você blefa, arqueia a sobrancelha esquerda. E isso não aconteceu a noite toda. Além disso, já falei que vou levá-la até lá em segurança. Não precisamos desses joguinhos agora.

Me afastei, indignada.

— Minha sobrancelha esquerda não se arqueia.

Jude me observou com um sorriso indolente, como se avaliando se era prudente dizer mais.

— Quando você acha graça de alguma coisa, sua boca se curva de um jeito travesso — continuou, como se quisesse mostrar que estava certo. — Quando está com raiva, você comprime os lábios e surgem três pequenas linhas entre suas sobrancelhas.

Fiquei de joelhos e coloquei as mãos na cintura.

— Mais alguma coisa? — perguntei, irritada.

Ele tocou o nariz, fazendo força para não rir.

— Quando você beija, faz um som no fundo da garganta, como se estivesse ronronando. É tão fraco que só consigo ouvir se estiver muito perto de você.

Fiquei muito vermelha.

— Precisamos nos beijar de novo, para ver que outras observações eu faço — sugeriu.

— Sem chance, depois de todos esses insultos!

— Você quer que eu pense que se sente insultada, mas sua sobrancelha esquerda está arqueada… você está blefando.

Lancei um olhar exasperado em sua direção, mas ele deu de ombros e levantou as mãos na altura dos ombros, como se dissesse: não posso evitar.

Percebi que, se Jude havia chegado a todas aquelas conclusões sobre mim, é porque vinha me observando *bastante*. Minha mente voltou para as vezes em que eu o pegara me olhando. Na cabana, com Shaun, na cabana da Guarda Florestal. Eu achava que ele me olhava a todo momento para que eu não fugisse. Mas agora me perguntava se ele vinha secretamente tentando me decifrar, como se montasse as peças de um quebra-cabeça. Pensar nisso fez minha respiração acelerar.

— Tudo bem — falei por fim. — Digamos que eu deixe você me beijar de novo. — Então me abaixei e fiquei de quatro na frente dele, sorrindo de forma provocativa. Eu ainda estava plenamente consciente dos meus atos, mas o álcool tinha me deixado com uma sensação agradável. Eu me sentia quente e viva, e um pouquinho imprudente. — Primeiro, quero estabelecer algumas regras básicas.

— Você tem toda a minha atenção.

— Quando foi a primeira vez que você soube que queria me beijar?

— Essa é a sua regra básica?

— Eu gostaria de reunir algumas informações antes de formular a regra.

— Minha nossa, mas você é exigente. Isso, e aquilo, e quem sabe o que mais.

Abri mais o sorriso.

— Responda.

Ele se inclinou para trás e coçou a cabeça, fingindo se esforçar para se lembrar do momento exato.

— Leve o tempo que precisar — falei, docemente. — Quanto mais você demorar, mais tempo vai levar até nos beijarmos.

— A primeira vez que quis beijar você — disse ele, pensativo, esfregando o queixo — foi na loja de conveniência, logo depois que descobri que você disse ao Calvin que estávamos juntos. A raiva no rosto dele é inesquecível, mas sua expressão era impagável. Nunca vi alguém se esforçar tanto para esconder sua perplexidade. Você tinha a nós dois nas mãos. Eu quis beijá-la e, pelo que me lembro, fiz isso.

Franzi a testa, tentando me lembrar.

— *Aquele* beijo? Foi tão comportado...

— Não quis parecer atrevido.

Eu duvidava disso. Quanto mais eu conhecia Jude, mais via sua máscara de modéstia cair. Eu tinha certeza de que ainda havia resquícios do garoto arrogante da adolescência que ele alegava ter deixado para trás.

— Não sou do tipo que fica com desconhecidos — falei. — Ainda não sei o que o trouxe a Wyoming nem como você se envolveu com Shaun.

Jude me observou em silêncio por um instante.

— Há coisas que quero lhe contar, mas não posso. Sei que não é uma boa explicação, mas é a melhor que posso dar agora. Eu me preocupo com você, Britt. Quero o melhor para você. Sinto muito que tenha sido arrastada para essa confusão, e vou fazer tudo o que puder para levá-la para casa em segurança.

Nenhum de nós dois falou sobre o que aconteceria depois. Jude era um homem procurado. Um cúmplice, no mínimo. E se Korbie já tivesse sido resgatada por Calvin, provavelmente já tinha dito à polícia que Jude era um dos sequestradores. Não tínhamos como saber o que o aguardava. Naquele momento, eu não queria pensar no pior. Eu não queria pensar no que viria depois, ponto.

— Você tem namorada?

Jude não me parecia ser do tipo que trai, mas era uma pergunta válida. Ele sabia que eu não estava saindo com ninguém. Se eu ia cometer um erro com ele naquela noite — e, contrariando meu bom senso, eu estava considerando seriamente fazer isso —, queria ter certeza de que não envolveria uma terceira pessoa.

— Não.

— É só isso? Apenas "não"? Nenhuma explicação?

— Você fez uma pergunta direta. Dadas as alternativas: "sim" e "talvez", achei que você ficaria feliz com um "não".

— Você está tirando sarro de mim.

Ele riu.

— Eu não tenho namorada, Britt. Meu último relacionamento sério foi há um ano. Nunca traí nenhuma das garotas com quem fiquei. Se sinto necessidade de trair, alguma coisa na minha relação não está dando certo, e, se eu não consigo consertar, termino tudo. Não acho certo magoar alguém dessa forma.

— Ótima resposta, sr. Jude…?

Eu o vi hesitar, me avaliando.

— Van Sant. Jude Van Sant. Esse é meu nome verdadeiro.

Ele estendeu a mão, me pegando pelo pulso. Então fez um círculo lento com o polegar na base da palma da minha mão.

— Não tão rápido — falei, colocando o dedo nos lábios de Jude quando ele se inclinou para me beijar. — Gosto desse seu novo lado mais aberto. Quero saber mais sobre os seus segredos.

— Algumas coisas você terá que descobrir sozinha.

E me puxou para cima dele.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Alguma coisa na luz do sol da manhã passando pelas árvores, e o efeito da bebida diminuindo, fez a lembrança da noite anterior voltar com assustadora clareza. Fiquei congelada no chão, horrorizada, enquanto cada detalhe das minhas ações passava pela minha cabeça.

Eu tinha transado com Jude. O homem que me sequestrara. O fato de ele ser atraente, bonito e gentil era irrelevante.

Mantive os olhos fechados, fingindo dormir, por vários minutos depois de ter acordado, mesmo ouvindo Jude se mexer bem ao lado. Tentei pensar em algumas coisas para falar e quebrar o gelo. Nada parecia apropriado. No que eu estava pensando para tomar bebida alcoólica? Foi por isso que eu o beijei.

Não. Eu tinha me sentido atraída por Jude quando estava cem por cento sóbria. Eu podia tentar convencê-lo de que havia sido o álcool, mas não podia mentir para mim mesma. Fiquei com ele porque queria. Era vergonhoso, mas era a verdade.

Massageei a testa com a palma da mão e fiz uma careta. Eu não tinha escolha, a não ser enfrentar logo aquela manhã estranha.

— Sobre ontem à noite — comecei, me sentando, e senti uma dor chata atravessar minha cabeça. Chocada, percebi que estava passando por minha primeira ressaca. Ainda que suave, era, inegavelmente, uma ressaca. Se havia um lado bom nessa história toda, era que meu pai não veria como eu o havia decepcionado. Infelizmente, eu não podia me poupar da mesma humilhação.

Fingi estar profundamente interessada em amarrar as botas e mantive os olhos fixos nos pés, evitando encarar Jude.

— O que fizemos foi uma burrice, obviamente. Um erro. — Um erro *colossal*. — Eu tinha bebido muito e não estava pensando direito. Queria poder voltar atrás.

Jude não falou nada.

— Eu estava meio inconsciente quando nós... fizemos o que fizemos. Mal me lembro do que aconteceu. — Se ao menos fosse verdade... Na realidade, minha memória me atormentava com um roteiro detalhado da noite anterior. — O que quer que tenha acontecido entre nós, não foi minha intenção. Quer dizer, a verdadeira Britt não faz essas coisas.

Como Jude continuou calado, olhei furtivamente em sua direção, nervosa. A maneira cautelosa e avaliadora com que ele me observava tornava difícil decifrar seus pensamentos. Eu tinha certeza de que ele sentia o mesmo, certo? Havia tantas coisas que eu queria lhe perguntar, mas me detive. Eu não ia procurar uma forma de racionalizar o meu

comportamento. Não importava o que Jude pensava. O que eu tinha feito era errado, ponto. E ele era a pior pessoa com quem eu poderia ter cometido um erro tão grave.

Jude se sentou e se espreguiçou, lânguido como um gato. Ficou de joelhos, colocou o cinto e me olhou com um ar dissimulado.

— Quanto tempo você levou para preparar esse discurso?

Fechei a cara.

— Não foi um discurso. Simplesmente saiu.

— Que bom. Isso explica por que foi uma droga.

— Uma droga? Oi?

— Você não estava bêbada, Britt. Estava meio alta, claro, mas não esqueça que bebi metade da garrafa. Vou tentar não me ofender com essa história de você achar que eu poderia me aproveitar de você enquanto estava bêbada. E se é assim que você beija quando está embriagada, mal posso esperar para ver como beija quando está sóbria e consciente.

Olhei para ele, de queixo caído. Eu não sabia como reagir. Ele estava me provocando? Em um momento como aquele?

— Quando você foi beijada pela última vez? — continuou ele, tranquilamente. — E não estou falando de um beijo sem emoção, reservado, insignificante, do tipo que você esquece assim que acaba.

Saí do meu estado de estupor só para dizer, de forma irônica:

— Como o beijo de ontem?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Ah, é? Então me pergunto por que você gemeu meu nome depois que pegou no sono.

— Eu não fiz isso!

— Ah, como eu queria estar com uma câmera... Quando foi a última vez que alguém beijou você de verdade? — perguntou de novo.

— Você acha mesmo que vou dizer?

— Foi seu ex? — arriscou ele.

— E se tiver sido?

— Foi seu ex que ensinou você a se sentir envergonhada e desconfortável em momentos de intimidade? Ele pegou de você tudo o que queria, mas nunca estava por perto para retribuir, não é verdade? O que você quer, Britt? — perguntou ele, sem rodeios. — Quer mesmo fingir que a noite passada nunca aconteceu?

— O que aconteceu entre mim e Calvin não é da sua conta — rebati. — Para sua informação, ele foi um ótimo namorado. Eu... eu queria estar com ele agora! — menti.

Meu comentário descuidado o deixou hesitante, mas ele se recuperou rapidamente.

— Ele ama você?

— O quê? — perguntei, nervosa.

— Se você o conhece tão bem, não devia ser uma pergunta difícil. Ele é apaixonado por você? Sempre foi apaixonado por você?

Joguei a cabeça para trás com um ar de arrogância.

— Sei o que você está fazendo. Está tentando diminuí-lo porque está... está com ciúmes dele!

— Pode apostar que estou com ciúmes — rosnou ele. — Quando beijo uma garota, gosto de saber que ela está pensando em mim, e não no idiota que desistiu dela.

Eu me virei, me sentindo péssima por ele ter adivinhado a verdade. Eu poderia negar, mas ele descobriria. O ar entre nós estava pesado e carregado, e fiquei lá sentada, odiando-o por fazer com que eu me sentisse culpada. Me odiando por ter deixado as coisas irem tão longe. Havia um nome para as pessoas que se apaixonam por seus captores. Aquilo não era uma atração de verdade; eu tinha sofrido lavagem cerebral. Queria nunca tê-lo beijado. Queria nunca tê-lo conhecido.

Jude amarrou os cadarços, puxando o nó.

— Vou preparar algumas armadilhas e espero trazer o café da manhã. Não devo demorar mais do que algumas horas.

— E o urso?

— Acabei de colocar mais lenha no fogo. Ele não vai passar pela fogueira e chegar até você.

— E você? — perguntei, mantendo a voz cuidadosamente indiferente.

Ele abriu um sorriso frio e cheio de malícia.

— Preocupada comigo?

Como não consegui pensar em nada sarcástico para dizer, dei a língua para ele.

Jude balançou a cabeça.

— Exercitando a língua? Achei que você tivesse exercitado o bastante ontem à noite.

— Vai pro inferno.

— Me desculpe, amor, mas já estamos no inferno.

Sem dizer mais nada, Jude saiu pela floresta coberta de neve.

* * *

Depois que Jude saiu, decidi fazer um inventário dos nossos recursos. O projeto ocuparia minha mente e me impediria de analisar o acontecimento da noite anterior. Eu não queria descobrir o que realmente sentia por ele. Não queria admitir que eu talvez estivesse completamente envolvida.

Restava um dia de caminhada até Idlewilde, e eu queria ter certeza, caso uma nova tempestade caísse ou enfrentássemos algum outro obstáculo invisível, de que sabia o que tínhamos. Abri a mochila de Jude e comecei a organizar seus pertences em três grupos: roupas de cama, alimentos e ferramentas.

Quando cheguei ao fundo da mochila, encontrei uma pequena sacola de lona com alguns objetos, mas não havia zíper nem nenhuma outra abertura aparente. Na verdade, era quase como se a sacola tivesse sido costurada fechada. Os objetos forçavam o tecido, mas eu não conseguia chegar até eles.

Eu não deveria ter ficado surpresa por Jude estar escondendo alguma coisa — ele tinha discorrido sobre a importância de se ter segredos —, mas, ao usar o canivete que tinha roubado da cabana da Guarda Florestal para fazer uma incisão precisa ao longo da costura e ver o que havia lá dentro, foi exatamente como me senti: surpresa.

Não, surpresa, não. Chocada. Desnorteada, incapaz de acreditar no que tinha nas mãos. Enojada.

Peguei a fotografia de uma garota. Era uma foto inocente, tirada de longe, mas os olhos dela estavam estranhamente atentos. O sorriso largo e arrogante parecia tripudiar da câmera, os olhos fervendo de desprezo, como se ela estivesse mandando o mundo inteiro para aquele lugar só de olhar daquela forma penetrante.

Lauren Huntsman. A menina que tinha desaparecido em abril do ano anterior enquanto passava férias com os pais em Jackson Hole.

Por que Jude tinha uma foto dela? E não era uma foto qualquer, e sim uma tirada sem a sua permissão. Era como se ele a estivesse espionando.

Fui ver o que mais tinha na sacola de lona, e o que achei dessa vez foi um par de algemas. Senti o estômago queimar. Por que Jude teria algemas? Eu só conseguia pensar em uma explicação. E não era nada boa.

Peguei o diário de Lauren em seguida. Parecia errado ler coisas tão pessoais, mas, enquanto folheava as páginas, disse a mim mesma que só estava vendo se achava o nome de Jude. Eu precisava saber a ligação que existia entre os dois, mas o aperto em meu estômago me dizia que eu já sabia.

Indo dançar hoje à noite. Me aguarde, Jackson Hole. Vai ser uma noite daquelas. Plano A: Ficar bêbada. Plano B: Fazer alguma coisa de que vá me arrepender. Plano C: Ser presa. Pontos extras se conseguir todos os três juntos. Mal posso esperar para ver a cara da minha mãe amanhã. Saberei que falhei se ela não se derramar em lágrimas pelo menos uma vez durante o jantar. Bem, estou saindo… me deseje sorte!

Beijinhos, Lauren

Era isso. O diário de Lauren terminava abruptamente em dezessete de abril do ano anterior. Não havia nenhuma menção a Jude.

Foi só quando peguei o último item da sacola de lona que minha mãos começaram a tremer de verdade. Um pingente de ouro em forma de coração. Eu me lembrava vagamente de ter assistido na TV a uma das coletivas de imprensa ligadas ao desaparecimento de Lauren. O pai dela tinha mostrado um desenho de um pingente de ouro em forma de coração que Lauren usava todos os dias desde que era menina. Ele tinha certeza de que ela estava usando o cordão com o pingente na noite em que desapareceu.

Agora era óbvio por que Jude tinha se empenhado tanto em manter o conteúdo da sacola em segredo. A prova era indiscutível.

Eu me lembrei de uma conversa entre Jude e Shaun que ouvira na cabana. As palavras deles me incomodaram no início, mas agora que eu tinha conhecimento do contexto em que elas foram ditas, faziam meu sangue gelar.

Eu estou no comando, Ace. Trouxe você para fazer um trabalho; procure se concentrar nisso.

E, em seguida, a resposta perturbadora de Jude: *Estamos trabalhando juntos há quase um ano. Pense em tudo que fiz por você.*

Um ano antes, Lauren Huntsman desaparecera. Será que Jude estava envolvido nisso? Será que ele a havia assassinado? Será que era esse seu trabalho… matar?

Será que Jude tinha seduzido Lauren, como fizera comigo?

Minha cabeça começou a girar. Um gosto amargo e enjoativo se instalou em minha garganta. Quando me lembrei dos beijos de Jude, senti como se mergulhasse em água gelada. Me lembrei de estar deitada embaixo dele, presa pelo seu corpo, a proximidade quase avassaladora. Me lembrei de suas mãos sob minha camisa, acariciando… tudo. Estremeci na hora, e voltei a estremecer com a recordação. Eu me sentia suja. E se o plano dele fosse me seduzir e depois me matar?

Eu nunca deveria ter confiado nele.

Cinco minutos depois, ainda abalada, terminei de enfiar os pertences de Lauren e os suprimentos de Jude na minha mochila. Procurei em toda parte pelo mapa de Calvin, mas Jude tinha levado com ele. Não tinha problema. Eu sabia que Idlewilde ficava a menos de seis quilômetros dali, do outro lado de dois lagos glaciais ligados por um estreito. A água provavelmente havia congelado, o que significava que poderia atravessar o estreito a pé. Eu estava com medo de caminhar pela floresta sozinha, mas não podia ficar mais ali. Eu não tinha como consertar a sacola de lona. Jude saberia que eu havia descoberto seu segredo. E isso mudaria tudo.

Coloquei a mochila nos ombros. Eu queria sair o mais rápido possível, mas algo me fez parar em frente à entrada do nosso refúgio.

Eu me contorci toda por dentro quando vi os galhos esmagados que tinham servido como cama para nós dois. Pensei nas várias formas sutis como Jude me ajudara nos últimos dias, principalmente quando Shaun estava vivo. Ele havia driblado a ira de Shaun e me encorajado a seguir em frente quando estive à beira do desespero. Tinha feito o melhor para me deixar confortável. Será que alguém capaz de tamanha bondade também podia ser responsável por uma brutalidade como aquela? Será que eu acreditava mesmo que Jude tinha matado Lauren Huntsman?

Voltei a pensar nas provas que encontrara na mochila. Se havia chegado ao ponto de encontrar desculpas para defender Jude, eu realmente estava sofrendo da Síndrome de Estocolmo. Eu tinha me forçado a acreditar que conhecia Jude. Eu havia deixado de lado o criminoso insensível e criado um conto romântico em que o herói torturado está em busca de redenção. Que grave erro de julgamento.

Chega de desculpas. A prova era a verdade.

Andei depressa na direção oposta a que Jude seguira. Ele estava com o mapa, mas eu tinha os suprimentos. Ele sabia rastrear como ninguém, mas não resistiria muito tempo sem água, cobertores, acendedor e lanternas. Além disso, eu acreditava que ele fosse demorar. Da última vez, tínhamos levado horas para caçar algo para comer. Se eu conseguisse uma boa dianteira, poderia chegar antes dele em Idlewilde.

De lá, eu ligaria para a polícia. E contaria que Lauren Huntsman não tinha se afogado em um lago. Havia sido brutalmente assassinada, e eu tinha uma boa ideia de onde eles poderiam encontrar seus restos mortais.

CAPÍTULO VINTE E SETE

As montanhas nunca pareceram tão hostis ou inóspitas como naquela manhã. Uma nuvem gelada surgia por entre as árvores, pintando a paisagem com uma estranha cobertura de gelo. A floresta densa bloqueava a luz do sol, criando uma escuridão úmida onde silhuetas retorcidas de árvores nuas em razão do inverno confundiam os olhos. Vi esqueletos com braços estendidos e flashes de caras feias em seus troncos cinza manchados. Um vento frio e cortante gemia, levantando neve como se uma manada frenética de cavalos fantasmagóricos houvesse acabado de passar. Os pinheiros balançavam inquietos, como se soubessem de algo que eu desconhecia.

Senti dedos agarrarem meu casaco e, quando me virei, arfando, vi que era apenas um arbusto retorcido cujos galhos espinhosos e indomáveis haviam se enganchado no tecido. Me soltei e engoli em seco, nervosa. Então saí correndo, afastando às cegas os galhos frios e molhados. A cada passo, sentia olhos atrás de mim. O nevoeiro tocou minha pele, e meu corpo inteiro estremeceu.

Ursos e lobos. Eu pensava neles enquanto caminhava com dificuldade pela neve que o vento da noite anterior tinha transformado em montes íngremes descomunais. Cada pico me lembrava uma onda, congelada um instante antes da crista. Os montes intermináveis e o vapor sombrio tornavam a visibilidade difícil, então mantive a bússola no quadril, consultando-a constantemente. De vez em quando, o gemido assustador do vento me fazia parar e olhar por cima do ombro, os pelos do corpo arrepiados.

Em pouco tempo, meus músculos começaram a reclamar de exaustão. Tinha feito minha última refeição no dia anterior, e me sentia fraca e desorientada pela fome. Seria muito melhor se eu pudesse simplesmente fechar os olhos e protegê-los do vento fustigante. Mas eu sabia que, se descansasse, acabaria caindo em um sono perigoso. Um sono do qual nunca acordaria.

Minhas luvas estavam molhadas. Minhas botas e meias também, e o gelo fazia meus dedos parecerem frágeis a ponto de quebrar. Flexionei as mãos, bombeando sangue para aquecê-los. Esfreguei uma na outra, mas não sabia por que me dava ao trabalho. A dor acabaria se transformando em formigamento e dormência, e então eu não sentiria mais nada…

Não. Eu estava feliz pela dor aguda e intensa. Isso queria dizer que eu ainda estava acordada. Viva.

Meus pés escorregavam na neve e nas pedras. Quando eu não conseguia manter o equilíbrio, era minha bunda que acabava molhada. Cada vez que isso acontecia, eu levava mais tempo para me levantar. Tirava a neve das roupas, mas isso também parecia inútil. Eu já estava completamente molhada e tremendo de frio.

Quando chegava ao topo de um monte repleto de árvores, via que outro se erguia atrás dele. E mais outro. Por trás das nuvens densas e cinzentas, o sol parecia uma esfera lúgubre se deslocando lentamente pelo céu. Ele atingira o ponto mais alto de sua jornada, e depois começou a descer em direção ao oeste. Eu vinha andando o dia todo. Onde estava Idlewilde? Será que eu havia me perdido? Eu não sabia se seguia em frente ou se voltava.

Aos poucos, minha esperança se transformou em desespero. Parecia que a montanha não acabaria nunca. Sonhava em dar de cara com uma cabana, qualquer cabana. Sonhava com paredes espessas e uma lareira quente. Sonhava em escapar dos ventos fortes que cortavam e queimavam.

Ali fora, havia tanta coisa de que escapar. Vento e frio. Neve. Inanição.

Morte.

CAPÍTULO VINTE E OITO

A noite em que Calvin ensinou a Korbie e a mim a usar o tabuleiro Ouija foi a primeira vez que me lembro de ter ficado completamente sozinha com ele. Pode ter havido outras vezes, mas naquela noite me lembro de sentir como se fôssemos as únicas duas pessoas no mundo. Eu amava Calvin Versteeg. Ele era meu mundo. Cada olhar seu em minha direção, cada palavra que falava comigo pareciam para sempre gravados em meu coração.

— Preciso fazer xixi! Está saiiindo! — Korbie riu, levantando o zíper da barraca. — Não vou conseguir chegar ao banheiro. Acho que vou ter que fazer xixi nos seus tênis, Calvin!

Calvin revirou os olhos enquanto Korbie pulava dramaticamente de uma perna para a outra, com a mão entre as duas. Ele havia deixado seus tênis em frente à barraca, ao lado dos meus chinelos. O sr. Versteeg nunca nos deixava usar calçados dentro de casa. Eu duvidava que ele fosse se importar caso a barraca ficasse suja, mas já era um hábito: nada de calçados do lado de dentro.

— Por que você atura minha irmã? — perguntou Calvin, depois que Korbie saiu. Podíamos ouvi-la gritando histericamente enquanto corria pelo quintal em direção à cabana.

— Ela não é tão ruim assim.

— Ela não tem muitos neurônios.

Eu não queria falar sobre Korbie. Calvin e eu estávamos finalmente sozinhos. Eu poderia tocar nele, de tão perto que estava. Eu teria dado qualquer coisa para saber se ele tinha namorada. Como não teria? Qualquer garota teria sorte de sair com ele.

Limpei a garganta.

— Você não acha mesmo que os fantasmas usam o tabuleiro Ouija para se comunicar com a gente, acha? Porque eu não acredito nessas coisas — acrescentei, revirando os olhos, e esperando ter soado inteligente.

Calvin pegou uma haste de grama que um de nós tinha trazido para dentro e começou a separá-la longitudinalmente, em tiras verdes enroladas. — Quando penso em fantasmas, penso em Beau, e em onde ele está agora — disse ele, sem olhar para mim.

Beau era o labrador cor de chocolate dos Versteeg. Ele tinha morrido no verão anterior. Eu não sabia como... Korbie não me contou. Ela chorou por uma semana inteira quando ele se foi, mas se recusava a falar sobre o assunto. Quando perguntei ao meu irmão, Ian, como os cães morriam, ele disse: "Eles morrem atropelados por um carro. Ou têm câncer, e depois de um tempo você tem que sacrificá-los."

Como o Beau morreu de repente, não tinha sido câncer.

— Ele está enterrado no quintal da minha casa — disse Calvin. — Debaixo do pessegueiro.

— Debaixo do pessegueiro é um bom lugar para se enterrar um cachorro.

Quis abraçá-lo, mas fiquei com medo de que ele me afastasse. Meu maior medo era que Calvin saísse e eu perdesse a chance de me conectar de verdade com ele.

Cheguei mais perto.

— Sei que você amava muito o Beau.

— Ele era um bom perdigueiro.

Coloquei minha mão trêmula no joelho de Calvin. Esperei, mas ele não se afastou nem empurrou minha mão. Ele me encarou com os olhos verdes vidrados e tristes.

— Meu pai atirou nele.

Eu não esperava por isso. Não se encaixava com a imagem na minha cabeça. Eu sempre imaginara pneus cantando e o corpo esmagado e ferido do Beau na estrada.

— Tem certeza?

Calvin me lançou um olhar frio.

— Por que seu pai atiraria no Beau? Ele era o melhor cão do mundo. — Era verdade. Eu tinha implorado ao meu pai para me dar um cachorro. E queria um labrador cor de chocolate como o Beau.

— Ele estava latindo muito uma noite e os Larsen ligaram para reclamar. Eu estava dormindo, mas me lembro de ouvir o telefone tocar. Meu pai desligou e gritou para eu colocar o Beau na garagem. Já passava da meia-noite. Ouvi meu pai me chamando, mas caí no sono de novo. Então escutei os tiros. Dois. Por um minuto, pensei que meu pai tivesse disparado o rifle no meu quarto, de tão alto que foi o barulho. Corri para a janela. Vi meu pai chutando o Beau para se certificar de que ele estava realmente morto, e depois ele o deixou lá. Nem sequer o colocou em uma caixa.

Levei a mão à boca. Estava quente e abafado na barraca, mas comecei a tremer. O sr. Versteeg sempre havia me intimidado, mas agora ele tinha se transformado em um monstro assustador aos meus olhos.

— Eu enterrei o Beau — disse Calvin. — Esperei até meu pai dormir, então peguei uma pá. Passei a noite toda cavando. Tive que colocar o Beau em um carrinho, de tão pesado que era. Eu não tinha como carregá-lo sozinho.

Saber que Calvin teve que enterrar seu cachorro me deu vontade de chorar.

— Odeio meu pai — disse Calvin, tão baixo que me deu arrepios.

— Ele é o pior pai do mundo — concordei.

Meu pai nunca atiraria em um cachorro. Muito menos por latir demais, E ainda mais se eu o amasse.

— Às vezes me pergunto se o fantasma do Beau está por perto — disse Calvin. — E se ele me perdoou por não tê-lo colocado na garagem naquela noite.

— É claro que ele está por perto — falei, tentando lhe dar esperança. — Aposto que Beau está no céu agora, esperando por você. Ele provavelmente está com uma bola de tênis na boca para vocês dois brincarem. Só porque alguém morreu não quer dizer que deixou de existir.

— Espero que esteja certa, Britt — murmurou ele, em um tom baixo e vingativo. — Espero que, quando meu pai morrer, vá para o inferno e sofra lá por toda a eternidade.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Ao anoitecer, vi fumaça subindo das copas das árvores. Eu tinha andado o dia inteiro sem comida nem água e, delirante, me arrastava pesadamente naquela direção. Quando a cabana surgiu em meio à neve torvelinhante à frente, pensei que fosse uma miragem. Era bonita demais para ser verdade, com suas janelas douradas e uma nuvem de fumaça cinza espiralando do alto da chaminé.

Cambaleei para manter o equilíbrio enquanto o vento me empurrava e segui marchando penosamente em direção à cabana, hipnotizada pela ideia de calor e descanso. Enquanto subia a calçada coberta de neve, engasguei ao ver como minha memória havia me enganado. Idlewilde se erguia majestosa diante de mim.

Pingentes de gelo da grossura de meus braços pendiam dos frontões, que se erguiam um após o outro, reproduzindo os picos das montanhas glaciais ao fundo. Centímetros de neve cobriam o telhado. Olhei para a cabana avidamente.

O vulto de um homem passou pelas várias janelas. Ele olhou distraidamente para o quintal, levando uma caneca aos lábios.

Calvin.

Eu me ouvi dizer seu nome, um som congelado e sufocado. Então comecei a cambalear em direção à cabana. Escorreguei e fiz força para me levantar, sem nunca tirar os olhos da porta. Temia que, se eu desviasse o olhar por um instante que fosse, Idlewilde e Calvin desaparecessem no crescente crepúsculo.

Bati na porta, as mãos congeladas parecendo que iam quebrar a qualquer momento. Tremendo e chorando, espalmei as mãos na porta grossa de madeira, sem sucesso. Comecei a chutá-la, soluçando o nome de Calvin.

A porta se abriu e Calvin olhou para mim. Por um longo instante, pareceu que ele não estava me reconhecendo, vi só confusão em seu rosto. Então, de repente, seus olhos se abriram, em choque.

— Britt!

Ele me puxou para a cabana, e logo pegou minha mochila e tirou meu casaco e minhas luvas molhadas.

Eu estava exausta demais para falar. Quando dei por mim, ele já tinha me levado para a sala e me colocado deitada no sofá perto da lareira. Ele revistou meus bolsos, provavelmente procurando alguma pista de onde eu estava. Como não encontrou nada, tirou minhas botas e massageou meus pés. Me envolveu com cobertores quentes e secos e colocou um gorro aconchegante na minha cabeça. Então despejou um rosário de perguntas que confundiram meu cérebro congelado.

"Você consegue me ouvir?", "Quantos dedos tem aqui?", "Quanto tempo ficou lá fora?", "Estava sozinha?".

Levantei o queixo, olhando fixamente para seus olhos verdes, reconfortada com sua habilidade. Queria abraçá-lo e chorar aninhada em seu peito, mas não sabia como fazer meu corpo se mexer. Uma lágrima correu pelo meu rosto, e eu esperava que Calvin compreendesse as palavras que eu estava cansada demais para dizer. Nós estávamos juntos. Iria ficar tudo bem. Ele iria cuidar de mim.

Calvin bateu no meu rosto.

— Você não pode pegar no sono.

Fiz que sim, obediente, mas não consegui resistir. Ele não entendia. Eu tinha usado toda a minha energia para chegar até ali. Não havia sobrado nada. Eu precisava dormir. Eu tinha estado lá fora, caminhando e congelando, enquanto ele estava ali na cabana. Por que ele não tinha ido me procurar?

Enquanto eu entrava e saía do meu estado consciente, Calvin saiu da sala várias vezes, sempre voltando depressa para me sacudir e me cutucar. Notei vagamente quando ele pôs um termômetro sob a minha língua. Quando voltou de novo, colocou bolsas de água quente junto às minhas axilas e o que parecia ser uma bolsa térmica no meu colo. Ele me fez tomar uma caneca de chá de ervas e até me ofereceu alguns doces, mas fiz que não. Isso podia esperar. Eu queria que ele me deixasse em paz um pouco para dormir tranquilamente.

— ...fique comigo, Britt.

"Não consigo", pensei, mas as palavras se dissolveram dentro de mim.

Ele agarrou a minha cabeça, me forçando a olhar diretamente em seus olhos.

— Nada de dormir. Não... deixá-la em paz. Concentre-se... mim. — Suas palavras soavam abafadas, como se tivessem percorrido um longo túnel antes de chegarem a mim.

Ah, Cal.

Suspirei, tentando me soltar dele. Ele bateu no meu rosto de novo. Um pouco mais irritada, desejei que ele parasse de me perturbar. Se eu tivesse forças, teria empurrado Calvin para longe.

— Me deixa — falei, com a voz arrastada e mal-humorada, batendo de leve em suas mãos.

— Continue... esforçando. Fique comigo. Preciso... aquecê-la.

Ele agarrou meus ombros, me sacudindo sem parar, até que o pouco de paciência que ainda havia em mim se perdeu e parti para o ataque, irritada.

— Para, Cal, me deixa em paz! — Depois que explodi e as palavras saíram de mim, caí de volta no sofá, ofegante e exausta. Mas totalmente acordada.

Curvado sobre mim, Calvin relaxou. Ele sorriu, acariciando minha bochecha afetuosamente.

— Assim está melhor. Fique irritada o quanto quiser, se isso ajudá-la a se manter consciente. Não vou deixar você dormir até sua temperatura passar de trinta e seis graus.

— E você manda em mim? — perguntei, fungando, fraca.

— Sério? Vai discutir comigo agora? — Os olhos de Cal se suavizaram e ele tirou o cabelo molhado do meu rosto. Colocou a mão sob os cobertores e apertou a minha com força, como se estivesse com medo de me perder se a soltasse. — Estava tão preocupado com você, Britt. Korbie me contou tudo. Sei sobre Shaun e Ace.

Pisquei algumas vezes, achando que havia entendido errado o que ele acabara de dizer. Meu cérebro tentava apreender aquela nova informação lentamente.

— Korbie?

— Ela está aqui. Está dormindo lá em cima. Eu a encontrei na cabana. Eles a deixaram lá para morrer, Britt. Encontrei-a na hora certa. Ela não tinha comida. Vai se recuperar, mas isso ainda não acabou. Tentaram matar minha irmã e minha... garota — terminou, a voz ligeiramente embargada. — Se algo tivesse acontecido a uma de vocês... — Ele parou de falar, virando o rosto, mas não antes que eu visse seus olhos ardendo de raiva.

Calvin tinha encontrado Korbie. É claro que sim. Cal era Cal. Ele amava Korbie, e me amava. E faria qualquer coisa para nos manter seguras.

Mas se eu era sua garota e ele me amava, por que ele não tinha voltado para me procurar?

Me apoiei no travesseiro para me levantar. Meus membros estavam descoordenados por causa do frio, mas isso não me impediu de lutar para me libertar dos cobertores.

— Eu tenho que ver a Korbie.

— De manhã — disse Calvin. — Eu só a encontrei hoje. Ela estava muito mal, em pânico e delirante, e se machucou... ela tropeçou nas escadas e machucou as costas e o cotovelo. Não me deixava tocar nela, não parava de gritar comigo e me chamar de Shaun. Dei a ela um comprimido para dormir para ajudá-la a relaxar. Ela precisa de uma boa noite de descanso. O mesmo vale para você... posso lhe dar um comprimido? Minha mãe deixou o remédio aqui no verão passado e ainda está na validade.

— Não, só quero ver a Korbie.

Calvin tentou me deitar de volta no sofá, mas resisti. Eu precisava ver a Korbie. Precisava ver por mim mesma que ela estava bem.

— Tudo bem, você pode vê-la — cedeu ele —, mas eu a trago até aqui. Você precisa descansar. Vou fazer alguma coisa para você jantar e depois vou buscá-la. — Ele passou as mãos pelo rosto, mas não antes que eu visse seus olhos se encherem de água. — Pensei o pior, Britt. Pensei que era um milagre eu ter encontrado a Korbie e que nunca teria a sorte de achar você também. Eu pensei... minha vida... sem você....

Lágrimas correram pelo meu rosto, e senti um nó na garganta. Calvin me amava. Nada havia mudado. Naquele momento, era muito fácil esquecer a dor e o sofrimento do passado. Eu o perdoei completamente. Aquilo era... nosso recomeço.

— Estou com medo, Cal. — Cheguei mais perto dele. — Ele... Ace... está lá fora. — Não me dei ao trabalho de chamá-lo de Jude; explicar a mudança de nome só complicaria as coisas.

Calvin assentiu brevemente.

— Eu sei. Mas não vou deixá-lo machucar você. Assim que as estradas forem liberadas, vou tirar você e Korbie daqui. Vamos até a polícia e contaremos a história toda a eles.

Balancei a cabeça, indicando que havia mais.

— Ace matou… — Passei a língua pelos lábios.

Eu não esperava que seria tão difícil dizer. Era difícil admitir que Jude tinha matado Lauren Huntsman, porque isso evidenciava meu erro de julgamento. Eu tinha confiado em Jude. Eu o havia beijado. Tinha deixado as mãos dele explorarem meu corpo, as mesmas mãos que tinham impiedosamente matado uma garota inocente. Era terrível e humilhante. Se eu pudesse voltar no tempo e mudar alguma coisa no passado, seria isso. Não perceber o verdadeiro e repulsivo caráter de Jude.

— Shh… — murmurou Calvin, pressionando meus lábios suavemente com os dedos. — Você está segura aqui comigo. Você viveu um pesadelo, mas acabou. Não vou deixá-lo machucar você. Ele vai pagar por fazê-las reféns. Ele vai para a cadeia, Britt. Você nunca mais vai ter que vê-lo.

Tentei deixar a confiança de Calvin me consolar e me forcei a afastar a lembrança do beijo intenso e excitante de Jude. O que quer que tivesse acontecido entre nós era uma mentira. Ele havia me enganado; eu precisava me lembrar disso. Quaisquer sentimentos que eu ainda pudesse ter por ele foram baseados em uma mentira, e eu tinha que extirpá-las, como um câncer.

— Ace matou uma garota aqui nas montanhas e eu tenho provas. — Pronto. Eu tinha falado. E, embora doesse, era a coisa certa a fazer. Eu não ia proteger Jude. — Ele matou Lauren Huntsman. Olhe na minha mochila… a prova está lá.

Calvin olhou para mim, a expressão enevoada de descrença.

— Ele matou… Lauren? — gaguejou, claramente tão espantado quanto eu tinha ficado quando descobri.

— Ela desapareceu de Jackson Hole no ano passado. Você se lembra? Apareceu em todos os noticiários. — Foi um alívio passar o peso do segredo de Jude para outra pessoa.

— Eu me lembro — respondeu Calvin, ainda chocado. — Você tem certeza?

Fechei os olhos, me sentindo zonza e cansada novamente.

— Olhe na mochila. Todas as provas contra ele estão lá. O pingente da Lauren, o diário e uma fotografia, que confirma que ele a seguia antes de matá-la.

Calvin assentiu, obviamente abalado.

— Está bem, vou olhar. Mas quero que deite e fique calma, ouviu?

Calvin foi até a janela e olhou para a floresta coberta de neve que cercava Idlewilde. Colocou uma das mãos na nunca, apertando metodicamente. Eu via que ele estava inquieto e senti um nó no peito. Calvin não sabia que estávamos enfrentando um assassino.

— Você está com o meu mapa? — perguntou ele, sem se virar. — Korbie me disse que você o pegou. Não estou zangado, mas preciso dele de volta.

— Não, está com Ace. Ele está lá fora, procurando por mim, Cal. Peguei as provas de que ele matou Lauren Huntsman. Ele não vai me deixar escapar. Idlewilde está marcada no mapa. Acho que ele virá até aqui.

— Se ele vier, não vai entrar — respondeu com severidade.

— Com o mapa, ele vai conseguir cobrir uma grande distância rapidamente sem se preocupar em se perder. — Eu estava morrendo de raiva de mim mesma por ter dado o mapa ao Jude. Que descuido. Onde eu estava com a cabeça para confiar nele tão facilmente?

— Que armas ele tem?

— Ele está desarmado. Mas é forte, Cal. E inteligente. Quase tão inteligente quanto você.

Calvin foi até a escrivaninha do outro lado da sala e abriu a gaveta de cima. Pegou uma arma e colocou um pente cheio de balas antes de enfiá-la no cinto. Eu sabia que os Versteeg tinham armas em Idlewilde. O sr. Versteeg tinha porte de arma, e Calvin tinha crescido caçando.

Seus olhos encontraram os meus.

— Quase tão inteligente.

CAPÍTULO TRINTA

Calvin me trouxe caldo de galinha e pão. Então foi acordar Korbie. Quando eu a vi surgir no alto da escada, não me contive. Coloquei a bandeja com o meu jantar de lado rapidamente, afastei os cobertores e corri até ela. O olhar grogue de Korbie se iluminou quando ela me viu subindo os degraus em sua direção. Quando a abracei, Korbie já soluçava ruidosamente.

— Pensei que fosse morrer — disse ela, arfando. — Tive certeza de que você havia morrido.

— Ninguém morreu — disse Calvin, e eu praticamente o via revirando os olhos diante de nosso encontro emotivo.

— Eu não tinha comida, nada — explicou Korbie. — Eles me deixaram na cabana para morrer. E eu teria morrido, se Calvin não tivesse me encontrado.

— É claro que a encontrei — ressaltou Calvin.

— Ace me disse que deixou duas barras de granola e um cantil para você, não foi? — perguntei.

Um olhar rápido e culpado para o irmão revelou que Korbie tinha omitido essa parte.

— Sim, mas não era quase nada! Não o suficiente para dois dias. Além disso, as barras de granola estavam velhas e tive que me forçar a comê-las.

Pela primeira vez o melodrama de Korbie não me incomodou. E a abracei ainda mais forte.

— Estou tão feliz por você estar viva e segura.

— Calvin e eu tentamos ligar para a polícia, mas a linha não está funcionando e o celular de Calvin está sem serviço — me informou Korbie. — Então Calvin vai atrás de Shaun e Ace sozinho e vai trazê-los para cá. Detenção por cidadão, não é isso, Calvin? Eles estão a pé e Calvin conseguiu um snowmobile. Contei para Calvin que o plano deles é sair da montanha e roubar um carro. Ele vai sair amanhã bem cedo e patrulhar as estradas. Eles não vão escapar assim tão fácil.

— Mas Shaun… — comecei, atordoada.

— Vou fazer o que for preciso para detê-los — disse Calvin. — Uma coisa é certa. Eles não vão sair das Tetons… a menos que estejam amarrados na minha SUV.

Olhei para Calvin, surpresa. Por que ele estava falando como se Shaun estivesse vivo? Ele tinha atirado em Shaun e queimado o corpo. Eu o tinha visto fazer isso.

— Calvin encontrou o snowmobile abandonado à beira da estrada. Que sorte, não é? — continuou Korbie. — Estava com as chaves na ignição e tudo. Tinha um rádio também, e Calvin acha que o snowmobile provavelmente pertencia a um guarda do parque. Ele tentou usar o rádio para pedir ajuda, mas estava destruído.

— Que sorte — murmurei, concordando, e senti um arrepio suave correr pela espinha.

Calvin pegara o snowmobile da cabana da Guarda Florestal. Então por que não corrigiu a irmã? Por que estava mentindo?

Será que Calvin ia fingir que não tinha matado Shaun? A polícia com certeza entenderia por que ele fez aquilo. Shaun era um criminoso. E, de qualquer maneira,

Calvin tinha atirado em Shaun em legítima defesa. Só que não tinha sido bem assim. Como Jude tinha me lembrado incontáveis vezes, Shaun estava desarmado quando Calvin puxara o gatilho.

* * *

Fui para a cama entorpecida, mas não de frio. Calvin tinha me monitorado atentamente a noite toda, e, fiel a sua palavra, recusou-se a me deixar dormir até meu corpo alcançar uma temperatura segura. Mesmo tendo visto Calvin verificar as fechaduras das portas, eu estava com medo do escuro, e do que — de quem — poderia entrar na cabana enquanto eu dormia. Jude estava lá fora na floresta. E, embora uma porta trancada pudesse atrasá-lo, talvez não conseguisse detê-lo. Seu futuro estaria em risco caso ele não destruísse as provas de que era um assassino. Minha intuição me dizia que ele devia estar muito determinado.

Calvin me colocou no quarto com decoração de urso, no segundo andar, no mesmo quarto em que eu havia dormido nas visitas anteriores a Idlewilde. A sra. Versteeg tinha escolhido um tema para cada um dos quartos, e o meu tinha uma cama de madeira de quatro colunas com uma colcha com estampa de urso, um tapete falso de urso e quadros de ursos nas paredes. Uma foto era de um urso-negro mãe brincando com dois filhotes, mas o outro mostrava um urso-pardo feroz, com os dentes arreganhados. De repente, quis estar no quarto de Korbie, com o tema de pesca. Não queria me lembrar do encontro da noite anterior com o urso… ou do que tinha acontecido depois, sob a árvore, com Jude.

Deitei na cama, ouvindo os passos de Calvin lá embaixo. A TV estava desligada para ele conseguir ouvir qualquer som estranho. Ele também tinha desligado as luzes de dentro, mas havia deixado as de fora acesas, iluminando cada entrada da cabana. Ele havia me jurado que ninguém se aproximaria da cabana sem que ele notasse.

Eu estava pegando no sono quando ouvi uma batida na porta do quarto.

— Cal? — gritei, me sentando depressa e puxando o lençol até o queixo.

Ele abriu a porta.

— Acordei você?

Soltei o ar, aliviada.

— Não. Entre. — Dei um tapinha no colchão ao meu lado.

Ele manteve a luz desligada.

— Só queria ter certeza de que você está bem.

— Estou um pouco assustada, mas me sinto segura com você por perto.

Por mais hábil e determinado que Jude fosse, Calvin o derrotaria. Se Jude encontrasse Idlewilde, se ele tentasse entrar, Calvin o impediria. Isso era o que eu repetia para mim

mesma.

— Ninguém vai entrar — me assegurou Calvin, e isso me confortava, como nos velhos tempos. Ele lia meus pensamentos.

— Você tem uma arma extra? — perguntei. — Acha que eu deveria ficar com uma, por garantia?

O colchão afundou quando ele se sentou ao meu lado. Ele estava usando um moletom vermelho e preto surrado da Highland High School. Eu tinha pegado emprestado aquele moletom inúmeras vezes no ano anterior, levando-o para a cama comigo para sentir o cheiro quente e salgado de Calvin enquanto dormia. Eu não via Calvin ou seu moletom desde que ele tinha ido para Stanford, havia oito meses. Achei estranho ele não ter substituído o moletom velho por um de Stanford. Talvez ele tivesse um, mas estivesse lavando ou algo assim. Ou talvez ele não estivesse pronto para deixar o passado para trás, e tudo aquilo que ainda significava tanto para ele. Era um pensamento reconfortante.

— Você sabe usar uma arma? — perguntou Clavin.

— Ian tem uma, mas nunca disparei.

— Então é melhor não ficar com nenhuma. Britt, eu lhe devo desculpas... — Ele hesitou, olhando para baixo e expirando lentamente.

Eu podia ter aliviado as coisas, dizendo que não havia importância ou fazendo um comentário espirituoso, mas decidi não partir em sua defesa. Eu merecia aquilo. Tinha esperado muito tempo para ouvir aquelas palavras.

— Me desculpe por ter magoado você. Nunca foi a minha intenção — disse ele, o rosto marcado pela emoção. Ele se virou, limpando rapidamente as lágrimas. — Sei que ficou parecendo que fugi o mais rápido que pude, como se estivesse louco para deixar a cidade e você. Acredite ou não, eu estava com medo de ir para a faculdade. Meu pai colocou muita pressão em mim. Eu morria de medo de fracassar. Sentia como se precisasse me desligar de casa e começar a construir a minha nova vida logo. Eu tinha que impressionar o meu pai. Tinha que mostrar a ele que eu merecia o dinheiro da faculdade, e ele me deu uma maldita lista de obrigações para eu me certificar de que estava à altura — acrescentou, amargamente. — Você sabe quais foram as últimas palavras dele antes de eu ir embora? "Não se atreva a ficar com saudades de casa. Só mariquinhas olham para trás." E ele falava sério, Britt. Foi por isso que não voltei no Dia de Ação de Graças ou no Natal... para provar que eu era um homem e que não precisava correr para casa quando as coisas ficavam difíceis. Por isso, e porque eu não queria vê-lo.

Peguei a mão de Calvin e a apertei. Para animá-lo, levantei seu queixo e abri um sorriso travesso.

— Você lembra quando éramos crianças e fizemos aquele boneco vodu do seu pai e nos revezamos para espetar um alfinete nele?

Calvin bufou, mas sua voz continuou inexpressiva.

— Roubei uma das meias da gaveta dele, enchemos com bolas de algodão e desenhamos o rosto dele com uma canetinha preta. Korbie pegou o alfinete na caixa de costura da minha mãe.

— Eu nem me lembro do que ele fez para nos deixar tão furiosos.

Calvin cerrou a mandíbula.

— Eu perdi um lance livre em um jogo de basquete no sétimo ano. Quando chegamos em casa, ele me disse para começar a jogar bolas na cesta. E que não me deixaria entrar em casa até eu fazer mil lances livres. Estava muito frio, e eu estava só com a camisa do jogo e um short. Você e Korbie ficaram vendo tudo da janela, chorando. Quando eu terminei, era quase hora de dormir. Quatro horas — murmurou para si mesmo desanimadamente. — Ele me deixou congelando lá fora por quatro horas.

Agora eu me lembrava. Calvin, por fim, tinha entrado, a pele manchada e irritada pelo frio, os lábios azuis, os dentes batendo. Quatro horas, e o sr. Versteeg não havia sequer virado a cabeça para trás para ver como o filho estava. Ficou no escritório usando o laptop, de costas para a janela que dava para a cesta na entrada da garagem.

— Você vai me agradecer por isso — disse o sr. Versteeg, apertando o ombro gelado de Calvin. — No próximo jogo, não vai perder nenhuma bola. Você vai ver.

CAPÍTULO TRINTA E UM

— Sinto muito que seu pai tenha sido tão duro com você — falei para Calvin, entrelaçando meus dedos nos dele para mostrar que estava do seu lado.

Ele continuava sentado na cama. Com os ombros rígidos, olhava para a parede como se estivesse vendo a infância infeliz projetada ali, como um filme. O som da minha voz pareceu quebrar seu transe, e ele deu de ombros.

— Tenha sido? Ele ainda é muito duro comigo.

— Pelo menos você pôde fugir para a Califórnia este ano — falei de maneira otimista, puxando de leve sua manga. Lembrei-me da vez em que Calvin me elogiara por ser capaz de tirá-lo daquele estado pensativo e mal-humorado com uma simples brincadeira ou um beijo. E agora eu me sentia obrigada a lhe mostrar que algumas coisas nunca mudam. — A distância deve ter ajudado. A vara de castigo dele não chega tão longe.

— É — concordou ele, brandamente. — Não quero falar sobre meu pai. Quero que as coisas entre nós voltem a ser como eram. Não entre mim e meu pai — esclareceu rapidamente. — Entre nós. Você e eu. Quero que você confie em mim de novo.

Suas palavras me atingiram com uma força inimaginável. Nossa conversa acabou sendo estranhamente parecida com a que eu tinha imaginado no caminho para Idlewilde, dias antes, quando eu ainda não tinha ideia do perigo que me aguardava. Eu tinha fantasiado que Calvin me queria de volta. E tinha jurado que não iria amolecer até ele ter pagado o preço por ter me magoado. Mas eu não sentia mais esse desejo por vingança. Queria deixar que ele me amasse. Estava cansada de joguinhos.

Calvin segurou meu queixo, trazendo meu rosto para perto do dele.

— Pensei em você todas as noites no meu dormitório. Me imaginava beijando você. Tocando você.

Cal, sonhando comigo. A quilômetros de distância, em um quarto pequeno que eu nunca tinha visitado. Cal, minha fantasia secreta. Não era isso o que eu queria?

Com um jeito alegre, ele me agarrou pela nuca e me colocou no colo.

— Tudo parece se encaixar perfeitamente quando estou com você. Eu quero você, Britt.

Calvin queria ficar comigo. Deveria ter sido um momento romântico, eu deveria ter sentido meu coração pular de felicidade, mas minha mente continuava voltando para tudo o que eu tinha acabado de passar. Horas antes, eu tinha chegado a sua porta congelando. Ainda não estava totalmente recuperada. Por que ele queria isso agora? Ele não estava preocupado comigo?

— É a sua primeira vez? — perguntou Calvin. — Dói só um pouco. — Sua boca se curvou contra meu rosto. — Pelo menos foi o que me disseram.

Sempre quis que minha primeira vez fosse com Calvin. Tinha passado a infância fantasiando que um dia eu caminharia pela nave da igreja até encontrá-lo no altar. A minha primeira vez seria na nossa lua de mel, na praia, à noite, com as ondas puxando nossos corpos. Calvin sabia que eu queria esperar. Então por que estava me pressionando agora?

— Diga que me quer, Britt — murmurou Calvin.

Por mais absurdo que pareça, eu não conseguia pensar em uma resposta. Calvin não estava vigiando as portas da cabana. Estávamos seguros? Eu queria aquilo?

Calvin me beijou com mais força, tirando meu travesseiro do caminho enquanto me imprensava na cabeceira. Suas mãos pareciam estar em todos os lugares ao mesmo tempo: amassando minha camisola, massageando a pele macia dos meus quadris, acariciando minhas coxas. Voltei a me sentar e levantei os joelhos, tentando atrasá-lo para ter tempo de pensar, mas ele riu suavemente, interpretando o gesto da maneira errada.

— Bancando a difícil. Gosto disso.

Ele avançou para cima de mim, me cobrindo de beijos curtos e vorazes. Meu coração acelerou, mas não tinha nada a ver com excitação. A palavra "não" subia por minha garganta.

De repente, vi os olhos escuros de Jude brilharem diante dos meus. A imagem parecia tão real que era como se ele estivesse na minha frente, e não Calvin.

Eu me afastei, chocada. Encarei Calvin, limpando a boca com a palma da mão. Todos os traços de Jude haviam desaparecido, mas continuei a encarar Calvin, piscando freneticamente, apavorada com a possibilidade de ver o rosto de Jude novamente. Será que eu o sentia por perto? Seria possível?

Desviei o olhar para a porta, esperando ver Jude passar por ela. Estranhamente, eu quase queria que ele entrasse. Ele deteria Calvin.

Não. Afastei o pensamento da cabeça, me sentindo péssima. Eu não queria Jude. Ele era um criminoso. Um assassino. Acreditar que ele se preocupava comigo era uma mentira.

Calvin estendeu a mão para mim com um gemido impaciente.

— Não me faça parar agora.

Me arrastei até a beirada da cama e me levantei. Queria Calvin fora do meu quarto, e Jude, da minha cabeça.

— Não, Calvin — falei com firmeza.

Ele me pegou bruscamente em seus braços.

— Serei um cavalheiro.

Seus lábios roçavam os meus.

— Não.

Minha voz finalmente desfez sua expressão sonhadora, e seu rosto se enevoou com incompreensão.

— Você agiu como se quisesse — disse ele em tom de acusação.

Seria mesmo? Eu havia pedido para ele entrar, mas queria ficar abraçada, conversar. Não tinha pedido aquilo.

— Não é por causa do seu namorado, né? — resmungou Calvin, passando as mãos pelo cabelo. — Todo mundo trai quando está na escola, Britt.

"Como você me traiu com a Rachel?", quis perguntar.

— Não vou contar nada para ninguém — prometeu ele. — E você, com certeza, também não. Então, que mal há?

Só então me dei conta de que Calvin não havia percebido que o Mason da loja de conveniência não era meu namorado de verdade. Nem sequer havia percebido que aquele era o mesmo Mason, ou Ace, que tinha feito nós duas reféns. Ele tinha perdido todo o desenrolar dessa história.

Agora não era a hora de contar tudo para ele. Ao agir daquela maneira, cheio de ciúmes e medo, Calvin me deixava com medo do que ele seria capaz de fazer em seguida. Ele tinha matado Shaun. Depois mentido sobre isso. E agora estava no meu quarto, me pressionando a ir além do que eu queria. Estar com ele agora parecia diferente. Algo havia mudado, mas eu não sabia direito o quê. Só sabia que, em oito meses, ele parecia ter esquecido tudo sobre mim.

— Você não vai dizer nada? — disparou Calvin, com raiva. — Está me descartando, assim sem mais nem menos?

— Eu não quero discutir — falei, calmamente.

Calvin rolou para fora da cama, os olhos verdes cáusticos me observando mais um pouco.

— Claro, Britt, faço qualquer coisa por você — disse ele, com uma voz serena, que interpretei como um pouco derrotada e um pouco desapontada.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Acordei com uma rajada de vento frio. Eu tinha me esquecido de fechar as cortinas antes de cair no sono. Fui até a janela e soltei a fita que as prendia. Fiquei parada ali por um tempo, observando atentamente a floresta. Queria achar Jude na vasta escuridão. Ele estava lá fora em algum lugar, indo atrás de mim, eu tinha certeza disso.

Uma passagem em arco levava a um banheiro com duas portas que ligava o meu quarto ao de Korbie. Fui até a pia e joguei um pouco de água no rosto. Meus músculos estavam doloridos da caminhada longa e árdua até Idlewilde, e, quando olhei para meu reflexo, me assustei ao ver como minha aparência estava péssima. Minha pele estava descorada como um galho levado pela água, e tão acinzentada quanto. Meus olhos estavam com olheiras enormes, e meu cabelo, opaco e emaranhado, não era lavado fazia dias.

Incomodada com a visão, dei as costas para o espelho. Fiquei de pé no piso frio de cerâmica, pensando. Então abri a porta que dava para o quarto de Korbie. Deixei as luzes apagadas e caminhei silenciosamente até sua cama. Ela dormia de bruços, o ronco profundo e rítmico parcialmente abafado pelo travesseiro. Senti uma vontade imensa de passar a mão pelo cabelo dela, mas sabia que Calvin nunca me perdoaria se eu a acordasse. Em vez disso, deitei na cama e chorei baixinho.

"Sinto muito", disse a ela em pensamento. Foi minha ideia vir para as montanhas. Nunca quis magoar você. Não agora, e nem quando namorei Calvin. Eu queria ter lhe contado sobre nós. Foi errado esconder isso de você."

Calvin e eu tínhamos namorado por menos de seis meses. Como eu o conhecia desde criança e tinha sido apaixonada por ele a maior parte desse tempo, acho que pareceu mais do que isso. Ele sempre fora uma parte de minha vida, mesmo quando não éramos oficialmente um casal.

Eu queria fazê-lo feliz, e por isso concordara em manter nossa relação em segredo. Mas, lá no fundo, doía saber que ele não estava pronto para me assumir publicamente como namorada. Também doía ter que mentir para meus amigos, principalmente para Korbie, ainda mais porque Calvin era seu irmão. Para me sentir melhor, disse a mim mesma que os relacionamentos eram baseados em concessões. Eu não podia ter tudo o que queria. Isso fazia parte de crescer e aceitar que o mundo não girava ao meu redor.

Então Korbie descobriu. Aconteceu na festa na piscina que ela organizou, no verão anterior. A mesma festa na piscina em que Calvin beijou Rachel. Calvin e eu tínhamos combinado que trataríamos a festa como qualquer outra ocasião. Ele ficaria com seus amigos, e eu, com os meus. Se nossos caminhos se cruzassem, falaríamos um com o outro da mesma maneira que fazíamos havia anos, mas qualquer tipo de flerte estava fora de cogitação.

Comprei um maiô preto com recortes laterais. As outras garotas estariam usando biquínis, e eu queria me destacar. Sabia que Calvin estaria de olho. Antes da festa, vesti o maiô no quarto de Korbie, e, no momento em que ela me viu, eu soube que tinha feito a escolha certa.

— Uau, sexy — disse ela, com aquela mistura agradável de admiração e inveja.

Korbie tinha me pedido para chegar uma hora mais cedo para ajudá-la a arrumar o que faltava, então colocamos nossas saídas de praia e seguimos para a cozinha. Eu disse a ela que precisava ir ao banheiro, mas continuei pelo corredor e entrei disfarçadamente no quarto do Calvin. Peguei um papel na sua impressora e escrevi um bilhete rápido, que vinha editando na minha cabeça por horas. Eu ainda não tinha chegado ao texto perfeito, mas estava sem tempo.

Hoje à noite, quando me vir acariciar meu braço, saiba que estou pensando em você. E, quando eu mergulhar os dedos dos pés na piscina, estou pensando que somos só nos dois na piscina e estou no seu colo enquanto você me beija.

Beijinhos,
Britt

Antes que eu perdesse a coragem, dobrei o bilhete e o enfiei embaixo do travesseiro de Calvin, deixando só um pedacinho para fora. Depois corri para me encontrar com Korbie na cozinha.

Um pouco antes de os convidados começarem a chegar, eu estava abrindo os guarda-sóis da mesa quando Korbie veio andando na minha direção e acenou o bilhete com raiva na minha cara.

— O que é isso?

— Eu… é só… — gaguejei. — Onde você pegou isso?

— No travesseiro do Calvin, onde você acha?

— Não era para você ter visto isso.

Eu temia aquele momento fazia meses. Tivera bastante tempo para preparar um pedido de desculpas, mas, na hora, não conseguia pensar em nada para dizer.

Korbie começou a chorar. Ela me arrastou pelo quintal, para trás da cerca viva de lilases. Eu nunca a vira tão chateada.

— Por que você não me contou nada?

— Korbie, me desculpe. — Eu realmente não sabia o que dizer. Me sentia péssima.

— Há quanto tempo vocês estão juntos?

— Desde abril.

Ela enxugou as lágrimas.

— Você devia ter me contado.

— Eu sei. Você tem razão. O que fiz foi errado, e me sinto péssima.

Korbie fungou.

— Você guardou segredo porque achou que eu fosse ficar com raiva?

— Não — respondi, com sinceridade. — Calvin não estava pronto para contar às pessoas.

— Acha que ele está usando você?

Senti meu rosto ficar vermelho. Por que ela precisava me perguntar aquilo? Em uma noite em que eu já estava me sentindo insegura com relação a mim e a Calvin?

— Acho que não. Não sei — falei, arrasada.

— Se você tivesse que escolher entre nós dois, você me escolheria, não é?

— É claro — respondi, rapidamente. — Você é minha melhor amiga.

Korbie baixou os olhos e pegou minha mão.

— Não quero dividir você com ele.

Mal sabia Korbie que ela não teria que me dividir com ele por muito mais tempo. Quando Calvin foi para Stanford, foi o começo do nosso fim.

Procurei afastar aquela lembrança da cabeça e voltei para o presente. Não queria sair da cama de Korbie, mas Calvin faria sua ronda logo, então puxei os cobertores até seus ombros e saí.

Eu estava quase chegando a minha cama quando meu cérebro registrou algo estranho no canto ao lado do armário. A grande forma humana escondida junto à parede, como uma sombra. Antes que eu recuperasse o fôlego, ela pulou até onde eu estava, me jogando na cama e me prendendo com o corpo, abafando meu grito de susto com a mão gelada.

— Não grite… sou eu, Jude — disse ele.

Me agitei ainda mais, mostrando-lhe que saber disso não me tranquilizava. Consegui levantar o joelho e mirar em sua virilha, mas errei por pouco, acertando sua coxa com força.

Jude olhou rapidamente para o alvo que eu pretendia acertar e ergueu as sobrancelhas ironicamente, enquanto voltava sua atenção para mim.

— Essa passou perto — disse ele em voz baixa.

Para evitar qualquer risco, ele subiu de vez em mim, me estendendo na cama com seu corpo grande, molhado e muito gelado. Embora ele tivesse conseguido entrar em Idlewilde, não estava ali dentro fazia muito tempo: havia neve em seu casaco, e sua barba curta e escura brilhava com o gelo que derretia.

Protestei contra o peso esmagador de seu corpo com uma exclamação irritada, mas, com a mão de Jude cobrindo minha boca, eu duvidava que Calvin tivesse ouvido, mesmo que estivesse no corredor com o ouvido colado à porta. O cenário mais provável era que ele estivesse lá embaixo, andando de um lado para outro, entre a porta da frente e a de trás, mal sabendo que o perigo já havia entrado.

— Surpresa em me ver? — perguntou Jude, abaixando o corpo para evitar que alguém ouvisse sua voz. Seu cheiro era o mesmo de que eu me lembrava: penas de ganso, seiva de pinheiro e fogueira. Só que, da última vez que tínhamos ficado tão perto assim um do outro, eu ainda não sabia de muita coisa e, portanto, estava mais receptiva. — Mas nem de longe tão surpresa quanto eu quando voltei para o acampamento hoje de manhã e vi que você havia desaparecido. Você devia ter me dito que ia embora, e assim me poupado o trabalho de matar um coelho para você.

Havia uma raiva controlada em seu tom de voz que fez com que eu me contorcesse por dentro. Eu não queria acreditar que Jude me machucaria. Mas, por outro lado, ele tinha matado Lauren Huntsman. Era um especialista em esconder sua verdadeira natureza. A maioria dos psicopatas era. Isso me fazia lembrar dos vizinhos de serial killers, que sempre diziam: "Mas ele era um cara tão legal!"

— Você não vai gritar, Britt — disse Jude, no mesmo tom baixo e letal. — Vai escutar tudo o que eu tenho para dizer. E então vai me contar onde colocou as coisas que roubou de mim.

Por um momento, minha raiva se tornou maior do que meu medo e, sem pensar, arqueei as sobrancelhas, com ar de desafio. "Acha mesmo que vou obedecer a você, seu psicopata?", pensei, furiosa. "Tire a mão e vou gritar tão alto que seus tímpanos vão arrebentar!"

— Como quiser — respondeu Jude quando me retorci, revoltada. — Eu vou falar, e você vai ouvir. E seu amigo lá embaixo pode continuar olhando pela janela da sala como um idiota. Como se eu fosse aparecer ali onde ele acendeu todas as luzes e dizer "olá".

Ao ouvi-lo insultar Calvin, me debati descontroladamente, indignada. Rezei para Calvin vir dar uma olhada em mim e abrir um buraco bem entre os olhos detestáveis de Jude. Mas talvez fosse melhor assim. Talvez fosse bom que Jude subestimasse Calvin. Eu mal podia esperar para ver o choque em seu rosto quando ele percebesse que nunca deveria ter tirado Calvin do sério. Se Jude tivesse ido ali me matar porque agora eu sabia que ele tinha assassinado Lauren Huntsman, isso com certeza despertaria a ira de Calvin. Jude não perdia por esperar.

— Você disse que confiava em mim, mas mesmo assim vasculhou minhas coisas. Você deveria ter deixado que eu me explicasse antes de tirar conclusões precipitadas e fugir — disse Jude, com a voz fria e irritada. — Mas nem ao menos sei se você alguma vez se importou. Avaliei você mal, Britt. Parabéns por conseguir me fazer baixar a guarda… são poucos os que conseguem. Você me enganou feio. Você queria mexer nas minhas coisas esse tempo todo? Ou você bolou sua farsa de sedução para garantir que eu a ajudaria a chegar a Idlewilde? Bem, você perdeu seu tempo — disse ele, em tom crescente de raiva. — E jogou sua autoestima no lixo. Eu disse que ia trazer você aqui, e estava falando sério.

Olhei diretamente nos olhos dele e levantei o queixo de um jeito arrogante. "É isso mesmo. Eu estava fingindo. O beijo foi uma farsa." Me senti bem ao dizer aquelas coisas para ele, mesmo que em pensamento. Não queria lhe dar o prazer de achar que eu algum dia tinha me importado, principalmente se aquele era o fim da minha vida.

Só que eu não contava que meus olhos se encheriam de lágrimas, e isso arruinou a insensatez do meu ataque. Tentei virar o rosto antes que ele visse, odiando a ideia de demonstrar fraqueza naquele momento. Eu não sabia se estava chorando porque estava com medo de morrer ou porque as palavras de Jude tinham aberto uma ferida. O que havia acontecido sob a árvore na noite anterior não tinha sido uma farsa. Eu tinha me entregado a ele porque queria. Porque confiava nele. E a traição, a verdade sobre quem ele era, doía como se meu coração estivesse sendo rasgado ao meio.

— Agora vai chorar também? Você é uma atriz melhor do que eu pensava — disse Jude, bufando amargamente. — Chore o quanto quiser... não vou soltá-la, Britt. Não depois de ter todo esse trabalho para achar você. Não vou embora até você me devolver o que roubou. Agora, onde estão as coisas? — exigiu, me sacudindo com força. — Onde estão o pingente e o diário?

Balancei a cabeça enfaticamente. Soltei o ar pelo nariz, olhando furiosa para ele para transmitir minha mensagem. Nunca antes eu havia sentido tanta vontade de xingar alguém. Uma sucessão das piores e mais sujas palavras em que eu podia pensar passaram pela minha mente, e eu só queria ter a imensa satisfação de gritá-las bem na cara dele.

— Onde estão? — rosnou de novo, me comprimindo com mais força no colchão.

Fechei os olhos, com a certeza de que havia chegado a hora. Ele estava com uma das mãos na minha boca e a outra por trás da minha cabeça. Bastava uma torção brusca e ele quebraria meu pescoço. Eu tentava respirar, em arfadas curtas e difíceis. Sabia que era vergonhoso esperar até aquele momento para rezar, mas eu estava desesperada. "Querido Deus, conforte meu pai e Ian depois que eu partir. E se este for o fim, por favor, que Jude faça isso rapidamente e não prolongue minha dor."

Quando percebi que nada tinha acontecido, me arrisquei a abrir os olhos. Jude estava curvado sobre mim, o ar sério e furioso começando a desmoronar. Ele balançou a cabeça, a decepção e o cansaço marcados em sua expressão. Então me soltou, esfregando as mãos nos olhos injetados. Seus ombros caíram, e seu corpo todo tremia quando ele desabou, chorando baixinho.

Ele não tinha me matado. Eu não estava morta.

Fiquei deitada na cama, incapaz de fazer qualquer coisa, a não ser chorar ao lado dele. Meus ombros subiam e desciam, em grandes e silenciosos suspiros.

— Você a matou? — perguntei.

— Você acha que eu a matei?

— Você estava com as coisas dela.

A amargura pontuava suas palavras.

— Então agora eu a matei? Foi fácil chegar a essa conclusão e deduzir que eu era um assassino ou você relutou um pouco antes de acreditar nisso? Depois de ontem à noite, espero que tenha dedicado alguns minutos para avaliar meu caráter.

— Eu vi o pai de Lauren Huntsman no noticiário. Ele tinha certeza de que ela estava com o pingente na noite em que desapareceu.

— Ela estava.

Engoli em seco. Aquilo tinha sido uma confissão?

— E as algemas? Eram para quê?

Jude se encolheu, e percebi que ele achou que eu tivesse me esquecido delas. Mas como poderia? Que tipo de pessoa normal carregava algemas?

— Você algemou Lauren? — continuei. — Para ela não fugir? Para deixá-la impotente?

— Você acha que sou capaz de coisas terríveis, já deixou isso claro — disse Jude, o tom denunciando o cansaço e o esgotamento que sentia. — Mas não sou o assassino que você quer que eu seja. Venho tentando fazer a coisa certa, e é por isso que estou aqui agora.

Estou tentando pegar o verdadeiro assassino. E, para fazer isso, preciso das coisas da Lauren.

Mais explicações enigmáticas. Eu estava cansada delas. Não sabia em que acreditar. Só sabia que, se cometesse o erro de confiar em Jude uma segunda vez, eu não só seria uma tola, como também provavelmente morreria. Ele podia estar me enganando… só para me matar e eliminar uma testemunha.

— O que Lauren era sua?

Jude esfregou as mãos no rosto, e vi que elas estavam tremendo. Então curvou os ombros e abaixou a cabeça, quase como se estivesse sendo tomado de assalto pelas lembranças… como se elas fossem objetos invisíveis e enfeitiçados que voavam para cima dele com uma força violenta.

— Eu não matei Lauren — disse ele, sem emoção na voz. Sentou-se na beirada da cama e ficou olhando a parede escura. Mesmo com a pouca luz, notei que seu olhar estava vazio. — Ela deixou uma mensagem no meu celular horas antes de desaparecer. Disse que ia sair para beber, e eu sabia que ela estava me provocando, como tinha feito uma centena de vezes. Ela queria que eu a impedisse. Meu avião tinha acabado de pousar em Jackson Hole quando recebi a mensagem, e eu queria tomar um banho e comer alguma coisa. Estava cansado de largar tudo para ir resgatá-la. Então ignorei sua ligação. Pelo menos uma vez, eu queria que ela se virasse sozinha. — Sua respiração ficou presa na garganta e ele me encarou com um olhar triste e atormentado. — Lauren era minha irmã, Britt. Eu devia cuidar dela, e a decepcionei. Não se passa um dia sem que eu pense como as coisas teriam sido diferentes se eu não tivesse sido tão egoísta.

Lauren era irmã dele?

Antes que eu pudesse assimilar essa revelação, Jude continuou:

— A polícia desistiu de encontrá-la, mas eu não. Eu tinha o diário dela, e o estudei com atenção em busca de pistas. Fui a cada bar, clube e hotel em Jackson Hole a que achei que ela pudesse ter ido. Minha família estava lá de férias fazia uma semana antes de eu chegar, então eu sabia que Lauren tivera tempo de sobra para conhecer o lugar. As pessoas deviam tê-la visto. Alguém tinha visto alguma coisa. Embora eu tenha criticado a polícia por não fazer nenhum progresso, eu tinha um recurso a mais que eles… o dinheiro da minha família. Paguei as pessoas para que falassem, e uma pessoa, um barman, se lembrava de ter visto Lauren sair do bar com um caubói. O barman mais tarde vazou para o noticiário que Lauren tinha sido vista deixando o bar Silver Dollar Cowboy com um homem usando um chapéu Stetson preto, o que me deixou furioso, porque eu não queria que o cara que eu estava procurando soubesse que estavam atrás dele.

Jude respirou fundo e prosseguiu:

— Com base na descrição do barman, eu sabia que estava procurando por um homem de vinte e poucos anos, magro, de estatura média, nariz quebrado, cabelo louro, olhos azuis e que, provavelmente, usava um Stetson preto. Então voltei àquele mesmo bar todas as noites durante semanas, até que finalmente Shaun apareceu. Ele batia com a descrição. Descobri o nome dele e investiguei seu passado. Fiquei sabendo, então, que ele tinha se mudado recentemente para Wyoming, vindo de Montana, onde tinha ficha por delitos

leves... pequenos roubos, agressão e perturbação da ordem. Eu tinha certeza de que havia encontrado o homem que assassinara Lauren. Larguei a faculdade, deixei meus amigos e minha família, me mudei para Wyoming, e meu trabalho de tempo integral passou ser conquistar a confiança de Shaun. Arrumei uma identidade falsa, cometi pequenos delitos e prejudiquei seus inimigos para provar meu valor. Eu teria feito o que fosse preciso para Shaun confiar em mim. Achava que ele acabaria confessando que tinha matado Lauren. E então, quando eu tivesse certeza de que ele havia feito isso, eu o mataria. Lentamente — acrescentou, em um tom frio e ameaçador, um brilho negro ardendo em seus olhos.

Eu tinha me recuperado o suficiente para me afastar um pouco — silenciosamente, para Jude não notar. Era uma história sentimental e conveniente. Talvez Jude tivesse percebido que me ameaçar não estava adiantando e, por isso, decidira tentar outra estratégia. Seu relato também não explicava o pingente e a fotografia que parecia ter sido tirada por alguém que a espiava. Os pais de Lauren tinham certeza de que ela estava usando o pingente quando morreu. Jude devia estar lá quando ela foi morta. E devia ter tirado o pingente de seu corpo. Com cuidado, coloquei um pé para fora da cama, mas o piso me entregou, rangendo sob meu peso.

Jude se virou, assustado. Congelei. Eu poderia gritar, mas, antes que Calvin subisse correndo, Jude teria tempo de me atingir com um golpe mortal na cabeça e escapar pela janela.

— Continue — pedi, gentilmente, tentando disfarçar o nervosismo.

Para meu espanto, Jude piscou e, quase em transe, me atendeu.

— Matar Shaun, se ele tivesse assassinado Lauren, era minha jogada final. Ele tinha começado a se vangloriar de alguns dos seus crimes, como chantagear mulheres ricas e casadas com fotos que ele tirava delas quando estavam bêbadas. Mais um pouco e eu tinha certeza de que ele me falaria sobre Lauren.

Jude me encarou com seu olhar triste e continuou:

— Então ele assaltou o Subway e atirou em um policial. Shaun pirou... eu nunca o tinha visto tão assustado. Ele sabia que estávamos em apuros. Quando saiu com o carro em disparada, estava tão desesperado que atingiu uma garota que atravessava a rua. Acho que ele nem chegou a vê-la. Aquela reação dele deveria ter servido de alerta para mim, eu deveria ter repensado a probabilidade de ele já ter matado, mas eu não queria estar errado sobre ele. — Jude franziu a testa, o rosto tenso de dor. — Eu vinha caçando o assassino de Lauren fazia muito tempo para voltar à estaca zero. Depois que Shaun atirou no policial, fomos forçados a fugir. Para piorar a situação, você e Korbie apareceram na cabana em que estávamos escondidos. Em vez de tornar a segurança de vocês minha prioridade, fiquei transtornado por terem estragado meus planos. Era como se eu não fosse nem mais humano. Eu estava tomado por uma fúria sanguinária, só o que me importava era a confissão do Shaun. Tudo se resumia a isso. Se ele a tivesse matado, eu faria o mesmo com ele, e se houvesse consequências para mim, tudo bem. Eu sabia que seria preso, mas era a coisa certa a fazer. Eu queria morrer. Tinha deixado Lauren na mão quando ela mais precisou de mim, e não merecia outro destino.

Jude apoiou os cotovelos nos joelhos e abaixou a cabeça, entrelaçando os dedos na nuca. Ele estava mais perto da porta do que eu, mas se eu continuasse me movendo até lá a passos curtos e silenciosos…

— Quando você e eu nos unimos para sairmos vivos da montanha, algo aconteceu comigo. Deixei a raiva de lado. Pela primeira vez em meses, eu tinha alguém além do fantasma da Lauren em quem me apoiar. Eu queria ajudar você, Britt. Disse a mim mesmo que eu valia mais vivo do que morto. Tinha que continuar lutando, porque você precisava de mim. E quando nos beijamos… — Ele passou as costas das mãos nos olhos.

Fiquei atônita. Não esperava que ele falasse de mim com tanta emoção. De repente, senti um aperto no peito. Engoli em seco, lutando contra a doce e perigosa lembrança da noite anterior. Eu não podia me transportar de volta para aquele momento. Sabia disso, mas não era forte o suficiente para combater a recordação.

Fechei os olhos por um instante, sentindo a crescente onda de saudade. Me lembrei com uma nitidez ávida da maciez de sua pele nua, do brilho da luz do fogo em seu rosto no escuro. Eu ainda sentia suas carícias lentas e deliberadas. Ele sabia como me tocar. Suas mãos estavam gravadas para sempre na minha pele.

— Então isso significou algo para você também — disse Jude, baixinho me observando com olhos que agora estavam totalmente presentes.

Eu não sabia o que aquele beijo havia significado para mim. E eu não podia descobrir agora. Eu não sabia se acreditava na história dele. Que tipo de pessoa larga a faculdade para terminar um trabalho que deveria ter sido feito pela polícia? Mesmo que Lauren fosse sua irmã, eu não tinha certeza de que isso justificava medidas tão extremas. E os crimes que ele cometera para ganhar a confiança de Shaun? Por acaso eram justificáveis? Se ele quisesse mesmo justiça, teria entregado o diário e o pingente de Lauren para a polícia e confiado no trabalho deles.

— Como você conseguiu o pingente da Lauren? — perguntei.

— Encontrei na picape de Shaun logo depois que fizemos vocês reféns. Fui buscar seu equipamento no jipe, mas antes abri a picape de Shaun e peguei o que encontrei por lá. Eu sabia que aquela talvez fosse minha única chance de ver o que ele guardava ali dentro. Encontrei o pingente de Lauren em uma caixa de metal embaixo do banco. Também achei a foto dela. Havia fotos de outras mulheres, mas só o que me importava era que eu finalmente achara o que andava procurando. Provas de que ele conhecia Lauren. Provas de que ela era seu alvo, e que ele a observara e fotografara por dias antes de tramar sua emboscada. Costurei uma sacola de lona para esconder de Shaun o pingente e a foto, além do diário e das algemas que eu já tinha. Isso tomou tempo, daí eu ter me atrasado quando fui buscar o equipamento.

Eu ainda não sabia se acreditava nele. Jude já tinha provado que era muito inteligente e esperto. E se estivesse me enganando?

— Se eu lhe disser onde o diário e o pingente estão, você jura que vai entregá-los à polícia? — perguntei.

— É claro — disse ele, impaciente. — Onde estão?

Observei-o atentamente, tentando adivinhar os pensamentos que passavam pela sua cabeça. Ele parecia ansioso demais, e isso me deixou inquieta.

— Eu não estou com as coisas da Lauren — falei, finalmente. — Dei tudo para Calvin. Você não vai precisar me prometer nada, porque ele vai entregá-los à polícia por você.

O rosto de Jude ficou branco de medo.

No momento insano que se seguiu, meu coração começou a bater forte. Sua reação só podia significar uma coisa. Culpa. É claro que ele tinha ido ali para me enganar e pegar as coisas de Lauren de volta. Ele era um gênio do crime. Tinha inventado uma história elaborada que o fazia parecer tragicamente heroico para eu colocar as prova no seu colo, como uma recompensa para uma criança obediente.

Me afastei de Jude.

Ele balançou a cabeça, desnorteado, como se não pudesse acreditar que suas histórias estavam desmoronando e eu tinha percebido isso.

— Você não devia ter entregado as coisas de Lauren para Cal... — começou ele.

Uma batida na porta fez com que nos virássemos e a encarássemos. A expressão perplexa de Jude se desfez. Ele saltou da cama, agachando-se silenciosamente na escuridão ao lado da porta, as mãos prontas para o combate. Ele não tinha uma arma; ia lutar com os punhos se Calvin entrasse no quarto.

— Britt? Só queria saber se você está bem — disse Calvin, gentilmente.

Os olhos escuros de Jude correram para os meus, e ele balançou a cabeça uma vez. Queria que eu mandasse Calvin embora.

Não havia tempo para pensar. Eu mal conhecia Jude. Confiar nele era como andar em areia movediça. Calvin era firme; ele sempre tinha cuidado de mim. Dividida, eu olhava desesperadamente da porta para a figura parada ao lado dela, pronta para atacar. Minha cabeça me dizia para confiar em Calvin, mas meu coração queria que eu acreditasse em Jude.

Uma palavra minha e Calvin ou iria embora ou entraria sem pedir licença. No fim, foi minha hesitação, meu silêncio, que entregou minha incerteza.

E fez Calvin entrar.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Calvin ergueu o braço em um reflexo para desviar do golpe que Jude desferiu nele quando ele passou pela porta. Ainda assim, o impacto fez com que Cal cambaleasse um passo para trás, quase perdendo o equilíbrio. Jude não perdeu tempo; partiu para cima, os punhos cerrados com tanta força que era possível ver as veias de seu pescoço saltando sob sua pele. Mas Calvin havia sacado a arma antes de abrir a porta, e estava pronta e apontada para Jude quando ele disparou.

A bala atravessou o ombro de Jude. Como por um milagre, depois de um movimento convulsivo para trás, ele continuou a se mover para a frente, avançando em Calvin com uma determinação quase sobre-humana. Jude cambaleou mais três passos antes de Calvin bater com a arma no rosto dele, o golpe arremessando-o violentamente de costas no chão.

Jude ficou completamente imóvel, uma poça de líquido se formando debaixo de seu ombro. Eu estava tão chocada que não consegui ter nenhuma reação. Fiquei atônita, olhando para o corpo sem vida de Jude sem conseguir acreditar no que tinha acabado de acontecer. Calvin havia matado Jude.

Calvin olhou para o adversário com um orgulho perverso. Isto é, até se dar conta de quem era o corpo estirado no chão.

— O que *ele* está fazendo aqui? — perguntou, claramente lembrando-se de quando Jude se passara por Mason na loja de conveniência.

— Você o matou! — exclamei, horrorizada e ofegante.

— Ele não está morto. — Calvin cutucou o tórax de Jude com o pé. — Não atirei para matar. E usei uma bala de pequeno calibre para minimizar os danos. Mas este cara é aquele do posto de gasolina. Seu namorado. O que ele está fazendo aqui?

— Você… atirou nele — gaguejei, a cabeça ainda girando.

— Por "ele" você quer dizer Ace, apelido de Mason, entendi. Mason, o cara que sequestrou vocês e que agora está com o meu mapa. Acho que ele não é seu namorado de verdade, não é mesmo? — comentou, secamente.

— Se não fizermos alguma coisa, ele vai sangrar até morrer!

— Fique quieta ou vai acordar Korbie — repreendeu-me Calvin, andando lentamente em volta do corpo de Jude, enquanto mantinha a arma apontada para ele. — Ele está em choque. Me ajude a amarrá-lo antes que se recupere.

— Amarrá-lo? Ele precisa ir para um hospital!

— Precisamos mantê-lo preso até conseguirmos entrar em contato com a polícia. Estamos fazendo uma detenção por cidadão. Assim que ele estiver bem amarrado, vou cuidar do ferimento. Não fique tão assustada. Qual a pior coisa que pode acontecer?

— Ele pode *morrer*.

— E isso seria tão ruim assim? — continuou Calvin, com uma voz suave que me pareceu calma demais, até mesmo para ele. — Essa cara deixou Korbie em uma cabana para morrer e forçou você a guiá-lo pelas montanhas geladas. Você quase morreu, Britt. E agora temos provas de que ele matou uma garota no ano passado. Olhe só para ele. Não é uma vítima; é um assassino. Ele invadiu a cabana com a intenção de matá-la, e provavelmente acabar comigo e com Korbie também. Atirei nele em legítima defesa.

— Legítima defesa? — repeti, balançando a cabeça, atordoada. — Ele não estava armado. E não temos certeza de que queria nos matar.

Mas Calvin não estava escutando.

— Vá até a garagem e pegue a corda. Está em uma prateleira à esquerda. Temos que prendê-lo antes que ele recupere a consciência.

Eu sabia que tudo que Calvin falara fazia sentido, mas meus pés ficaram grudados no chão. Eu não conseguiria prender Jude, não com ele à beira da morte. Seu rosto estava pálido, lembrava mais um fantasma do que um homem. Se não fosse pela respiração entrecortada, ele poderia estar em um caixão e ninguém notaria a diferença.

Tentei me convencer de que a linha de raciocínio de Calvin estava certa — Jude merecia aquilo —, mas meu coração se recusava a aceitar. E se ele morresse mesmo? Ele não merecia isso. A ideia de que ele pudesse partir para sempre me dilacerou por dentro. Jude estava certo. Eu não deveria ter tirado conclusões precipitadas e fugido. Tinha perguntas, tantas perguntas, e agora talvez eu nunca conseguisse as respostas. Eu não podia acreditar que aquele poderia ser o fim da nossa história. Nunca tivéramos a chance de esclarecer as coisas, de nos entendermos.

Calvin só tirou os olhos de Jude para me encarar, do outro lado da sala, com uma expressão de falsa paciência.

— A corda, Britt.

Saí da sala, tremendo.

Calvin estava certo. Eu tinha que usar a cabeça e não ser dominada pela emoção. Tínhamos que prender Jude.

Na garagem, fiquei na ponta dos pés para pegar a corda na prateleira mais alta. Hesitei, mais uma vez, me perguntando se era mesmo necessário amarrar Jude. Ele não tinha como fugir. Ao pegar a corda, ainda perdida em meus pensamentos, vi uma mancha marrom-avermelhada nas fibras. *Sangue*. Franzi o cenho, me perguntando se Calvin já tinha usado aquela corda antes em alguma expedição de caça. Tirei o sangue seco com a unha. Será que aquela corda estava limpa o suficiente para amarrar um homem com uma ferida aberta?

Coloquei a corda de volta na prateleira e peguei outra logo atrás. Depois de dar uma olhada rápida, achei que, embora empoeirada, aquela estava mais limpa do que a primeira.

No andar de cima, Calvin tinha fechado a porta do quarto. Quando abri, o fedor azedo de sangue fresco me deixou atordoada. Calvin espalhara algumas toalhas no chão para não escorregar e tinha conseguido colocar Jude na cama, onde os lençóis já estavam escurecendo com o sangue.

Entreguei a corda a ele, ainda relutante.

Calvin revistou apressadamente os bolsos de Jude à procura de armas. Não encontrou nada. Depois amarrou os pulsos dele na cabeceira e prendeu os tornozelos às colunas do pé da cama. Jude ficou estendido naquele formato de estrela, como se fosse um prisioneiro do século XVIII prestes a ser arrastado e esquartejado.

— E agora? — perguntei, tentando conter a onda de enjoo.

— Vou estancar o sangramento e depois esperamos que ele acorde.

* * *

Não havia se passado nem meia hora quando um rosnado alto e enfurecido me acordou. Eu tinha caído no sono no sofá da sala de estar, com a cabeça no colo de Calvin. Não me lembrava de ter feito isso, mas devia ter acontecido, porque no instante em que ouvimos a voz de Jude esbravejando de dor no alto das escadas, Calvin ficou de pé em um pulo, me deixando cair bruscamente no sofá de couro.

Ele saiu depressa em direção às escadas.

— Não suba — disse, me lançando um olhar de advertência. — Quero falar com ele sozinho.

Algo na voz de Calvin me deixou inquieta. Se ele agredisse Jude, os policiais não veriam isso com bons olhos quando chegassem. E eles chegariam. Não naquela noite, mas talvez no dia seguinte. Com sorte, o sol derreteria a neve nas estradas o suficiente para podermos sair em busca de ajuda.

Eu sabia que Calvin não ia gostar de ser questionado, mas ele não estava usando a razão. A raiva, obviamente, o tinha dominado. Ele matara Shaun, e eu estava com medo de que fizesse o mesmo com Jude. Ele não conseguiria encobrir os dois assassinatos, e o fato de estar agindo como se isso fosse possível só provava que não estava sabendo lidar com a situação. Eu tinha que ajudá-lo a recuar e a pensar com clareza.

— Calvin, não toque nele.

Calvin parou na escada e me encarou, a mandíbula cerrada, tamanha era sua fúria. Seu corpo estava tão rígido que parecia uma estátua.

— Ele machucou minha irmã. E machucou você.

— Ele não me machucou.

Calvin bufou, com deboche.

— Você está se ouvindo falar? Ele sequestrou você. E fez você caminhar pelas montanhas congeladas como uma prisioneira.

Como eu poderia convencer Calvin, sem parecer que havia sofrido uma lavagem cerebral, de que Jude tinha salvado a minha vida? Jude tinha me tratado bem. E prometera me ajudar a chegar a Idlewilde, quando teria sido mais fácil para ele me deixar sozinha na floresta para morrer congelada. Mesmo depois de eu ter entregado o mapa a ele, Jude continuou comigo. E eu tinha certeza de que se não tivesse fugido, ele teria ficado comigo até o fim.

— Fique fora disso — disse Calvin. — Você passou por muita coisa e não está pensando com clareza.

— *Eu* passei por muita coisa, Calvin — falei, apontando o dedo para meu peito. — Sei o que aconteceu lá fora na montanha. E estou pedindo para você deixá-lo em paz. Deixe que a polícia cuide dele.

Ele me observou com a cabeça ligeiramente inclinada, perplexo.

— Por que você está protegendo esse cara?

— Não estou protegendo ninguém. Só estou pedindo para deixar a polícia cuidar disso. É para isso que ela serve.

— Ele sequestrou você, Britt. Está me ouvindo? O que ele fez foi ilegal e perigoso. Mostra um completo desrespeito pela vida humana. Ele achou que nunca seria pego. Usou você, e vai continuar usando pessoas como você, a menos que alguém o detenha.

— Pessoas como eu? — repeti, incrédula.

Calvin agitou os braços, impaciente.

— Indefesas. Ingênuas. Você é a presa perfeita para esse tipo de cara. E ele é um predador. Detecta fraqueza e incapacidade da mesma forma que um tubarão sente o cheiro de uma única gota de sangue a um quilômetro de distância.

Senti o rosto queimar. Shaun e Jude não tinham me sequestrado porque eu era incapaz. Na verdade, Shaun me escolhera no lugar de Korbie porque pensara que eu tinha experiência em trilhas. Porque fui inteligente o bastante para convencê-lo de que Korbie tinha diabetes e que por isso deveria ser deixada para trás.

Fiquei de pé em um pulo.

— Você é tão idiota, Calvin. Acha que sabe tudo, mas não sabe. Talvez você devesse perguntar por que Shaun e Mason me levaram com eles, mas deixaram Korbie na cabana.

— Porque Korbie não é nem de longe tão submissa ou indefesa como você — disse Calvin, assertivo. — Você passou a vida inteira esperando seu pai, Ian, até mesmo *eu*, e provavelmente um monte de outros caras, aparecerem para resgatá-la. Você não consegue fazer nada sozinha, e sabe disso. Mason e Shaun olharam para você e viram um alvo fácil. Uma garota ingênua com baixa autoestima. Korbie nunca teria ficado com eles por tanto tempo quanto você. Ela teria lutado. Teria fugido.

— Eu fugi! — protestei.

— Vou dizer por que eles escolheram você — prosseguiu Calvin tranquilamente, o que só me deixou ainda mais furiosa.

Eu não suportava mais aquela serenidade indiferente ou o olhar condescendente em seu rosto. Me perguntei o que eu tinha visto nele. Ele não tinha nada a ver comigo. Eu tinha passado oito meses da minha vida sofrendo por um idiota egoísta e convencido. A ironia era que Calvin havia passado os últimos oito meses tentando escapar do pai, mas ele não era capaz de ver o que eu via. Ele estava se transformando no pai. Era difícil saber se eu estava falando com Calvin ou com o sr. Versteeg.

— Porque eles queriam se aproveitar de você. Alguns caras... caras como Mason... gostam de exercitar seu poder sobre as garotas. Isso os faz se sentirem invencíveis. Ele precisava de você para se sentir no controle.

Fiz um som furioso para mostrar que não concordava com o que ele estava dizendo. Jude não era nada parecido com o tipo de homem que Calvin descrevera. Ele nunca tentaria me controlar. Shaun, sim. Mas não Jude. Calvin nunca acreditaria em mim, mas, quando estávamos na encosta da montanha, eu não fiquei na aba de Jude. Ele não deixara. Eu sobrevivi porque ele confiou em mim, porque ele sabia que eu era capaz de cuidar de mim mesma. Eu tinha crescido mais nos últimos dias do que em quatro anos do ensino médio.

— E agora? Quem é o idiota aqui? — concluiu Calvin.

— Cale a boca — falei, a voz tremendo de raiva.

— Ninguém está culpando você, Britt. Você sofreu uma lavagem cerebral. Se você pudesse sair do seu corpo e ver tudo isso sob outra ótica, pararia de tentar arranjar desculpas para um criminoso. Você o defendeu o tempo todo. Se eu não soubesse do que aconteceu, acharia que você tem uma queda por ele.

O que quer que eu esperasse ouvir, não era isso. Abri a boca para refutar o que Calvin acabara de dizer, mas não tinha como me defender. Senti meu rosto ficar quente. O rubor subiu pelo meu pescoço, e senti as pontas das minhas orelhas formigarem. Calvin percebeu minha reação, seu rosto denunciando o choque. Ergueu as sobrancelhas, perplexo, e em seguida uma sombra anuviou seu rosto. Por um momento, tive medo de que ele tivesse adivinhado meu segredo, mas ele balançou a cabeça, dissipando qualquer sinal de decepção ou traição que eu imaginara ter visto em seus olhos.

— Quero dez minutos a sós com ele — disse Calvin, sem rodeios, e subiu as escadas.

Eu me joguei no sofá, abraçando os joelhos e me balançando para a frente e para trás. Senti frio de repente, apesar do fogo que queimava a poucos metros. Uma estranha névoa pairava em minha cabeça. Se ao menos eu conseguisse pensar em um plano... Eu precisava impedir Calvin de ir longe demais. Mas como? Korbie talvez conseguisse convencer o irmão. Mas ela havia tomado remédios e estava dormindo, e Calvin perderia o resto do juízo se eu a acordasse. Mesmo se eu conseguisse acordá-la, eu duvidava de que ela se daria ao trabalho de ajudar Jude. Para ela, Jude era Ace, um dos homens que a abandonaram sozinha em uma cabana para morrer.

Inquieta, me levantei e fui até a cozinha. Já que não pararia de pensar no que estava acontecendo no quarto lá em cima, decidi fazer algo útil e pelo menos manter as mãos ocupadas. Arrumei a cozinha e levei o lixo para fora. Quando levantei a tampa da lixeira atrás da porta, fiquei surpresa ao encontrar vários outros sacos de lixo lá dentro. Pelo cheiro, os sacos estavam ali fazia semanas. Mas até onde eu sabia, os Versteeg não iam a Idlewilde havia um tempo. Não era possível que Calvin tivesse produzido tanto lixo nos dois dias em que estava ali. Será que os Versteeg tinham se esquecido de tirar o lixo na última vez em que estiveram na cabana, no fim do verão anterior? Aquilo não combinava nada com o sr. Versteeg. Ele contratava um serviço de limpeza após cada viagem para deixar o lugar impecável.

Confusa, voltei para a cozinha e abri os armários. Estavam lotados. Principalmente com besteiras, com as coisas preferidas de Calvin. Cereais, tirinhas de carne, donuts, biscoitos salgados e manteiga de amendoim crocante. Eu sabia que a sra. Versteeg tinha mandado

seu assistente ir até lá no fim de semana anterior para deixar caixas de comida para mim e para Korbie, mas as caixas estavam fechadas. Continuavam intocadas no hall de entrada, no mesmo lugar onde haviam sido deixadas.

Não fazia sentido. Por que os Versteeg deixariam a cabana totalmente abastecida durante o inverno, se não tinham a intenção de ir para lá? Se eu não soubesse que a cabana não tinha sido usada durante esse tempo, acharia que alguém *tinha* morado ali durante todos aqueles meses.

Um estranho arrepio subiu pela minha espinha. Havia mais coisas que não faziam sentido. Coisas que vinham me incomodando fazia algum tempo. Pouco antes de matar Shaun, Calvin tinha dito: "Já o vi por aí", mas como? Jude disse que Shaun havia se mudado para Wyoming cerca de um ano antes, e Calvin tinha passado a maior parte do ano anterior em Stanford. Quando ele teria visto Shaun?

Uma suspeita impensável passou por minha mente, mas procurei afastá-la. Eu não podia duvidar de Calvin. Eu *não iria* duvidar dele. O que havia de errado comigo, para eu estar pensando o pior dele? Eu não tinha motivo algum para não confiar nele.

Mas foi exatamente isso que me vi procurando em seguida: motivos. Explicações. Provas de que aquela ideia alarmante fervilhando na minha cabeça era completamente ilógica.

Na sala de estar, vasculhei os papéis na escrivaninha atrás de sinais que comprovassem que alguém estava morando em Idlewilde nos últimos meses: contas de luz, água, gás, correspondência recente, revistas, jornais. Não achei nada.

Já o banheiro era outra história. Havia um círculo rosado no vaso sanitário, indicando que tinha sido usado, mas não limpo. O balcão e a pia estavam sujos de pasta de dente seca. Havia manchas de água espirrada no espelho em cima da pia que nunca tinham sido limpas. Eu *sabia* que o sr. Versteeg teria contratado alguém para limpar a cabana antes de a família ir embora no final do verão anterior. Alguém tinha estado ali depois disso. Alguém tinha estado ali durante o inverno. Engoli em seco. Não queria pensar em quem teria sido.

De volta à sala de estar, vasculhei as gavetas da escrivaninha mais atentamente. Um pedaço de papel chamou minha atenção. Era um contracheque de uma empresa de rafting, Snake River. O documento tinha sido emitido em quinze de setembro do ano anterior, e estava no nome de Calvin, semanas após ele supostamente ter ido para a faculdade.

Fechei os olhos, tentando examinar a terrível suspeita que se formava, latejante, na minha cabeça. Cal? *Não, não, não.*

Macie O'Keeffe, a guia de rafting que tinha desaparecido em setembro do ano anterior, trabalhava na Snake River. Será que tinha sido assim que Calvin a conhecera? Será que tinha sido por causa dela que Calvin não tinha me ligado e logo depois terminara comigo? Será que eles estavam namorando, brigaram e uma noite, após o trabalho dela, ele…

Eu não conseguia concluir o pensamento. Não podia pensar nisso. Cal estava na faculdade havia oito meses. Ele não podia ter matado Macie em setembro… ele não podia ter matado *ninguém.*

Apertei a ponte do nariz para afastar uma tontura. Aquilo não podia ser verdade, tão confuso e visceral quanto um pesadelo. Como Calvin podia ser um assassino?

Revirei mais freneticamente as gavetas. Peguei um folheto amassado com a palavra **DESAPARECIDA!** impressa em letras garrafais na parte superior. Alisei as dobras sobre o rosto sorridente de Lauren Huntsman. O buraco na parte superior do cartaz me levava a acreditar que provavelmente fora pregado em uma árvore ou poste de telefone. Fazia sentido que equipes de busca tivessem vasculhado Jackson Hole e arredores. Todas aquelas pessoas procurando incansavelmente por uma garota desaparecida, e Calvin tinha pegado o folheto para guardar de lembrança.

Uma lembrança do que ele tinha feito.

"É verdade", pensei, perplexa. Ele vinha se escondendo em Idlewilde. Não foi à toa que tentou fazer com que Korbie e eu desistíssemos da viagem. Seus segredos estavam *ali*.

Sua mentira se escancarava cada vez mais, me engolindo por inteira. Calvin, um mentiroso. Calvin, um estranho.

Calvin, um assassino.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Eu tinha que tirar Jude de Idlewilde.

Tinha que tirar *todos nós* dali. Não estávamos seguros com Calvin por perto.

Calvin.

Os crimes horríveis que ele tinha cometido… Ah, meu Deus, que seja um engano. Tinha que haver uma explicação. Ele devia ter tido um motivo. Eu estava deixando de ver alguma informação essencial. Não era tarde demais para ajudá-lo.

Subi as escadas e espiei pela porta entreaberta do quarto. Dava para ouvir a voz de Calvin, carregada de fúria, enquanto ele falava com Jude.

— Onde está o mapa?

Ele se sentou no colchão ao lado de Jude, de costas para mim. Sob a luz fraca e cintilante da vela na mesa de cabeceira, eu via Jude tremendo violentamente, fazendo as cordas que mantinham seus braços e pernas presos se agitarem. Calvin tinha enfaixado o ombro dele, mas só isso. Cal tinha aberto a janela, e uma rajada de vento correu por debaixo da porta, envolvendo meus tornozelos. Em questão de minutos, o quarto ficaria tão frio quanto o ar invernal lá fora. Eu tinha a sensação nauseante de que aquilo era apenas o começo do sofrimento que Calvin planejava infligir a Jude.

— Por que você está tão interessado no mapa? — A voz de Jude saía com dificuldade por causa da dor, e sua respiração eram ruídos curtos e irregulares.

Calvin riu de maneira tranquila e áspera, e isso fez meu couro cabeludo formigar.

— Não é você quem faz as perguntas aqui.

Observando pela fresta da porta, vi Calvin inclinar a ponta de uma vela sobre a camisa desabotoada de Jude, que arfou bruscamente, e o barulho que fez se arrastou em um gemido baixo e sofrido.

— Mais uma vez: onde está o mapa?

Jude arqueou as costas, tentando se libertar, mas não adiantou; aquela era uma corda de alta qualidade, padrão industrial.

— Eu escondi.

— Onde?

— Você acha mesmo que vou dizer? — disparou Jude, com uma resistência admirável, considerando-se que estava à mercê de Calvin e devia estar em tremenda agonia.

Admirável ou não, foi a coisa errada a fazer. Calvin inclinou a vela mais uma vez, pingando cera no peito nu de Jude. Seu corpo inteiro se retesou antes de ele deixar escapar outro gemido. O suor brilhava em suas têmporas e escorria pelas curvas de seu pescoço, enquanto o restante de seu corpo continuava a sofrer espasmos.

— Três pontos verdes no mapa — disse Jude, ofegante, a voz rouca. — Você se esqueceu de anotar o que significavam.

Dessa vez foi o corpo de Calvin que enrijeceu. Ele não respondeu, mas o subir e descer de seus ombros me indicou que aquele comentário o deixou perturbado.

— Três pontos verdes, três abrigos abandonados, três garotas mortas. Consegue ver uma ligação? — O tom severo de Jude deixou claro que ele não estava fazendo uma pergunta.

Por fim, Calvin se manifestou:

— Agora o sequestrador está tentando me acusar de assassinato, é isso?

— Um dos pontos verdes em seu mapa marca a cabana de caça onde o corpo estrangulado de Kimani Yowell foi encontrado. Os outros dois marcam cabanas abandonadas. E já que estamos falando de teorias, aqui vai outra: não acho que o namorado de Kimani a tenha matado, e não acho que Macie O'Keeffe tenha sido morta por andarilhos nas margens do rio onde ela trabalhava como instrutora de rafting. E não acho que Lauren Huntsman tenha ficado bêbada e acidentalmente se afogado em um lago. — A voz de Jude ficou embargada quando ele falou o nome da irmã. Engolindo em seco, disfarçou a emoção com um olhar intenso e sombrio. — Acho que você as matou, e depois jogou o corpo delas onde não seriam encontrados.

Calvin ficou calado. Suas costas se ergueram devido à respiração acelerada. Ele ainda buscava algo para dizer.

— Que tipo de assassino idiota cria uma prova física contra si mesmo? — perguntou Jude.

— Você já contou essa sua teoria a Britt? — disse Calvin, finalmente, quase tendo sucesso em não deixar a emoção transparecer na voz.

— Por quê? Até que ponto você está disposto a ir para guardar seu segredo? Você mataria Britt se ela soubesse?

Calvin deu de ombros.

— Não importa. Britt nunca acreditaria em você.

Meu corpo inteiro se retesou. Me encostei na parede, tremendo de medo. Meu estômago se revirou. Aquele não era o Calvin que eu conhecia. O que tinha acontecido com ele?

— Não conte com isso. Tenho uma história bem convincente — disse Jude. — No começo, pensei que Shaun fosse o assassino. Quando você atirou nele, minha primeira reação foi me desesperar... eu tinha perdido a única pessoa que poderia me dar respostas. Minha segunda reação foi me perguntar por que você o matou. Assim, do nada. Você poderia ter amarrado Shaun e o deixado lá para a polícia, mas em vez disso atirou nele. E nem sequer se abalou. Percebi, então, que não era a primeira vez que matava alguém. Isso me fez desconfiar de você, mas eu não tinha certeza de nada até ver o boné de beisebol dos Cardinals que você deu a Britt. E seu mapa.

O chão pareceu deslizar sob meus pés. Minhas pernas tremiam. Eu tinha que sair da cabana. Tinha que buscar ajuda. Mas só de pensar em voltar para o frio cortante da floresta, tão escura e cheia de perigos, meu coração disparava. Quanto eu conseguiria andar? Dois, três quilômetros? Eu congelaria até a morte antes de o sol nascer.

— Quem é você? — perguntou Calvin, intrigado. — Você não é da polícia... Se fosse teria uma arma e um distintivo. — Ele se levantou para encarar Jude do alto. — *O que* você é?

Em um movimento convulsivo, Jude se atirou para cima, os músculos do ombro que não foi atingido e do pescoço saltando enquanto fazia força para se libertar das cordas, que o prendiam firmemente. As colunas da cama começaram a ranger. O som pareceu dar mais energia a Jude, que jogou o peito ainda mais para a frente, tentando juntar os pulsos e quebrar a cama. Rapidamente, Calvin colocou a vela que segurava na mesa de cabeceira, recorrendo à ameaça mais imediata que trazia na cintura: sua arma.

— Fique quieto ou vou meter outra bala em você — ordenou ele, apontando a arma para Jude.

Jude o ignorou e puxou as cordas com ainda mais força, o rosto contorcido pelo esforço e pelo mais puro ódio, o suor escorrendo sem parar. As colunas da cama protestaram com um rangido ainda maior da madeira que se arqueava, e Calvin disparou um tiro para o alto em advertência.

Jude caiu de volta no colchão, a respiração curta e entrecortada. Deixou escapar um gemido gutural de tristeza, e seus membros desabaram inutilmente, voltando à posição inicial de estrela.

— Você é um covarde — disse ele a Calvin. — Não foi à toa que seu pai se esforçou tanto para fazer você ter sucesso em alguma coisa... ele sabia que não tinha potencial algum para ser explorado. Ele não precisou se preocupar com Korbie. Ela sabe como conseguir o que quer, mas você deve ter sido uma grande decepção. Você nunca iria conseguir nada na vida. Seu pai sabia disso. No fundo, você também sempre soube.

As costas de Calvin se empertigaram.

— Você não me conhece.

— Não há muito para conhecer.

Calvin enfiou a arma no rosto de Jude. O corpo de Cal tremia.

— Posso fazer você parar de falar.

— Você matou aquelas garotas. Matou. Fale. Pare de fingir e seja um homem. Isso é ser um homem, Calvin. Admita o que fez.

— E por que você se importa? — disparou Calvin, furioso. — Você não liga para as pessoas. Deixou minha irmã sozinha para morrer naquela cabana.

A resposta de Jude foi quase inaudível, de tão calma e letal:

— Se eu soubesse lá atrás que Korbie era sua irmã, teria me certificado de que ela vivesse o bastante para garantir que você estaria presente quando eu cortasse a garganta dela.

Um músculo na mandíbula de Calvin saltou de raiva, e seu dedo se retesou no gatilho.

— Eu devia matar você agora.

— Antes de eu dizer onde está o mapa? Eu não aconselharia. Cheguei à conclusão de que você tinha matado aquelas garotas antes de vir para cá. E precisava garantir que, mesmo que eu não conseguisse matá-lo, a pena de morte não deixaria você escapar. Wyoming usa injeção letal, sabia? Não sou um homem de muitos arrependimentos, mas

vou lamentar muito não estar lá para ver você se borrar todo quando o prenderem à maca. Deixei o mapa em um lugar fácil de ser achado pela polícia. Pode contar com isso.

— Você está mentindo. — Calvin descartou a ameaça imediatamente, mas um tremor em sua voz sugeria preocupação.

— Você revistou minhas roupas. Sabe que o mapa não está comigo. Por que acha que eu não trouxe? Porque sabia que não podia correr o risco de deixá-lo cair nas suas mãos de novo, porque sabia o que o mapa realmente marcava… o túmulo de suas vítimas.

Jude falou de forma calma e equilibrada, mas seu corpo, abalado por tremores, e o brilho do suor no rosto pálido e contorcido, revelavam a dor agonizante que sentia. Um grande círculo vermelho se espalhava pelo lençol.

— Vou dar uma escolha a você — disse Calvin, finalmente. — Diga onde está o mapa e eu mato você com um tiro na cabeça. Continue me enrolando, e vou matá-lo da forma mais lenta e criativa que puder.

— Não vou falar. Dando um tiro na minha cabeça ou não, se você me matar, muito provavelmente vai ser acusado de assassinato em primeiro grau, e não tem a menor chance de escapar da pena de morte com todo esse sangue nas mãos.

Os olhos de Calvin examinaram Jude com curiosidade.

— Quem é você? — perguntou Calvin novamente, quase com assombro.

Jude levantou a cabeça do travesseiro, os olhos refletindo uma luz brilhante e selvagem.

— Sou o irmão mais velho de Lauren Huntsman. O último cara da face da Terra com quem você deveria ter mexido.

O comedimento de Calvin quase se desfez, mas ele se recuperou rapidamente. Jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada espirituosa.

— O que é isso? Você acha que matei sua irmã e agora está aqui atrás de quê? Vingança? Me deixe adivinhar. Mason não é o seu verdadeiro nome. Seu cretino esperto — acrescentou, com um estranho misto de admiração e repulsa.

No corredor, eu me apoiava na parede para me manter de pé. Tinha cometido um erro terrível. Jude estava dizendo a verdade. Ele tinha largado a faculdade para vingar a morte da irmã. Eu me lembrava de quando ele contara como eram próximos, e que ela era tudo para ele. É claro que ele queria que a justiça fosse feita. Será que seus pais sabiam? Seus amigos? Que mentiras e desculpas ele tinha contado quando fora embora? Eu começava a perceber a enormidade de sua missão. Ele tinha aberto mão de tudo para encontrar o assassino da irmã, e agora estava prestes a desistir da última coisa que tinha: sua vida.

Porque Calvin nunca o deixaria sair dali vivo.

Calvin deu de ombros, indiferente.

— Acho que *O poderoso chefão* estava certo. Sangue é sangue e nada mais se compara.

Jude fechou os olhos, com uma expressão transtornada no rosto.

— Não vou parar até conseguir o mapa de volta, é melhor você saber disso — disse Calvin, dando a volta na cama e parando do outro lado. Ele ergueu os olhos em direção à porta, atrás da qual eu me escondia.

Congelei. Estava escuro no corredor. Eu sabia que ele não podia me ver. Ele continuava a olhar em minha direção, mas eu tinha certeza de que não estava prestando atenção, de

que seu olhar era vazio, desfocado. Não havia como distinguir minha silhueta na escuridão. Ele esfregou o queixo com força, e eu sabia que o olhar estampado em seu rosto significava que ele estava ponderando qual seria sua próxima jogada.

Quando os olhos de Calvin focaram novamente em Jude, aproveitei a chance. Caminhei em silêncio pelo corredor e desci até a cozinha. Verifiquei o telefone. Sem tom de discagem, como Korbie dissera. Ou a tempestade havia derrubado os fios, ou Calvin os cortara.

Calvin havia deixado o celular no balcão, mas estava sem sinal. Revirei as gavetas da cozinha à procura de uma arma. Nada. Na sala de estar, vasculhei as gavetas da escrivaninha, mas Calvin já tinha pegado a arma. Cada vez mais em pânico e desesperada, olhei sob as almofadas do sofá. Quase joguei a última almofada contra a parede, de tão frustrada que estava. O sr. Versteeg colecionava armas. Devia haver várias na cabana. Rifles, revólveres, espingardas… onde estavam?

Corri até o antigo baú junto à parede oposta, minha última esperança. Levantei a tampa, o coração cheio de ansiedade.

No fundo do velho baú entalhado havia uma pequena pistola. Com os dedos trêmulos, guardei-a em um dos bolsos do meu pijama.

Fiquei de pé, sentindo o peso da arma. Eu seria capaz de atirar em Calvin? Se as coisas chegassem a esse ponto, eu seria capaz de matar o doce menino vulnerável que sempre esteve à mercê do pai — o garoto por quem eu tinha me apaixonado?

Nossa história havia começado anos antes, e sua vida estava tão profundamente entrelaçada à minha que era impossível encontrar dois fios separados. Quem era aquela versão distorcida e doentia de Calvin? Eu sentia que ele estava se afastando cada vez mais, frio e distante, e a perda me despedaçava por dentro.

Ao me virar, encontrei Calvin parado atrás de mim.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

— Procurando alguma coisa? — perguntou Calvin.

Demorei até encontrar algo para dizer.

— Um cobertor. Estou com frio.

— Tem um no encosto do sofá. Onde sempre fica.

— Tem razão.

Olhei bem fundo de seus olhos escuros, tentando obter alguma pista do que se passava em sua cabeça. Será que ele sabia que eu tinha ouvido tudo? Seu olhar correu do meu rosto para as minhas mãos, e depois para o meu rosto outra vez. Ele também me observava atentamente.

— Você o beijou? — perguntou Calvin.

— Beijei quem? — perguntei. Mas sabia perfeitamente de quem ele estava falando.

— Você beijou o Mason? — repetiu Calvin, estranhamente calmo. — Quando estava sozinha com Mason na floresta, você dormiu com ele?

Eu não ia deixá-lo me intimidar. Tentei agir da forma mais normal possível, e olhei para ele com um ar confuso.

— Do que você está falando?

— Você é virgem ou não?

Não gostei do brilho obcecado e inquisidor em seus olhos. Tinha que mudar de assunto.

— Quer uma xícara de café? Vou ligar a…

— Shh. — Ele apoiou o dedo indicador em meus lábios. — A verdade.

Seus olhos brilhavam, cheios de uma energia reprimida esperando para ser liberada, e, apesar de estar reunindo minhas forças, senti minha coragem se estilhaçar. Preferi ficar em silêncio, porque sabia que Calvin odiava discutir. Ele queria ter a palavra final, sempre.

Calvin balançou a cabeça, desapontado.

— Ah, Britt. Achei que você fosse uma boa menina.

Aquele comentário hipócrita me deixou enfurecida. Por um breve instante, o ódio superou o medo. Como ele ousava me julgar? Ele tinha *matado* três garotas! Tudo o que eu odiava em Calvin de repente ficou mais claro: seus defeitos, sua superioridade, seu charme superficial, sua falta de sinceridade — e, acima de tudo, a maneira insensível e distante como ele havia terminado nosso relacionamento. Indícios perturbadores de seu lado mais sombrio que eu sempre vi, mas que de alguma forma ignorava. Ele feria as pessoas. Eu só nunca imaginaria que era tão bom nisso.

— O que eu fiz com Jude não é da sua conta.

A boca de Calvin se curvou para baixo.

— É da minha conta, sim. Ele machucou você e Korbie, e estou tentando fazê-lo pagar por isso. Como você acha que me sinto quando você fica do lado dele? Quando o ajuda pelas minhas costas? Isso dói, Britt. E me tira do sério.

Calvin cerrou os punhos com força, e eu recuei alguns passos. Ele abria e fechava as mãos de uma maneira metódica e ausente. Eu já tinha visto o sr. Versteeg fazer a mesma coisa, e era sempre a deixa para Korbie e eu sairmos correndo e ficarmos juntinhas, no mais absoluto silêncio, no fundo do armário dela, onde ele não poderia nos encontrar.

— Enquanto eu estava lá fora na floresta, com frio e fome, procurando sem parar vocês duas, você estava flertando com um cara que nem conhece, deixando-o enfiar a língua na sua boca, mantendo-o aquecido durante a noite, mostrando a ele o *meu* mapa. — Ele enfatizou a palavra batendo com a mão no peito. — Guiando-o até a *minha* casa. — Bateu de novo. — Colocando a *minha* irmã em perigo. — E de novo. — Você sabe o que meu pai teria feito comigo se Korbie tivesse morrido na cabana? Morrido sob os *meus* cuidados? Você está tão preocupada com Mason, Jude, sei lá que diabos é o nome dele, mas e quanto a mim? Você o trouxe aqui, você me ferrou, você deu o mapa a ele... *Você me ferrou!* — gritou Calvin, o rosto em um tom escuro de vermelho, como se estivesse sufocando, os lábios se contorcendo de raiva.

Peguei a pistola e a apontei para seu peito. Minhas mãos tremiam, mas, àquela distância, nervosa ou não, seria difícil errar.

O rosto de Calvin ficou branco sob a mira da arma.

— Não se aproxime. — Mal reconheci minha voz. As palavras saíram com firmeza, mas, afora isso, eu oscilava à beira do desespero.

E se Calvin não me obedecesse? Eu nunca tinha disparado uma arma antes. O metal frio causava uma sensação estranha, pesada e assustadora em meus dedos. O suor deixou minhas mãos escorregadias, e eu não conseguia segurar a arma direito.

Um sorriso apertou os olhos de Calvin.

— Você não vai atirar em mim, Britt.

— Fique de joelhos.

Pisquei com força para focar a visão e tentei me concentrar em Calvin. Ele se inclinava para a esquerda, depois para a direita. Ou talvez fosse a sala que estivesse girando.

— Não. Não vamos fazer esse teatrinho — disse ele com uma autoridade serena. — Você não sabe usar uma arma, você mesma disse. Olhe... seu polegar não está devidamente protegido, ou seja, o cão da arma vai se mover abruptamente quando você disparar e vai ferir sua mão. Você está nervosa, vai puxar o gatilho de qualquer jeito e perder a mira. O som do tiro vai assustá-la e você vai derrubar a arma. Então nos poupe o trabalho e coloque a arma no chão agora.

— Eu vou atirar em você. Juro que vou.

— Isso aqui não é Hollywood. Não é fácil acertar um alvo, mesmo a esta distância. Você ficaria surpresa em saber quantas pessoas erram um tiro desses. Se você atirar em mim, acabou. Alguém vai se machucar. Podemos impedir que isso aconteça. Me entregue a arma, e vamos dar um jeito nisso. Você me ama e eu a amo. Lembre-se disso.

— Você matou três garotas!

Calvin balançou a cabeça com firmeza, o rosto cada vez mais vermelho.

— Você acredita mesmo nisso, Britt? Pensa tão pouco assim de mim? Eu e você nos conhecemos a vida inteira. Você realmente acha que sou um assassino a sangue-frio?

— Eu não sei o que pensar! Por que não me explica? O que essas meninas fizeram para você? Você tinha tudo a seu favor. É inteligente, bonito, atlético, rico, tinha acabado de passar para Stanford…

Calvin balançou o dedo na minha direção. Eu via a frustração nas linhas ao redor de sua boca franzida. Seu corpo todo começou a tremer, e seu rosto se anuviou de novo.

— Eu não tinha *nada*! Stanford me rejeitou. Eu não entrei! Você não sabe como é se sentir impotente, Britt. Eu não tinha nada. Elas tinham tudo. Aquelas garotas… eu devia estar no lugar delas! Devia ser eu — disse ele, já sem forças para negar qualquer acusação.

— E foi por isso que você as matou? Porque elas tinham o que você queria?

Eu estava horrorizada. Horrorizada e enojada.

— Elas eram *garotas*. *Garotas* me superando, Britt. Como eu viveria com isso? Meu pai ia jogar isso na minha cara para sempre. Já era ruim o suficiente em casa, com ele transformando tudo em uma competição entre mim e a Korbie, manipulando as regras a favor dela. Korbie podia ficar sentada sem mexer um fio de cabelo e isso já era o suficiente para me superar. Meu pai não esperava nada da Korbie, porque ela é uma menina. Mas esperava tudo de mim.

Não havia remorso algum na voz de Calvin. Queria que ele soasse arrependido e assustado. Queria que admitisse que estava arrasado por ter feito o que fizera. Mas ele se não culpava. Ele se sentia ameaçado pelas garotas que tinha matado. Humilhado. Me lembrei da corda que achara na garagem, com sangue seco. Kimani Yowell tinha sido enforcada. Será que Macie e Lauren também? Calvin não só as matara — ele tornara aquilo pessoal. Tinha usado as próprias mãos. Nunca se tratara delas. Mas *dele*.

— Você matou Lauren enquanto estávamos namorando! Por acaso teria me matado se eu tivesse entrado em uma faculdade melhor?

Seus olhos fitaram os meus.

— Eu nunca teria machucado você.

— Eu confiava em você, Cal! Achava que você era o amor da minha vida. Queria protegê-lo e fazê-lo feliz. Detestava como seu pai o tratava, e, mesmo quando você descontava a raiva que sentia dele em mim, nunca culpei você. Eu achava que podia fazer de você uma pessoa melhor. Achava que você era uma pessoa boa que só precisava ser amada!

— Você ainda pode confiar em mim — disse ele, sem entender nem um pouco o que estava em jogo ali. — Sempre serei o seu Cal.

— Você está se ouvindo? As pessoas vão descobrir o que aconteceu. Você pode ir para a cadeia. Seu pai…

As mãos de Calvin se tensionaram novamente.

— Não meta meu pai nessa história. Se quiser mesmo ajudar, deixe-o fora disso.

— Acho que não posso mais ajudá-lo!

Seus olhos brilharam, mas, por trás da raiva, vi uma tristeza profunda.

— Nunca fui bom o suficiente. Nem para ele, nem para você, mas principalmente para ele. Meu pai teria me matado, Britt. Se eu tivesse contado que não tinha entrado para a faculdade, ele teria preferido me matar a lidar com a humilhação. Então tive que mentir para todo mundo sobre Stanford e me esconder aqui em Idlewilde. Eu não queria fazer isso, e definitivamente não queria matar Lauren. Não planejei nada. Eu estava fazendo uma trilha à noite e me deparei com Shaun tirando fotos dela. Ela estava usando um boné de beisebol dos Cardinals e eu tive um estalo. Ela estava bêbada, e isso só me irritou mais. Stanford tinha aceitado uma bêbada, mas não a mim. Quis tirar Stanford dela, mas não podia. Então, quando Shaun foi ao barracão de ferramentas, eu tirei... a vida de Lauren.

— Meu Deus, Cal — sussurrei, olhando para ele com nojo e pena.

Shaun provavelmente tinha voltado do barracão e encontrado Lauren morta. Ele deve ter entrado em pânico e escondido o corpo na caixa de ferramentas. Tirara seu cordão com o pingente, sabendo que era valioso, algo que Cal teria ignorado... dinheiro nunca tinha sido um problema para ele. Era fácil ver por que Jude pensara que Shaun era o assassino.

Mas Cal era o assassino. A repulsa estava estampada em meu rosto.

Calvin viu o jeito como o encarei, e algo dentro dele se partiu. Seu rosto se transformou em uma máscara fria e intocável. Naquele instante, ele realmente pareceu se tornar outra pessoa. Eu nunca o vira tão insensível ou cruel. Ele deu um passo na minha direção.

— Não se aproxime de mim, Calvin — falei, com a voz estridente.

Ele deu outro passo.

Meus ombros doíam de segurar a arma por tanto tempo, e percebi que tinha travado meus cotovelos e estava perdendo a sensibilidade nas mãos. Ao me dar conta disso, elas começaram a tremer intensamente.

Calvin avançou de novo. Mais um passo e ele estaria perto o suficiente para me derrubar.

— *Fique onde está, Calvin!*

Calvin avançou em mim, e, naquele momento de tensão, foi o instinto que me impeliu a agir. Apertei o gatilho, balançando a arma desordenadamente, como Calvin havia previsto. Um clique oco preencheu o ar, e Calvin vacilou ao ouvir o barulho, o branco de seus olhos crescendo em torno da íris verde enquanto ele caía sobre um dos joelhos, em choque.

Eu o havia acertado? Onde estava o sangue? Eu tinha *errado* o tiro?

Então ouvi a risada baixa e ameaçadora de Calvin, que ficou de joelhos por mais um instante antes de se levantar. A frieza em seus olhos me deixou sem ar. Não havia mais nada do meu Calvin ali. Ele tinha se transformado no pai.

Apertei o gatilho de novo. E de novo. E, a cada vez, um clique surdo e oco afligia meus ouvidos.

— Mas que azar o seu — disse ele, arrancando a arma das minhas mãos.

Então me agarrou bruscamente pelo cotovelo, me arrastando pela sala em direção à porta. Eu tentava firmar os pés no chão e me debatia. Eu sabia o que ele ia fazer em

seguida, porque era a pior forma possível de me machucar. Eu não estava de casaco. Não estava nem usando botas.

— *Korbie!* — gritei. Será que ela ia me ouvir? Se ela não impedisse o irmão…

— Calvin? O que está acontecendo?

Calvin se virou de repente, assustado com a voz da irmã vindo das escadas. O olhar sonolento dela se alternava entre mim e Calvin.

— Por que você está machucando a Britt? — perguntou ela.

— Korbie. — Lágrimas escorriam pelo meu rosto. — Calvin matou aquelas meninas. As garotas que desapareceram no ano passado. Ele matou o Shaun. E sabe-se lá quem mais. Ele vai me matar também. Você tem que detê-lo. Peça ajuda.

— Ela está mentindo, Korb — disse Calvin com calma. — *Obviamente* está mentindo. Ela está delirando, uma reação completamente normal à hipotermia e à desidratação que sofreu lá na floresta. Volte para a cama. Eu cuido disso. Vou dar a ela um comprimido para dormir e colocá-la na cama.

— Korbie. — Eu soluçava. — Estou dizendo a verdade. Verifique os armários da cozinha e a lata de lixo lá atrás. Ele morou aqui o inverno todo. Nunca foi para Stanford.

Korbie franziu a testa, me encarando como se eu tivesse enlouquecido.

— Sei que está chateada com Calvin por terminar com você, mas isso não faz dele um assassino. Calvin tem razão. Você precisa dormir.

Deixei escapar um gemido de irritação e fiz força para me soltar de Calvin.

— Me solte! *Me solte!*

— Venha cá, Korbie, e me ajude a levar Britt para a cama — pediu Calvin, rangendo os dentes enquanto fazia força para me segurar. Então encostou a boca na minha orelha e sussurrou: — Você achou mesmo que minha irmã ficaria contra mim?

— Peça ajuda! Chame a polícia! — gritei para Korbie. E, cada vez mais desesperada, eu a vi descer as escadas.

— Está tudo bem, Britt — disse ela. — Sei como você se sente. Eu estava do mesmo jeito quando Calvin me encontrou na cabana. Estava desidratada e via coisas que não eram reais. Pensei que Calvin fosse Shaun.

— Chame a polícia! — gritei. — Pelo menos uma vez, apenas faça o que eu digo! Isso não tem nada a ver comigo e com Calvin!

— Junte as pernas dela — instruiu Calvin.

Korbie se ajoelhou ao meu lado, e então Calvin bateu a coronha da arma na cabeça dela. Sem emitir som algum, Korbie desabou no chão.

— *Korbie!* — gritei. Mas ela estava apagada.

— Quando ela acordar, vou dizer que você chutou a cabeça dela — grunhiu Calvin, voltando a me arrastar em direção à porta.

— Você não vai fazer isso comigo! — gritei, histericamente, lutando para me libertar. Seus braços, presos em volta de mim, pareciam esmagar meus ossos. — Você não vai me machucar, Calvin!

Calvin abriu a porta e me empurrou para a varanda. Tropecei na soleira da porta, caindo com as mãos na neve.

— Fique por perto — disse ele. — Mason não liga para a própria vida, mas talvez se preocupe com a sua. Chamo você de volta depois que ele me contar onde escondeu o mapa.

— Cal… — implorei, me atirando aos pés dele.

Ele fechou a porta na minha cara.

Ainda atordoada, sem conseguir acreditar em tudo aquilo, ouvi a tranca correr.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Fiquei de pé e limpei a neve do pijama. Minha mente tentava assimilar os últimos acontecimentos em meio a uma névoa negra de choque, mas, em um nível mais profundo, comecei a avaliar quais seriam meus próximos e cruciais passos. Eu precisava me manter seca. Precisava encontrar um abrigo.

Olhei para as margens da floresta escura, onde a parede imponente de árvores balançava ao vento. A floresta parecia viva, assombrada, inquieta.

As palmas das minhas mãos estavam arranhadas e sangrando por causa da queda. Olhei para elas sem reação, e o único pensamento que passou pela minha cabeça foi que aquelas não podiam ser minhas mãos. Aquilo não podia estar acontecendo comigo. Eu não estava ali fora de novo, no frio, enfrentando a morte. Calvin não faria isso comigo. Fechei bem os olhos e depois os abri, tentando afastar o nevoeiro e voltar à realidade — porque aquela não podia ser a minha realidade.

Olhei para Idlewilde. Vista de fora, parecia ter se transformado. De uma hora para a outra tinha se tornado tão vasta e carregada de maus presságios quanto as montanhas ao redor, tão fria e impenetrável quanto um castelo de gelo. Bati os punhos nas janelas, mirando avidamente o ambiente aconchegante e quente lá dentro, enquanto o vento açoitava meu corpo através do pijama e as tábuas frias da varanda sugavam o calor dos meus pés.

Eu não via Calvin. Meus olhos correram para o alto da escada. A porta estava aberta quando ele me atirara lá fora, mas agora tinha sido fechada. De repente, a realidade me chamou de volta. Atrás daquela porta, Calvin estava dando a Jude suas opções: revele onde o mapa está escondido ou deixe Britt congelar até a morte.

"Vou congelar até a morte", pensei. "Jude não vai contar a Calvin onde está o mapa. Ele quer que Cal seja preso pelo assassinato da irmã. Ele está disposto a abrir mão de sua vida, e da minha, por isso."

A gravidade daquela conclusão me assustou e me fez sair do estado de paralisia. Jude não iria ao meu resgate. Eu estava sozinha. Minha sobrevivência dependia unicamente de mim.

Eu não sabia quanto tempo tinha. Uma hora, no máximo. Minha temperatura interna continuaria a cair, e eu sabia muito bem o que aconteceria em seguida. Eu perderia o controle dos pés e das mãos. Cada passo que desse seria lento e descoordenado. Em seguida, as alucinações começariam. Sem uma imagem precisa do que havia em volta, eu começaria a ver coisas que não eram reais. Sonharia com uma lareira crepitante e me sentaria tranquilamente junto ao fogo para me aquecer, quando, na verdade, estaria deitada na neve, me entregando a um sono profundo do qual nunca acordaria.

Cerrei os dentes, tentando suportar a queimadura provocada pela neve derretida que encharcava minhas meias, e atravessei correndo o quintal. Dei a volta na cabana, o vento me atingindo com toda a sua força. Meus olhos se encheram de água e meu cérebro gritou, em choque. Abaixei a cabeça e lutei para seguir em frente em direção ao canal.

O canal. Era tão parte de Idlewilde quanto a cabana. Korbie e Calvin me apresentaram a ele na minha primeira visita, anos antes. O sr. Versteeg tinha mandado construir uma passarela sobre a vala profunda que corria ao longo dos fundos da propriedade, criando um recanto sombrio que Calvin tinha batizado, sem muita imaginação, de "o canal". Korbie havia levado um pedaço enorme do carpete para lá, dando-lhe um toque de aconchego, e Calvin tinha pregado tábuas de madeira para fazer uma escada para que pudéssemos entrar e sair com segurança. Na última vez que eu tinha vindo para Idlewilde com os Versteeg, Korbie e eu descobrimos um maço de cigarros e as revistas pornô de Calvin escondidos sob o tapete. Em troca do nosso silêncio, Korbie e eu tínhamos chantageado Calvin, exigindo que ele desse cinquenta dólares para cada uma. O que eu não daria para voltar atrás e entregá-lo!

Quando desci até o canal, meu coração ficou apertado ao descobrir que o alívio que ele oferecia agora era quase inexistente. As fibras do tapete estavam duras por causa do frio, e o vento não podia ser enganado: foi atrás de mim, me atormentando com suas rajadas invernais.

Doía respirar, cada inalação me inundando com uma onda mais profunda de frio. Eu me sentia completamente sozinha. Eu não podia ligar para meu pai pedindo ajuda. Também não podia recorrer a Ian. Quanto a Jude, ele estava amarrado a uma cama, sendo torturado por Calvin. Eu tinha que fazer uma fogueira, mas a enormidade da tarefa me paralisava. Se eu falhasse, não haveria ninguém para me salvar. Eu estava completa e verdadeiramente sozinha.

Então me recostei no canal e comecei a chorar.

Enquanto eu chorava, uma estranha lembrança me veio à mente: eu era muito nova, e tinha saído descalça em um dia de inverno para brincar de pique-pega com Ian e seus amigos. Meus pés estavam devastadoramente gelados, mas eu não queria sair do jogo nem por um minuto para entrar e calçar os sapatos. Em vez disso, afastei o frio da mente e continuei jogando. Queria me sentir daquele jeito de novo. Absorvida em alguma tarefa que me distraísse e me fizesse esquecer aquele frio penetrante e implacável.

"Escave a neve para procurar galhos secos ao redor das árvores", ouvi a voz de Jude me dizer em pensamento.

"Eu não posso", respondi, desolada. Não posso andar na neve; não tenho sapatos. Não posso escavar a neve; não tenho luvas.

"Resina de pinheiro. Queima como gasolina, lembra?", insistia a voz de Jude.

"E perder o pouco de energia que tenho procurando?", rebati.

Passei as mãos trêmulas nas fibras rígidas do tapete, me perguntando quanto tempo restaria até que eu ficasse como elas. Congelada. Foi enquanto olhava desanimadamente para o tapete que tive uma ideia: *os cigarros de Cal.*

Levantei a ponta do tapete. Lá, aninhados em um emaranhado de ervas daninhas marrons, estavam um maço de cigarros e uma caixa de palitos de fósforo. Frios, mas secos. Havia uma chance de acenderem.

Aquela pequena vitória me deu o gás de que eu precisava para agir. Por mais doloroso que fosse correr pela neve para encontrar gravetos, eu tinha que fazer isso. Elaborei depressa um plano antes que desistisse.

Eu podia construir uma estrutura usando a lenha que o sr. Versteeg mantinha empilhada perto da porta da cozinha. Eu havia visto um ninho de pássaro caído sob uma das árvores, e poderia desfazê-lo e aproveitar os gravetos para fazer fogo. Além de pinhas e de casca de árvore. Podia também raspar a seiva de pinheiro com minhas unhas.

Saí do canal batendo os dentes de frio e cambaleei na direção do vento. Cada rajada gélida parecia um tapa. Avancei aos tropeços, um pé ensopado de cada vez, e procurei me concentrar, até que meus pensamentos consistissem em apenas uma coisa: eu iria reunir tudo de que precisava para fazer uma fogueira, ou morreria tentando.

Parei de lutar contra o frio insuportável. Eu estava congelando, e aceitei isso. Concentrei minhas energias em escavar, com os dedos frágeis, a neve acumulada em torno das árvores, procurando casca de árvore, pinhas, galhos e folhas secas. Enfiava cada tesouro encontrado nos bolsos, parando apenas para trazer a sensibilidade de volta aos dedos. Então voltava ao trabalho, raspando e cavando.

Quando meus bolsos já estavam cheios, corri com passadas irregulares até o canal. Meus pés e mãos trabalhavam lentamente. Até o meu cérebro se arrastava, formando os pensamentos como uma engrenagem enferrujada que relutava para se pôr em movimento.

Eu sabia que construir uma plataforma era o primeiro passo, mas escolher as peças adequadas em meio aos recursos que garimpei foi extremamente difícil. Minha concentração parecia se dissipar. Mesmo tremendo, tentei pegar os maiores pedaços de madeira juntos.

Eu estava me cansando muito rápido. Minhas mãos tremiam de frio, e, com grande ponderação e frustração, tentei arrumar os galhos para formar uma tenda. Após vários minutos, eu tinha conseguido juntar seis ou sete gravetos na posição vertical. Desfiz o ninho de pássaro e cuidadosamente encaixei o material inflamável entre as pernas bambas da tenda. Meus dedos esbarraram em um dos lados, e a estrutura desabou. Com um grito de desespero, caí de joelhos, chupando os dedos para descongelá-los.

Comecei de novo. Um graveto de cada vez, ergui novamente a tenda. Dessa vez, me saí melhor. Não estava perfeita, mas eu esperava que fosse o suficiente. Risquei um fósforo na caixa, e vi uma fumacinha subir. Voltei a riscar o fósforo várias e várias vezes, até ele ficar gasto. Peguei outro e tentei de novo. E de novo. Minhas mãos tremiam descontroladamente. Se um dos fósforos não acendesse logo, eu temia não conseguir mais riscar o fósforo na caixa com a força necessária. Minha mão esquerda já estava muito rígida para manipulá-lo direito.

— Merda — esbravejei, exausta.

Então tive a ideia de riscar o fósforo em uma pedra. Não sabia por que isso não tinha me ocorrido antes. Meu bom senso começava a desvanecer rapidamente — meus dedos não

eram a única parte de mim entorpecida demais para agir. Felizmente a plataforma tinha mantido a pedra seca. E, lentamente, meu cérebro se esforçou para processar cada comando.

Pedra. Fósforo. Riscar. *Depressa.*

Foi com uma espécie de choque que vi o fósforo chiar e acender. Olhei para a chama dançante, meus olhos se enchendo de lágrimas de assombro. Com extremo cuidado, encostei a chama no material inflamável. Aos poucos, uma fumaça começou a sair, e então a pegar fogo. Após alguns segundos, os gravetos começaram a queimar. Quando os pedaços maiores de madeira também pegaram fogo, levei as mãos ao rosto com um soluço de alívio.

Uma fogueira.

Eu não ia morrer congelada.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Aconchegada junto à fogueira, esfreguei os dedos para recuperar a sensibilidade. A ideia de descansar um pouco era tentadora, mas eu sabia que o tempo estava passando. Não podia ficar ali sentada a noite toda — tinha que tirar Jude da cabana. Eu tinha vencido uma batalha, mas a guerra ainda não havia acabado.

Estremeci ao pensar no que estaria acontecendo entre as paredes de Idlewilde. Calvin não desistiria até conseguir recuperar o mapa. Ele provavelmente sabia como machucar Jude, como esgotá-lo. Se eu esperasse muito, temia que pudesse ser tarde demais.

Então um plano surgiu na minha mente. Endireitei o corpo, surpresa. Jude tinha encontrado uma maneira de entrar em Idlewilde sem usar a porta da frente ou a de trás. Eu precisava descobrir que acesso ele tinha usado.

Saboreei o calor pela última vez, me preparei para o frio iminente e saí do canal. Corri ao longo do perímetro da cabana, parando de janela em janela tentando abrir uma delas. Alguma tinha que estar destrancada. Era a única maneira de Jude ter entrado. Então, enquanto eu completava a volta na cabana, vi por onde ele entrara. Uma janela do porão fora quebrada.

Desci até lá. As ferramentas que ele tinha usado estavam aos meus pés: uma pedra grande e um pedaço de lenha. Jude tinha usado a pedra para quebrar o vidro, e a madeira, para tirar os cacos afiados da janela.

Tracei uma planta de Idlewilde na cabeça. O quarto logo depois da escada ficava no lado oposto da cabana. Jude devia ter vigiado a casa por algum tempo, determinado a posição de Calvin e a minha e entrado pelo lugar mais longe possível de onde estávamos, para minimizar a chance de ouvirmos o vidro quebrar.

Tinha sido um plano inteligente. Também significava que eu tinha que atravessar quase todos os cômodos da cabana para chegar até ele sem ser descoberta por Calvin.

* * *

Corri pela escuridão fria do porão. Subi a escada, abri a porta e dei uma olhada na cozinha. As luzes estavam apagadas, então passei depressa e adentrei a sala de jantar, me escondendo no final de uma parede enquanto examinava o cômodo. Dava para ver Korbie no sofá. Ainda estava inconsciente, mas Calvin colocara alguns cobertores sobre ela. De todos nós, Korbie era quem estava mais segura. Apesar do que Calvin fizera com ela, eu não achava que ele seria capaz de matar a irmã. O que significava que eu tiraria Jude dali, sairia para pedir ajuda e depois voltaria para buscá-la.

Meu casaco e minhas botas estavam perto da saída; peguei tudo antes de subir até o segundo andar, os rangidos suaves causados pelos meus passos parecendo ensurdecedores aos meus ouvidos. Parei para ouvir junto à porta. Nada. Entrei no quarto.

O cheiro de sangue e suor pairava no ar. A vela tremeluzia na mesa de cabeceira, projetando uma luz fraca sobre a figura imóvel no colchão. Os braços e pernas de Jude, embora amarrados, estavam relaxados, e sua cabeça pendia para o lado, aninhada no ombro sem ferimento. Por um breve e terrível momento, pensei que ele estivesse morto. Mas, quando me aproximei, vi que seu peito subia um pouco. Ele estava dormindo. Ou desmaiado. Pela quantidade de sangue nos lençóis, a segunda opção era a mais plausível.

Corri até a cama e puxei o lençol. A janela tinha sido fechada, mas assim mesmo uma corrente de ar frio invadia o quarto. Não queria deixá-lo ainda mais debilitado, mas precisava acordá-lo. Quando tirei os lençóis, no entanto, fiquei nervosa e enjoada. O motivo para os lençóis estarem encharcados de sangue ficou evidente.

A imagem foi suficiente para fazer meu estômago revirar. Levei a mão depressa à boca, contendo a vontade de vomitar. Havia vergões vermelhos e bolhas horripilantes por todo o peito de Jude. Mas as marcas em seu corpo não se comparavam ao inchaço em torno de seus olhos ou à pele em carne viva das maçãs de seu rosto. A região em volta do osso agora torto de seu nariz estava completamente escura e inchada, um pequeno balão roxo. Sua respiração chiava suavemente, mais um sinal de que seu nariz estava quebrado. Só a boca fora deixada intacta, porque certamente Calvin precisava que Jude falasse, pensei, amargamente. Ele precisava do mapa.

— Britt?

Ao som da voz fraca de Jude, apertei sua mão com força.

— Sim, sou eu. Você vai ficar bem. Estou aqui agora. Vai ficar tudo bem — falei, em um tom determinado e sereno. Não queria que minha voz transparecesse o quanto estava horrorizada ao vê-lo naquele estado.

— Onde está Calvin?

— Não sei. Ele pode voltar a qualquer momento, então precisamos nos apressar.

— Graças a Deus você está bem — murmurou. — Ele deixou você entrar?

— Não. Ele ia me deixar morrer lá fora — falei, com a voz falhando. — Entrei pela janela do porão.

— Minha Britt durona e determinada — disse ele, suspirando, cansado. — Eu sabia que você daria um jeito.

"Não sou durona", queria dizer a ele. "Estou com medo de nós dois morrermos." Mas Jude precisava que eu fosse forte naquele momento. E eu seria forte por ele.

— Você está muito mal? Precisa de um torniquete?

Havia ainda uma quantidade chocante de sangue vazando pela atadura em seu ombro. Eu tinha aprendido a fazer um torniquete no acampamento, mas não sabia se me lembrava direito. Jude teria que me dar as instruções.

— Não — disse ele com a voz rouca. — Foi de raspão. Como ele queria.

Olhei para Jude.

— Ele tem boa pontaria — falei, por fim.

— A maioria dos assassinos tem.

Não consegui rir da piada.

— Há outra cabana a um quilômetro e meio daqui. Com alguma sorte, encontraremos alguém lá. Se não tiver ninguém, podemos arrombar a porta e usar o telefone para chamar a polícia. — Eu estava orgulhosa da confiança que tinha conseguido imprimir à voz, mas uma preocupação enevoou minha mente. Jude não estava em condições de andar. Principalmente em meio a um frio tão rigoroso.

Mesmo com o rosto ferido e contraído de dor, Jude virou a cabeça para me olhar nos olhos.

— Já disse como você é incrível? A garota mais inteligente, mais corajosa e mais bonita que conheço.

Seu sussurro carinhoso me levou de novo às lágrimas. Limpei o nariz com as costas da mão, assentindo com entusiasmo e tentando demonstrar confiança. Disfarcei meus verdadeiros sentimentos — desespero, desesperança e medo —, pois o que eu menos queria era que ele os identificasse em meus olhos.

— Nós vamos sair daqui — falei, desatando os nós em volta de seus pulsos, arfando ao ver a pele esfolada; em seguida, libertei os tornozelos, grotescamente inchados e do tamanho de uma bola de tênis.

— Britt — sussurrou ele, fechando os olhos, e percebi com preocupação que sua energia se esvaía rapidamente. — Me deixe aqui. Vá buscar ajuda. Eu espero por você.

— Não vou deixar você com Calvin — falei, decidida. — Quem sabe o que ele vai fazer com você? Posso não conseguir voltar a tempo.

— Não consigo andar. Machuquei o tornozelo tentando me soltar. Acho que torci. Não se preocupe comigo. Calvin disse que demoraria um pouco a voltar.

Ele disse aquilo de maneira tão convincente que quase acreditei. Mas eu o conhecia muito bem. Ele tinha desistido de se salvar. Ele só tinha usado aquelas palavras tranquilizadoras para que eu saísse antes de Calvin voltar. O que, eu não tinha dúvida, não demoraria muito. Calvin não o deixaria sozinho por mais do que alguns minutos.

— Vou fazer um trenó com o lençol. E vou arrastá-lo para fora daqui.

— Descendo as escadas? — disse Jude, balançando a cabeça. — Nunca vou conseguir. Vá buscar ajuda. Calvin deixou uma arma na mesa de cabeceira. Leve-a com você.

Abri a gaveta e coloquei a arma no bolso. Esperava não ter que usá-la, mas eu atiraria em Calvin se precisasse. Desta vez eu não iria hesitar.

— Vamos calçar suas botas — falei, enfiando o pé esquerdo dele em uma bota o mais delicadamente possível.

Ele prendeu a respiração quando a bota passou pelo tornozelo inchado, e então ficou completamente imóvel. Seus olhos se fecharam e, desta vez, não voltaram a se abrir. Sua respiração voltou a ficar curta e irregular.

Ele tinha desmaiado.

Fiquei tonta, despreparada para um golpe de azar como aquele. Mas não desistiria sem lutar. Eu *iria* tirar Jude dali. Nem que precisasse arrastá-lo centímetro a centímetro.

Abotoei sua camisa e enfiei o outro par da bota no pé direito. Agarrei suas pernas e puxei-o para a beira do colchão, avançando poucos centímetros. Fiz mais progresso quando prendi os dedos no cós da calça jeans dele e usei o meu peso para puxá-lo para trás. Por fim, soltei os cantos do lençol embaixo dele e o arrastei para fora da cama com uma série exaustiva de puxões e empurrões. Seu corpo caiu no chão com um baque pesado, e, pela primeira vez, fiquei feliz por ele estar desmaiado. Assim, ele não sentiria dor.

Jude gemeu.

Não sentiria dor conscientemente, pelo menos.

O suor encharcava meu rosto, mas continuei fazendo força para puxá-lo pelo piso. Olhei para a porta atrás de mim com cautela, sabendo que Calvin estava em algum lugar além dela, mas não havia outra saída. Eu não podia tirar Jude dali em segurança pela janela do segundo andar.

Levei um instante para colocar minhas botas e meu casaco.

Inspirei profundamente mais uma vez para me acalmar.

Então abri a porta.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Olhei para os dois lados no corredor. Nenhum sinal de Calvin. Espiei por cima do corrimão para verificar se ele estava lá embaixo.

Aonde ele tinha ido? Procurar o mapa sozinho?

Arrastei Jude para o corredor. Examinei a escada íngreme de madeira, e concluí o que Jude já sabia: não havia como descer com ele por ali em segurança. O lençol não o protegeria das quinas afiadas dos degraus, e eu não tinha tempo para prender um travesseiro às suas costas.

— Acorde, Jude — sussurrei, ajoelhando-me ao lado dele e dando tapas firmes em suas bochechas.

Ele se mexeu, murmurando coisas sem sentido.

— Vamos descer a escada juntos.

Mesmo com o tornozelo torcido, se eu sustentasse um pouco do seu peso e ele apoiasse o restante na perna boa, juntos e bem devagar, conseguiríamos descer a escada.

— Britt?

A cabeça dele rolou para o lado, e bati um pouco mais forte em seu rosto para despertá-lo.

— Fique comigo, Jude.

Ele se encolheu ao meu toque. Felizmente, seus olhos se abriram. Peguei seu rosto nas mãos e olhei bem em seus olhos, desejando poder transferir parte da minha energia para ele.

— Vá embora logo, Britt. Antes que Calvin volte. — Então abriu um sorriso corajoso. — Não vou a lugar algum, prometo.

Aninhei a cabeça de Jude em meu colo, acariciando seu cabelo úmido com as mãos trêmulas. Eu precisava convencê-lo de que ele ia conseguir. Suas palavras me assustavam. Ele estava desistindo, e eu não podia fazer aquilo sem ele.

— Somos uma equipe, lembra? Começamos isso juntos e agora temos que terminar.

— Estou atrasando você. A verdade é que eu talvez não resista por muito mais tempo.

— Não fale assim — pedi, lágrimas quentes correndo por meu rosto. — Preciso de você. Não posso fazer isso sozinha. Prometa que vai ficar comigo. Você vai se levantar. Nós vamos descer a escada juntos. Quando eu contar até três.

As expressões de Jude se suavizaram, do jeito que eu imaginava que um corpo relaxava um pouco antes de morrer. Pouco antes de a dor chegar ao fim, com o descanso à vista. Ele desabou no meu colo, parecendo mais pálido do que antes.

Limpei as lágrimas com as costas das mãos. Eu teria que pensar em outra maneira de sair dali.

Então tive uma ideia. Rolei o corpo de Jude e o deixei de bruços. Passei os cotovelos sob seus ombros e o puxei em direção ao primeiro degrau. Suas pernas bateriam nos degraus enquanto descêssemos, mas antes elas do que sua coluna.

Desci os degraus de costas, um de cada vez, ofegante. Ele devia pesar uns noventa quilos. Felizmente, levando-o daquela maneira, eu distribuía a maior parte de seu peso pelas escadas. Infelizmente, eu poderia reabrir a ferida em seu ombro, causando uma dor excruciante. Por mais horrível que isso pudesse ser, eu precisava tirá-lo dali o quanto antes e me preocuparia com os danos que causei depois. Era melhor machucá-lo do que deixá-lo ali para ser morto por Calvin. No fim da escada, aproveitei o piso liso de madeira para deslizar o corpo até a porta da frente.

Ao abrir a porta, curvei os ombros para me proteger do açoite gelado do vento. A SUV de Calvin estava estacionada na entrada coberta de neve. Ele não tinha saído. Meus olhos correram ansiosamente para a floresta, enquanto eu tentava imaginar aonde ele fora.

Como se para pontuar meu pensamento, um gêiser de neve eclodiu bem perto dos meus pés, e, um instante depois, ouvi o forte estrondo de um tiro. Xinguei e arrastei Jude mais depressa em direção às árvores.

Mais quatro tiros em *staccato*. Rangendo os dentes, fiz força para puxar o corpo pesado de Jude. No minuto em que cruzei o limite escuro da floresta, os tiros cessaram.

— Britt? — disse Jude suavemente.

Caí de joelhos ao lado dele. O suor banhava seu rosto, e seus olhos vermelhos procuravam apressadamente ao redor.

— Onde ele está? Onde está Calvin?

— Nas árvores do outro lado de Idlewilde. Vi as rajadas de luz da arma dele. Está muito escuro para ele ver a gente. Ele vai ter que chegar muito mais perto se quiser dar um tiro certeiro.

— Se ele for esperto, vai vir atrás da gente agora. Ele não pode nos ver, mas também não podemos vê-lo. Isso dá a ele a oportunidade perfeita de se esgueirar e nos pegar de surpresa. — Jude pensou por um instante. — Você disse que há uma cabana a cerca de um quilômetro de distância. Vá para lá...

— Não vou deixar você sozinho.

Ele olhou para mim. Preocupado, fez força para se sentar.

— É claro que vai. Esta é sua chance. Não é uma oportunidade maravilhosa, devo admitir, mas é a melhor que você vai ter. Quanto mais esperarmos, maiores as chances de Calvin se aproximar para atirar ou arrancar você de mim.

Sem pensar, agarrei Jude e dei um beijo nele.

Ele tinha curvado o ombro bom para se proteger do frio, ou talvez para diminuir a dor, mas senti que seu corpo relaxou quando o toquei. Pensei que ele fosse me afastar, insistindo para que eu fosse embora logo, mas ele precisava de mim tanto quanto eu precisava dele. Estávamos enfrentando a morte; essa era a dura e fria verdade. E, ao nos aproximarmos dos minutos finais, não iríamos desperdiçá-los. Não se tratava de desejo. Era uma necessidade forte e urgente. Uma reafirmação da vida. Jude me puxou bruscamente para perto dele. Se eu estava fazendo seu ferimento doer mais, ele não parecia se importar.

Retribuiu meu beijo avidamente. Estávamos *vivos*. Mais vivos do que nunca em face da morte.

— Me desculpe por não ter acreditado em você — desabafei. — Eu estava enganada. Cometi um erro enorme. Acredito em você agora. Eu confio em você, Jude.

Seus olhos brilharam de alívio.

— Tem certeza de que não posso convencer você a correr até a outra cabana? — perguntou, pressionando a testa à minha.

Jude arfava suavemente, mas não por causa da dor. Ele parecia estar de volta à vida, reunindo forças para a luta. Havia uma determinação em seu rosto que dor alguma refrearia.

Fiz que não com a cabeça, também sem ar. Seu beijo fora uma injeção de adrenalina. Se antes sentia medo, isso não importava mais, porque agora eu tinha uma razão para continuar viva. E essa razão olhava bem dentro dos meus olhos.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

— Calvin não vai me matar antes que eu diga onde está o mapa — observou Jude friamente. — Ele acha que precisa encontrá-lo antes que um guarda-florestal ou um policial encontre.

— Onde está o mapa?

— Quando voltei ao nosso abrigo hoje de manhã depois de caçar e não a encontrei, soube na hora que você tinha vindo para Idlewilde. Eu sabia que Calvin era um assassino e que precisava encontrar você o mais rápido possível. Eu não tinha tempo para levar o mapa até a central da Guarda Florestal. Então o deixei sob a árvore. Blefei com Calvin. Ninguém vai encontrar o mapa sem ajuda. E, mesmo que encontrem, não vão saber o que significa. Vão jogar o mapa fora ou entregar a um guarda do parque. Mas não vou deixar Calvin descobrir que ele pode se safar dessa. Temos que fazer com que ele se sinta ameaçado, com medo de ser desmascarado a qualquer momento. Britt, vou fazer de tudo para você sair daqui viva. Você vai ter que mostrar à polícia onde o mapa está.

— Nós dois vamos sair daqui vivos — corrigi com firmeza.

— Calvin poderia atirar em você, para eliminar uma testemunha, mas acho que ele não vai fazer isso — continuou Jude, ignorando minha afirmação anterior. — Você é a última moeda de troca dele... se você morrer, ele sabe que não vou ter por que entregar o mapa. O plano dele é o mesmo de antes. Usar você para tentar me forçar a falar. E é por isso que vamos ficar juntos e ir atrás dele. Vamos tentar pegá-lo por trás e desarmá-lo. Depois, só precisamos mantê-lo preso até o entregarmos à polícia.

— E se *ele* nos pegar?

Jude olhou para mim sem falar nada, mas eu sabia a resposta. Na melhor das hipóteses, tínhamos cinquenta por cento de chance de pegá-lo.

Jude me beijou ardentemente. Eu me senti aquecida e tranquila enquanto ele me abraçava com força, e queria que ele não me soltasse nunca mais. Queria que pudéssemos ficar ali, abraçados, e que de alguma forma isso bastasse.

— Não temos que ir atrás de Calvin — sugeri em voz baixa. — Podemos caminhar até a cabana na estrada e ligar para a polícia. É o mais seguro a fazer.

— Ele matou minha irmã — disse Jude. — Não vou fugir. Quero justiça. Me dê a arma.

As sombras que se formavam em seus olhos me preocupavam. Toquei a manga de sua camisa.

— Jude, me prometa uma coisa. Prometa que não vai matá-lo.

Seus olhos se fixaram nos meus.

— Passei o último ano movido pela ideia de matá-lo.

— Ele não merece morrer.

Eu não estava mais apaixonada por Calvin, mas o conhecia desde criança. Já tinha visto seu lado bom e seu lado ruim. Era tarde demais para ajudá-lo, mas eu também não queria destruí-lo. Ele era irmão de Korbie. Meu primeiro amor. Tínhamos uma história.

Mas, o mais importante, eu não queria que Jude acabasse como Calvin. Um assassino.

— Ele merece coisa pior — disse Jude.

— Ele achou que matar fosse a resposta. Quero mostrar a ele que existem outros caminhos.

— Você está me pedindo para deixar vivo o homem que assassinou brutalmente minha irmã — disse ele, com a voz tensa.

— Ele vai ficar preso. Por muito tempo. Se parar para pensar, isso nem é realmente viver. Por favor, prometa.

— Não vou matá-lo — disse ele, por fim, de forma sombria. — Por você. Mas minha vontade é fazer isso.

Entreguei a arma a ele, torcendo para não estar cometendo um erro.

Jude viu que a arma estava carregada.

— Quando isso acabar, vou dar a Lauren um enterro digno. Com a família e as pessoas que a amavam presentes. Ela merece isso.

Baixei os olhos.

— O corpo na despensa. A garota usava um vestido justo preto. Era Lauren, não era?

Lágrimas marejaram os olhos de Jude. Ele olhou para o céu escuro, piscando para secá-las. Jude sabia que era ela desde que eu lhe contara que tinha encontrado o corpo, mas só agora seus ombros estremeceram e sua respiração acelerou. Ele havia guardado a dor, porque precisava ser forte. Por mim. Ele não poderia me proteger se estivesse focado nela.

— Ela o perdoou, Jude. Você tem que acreditar nisso. Ela decidiu sair para beber. Decidiu sair de lá com Shaun. O que aconteceu depois disso é horrível e imperdoável, e não estou dizendo que ela merecia ser morta, porque com certeza não merecia... *ninguém* merece... Mas, em algum momento, ela tinha que parar de contar com você para salvá-la e aprender a salvar a si mesma — falei, do fundo do coração, com uma intensidade que eu jamais conseguiria explicar a Jude.

Eu precisara ficar presa com ele para ver como era dependente do meu pai, de Ian e de Calvin. Jude tinha me ajudado a ver que eu precisava mudar. E tinha estado ao meu lado enquanto eu dava os primeiros e assustadores passos para transformar minha atitude. E agora cabia a mim decidir o que faria com aquela força e independência recém-descobertas.

Jude deixou escapar um ruído atormentado do fundo da garganta.

— Se ao menos eu conseguisse me perdoar... Não paro de me perguntar por que Calvin fez isso. — Ele enxugou os olhos com a manga da camisa. — Preciso saber o motivo, porque, na minha mente, tem que haver uma explicação lógica, quando, na realidade, não há nada de lógico na mente de um assassino.

— Calvin se ressentia porque Lauren tinha entrado para Stanford e ele, não. Ele passou a vida inteira sendo levado a acreditar pelo pai que mulheres são, de alguma forma, inferiores, e pensar que alguém inferior a ele pudesse ter obtido mais sucesso era algo que

o matava por dentro. — Ao explicar as motivações de Calvin, percebi como eram frívolas e insignificantes. O que só tornava a violência dele ainda mais incompreensível.

Jude olhou para mim.

— Calvin a matou porque ela entrou para uma faculdade para a qual ele nem queria ir? — Ele balançou a cabeça com desgosto e tristeza. — Foi por isso que ele pegou o boné dos Cardinals dela?

— Como assim?

— O boné dos Cardinals que Calvin deu a você. Era da Lauren. A mancha amarela em cima… não era mostarda, era tinta. Eu estava com ela quando isso aconteceu. Pintamos o quarto dela de amarelo juntos. Amarelo com listras pretas — disse Jude, em um tom tranquilo, mas vi a angústia em seus olhos. — Calvin levou o boné como um símbolo de seu triunfo sobre ela, como se ele tivesse tomado de volta o que era seu por direito.

O boné nem sequer pertencia a Calvin. Eu tinha passado o ano anterior agarrada a ele, porque não estava pronta para desistir de nós dois. Achava que o boné era dele e queria senti-lo perto de mim. Mas eu estava me apegando a algo que não era real. Aquilo doía, mas, estranhamente, também tornava mais fácil deixá-lo para trás de uma vez por todas.

De repente, Jude ergueu o rosto para o céu.

— Está ouvindo isso?

Parei para ouvir e identifiquei o ruído distante de um motor, que vinha na nossa direção.

— O que é?

— Um helicóptero.

— A polícia? — sussurrei, relutante em nutrir esperanças tão rápido.

— Não sei. — Ele me encarou. — Alguém pode ter encontrado o seu carro abandonado e pedido ajuda. Podem estar procurando você e Korbie. — Ele fez uma pausa. — Mas acho difícil já terem mandado um helicóptero para cá agora à noite e com este tempo.

— São eles. — Disse a mim mesma que tinha que ser a polícia. Eu não podia suportar a ideia de não ter ninguém vindo em nosso socorro. Enterrei o rosto no ombro de Jude. — É a polícia. Ou a equipe de busca e salvamento. Eles vão nos encontrar. Vamos ficar bem.

Percebi, pela tensão e a rigidez de seu corpo, que ele não tinha tanta certeza e que preferia agir com cautela. Ele acariciou meu cabelo com tranquilidade, mas sua voz deixava transparecer a dúvida.

— Mesmo que seja uma equipe de busca, não podemos correr a céu aberto e fazer sinal para eles. Não sei se Calvin atiraria em nós com testemunhas por perto, mas não quero correr nenhum risco. Até pegarmos Calvin, vamos ficar escondidos entre as árvores, tudo bem?

Caminhamos pela neve, avançando pela floresta e dando a volta pelos fundos de Idlewilde. Ainda que Jude estivesse logo à frente, mancando, eu me sentia sozinha. A floresta estava sombria e escura. Qualquer coisa podia estar à espreita. Eu sentia os olhos das árvores em mim. Será que Calvin estava nos observando?

De repente, ouvi um ruído suave de passos atrás de mim. No mesmo instante em que me virei, Calvin saltou agilmente em meio à neve, caindo agachado perto de mim.

— Jude! — gritei.

Jude se virou e apontou a arma para Calvin, que parou abruptamente e mirou em mim. Ficamos os três paralisados.

— Se atirar em mim, eu atiro nela — ameaçou Calvin.

— Você está ouvindo o helicóptero lá em cima — disse Jude. — É a polícia. Acabou, Calvin. Eles acharam o mapa. Estão vindo atrás de você. Você vai para a cadeia.

— Isso é um helicóptero de vigilância — disse Calvin com desdém. — Provavelmente de busca e salvamento. Alguém deve ter encontrado o carro da Britt na estrada e pedido ajuda. Eles não podem nos ver aqui embaixo. Bela tentativa de me intimidar, mas não estou com medo.

— Tenho certeza de que você está com medo — disse Jude. — Não de ser pego, mas de nunca estar à altura. Você está com medo do fracasso. É assim que escolhe seus alvos. Que tipo de homem gosta de dominar garotas indefesas? Vou dizer a você: nenhum. É frustrante perceber que você não é um homem de verdade, Cal?

Respirei fundo. Ele estava tentando fazer Calvin perder o controle?

— Vai ser bom matar você — disse Calvin, entre os dentes cerrados.

— Claro que vai — respondeu Jude, em um tom despreocupado. — Estou ferido, e é disso que você gosta, não é? Um alvo fácil.

Um sorriso indolente e ardiloso se abriu no rosto de Calvin.

— Gastei um tempo com elas, principalmente com Lauren. Cada chute, cada contorcer, cada brilho de pânico nos olhos dela... fiz tudo para prolongar isso, me senti invencível com todo aquele poder e controle — continuou ele, sabendo exatamente o que dizer para perturbar Jude. — Só lamento não ter ouvido os gritos dela, mas amarrei a corda em volta do seu pescoço com tanta força que ela não deu um pio...

Os olhos de Jude arderam de ódio, e então tudo aconteceu rapidamente.

Jude partiu para cima de Calvin, agarrando o pulso dele e derrubando a arma longe. Em seguida, deu um soco no rosto de Calvin, que cambaleou para trás, gritando e segurando o nariz.

— Você quebrou meu nariz! — gritou Calvin, furioso.

Jude pegou a arma de Calvin e a apontou para ele.

— Hoje é seu dia de sorte, então. Existem mais duzentos e cinco ossos em seu corpo que eu gostaria de quebrar. Mãos na cabeça.

Com o rosto pálido, Calvin deixou escapar uma risada nervosa.

— Você não atiraria em mim. Britt, você não vai deixá-lo fazer isso. Eu conheço você.

— Não fale com ela — disparou Jude. — Você não merece falar com ela. É um desgraçado inútil que não merece viver.

Calvin pareceu assimilar as palavras de Jude, piscando várias vezes. Então balançou a cabeça, os olhos vazios e sem foco.

— Você não é a primeira pessoa a me dizer isso.

— Como você encontrou as garotas? — perguntou Jude, sem rodeios. — Você deve ter pesquisado sobre elas ou algo do tipo.

— Calvin trabalhou com Macie como guia de rafting — falei. — Provavelmente a matou quando descobriu que ela ia para Georgetown no outono. E Kimani estudava em Pocatello High, escola rival da nossa. Ele sabia que ela devia ir para Juilliard. Todos na cidade sabiam.

— Meu pai vai me matar — disse Calvin, atordoado. — Não posso acreditar que ele ganhou.

O que quer que ele tenha dito em seguida foi engolido pelo *vump-vump* barulhento das hélices do helicóptero. O estrondo foi tão grande que achei que o helicóptero estivesse passando exatamente acima de nossas cabeças. Ignorei o conselho de Jude; se visse um holofote por perto, sairia correndo para pedir ajuda.

Calvin ergueu a cabeça em direção à cúpula negra que pairava sobre ele. Sua expressão foi da descrença à compreensão. Uma sombra de derrota atravessou seu rosto, um olhar melancólico, impotente, quase infantil.

Ele juntou os pulsos, estendendo-os na direção de Jude.

— Vá em frente. Me amarre. — Sua voz falhou e ele começou a chorar. — É melhor mostrar ao meu pai que sei receber minha punição como um homem.

Naquele momento, meu coração se despedaçou. Queria abraçar Calvin e dizer a ele que ia ficar tudo bem, só que não ia. Nada estava bem. Ele não estava bem. Aquela versão distorcida e doentia dele estava além de qualquer ajuda. Eu me perguntava o que o sr. Versteeg diria quando descobrisse o que Calvin tinha feito. Será que se sentiria responsável? Acho que não. Ele evitaria Calvin, mantendo distância da desgraça do filho.

Jude juntou os braços de Calvin nas costas.

Comecei a chorar. Eu me sentia vazia por dentro, mas não achava que estava triste. Ou talvez estivesse. Triste porque tinha amado Calvin, e não entendia como o garoto por quem eu me apaixonara tinha se transformado em uma pessoa tão cruel e destrutiva. Triste porque eu teria feito qualquer coisa para ajudá-lo. Mas agora já não sabia se isso era possível.

— Onde estão as coisas da Lauren? — perguntou Jude. — Onde você colocou?

— No canal atrás de Idlewilde — respondeu Calvin, com uma resignação serena.

— Eu estava lá — falei. — E não vi nada.

— Há uma tábua solta na parte de baixo da passarela. — Os ombros de Calvin estavam caídos, o queixo enfiado no peito. — Se você a tirar, vai ver um espaço oco em cima. Coloquei tudo em um envelope.

Não parecia ser nem um pouco do feitio de Calvin nos ajudar, mesmo que ele tivesse percebido que estava encurralado e que não havia como fugir. Será que fora necessária uma derrota para mudá-lo? Antes que eu desvendasse as verdadeiras motivações de Calvin, Jude apontou para a cabana com o queixo, indicando que deveríamos entrar.

— Vamos amarrá-lo primeiro.

Já na cabana, Jude empurrou Calvin até uma das cadeiras da cozinha. Subi para pegar a corda que Calvin tinha usado para amarrar Jude, e, juntos, prendemos os pulsos e os

tornozelos de Calvin à cadeira. Ele não lutou. Ficou imóvel, olhando para o nada.

— Acho que isso prova que eu nunca fui bom o suficiente — disse Calvin. — Não fui bom o suficiente para ser o cara que você queria. Não fui bom o suficiente para Stanford. Nem mesmo bom o suficiente para escapar impune de um assassinato. — Ele riu, um som sufocado e infeliz. — Pena que eu não nasci menina. Korbie vem escapando impune de assassinatos a vida toda.

Jude se virou para mim.

— Me mostre o canal.

CAPÍTULO QUARENTA

Jude e eu checamos todas as tábuas da passarela. Duas vezes. Mas todas estavam bem presas.

— Ele mentiu — concluiu Jude. — Não há nada aqui.

— Por que ele mentiria?

Jude e eu nos entreolhamos. Imediatamente corremos até a escada e saímos do canal o mais rápido possível.

Cheguei a Idlewilde primeiro e fui direto para a cozinha. Meus pés perderam a capacidade de se mover no instante em que vi o corpo de Calvin balançando, pendurado pelo pescoço no lustre da cozinha. Atrás de mim, Jude falou um palavrão e correu, endireitando a cadeira caída debaixo dos pés de Calvin, que se moviam espasmodicamente. Ele subiu na cadeira de um pulo, para conseguir alcançar a corda, desfazer o nó e descer o corpo.

— Faca! — ordenou.

Peguei uma na gaveta e Jude arrancou-a da minha mão, serrando violentamente a corda. As últimas fibras se romperam e Calvin caiu no chão, esparramado.

Coloquei a mão em seu pescoço para sentir a pulsação. Nada. Tentei os pulsos, depois voltei para o pescoço, pressionando os dedos contra a barba rala dele. Por fim, senti uma pulsação fraca mas constante.

— Ele está vivo!

Jude encarou os olhos abertos porém vazios de Calvin. As duas pupilas estavam totalmente dilatadas, deixando seus olhos quase inteiramente pretos. Um ruído choroso e incompreensível escapou de seus lábios. Um fluido claro escorreu de seu nariz.

— Acho que não chegamos rápido o bastante — disse Jude, ajoelhando perto de mim e virando delicadamente minha cabeça para o outro lado.

Lágrimas enevoaram meus olhos.

— O que ele tem?

— Lesão cerebral, acho.

— Será que ele vai ficar bem? — perguntei, chorando ainda mais.

— Não — respondeu Jude, com sinceridade. — Acho que não.

O tempo pareceu se estender e se arrastar, e, enquanto eu observava o corpo de Calvin convulsionar no chão, fui invadida por uma onda de lembranças. Dizem que, quando você está prestes a morrer, sua vida passa diante dos seus olhos. Mas nunca dizem que, quando você vê alguém que já amou morrer, pairando entre esta vida e a próxima, é duas vezes mais doloroso, porque você está relembrando duas vidas que percorreram um caminho juntas.

Em um piscar de olhos, o tempo se contraiu, me puxando de volta para a cozinha. Lembrei por que o *clap, clap, clap* ensurdecedor de um helicóptero trovejava acima. Lembrei por que meus pés e minhas mãos latejavam de frio, por que o sangue de Jude encharcara as mangas do meu casaco.

Segurei a mão de Jude e, juntos, corremos para fora, estreitando os olhos em meio ao vento forte que soprava do helicóptero pairando sobre a clareira atrás de Idlewilde.

— Parece um helicóptero particular — gritou Jude, para que sua voz não fosse abafada pelo barulho do motor.

— É o helicóptero do sr. Versteeg! — gritei em resposta.

— Estou vendo dois voluntários da equipe de busca e salvamento e um homem com um rifle. — Ele apontou para as sombras no lado oposto do quintal, diretamente abaixo do helicóptero. — Devem ter usado cordas para descer.

Duas figuras de vermelho com capacete branco correram pelo gramado coberto de neve. Reconheci o homem atrás deles, o homem que carregava o rifle. Deputado Keegan. Ele e o sr. Versteeg caçavam alces juntos todos os anos no Colorado.

Gritei de alívio, acenando freneticamente. Eles não podiam me ouvir por causa do ruído do helicóptero, mas tinham lanternas. E nos veriam a qualquer momento.

— Você vai contar à polícia sobre Calvin — disse Jude, com urgência na voz. — Vai mostrar o mapa a eles.

Lágrimas quentes de alegria escorriam pelo meu rosto. Tinha acabado. O pesadelo finalmente tinha acabado.

— Sim.

— Me desculpe por ter que fazer isso, Britt — disse Jude.

Então ele me agarrou por trás e colocou a arma de Calvin na minha cabeça. Depois, usando meu corpo como escudo, me arrastou para trás, afastando-se dos voluntários de busca e salvamento e do deputado Keegan, que atravessavam a neve em nossa direção.

— Fiquem onde estão ou vou matá-la — gritou Jude.

Uma sensação horrível subiu pela minha garganta, mas consegui balbuciar uma indagação.

— Jude? O que você está fazendo?

— Eu disse para ficarem onde *estão*! — gritou Jude de novo para os homens. — Estou fazendo Britt Pfeiffer refém, e vou matá-la se vocês não fizerem exatamente o que eu disser.

Fomos iluminados pelo holofote do helicóptero, e fiquei momentaneamente cega. As hélices sopravam neve dos galhos, e cheguei a levantar o braço para me proteger. Por que Jude está dizendo que sou sua refém? Deveríamos estar correndo *na direção deles*, e não para longe. Jude me arrastou para a floresta, o braço envolvendo meu tronco e me machucando. Ele avançava erraticamente por entre as árvores, mas o holofote nos encontrou facilmente. E também tornou visível o forte contraste do sangue vermelho de Jude na neve imaculada aos nossos pés. Seu ferimento estava sangrando cada vez mais.

Quanto mais para o interior da floresta corríamos, mais árvores apareciam em nosso caminho. Era difícil dizer onde uma árvore terminava e a outra começava. O holofote nos

seguia, mas com dificuldade. Sob a espessa cobertura, Jude era capaz de se esquivar para os pontos cegos do piloto, atrás de pedras e sob árvores caídas, e, cada vez que reaparecíamos, levava mais tempo para o helicóptero achar nosso rastro.

Jude me puxou para um grande pinheiro, esmagando-nos sob o abrigo dos seus galhos. Eu estava presa, de costas para Jude, sentindo sua respiração ofegante no meu ouvido. Havia uma quantidade assustadora de sangue aos nossos pés. Seus ferimentos eram graves, e eu sabia que ele estava prestes a desabar. Ele não conseguiria ir muito mais longe antes de desmaiar pela perda de sangue ou entrar em choque em razão do esforço excruciante que exigia do corpo debilitado. Eu estava espantada por ele ter forças para me arrastar, e até a si mesmo, pelo terreno irregular.

O brilho claro do holofote vasculhou freneticamente o chão e, em seguida, correu na direção errada.

— O que você está fazendo? — gritei. — A arma não está nem carregada... vi você esvaziá-la depois que amarramos Calvin. Você disse a eles que sou sua refém. Só está piorando as coisas. Temos que ir até lá e contar tudo ao deputado Keegan... que você salvou minha vida e que só estava com Shaun para encontrar o assassino da Lauren.

— Quando eu mandar, quero que você corra o mais rápido possível em direção a eles. Corra com as mãos levantadas e visíveis, e grite seu nome sem parar, entendeu?

— Por quê? — perguntei, chorando. — Por que você está fazendo isso? Eles vão caçar você. Vão prendê-lo, se não atirarem em você primeiro!

— Eles já iam me prender. — Jude agarrou meu braço, forçando-me a passar pela neve espessa e ir para outro pinheiro. — Me faça um favor. Não mencione Jude Van Sant. Diga a eles que meu nome é Mason. A história da Korbie vai bater com a sua. Vocês foram feitas reféns por dois homens, Shaun e Mason; diga isso a eles.

— Porque Mason não existe mais.

Jude passou a mão pelo meu rosto molhado, secando-o.

— Sim. Estou deixando Mason aqui nas montanhas — disse ele, baixinho. — Ele terminou o que veio fazer.

— Vou ver você de novo? — perguntei, a voz falhando.

Ele me puxou para junto de seu corpo e me deu um beijo longo e apaixonado. Soube na hora que aquele era um beijo de despedida. Eu estava perdendo Jude. Não queria deixá-lo ir embora. Aquilo não era Síndrome de Estocolmo. Eu tinha me apaixonado por ele.

Tirei o casaco.

— Leve isso, pelo menos — falei, cobrindo seus ombros trêmulos com meu casaco. Ficou comicamente apertado, mas eu nem sequer conseguia rir. Nada daquilo era engraçado. Eu tinha tanta coisa a dizer, mas não havia palavras em um momento como aquele. — Vou dizer a eles que você está indo para o Canadá. E que planeja se esconder lá. Será que isso ajuda em alguma coisa?

Jude olhou para mim com imensa gratidão.

— Você faria isso por mim?

— Somos uma equipe.

Ele me deu um último abraço.

— Agora *corra* — disse ele, me empurrando para uma área aberta.

Cambaleei para a frente na neve profunda, perdendo o equilíbrio. Assim que consegui ficar de pé, me virei.

Ele tinha desaparecido.

Um instante depois, o holofote me banhou em um cone de luz ofuscante. Ouvi uma voz de homem gritando comandos no alto, através de um alto-falante. Era o sr. Versteeg. Os dois voluntários e o deputado Keegan se aproximaram. Levantei os braços e corri em direção a eles.

— Meu nome é Britt Pfeiffer! — gritei. — Não atirem.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Uma chuva fininha batia na janela do meu quarto, caindo sob as luzes da rua. Pelo menos não era neve.

Seis dias tinham se passado desde que eu saíra voando da montanha no helicóptero do sr. Versteeg. Fiquei sabendo que um guarda do parque encontrara meu carro abandonado na beira da estrada e notificara a polícia, que por sua vez avisara ao meu pai e aos pais da Korbie que não tínhamos chegado a Idlewilde.

Antes que a polícia fizesse qualquer coisa, o sr. Versteeg acionara seus contatos e imediatamente contratara uma equipe de busca e salvamento e, junto com eles, partira em seu helicóptero para nos procurar. Será que o sr. Versteeg teria ficado tão ansioso para chegar a Idlewilde se soubesse o que encontraria?

Depois de ter sido tratada no hospital por hipotermia e desidratação, prestei meu depoimento completo na polícia. Contei a eles onde encontrariam o mapa de Calvin. Expliquei também onde encontrariam os restos mortais de Lauren Huntsman. Os pais dela pegaram um voo até lá para resgatar o corpo da filha, e o acontecimento foi transmitido por todas as emissoras locais. Eu não assisti. Não podia ver os Huntsman sem me lembrar… dele.

Eu não falava com Korbie desde aquela noite em Idlewilde. O celular dela estava desligado, e eu não sabia ao certo se ela e os pais estavam na cidade. As luzes na casa dos Versteeg estavam apagadas. Talvez eles só quisessem despistar os repórteres acampados em seu jardim.

Eu não sabia o que diria quando encontrasse Korbie. Eu havia contado à polícia sobre Calvin, e tinha certeza de que ela via isso como uma espécie de traição. Assim como sua família toda. Por minha causa, os segredos de Calvin tinham sido revelados.

Quanto a Jude, eu não me permitia pensar nele. Ele havia fugido para a floresta sangrando, exausto e sem roupas suficientes para enfrentar o frio congelante. Havia encarado a exposição ao tempo e à inanição. Suas chances de sobrevivência eram mínimas. Será que uma pessoa fazendo trilha se depararia com seu corpo congelado dali a algumas semanas e eu ficaria sabendo de sua morte no noticiário? Fechei os olhos e esvaziei a mente. Doía demais pensar.

Desci para fazer um lanche antes de dormir, feliz por encontrar Ian apoiado no balcão da cozinha, comendo um sanduíche de manteiga de amendoim.

Ian e eu brigávamos bastante, mas ele vinha sendo atipicamente doce comigo desde que voltei para casa, e eu estava mesmo precisando da companhia dele naquela noite.

Ian passou manteiga de amendoim em outra fatia de pão, dobrou-a ao meio e enfiou tudo na boca.

— '*Er um*? — resmungou.

Fiz que sim e peguei o pote e uma faca para fazer o sanduíche eu mesma. Ian me olhou com evidente espanto enquanto eu espalhava a manteiga de amendoim pelo pão.

— Você sabe mesmo fazer um sanduíche? — brincou.

— Para de drama.

— Meu pai disse que você lavou sua roupa hoje. É verdade? — perguntou ele, arregalando os olhos para fingir espanto. — Quem é você e o que fez com a minha irmã?

Revirei os olhos com desdém e tomei impulso para subir no balcão da cozinha.

— Caso eu não tenha dito isso recentemente, estou feliz por você ser meu irmão mais velho. — Dei um tapinha carinhoso na sua cabeça. — Mesmo quando você implica comigo.

— Quer ver um filme?

— Só se você escovar os dentes primeiro. Esse seu hálito fedendo a manteiga de amendoim e pipoca é nojento.

Ele suspirou.

— Bem quando eu pensei que você tinha mudado…

Nós nos jogamos nos pufes da sala e Ian ligou a TV. Passava o noticiário das dez horas.

Uma repórter dizia:

"Calvin Versteeg está preso no Centro de Detenção de Teton County, acusado de quatro assassinatos em primeiro grau e duas tentativas de homicídio. Fontes nos informaram de que Versteeg com certeza será declarado incapaz de ser levado a julgamento. Ele sofreu graves danos cerebrais durante uma tentativa de suicídio pouco antes de sua prisão e de ser levado a um hospital psiquiátrico para receber tratamento adequado."

— Quer que eu desligue? — perguntou Ian, olhando para mim com preocupação.

Fiz um gesto para ele ficar quieto e me inclinei para a frente, olhando atentamente para a televisão. Era uma filmagem aérea de Calvin sendo levado para o centro de detenção em uma cadeira de rodas. Repórteres e equipes de filmagem tentavam chegar o mais perto dele que a polícia permitia, tirando fotos e enfiando microfones em sua cara, mas meus olhos correram para um homem nos arredores da multidão.

Ele usava um casaco de penas de ganso e um jeans escuro lavado que pareciam novos. Minhas mãos começaram a suar. Sua cabeça estava abaixada, protegendo-o das câmeras, mas ele quase parecia…

A repórter continuou:

"Versteeg se formou na Highland High School, em Pocatello, no ano passado e disse aos familiares e amigos que estava frequentando a Universidade de Stanford este ano. O escritório de admissões de Stanford confirmou que Versteeg se candidatou à faculdade, mas não foi aceito. O pai de Calvin Versteeg, contador, e sua mãe, advogada, não se pronunciaram sobre a prisão do filho e não retornaram nossas ligações. Entrevistamos Rachel Snavely, aluna do último ano da Highland High, que frequentava a escola com Versteeg desde o ensino fundamental. A respeito do assunto, ela disse: 'Não posso acreditar que Calvin tenha matado aquelas garotas. Ele não machucaria ninguém. Era um

cara legal. Fui a uma festa na piscina em sua casa no verão passado. Ele foi um perfeito cavalheiro.'"

— Pode desligar agora — falei, me levantando, em transe.

Ian obedeceu.

— Não era para você ter visto isso. Você está bem?

Fui até a janela. Encostei a mão no vidro, procurando na escuridão melancólica da rua lá fora, rezando para ver uma figura nas sombras olhando fixamente para mim.

Eu não o vi, mas ele estava lá em algum lugar.

Jude estava vivo.

* * *

Naquela noite, eu sentia muito calor ou muito frio.

Acordei às seis da manhã embolada nos cobertores. Desisti de dormir e saí para correr. Estava com muita adrenalina e com muita energia, o que me deixava inquieta. O céu estava nublado, ameaçando mais chuva. E, surpreendentemente, refletia meu humor.

Corri pelo parque, balançando os braços com força, tentando deixar Jude para trás. Ele não ia voltar. Tinha feito o que havia planejado. Sua vida como Mason tinha acabado. Àquela altura, devia estar em um avião de volta para a Califórnia para retomar sua vida como Jude Van Sant. Eu já não fazia mais parte de sua vida.

Eu sabia que não fazia o menor sentido ficar irritada com Jude. Ele cumprira as promessas que havia feito a mim. Mas eu estava envolvida demais para que meus pensamentos fizessem algum sentido. Precisava dele agora. Éramos uma equipe. Eu me sentia traída sabendo que nunca iríamos dirigir com as janelas do carro abaixadas, cantando junto com o rádio a plenos pulmões. Nunca fugiríamos para ver um filme de madrugada e ficaríamos de mãos dadas no escuro. Nunca faríamos uma guerra de bolas de neve. Depois de tudo pelo que tínhamos passado, eu não merecia bons momentos com ele também?

Não era justo. Por que ele partira daquela forma? E quanto ao que eu queria? Arranquei os fones de ouvido com raiva e dobrei o corpo para a frente, recuperando o fôlego. Não ia chorar por causa dele. Eu não sentia nada. Tinha certeza de que não sentia nada.

Assim que eu conseguisse tirá-lo da cabeça, perceberia que aqueles sentimentos não eram reais. Tínhamos ficado presos juntos sob circunstâncias terríveis, e, por causa disso, eu me ligara muito a ele. Um dia desses eu me lembraria daquela noite sob a árvore e riria de mim mesma por pensar que gostava dele. Isso se eu quisesse me lembrar daquela noite.

Fiz uma curva, e um homem cruzou meu caminho. Parei de repente. Era cedo, as sombras da manhã escurecendo o caminho ladeado de árvores à frente. Ele estava usando uma jaqueta de couro e carregava uma bolsa de viagem pendurada no ombro, como se estivesse prestes a embarcar em um avião.

Minha boca ficou seca e minhas mãos começaram a tremer. Ele estava limpo. Usava roupas novas e tinha se barbeado. Mas, apesar de tudo isso, não parecia inofensivo.

Pequenos cortes ainda marcavam seu rosto e os hematomas não tinham desaparecido por completo. Sob a fraca luz da manhã, ele parecia perigoso.

A jaqueta caía como uma luva em seus ombros musculosos, e estremeci ao me lembrar da sensação de tocar sua pele macia. Eu me lembrava daquela noite sob a árvore em detalhes vívidos; do gosto do beijo de Jude, de me sentir aquecida e segura junto a ele.

Minha vontade sair correndo e me atirar em seus braços, mas não me mexi.

— Você voltou — falei.

Ele chegou mais perto.

— Levei quatro dias para sair da montanha. Não me permitia parar de andar, com medo de congelar se descansasse. Usei seu casaco como atadura, então agradeço por isso. Na base da montanha, encontrei uma loja com um caixa eletrônico e peguei dinheiro suficiente para me esconder em um hotel até estar descansado. Depois disso, o plano era pegar um avião para a Califórnia. Eu estava pronto para fechar esse capítulo da minha vida e voltar a ser Jude Van Sant. E achava que nada me impediria. — Ele olhou no fundo dos meus olhos. — Mas eu continuava acordando no meio da noite, assombrado por um rosto familiar.

— Jude — falei, com a voz embargada.

Ele se aproximou mais e segurou minhas mãos.

— Você guardou meu segredo. Não tenho como lhe agradecer.

— Eu entendo por que você fez o que fez.

— Lauren merecia justiça. Assim como Kimani e Macie. Mas nem todos teriam concordado com a forma que usei para consegui-la. Shaun fez você e Korbie reféns, atirou em um policial e matou um guarda-florestal... e eu estava com ele quando tudo aconteceu. Teria vindo à tona durante o julgamento que eu estava vivendo uma mentira e que era inteligente o bastante para escapar ileso dela. Uma pessoa normal tem todos os motivos para ter medo de alguém como eu. Eu iria para a cadeia de qualquer forma.

Ele tinha razão. Eu sabia que tinha. Também sabia que ele estava correndo um risco enorme indo ali. Não me permiti fantasiar sobre o que significava para mim — para nós — o fato de ele ter aceitado correr o risco de ser descoberto e preso para me ver.

— E agora? — perguntei. — E quanto a nós?

Algo no rosto de Jude mudou. Ele baixou o olhar. Logo percebi que tinha entendido errado. Eu não ouviria a resposta que queria. Ele ia partir meu coração.

— Nós passamos por uma experiência muito intensa e agora temos que voltar à vida normal, mesmo que seja um tipo novo de normal. Você precisa ser uma aluna de ensino médio normal. É seu último ano. É um momento importante. Você tem que celebrar com seus amigos e planejar o futuro. Eu tenho que ir para casa. Preciso passar por esse momento de luto com a minha família.

Ele estava terminando comigo. Aquele era o fim da nossa história. Quatro dias turbulentos. Foi tudo o que tive. E eu não deveria me importar. Porque aqueles sentimentos não eram reais. Nas montanhas frias e implacáveis, Jude tinha me ajudado a continuar viva. Eu estava confundindo minha gratidão por ele com outra coisa. A batida

irregular do meu coração quando pensava em perdê-lo era fruto de um medo irracional, de eu achar que ainda precisava dele.

— Eu não quero estragar isso — disse Jude, examinando meu olhar.

Ele queria ter certeza de que eu estava bem. De que ele não estava me magoando. Eu não poderia deixá-lo saber que meu coração parecia que estava sendo cortado ao meio. Por que eu estava sofrendo tanto se a conexão entre nós era imaginária?

— Aqui está meu número — disse ele, me entregando um pedaço de papel. — Se precisar conversar, ligue a qualquer hora do dia ou da noite. Estou falando sério, Britt. Sei que você acha que isso é um fora, mas estou fazendo o que acho que é certo. Talvez eu esteja errado. Provavelmente vou me arrepender disso. Mas tenho que fazer o que acredito que seja o melhor, mesmo que não seja fácil.

É claro que era um fora. E por que não? O pesadelo que tinha nos reunido havia acabado. Jude estava certo. Era hora de seguirmos nossos caminhos separados.

— Não, está tudo bem. Você está certo. Fico feliz por você ter vindo se despedir — falei, baixinho. — E sinto muito por Lauren. Gostaria que a história dela tivesse terminado de uma forma diferente.

— Eu também.

Sem saber o que mais eu poderia dizer, coloquei de volta os fones de ouvido.

— Acho melhor terminar minha corrida. Foi bom conhecer você, Jude.

Ele parecia triste, angustiado e impotente.

— Boa sorte na vida, Britt.

Corri para longe dele, mordendo o lábio e segurando o soluço que agitava meu peito. No minuto em que dobrei a esquina seguinte e estava fora de vista, caí de joelhos e parei de lutar.

E chorei até não poder mais.

UM ANO DEPOIS

EPÍLOGO

— Pé na estrada! — gritou Caz, minha colega de quarto na faculdade.

Ela jogou os braços no ar, a brisa quente de maio revolvendo seu cabelo ruivo rebelde. Caz era de Brisbane, na Austrália, e me lembrava Nicole Kidman naquele filme antigo *Bicicletas voadoras*. Mesmo cabelo de poodle, mesmo sotaque adorável.

Chegava ao fim nosso primeiro ano na Pierce College, em Woodland Hills, Califórnia, e estávamos tendo um gostinho de como era ser livre. Eu tinha vendido meus livros, limpado o quarto e feito a última prova final do semestre. Vá com Deus, química avançada.

Minha lista de preocupações no momento se resumia a um item: me divertir para valer e no sol da Califórnia derreter.

— Vocês nunca cruzaram a estrada da Costa do Pacífico? — perguntou Juanita, nossa outra colega de quarto, do banco de trás do jipe.

Ela estava com o nariz enfiado no iPhone, digitando freneticamente mensagens de texto para seu novo namorado, Adolph. Acho que era seu primeiro namorado. Com muito esforço, Caz e eu a havíamos convencido a vir com a gente. Ela estava com medo de que, depois de duas semanas longe, Adolph mudasse de ideia e terminasse tudo com ela. Eu poderia começar a discursar sobre insegurança e independência feminina, mas eu sabia como era encontrar o amor e depois perdê-lo.

— Só me digam onde vocês vão querer parar ao longo do caminho, e eu darei informações de importância social ou histórica para cada marco ou destino. O Castelo Hearst, Zuma Beach, Wayfarers Chapel…

— Não queremos parar! — exclamou Caz. — Essa é a questão. Queremos ir para o mais longe possível daqui. Queremos dirigir para sempre! *Uhul!*

— Alugamos uma cabana obscenamente cara perto de Van Damme State Beach por duas semanas, e o depósito não é reembolsável, então vocês não podem dirigir para sempre — apontou Juanita, sendo prática e direta. — Foi quem mesmo que teve essa ideia?

— Britt — disse Caz —, ela é de Idaho, e praia para ela é algo do outro mundo. Dá uma folga. Ela costuma passar o verão competindo em concursos de atirar batata na fazenda.

— E as pessoas de Brisbane não vivem fazendo rachas? — brinquei.

— Os *nossos* roceiros têm muito mais credibilidade nas ruas do que os seus — disse Caz, sorrindo.

— Tem um grande aquário em Monterey — disse Juanita. — Podíamos parar lá para almoçar. Acho que você vai gostar, Britt. Embora talvez seja acadêmico demais para *certos* gostos. Que Deus não permita que a gente aprenda alguma coisa.

— Chega de aula! Nada de aprender! — protestou Caz, dando socos entusiasmados no painel.

— Ouvi dizer que dá para pegar abalones em Van Damme State Beach — falei, tentando soar indiferente.

Eu era muito cínica mesmo. Sabia muito bem que dava para pegar abalones em Van Damme. Tinha guardado o dinheiro que ganhara trabalhando como zeladora do campus no último semestre e agora ia gastar tudo em um aluguel de duas semanas de uma casa na praia. Só porque eu queria comer meu primeiro abalone assado em uma fogueira, do jeito autêntico.

É claro que o que eu realmente queria era ver Jude.

— Sim, a colheita de abalone é muito popular lá — disse Juanita. — Mas pode ser muito perigosa, principalmente se você não souber como fazer. Eu não recomendaria.

— Acho que devemos tentar — declarou Caz.

— Vá em frente — disse Juanita, os olhos grudados no telefone. — Vou ficar sentada na areia, na segurança da minha toalha, vendo vocês se afogarem.

— Sabe, isso seria um bom lema para a sua vida — disse Caz, correndo a mão pelo ar como se estivesse prendendo um cartaz imaginário. — Sente-se e assista.

— E o seu lema seria "Mergulhe de cabeça no desastre"! — exclamou Juanita.

— Principalmente se o desastre for alto, moreno e lindo — disse Caz, estendendo a mão para me cumprimentar.

— *Gente* — falei. — Estamos viajando para nos divertir. Chega de discussão. Fechem os olhos. Respirem fundo. Concentrem-se em pensamentos felizes. E me deem seus telefones... vou guardá-los no porta-luvas. *Sem* reclamações. Caz, pegue todos. Aqui está o meu.

Telefones guardados, Caz e Juanita relaxando em seus lugares e eu dirigindo por aquele trecho de tirar o fôlego da estrada, com suas curvas sinuosas à beira de penhascos e declives acentuados que mergulhavam em direção às ondas brancas e espumosas. Os acostamentos estreitos da estrada me lembravam as montanhas cheias de zigue-zague do Wyoming, mas as semelhanças acabavam aí. Estreitei os olhos, observando através dos óculos escuros as águas turquesa cintilantes ondulando em direção ao infinito. Um sol incandescente iluminava minha pele — que se danem as sardas. E o cheiro do ar! Árvores florescendo, asfalto quente, e o aroma gostoso e penetrante da maresia. Não, definitivamente não era Wyoming.

Eu tentava aproveitar tudo aquilo ao máximo, mas não podia ignorar a inevitabilidade de para onde a estrada me levava. A cada quilômetro que passava, eu ficava mais perto dele. Se quisesse vê-lo, aquela era minha chance. Meu coração pulava de emoção, depois se encolhia de pavor. E se ele tivesse uma namorada? E se ela fosse bonita, inteligente e *perfeita*?

Eu poderia ligar para ele. Tinha o número. Eu havia teclado aquele número tantas vezes durante o último ano, mas alguma coisa sempre me impedia no último dígito. O que eu diria? Nós não tínhamos exatamente uma amizade ou relacionamento normal, então "e aí?" nunca me parecia adequado. E "estou com saudade" era desconfortavelmente

revelador. Ou meloso e estranho, como se eu estivesse dando mais valor do que deveria àqueles quatro dias que passamos juntos.

Queria que nos esbarrássemos por acaso, acho. Como se o destino estivesse nos dizendo alguma coisa. Alugar uma cabana perto da sua praia preferida provavelmente seria forçar um pouco a barra, mas e se o destino nunca me ajudasse?

Eu podia deixar as suposições de lado e ligar logo para ele. Afinal, era só um telefonema. Se ele atendesse, eu sempre tinha a opção de desligar. Meu número tinha mudado. Ele não saberia que era eu do outro lado da linha.

A cabeça de Caz caiu para o lado e seus olhos se fecharam. Juanita estava dormindo esticada no banco de trás. Antes que eu me convencesse do contrário, me inclinei e procurei meu telefone no porta-luvas. Disquei o número dele. A cada toque eu sentia o nervosismo se dissipando e outra coisa tomando seu lugar. Alívio? Decepção? Por fim, a ligação caiu na caixa postal.

— Ligando para casa? — perguntou Caz, bocejando e esfregando os olhos.

— Um amigo em São Francisco. Ele não atendeu. Tranquilo. — Bocejei também, tentando soar indiferente.

— Amigo ou namorado? — perguntou Caz, curiosa.

— Só um cara que eu conheci.

Era estranho falar de Jude para Caz. No primeiro ano, Caz tinha se tornado muito mais do que uma melhor amiga para mim. Eu lhe contara coisas que nunca contara a ninguém, nem mesmo a Korbie. Tínhamos muitas piadas internas que só a gente entendia. Compartilhávamos nossa comida e não dividíamos a conta do mercado, porque não ficávamos conferindo quanto cada uma tinha gastado. O que era meu era de Caz. Também não guardávamos segredos uma da outra. E, quando brigávamos, nunca íamos dormir com raiva. Ficávamos acordadas até fazermos as pazes, mesmo que isso significasse passar a noite em claro. Por isso me senti culpada por não ter contado a ela sobre Jude. Mas eu achava que não estava pronta para falar dele com ninguém. Talvez porque não tivéssemos ficado juntos de verdade. Porque eu não estava certa se o que tínhamos era real. E nunca tivéramos a chance de descobrir.

— Nós somos jovens, Britt. — Caz colocou os pés no painel. — Estamos *vivas*. Deixe a cautela para quando estiver morta.

Eu a observei com admiração e inveja. Houve um tempo em que eu era como Caz. Levada pelo vento. Mãos para cima. Mas no último recesso de primavera nas montanhas, tudo tinha mudado. Eu tinha mudado.

Caz dirigiu durante a última metade da viagem. Juanita ficou ao lado dela, e eu, esparramada no banco traseiro. Cantei a música que tocava no rádio para manter meus pensamentos no lugar. Se eu não tomasse cuidado, eles me levariam de volta para aquela noite sob a árvore, relembrando os segredos — e outras coisas — que Jude e eu compartilhamos.

Mais ou menos uma hora antes do pôr do sol, vi uma placa para Van Damme State Beach. Senti uma vibração nervosa nas veias. E se ele estivesse na praia naquele momento? É claro que não estava. Mas estaria algum dia… a praia significava muito para Jude, ele não

ficaria longe dela para sempre. Eu podia escrever os nossos nomes na areia, algo sentimental e totalmente brega, e talvez dali a algumas semanas ou meses ele passasse pelo mesmo local e de repente, inexplicavelmente, pensasse em mim.

— Pegue essa saída — falei, sem pensar.

Caz me olhou pelo espelho retrovisor. Nossa cabana na praia ficava algumas saídas ao norte dali, junto à baía. Percebi que ela ia me dizer exatamente isso, mas, quando viu meu rosto, pegou a saída.

Quando o carro começou a andar mais lentamente, Juanita se sentou e esticou os braços.

— Onde estamos? — perguntou, ainda despertando.

— Vamos caçar abalones — disse Caz. *O que são abalones?*, ela me perguntou movimentando os lábios sem emitir som.

— Moluscos marinhos — respondi.

— Ah — fez Caz, com se tivesse compreendido tudo. — Vamos caçar moluscos marinhos, que podem ou não ser um código para outra coisa.

Caz estacionou, e eu saí do jipe e caminhei até os penhascos íngremes que davam para o oceano. Meu coração batia ridiculamente rápido, e fiquei feliz por ter um momento sozinha para me recompor. Jude não estava lá embaixo. Toda aquela ansiedade era infundada.

Os raios de sol deslizavam pela superfície da água, iluminando-a com raios prateados cintilantes. Rochas escarpadas pontilhavam a costa e gaivotas berravam, dando voltas e mais voltas no céu. Enquanto descia para a enseada, tentei imaginar Jude mergulhando para pegar abalones, à vontade com o fluxo e refluxo das correntes puxando seu corpo. Nunca perguntei a ele por quanto tempo ele conseguia prender a respiração embaixo d'água. Independetemente do seu recorde, eu ganhava. Vinha prendendo a minha por um ano.

Alguns minutos depois, Caz se aproximou devagar.

— Você o viu?

— Quem?

— O Abalone.

Fiz uma careta.

— Você é tão idiota.

— Como você o conheceu?

— Você não acreditaria.

— Ele era o entregador de pizza. O namorado da sua melhor amiga. O cara que carregou o caixão no funeral do seu tio-avô Ernest. Estou chegando perto?

A coisa estava mais para: ele me sequestrou, me fez refém, me forçou a guiá-lo pelas montanhas em uma tempestade de neve, depois salvou minha vida, então eu salvei a vida dele, nós fizemos sexo, e, em algum momento ao longo do caminho, eu me apaixonei por ele. É, isso resumia tudo.

— Não precisamos falar sobre ele — disse Caz. — Mas se ele magoou você, vou arrancar a alma dele e dar para o Francis Bacon, o porco de estimação da minha família, comer.

— Que reconfortante.

— Você faria o mesmo por mim.

— Eu não tenho um porco de estimação.

— Mas aposto que tem uma batata de estimação — disse Caz, rindo.

Passei meu braço pelo seu ombro.

— Podemos dar uma volta na praia?

Não tiramos os nossos sapatos, e caminhamos pela areia cheia de cascalhos, fora do alcance das ondas.

— Falando de coisas que eu faria por você — continuou Caz —, se você deixasse seu sorvete em cima do balcão, eu o colocaria de volta no congelador. Se você esquecesse o casaco em casa em um dia chuvoso, eu o levaria até o campus.

— Aonde isso vai dar?

— E se, digamos, você deixasse o celular no carro e ele começasse a tocar, eu atenderia.

Olhei para ela por três segundos antes de a ficha cair.

— Você atendeu meu telefone? Quem ligou? — Senti um redemoinho no estômago.

— Um cara. Ele tinha perdido uma ligação sua mais cedo, mas você não deixou mensagem, e ele não reconheceu o número, então ligou de volta.

— O que você disse a ele? — perguntei, a voz ficando aguda de pânico. — Você falou meu nome?

— Eu disse a ele que se realmente quisesse saber de quem era o telefone, devia vir a Van Damme State Beach para descobrir.

— Não acredito que você fez isso! — Peguei Caz pelo cotovelo e a empurrei em direção ao penhasco rochoso que levava até o carro. — Temos que ir embora. Ele disse a que distância estava daqui? Ele está em São Francisco? Pare de arrastar os pés, Caz!

— Essa é a parte louca da história. Ele disse que já está aqui.

— Como assim? — perguntei, a voz estridente.

— Ele ia se secar e logo depois encontraria a gente no estacionamento. Eu disse a ele que estaríamos lá.

Senti o calor tomando conta do meu rosto. Fiquei apavorada com a possibilidade de vê-lo. E não podia vê-lo assim.

— Temos que ir embora. Temos que ir, Caz!

As pedras eram muito íngremes, não conseguiríamos escalar, então peguei a mão dela e comecei a correr em direção às dunas de areia macia mais para baixo na costa. Tinha que chegar ao estacionamento antes de Jude. Eu tinha interferido no destino, e aquele era meu troco. Sim, eu queria vê-lo. Mas não daquele jeito. Eu não sabia o que dizer, ainda não tinha pensado nas palavras certas, e meu cabelo estava bagunçado pelo vento. E se ele não estivesse sozinho? E se ele estivesse ali com *ela*?

O que aconteceu depois foi um daqueles momentos interminavelmente longos, em que o tempo realmente parece desacelerar. Caz e eu estávamos correndo pela praia, e ela fez um comentário sobre o cara sexy vindo em nossa direção e levantou a aba do chapéu para apreciar plenamente seu físico sem camisa. Meus pés pararam de repente. Meu cérebro desligou e não dei mais um passo, só conseguia ficar olhando. Em algum lugar distante da

minha mente, devo tê-lo reconhecido. Afinal, eu estava olhando para ele. Mas eu não estava pensando em nada. Estava chocada demais para ter um único pensamento. Ele devia estar se sentindo da mesma forma, porque parou de repente na areia. Seus olhos estavam me vendo, mas a expressão em seu rosto era tão surpresa quanto incrédula.

A pele de Jude estava molhada e bronzeada, a ponta do nariz começando a ficar queimada de sol. O cabelo estava mais comprido, e ele passou a mão para tirá-lo dos olhos castanhos. Estava com uma das mãos no bolso. Havia uma despreocupação e uma leveza em sua postura que o transformavam completamente. O homem austero que eu havia conhecido nas montanhas, que curvava os ombros para se proteger do frio e cujas mãos tinham queimaduras de neve, já não existia mais. O homem em pé diante de mim era relaxado e convidativo.

Seu rosto se iluminou com um sorriso.

— Por um minuto, fiquei confuso. Uma amiga com sotaque australiano… que bela pista falsa.

Não consegui dizer nada. Só fiquei parada, tremendo.

— Desculpe ter perdido sua ligação… eu estava na água — continuou ele, andando na minha direção, e o sorriso em seu rosto vacilou, seu olhar ficou sério.

O Jude que escondia seus sentimentos já não existia mais. Notei como sua expressão mudou enquanto seus olhos absorviam minha presença. Aquilo me deixou sem ar. Ele ainda sentia algo por mim. Isso estava inconfundivelmente escrito em seu rosto.

Era tudo que eu precisava saber. Não me contive mais. Corri e me atirei em cima dele, pulando em seus braços, passando as pernas em torno de seus quadris e enterrando o rosto em seu pescoço.

Eu o beijei. Aconteceu tão rápido, foi tão fácil; os meses que passamos separados comprimidos em dias, minutos, segundos, um mero piscar de olhos. Rocei os lábios em sua boca, nas maçãs de seu rosto, em cada centímetro de seu rosto forte e marcante.

— Não acredito que é mesmo você. — Ele colocou meu cabelo atrás da orelha e acariciou delicadamente meu rosto. — Você está incrível.

Eu ri.

— Um banho faz isso. E comer, e dormir…

— Acho que vou dar uma volta pela praia e encontrar meu próprio abalone — disse Caz, apontando o polegar para a areia e se afastando com um sorriso bobo e feliz no rosto.

— Caz, espere! Este aqui é Jude. — Puxei-o pela mão. — Jude, esta é a minha melhor amiga, Caz.

— É um prazer conhecê-la — disse Jude, apertando a mão dela, todo formal.

O gesto pareceu conquistar Caz, que sorriu para ele.

— Se você não quiser, fico com ele — fingiu sussurrar Caz.

— Posso pagar um jantar para vocês? — Jude abriu ainda mais o sorriso, derramando seu charme. — Conheço um ótimo lugar, o café Beaujolais, e não fica muito longe daqui. Vocês não podem vir até aqui sem ir até lá. Não aceito um não como resposta. Vocês estão no meu território agora, e é meu dever impressioná-las.

— Isso é muito gentil — disse Caz. — Eu já comi, mas sei que Britt não almoçou e com certeza está morrendo de fome. — Ela mentia tão descaradamente que eu quase ri. Eu tinha me enchido de lagosta em Monterey e ela sabia disso. — Juanita e eu vamos logo para a cabana. A gente se vê... um dia. — Ela piscou para mim.

— Você vai ficar por aqui? — perguntou Jude, o rosto se iluminando.

— Alugamos uma casa na praia. Joguei alguns dardos no mapa, e, quem diria, Van Damme State Beach foi o feliz contemplado.

A boca de Jude se curvou em um sorriso travesso.

— Adoro uma feliz coincidência.

* * *

Jude estava certo. O café Beaujolais era incrível. Sentamos na área externa e comemos escargot, que, segundo Jude, me satisfaria até ele pegar abalones para mim. O céu tinha um tom de roxo acetinado, e não preto, e estava cheio de estrelas. O ar tinha um cheiro exuberante e doce. Tirei os chinelos e apoiei os pés nas pernas de Jude por baixo da mesa. Ele havia colocado uma camisa de linho branco para o jantar e acariciava minha perna suavemente.

— Cinco estrelas — falei. — Acho que é a melhor comida que já provei.

Jude sorriu. Havia uma luz em seus olhos castanhos que eu nunca tinha visto antes, não nas montanhas. Era como se o verniz embrutecido tivesse saído e eu estivesse vendo o verdadeiro Jude. Ele era descontraído, autêntico, sincero. Tinha um bom coração. Era um bom homem.

— Eu gostaria de levar você a mais alguns lugares. Fazer um tour por aqui.

— Eu topo.

Ele estendeu a mão sobre a mesa, entrelaçou os dedos aos meus e disse:

— Você tem mãos bonitas. Não cheguei a vê-las antes. Você estava sempre de luvas.

— Joguei fora tudo o que usei naquela viagem. Luvas, calça jeans, até mesmo minhas botas. Quatro dias seguidos usando a mesma coisa foram o suficiente para mim.

— Também joguei fora a maioria das minhas coisas. Mas guardei o chapéu. Você o usou, e eu queria alguma coisa para me lembrar de você. Sou um bobo sentimental, eu sei.

— Não. — De repente fiquei com vergonha. — É... fofo.

Os olhos castanhos de Jude ficaram expressivos e sinceros.

— Vim para Van Damme quase todo fim de semana desde que a vi pela última vez. Era um tiro no escuro, mas eu tinha esperanças de que você se lembrasse do local. Eu vinha, me sentava nas pedras e procurava você na praia. Às vezes caminhava e via você com o canto do olho. Eu me virava rapidamente, mas era sempre um truque da luz. — Sua voz ficou mais grossa. — Eu voltava sempre, esperando que, alguma vez, fosse você. E então, hoje, quando eu a vi, e era mesmo você, percebi que você estava procurando por mim também. Porque aqueles quatro dias nas montanhas mudaram a gente. Eu lhe dei um

pedaço de mim. E você deve ter me dado um pedaço seu também, ou não teria vindo até aqui. Você teria deixado tudo para trás. Não consigo deixar você para trás, Britt. E não quero que você me deixe.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Eu vim de tão longe só para encontrá-lo. Aqueles quatro dias não foram suficientes. Eu queria estar com você assim. Em uma noite quente e preguiçosa. Em um restaurante. Caminhar pela praia e falar sobre coisas bobas e sem sentido.

— Eu tenho uma ideia brilhante. Vamos caminhar pela praia e falar sobre coisas bobas e sem sentido.

Eu ri.

— Você leu minha mente.

— Está vendo? Sou o cara perfeito. Você não precisa me dizer o que quer. — Ele bateu com o dedo na cabeça. — Sou um leitor de mentes. Um em um milhão. No mínimo, isso pode ser considerado um superpoder de segunda categoria.

— Pare com isso! Assim minha bebida vai sair pelo nariz.

Ele bateu na cabeça de novo.

— Eu já sabia disso.

Suspirei, feliz.

— Esta é a melhor noite de todas, Jude. Obrigada.

— Faço sua bebida sair pelo nariz e é a melhor noite da sua vida. Você é fácil de agradar.

— Vamos lá — Ri outra vez, pendurando meus chinelos no dedo e agarrando seu cotovelo. — As pessoas estão olhando. Vamos fazer idiotices sozinhos.

Caz uma vez me dissera que você sabe que está confortável com outra pessoa quando podem se sentar em silêncio e não se sentirem obrigados a falar alguma coisa. Era assim que Jude e eu estávamos naquele momento. Estávamos deitados de costas na areia cinza, olhando para o céu reluzente. O ar que vinha do oceano era frio e refrescante. Eu estava identificando as constelações que conhecia. Principalmente as Ursas. E eu tinha quase certeza de que também sabia qual era o cinturão de Órion. Vi duas estrelas brilhantes aninhadas juntas, longe das outras, e decidi que era a *nossa* constelação. Parecia romântico pensar que poderíamos ser eternos, que nosso amor estava escrito nas estrelas.

— Quais são seus planos para o verão? — perguntou Jude.

— Conseguir um emprego, visitar a minha família. — Virei a cabeça para olhar nos olhos dele. — Não estou pensando nisso nesse momento.

— Fique aqui, comigo.

Usando os cotovelos como apoio, me levantei um pouco e tentei ver em seu rosto se ele falava sério.

— Como assim?

— Meus pais estão na Europa. Temos muitos quartos em nossa casa. Caz e Juanita também podem ficar. E se o problema for trabalho, sei de algumas pessoas à procura de estagiários. Se for muito complicado, sempre dá para arrumar um trabalho como garçonete. Estou aqui para ajudar.

— Você nos deixaria ficar na sua casa o verão inteiro?

— Estou me empenhando ao máximo nessa oferta. Se eu fizer tudo direito, espero que seja boa demais para ser recusada.

Eu sorri.

— Isso soa sinistro, Don Corleone.

— Deixei você escapar no ano passado — disse Jude carinhosamente —, e, embora não me arrependa de ter dado um tempo para você descobrir o que queria, sempre torci para você me dar uma segunda chance. Diga que sim. Diga que vai nos dar essa chance.

— Eu não sei — falei, mordendo o lábio para conter um sorriso. — Nossas últimas férias juntos terminaram de forma desastrosa. Tenho que perguntar: vai ter neve?

Um sorriso lento se abriu em seu rosto.

— Apenas sol e praias sem fim. E eu.

* * *

Eu estava deitada em seus braços, a perna caída sobre a dele, a cabeça em seu ombro. Seus olhos estavam fechados, mas ele estava acordado. Um de seus braços estava em volta de mim, e sua outra mão, apoiada na minha coxa. Um sorriso de satisfação curvou sua boca.

Era o fim de tarde do dia seguinte, e a praia era só nossa. O sol tinha atravessado o céu, seus raios invadindo a nossa cama de areia sob o guarda-sol. Puxei a toalha para proteger meu pé.

— Você está pensando em alguma coisa — murmurou Jude, ainda de olhos fechados.

— Estou pensando em você.

Suspirei feliz, passando a mão em seu peito. Restavam apenas discretas cicatrizes daquela noite. Eu as beijei suavemente. Para mim, não eram imperfeições, mas uma vívida lembrança da noite sombria que compartilhamos. *Depois da escuridão vem a luz.*

— Interessante. Porque eu estou pensando em você.

Tirei areia do seu bíceps e deitei o rosto ali.

— Vá em frente. O que estava pensando sobre mim? Não faça suspense. Não me oponho a elogios.

Ele rolou para o lado, estendendo o corpo longo e esguio junto ao meu.

— Se você não fosse tão bonita, eu teria que repreender esse seu grande ego. — Ele passou o dedo indolentemente pelo meu nariz. — Eu sempre penso em fazer isso, mas então você olha para mim, e eu esqueço o que quero dizer, e só consigo pensar que se não beijar você, e depressa, não a mereço.

— Posso viver com isso.

— Se eu não me cuidar, vou acabar mimando demais você. Sua cabeça vai ficar tão grande que vamos ter que rolá-la até a praia. — Ele apoiou o cotovelo na areia, olhando bem nos meus olhos. — Você não me deu uma resposta. Vai ficar?

Meu sorriso desapareceu, e pensei seriamente na sua pergunta. De uma maneira que o resto do mundo não entenderia, aqueles quatro longos dias nas montanhas em que confiei

minha vida a ele foram suficientes para eu saber que estava apaixonada. Se tivesse que fazer tudo de novo para conhecê-lo, eu faria.

Jude cobriu sua boca com a minha. Ele tinha gosto de água salgada, e percebi como era sortuda. Durante todo o verão, eu poderia ficar deitada com ele na praia, cobrindo nossos corpos de areia, beijando o oceano em seus lábios e ouvindo o suave barulho das ondas nos embalar até dormirmos nos braços um do outro.

— Vou ficar — falei. — Acho que você vale o esforço de aguentar um pouco mais de sol e praias sem fim.

Ele sorriu.

— Valho mesmo, pode ter certeza. E, como prova disso, vou lhe mostrar. Vem cá...

AGRADECIMENTOS

Este livro foi moldado por muitas mãos.

Obrigada a meu editor, Zareen Jaffery, pela sabedoria e dedicação. Você merece crédito por algumas das melhores passagens neste livro.

Christian Teeter e Heather Zundel, nenhum escritor poderia pedir melhores primeiros leitores, ou melhores irmãs. Nunca tive medo de vocês não me contarem exatamente o que pensavam de *Gelo negro*. Afinal, desde que éramos pequenas as duas sempre disseram o que pensavam das minhas roupas, do meu cabelo, dos meus namorados e do meu gosto para filmes e músicas. Vocês são as melhores.

Não posso deixar de mencionar Jenn Martin, minha assistente, cujo cérebro funciona de um jeito bem diferente do meu: o dela é organizado. Jenn, obrigada por lidar com todas as outras coisas para que eu pudesse me concentrar em escrever.

Para meus amigos na Simon & Schuster, entre eles Jon Anderson, Justin Chanda, Anne Zafian, Julia Maguire, Lucy Ruth Cummins, Chrissy Noh, Katy Hershberger, Paul Crichton, Sooji Kim, Jenica Nasworthy e Chava Wolin: seria impossível escolher uma equipe editorial melhor. Um viva e abraços para todos.

Katherine Wiencke, obrigada por fazer o copidesque do livro.

Como sempre, agradeço ao tino para negócios e à visão de mercado de minha agente, Catherine Drayton. E por acaso também trabalho com a melhor agente de direitos autorais internacionais que existe: obrigada, Lyndsey Blessing, por deixar meus livros ao alcance de leitores de todo o mundo.

Erin Tangeman, advogado dos escritórios Nebraska Attorney General, merece uma menção por ter sanado minhas dúvidas sobre questões legais. Todos os erros são meus.

Obrigada a Jason Hale, por ter criado as frases para os adesivos de para-choque no jipe de Britt.

Sei que Josh Walsh já está cansado de ter o nome mencionado em meus livros, como o homem honesto que é, mas seu conhecimento farmacêutico é muito apreciado.

E, por fim, caro leitor, este livro está em suas mãos basicamente graças a você. Não tenho como agradecer o bastante por você ler minhas histórias.

SOBRE A AUTORA

© Ali Eisenach



BECCA FITZPATRICK cresceu lendo romances de espionagem à luz de uma lanterna, embaixo dos cobertores. Quando não está entre livros, provavelmente está praticando corrida, garimpando sapatos em liquidações ou assistindo a séries de investigação na tevê. Mora no Colorado, Estados Unidos. Seus quatro primeiros romances – *Sussurro, Crescendo, Silêncio* e *Finale* –, todos da série *Hush, Hush*, figuraram na lista de mais vendidos do *The New York Times* e nas principais listas do Brasil.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA AUTORA



Sussurro



Crescendo



Silêncio



Finale

LEIA TAMBÉM



Delírio
Lauren Oliver



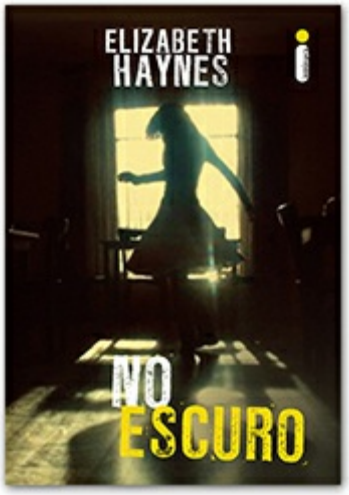
Réquiem
Lauren Oliver



Pandemônio
Lauren Oliver



Garota exemplar
Gillian Flynn



No escuro
Elizabeth Haynes



Caixa de pássaros
John Malerman